

MARIA DA GLORIA BONELLI

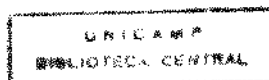
**IDENTIDADE PROFISSIONAL E MERCADO DE TRABALHO DOS
CIENTISTAS SOCIAIS:
AS CIÊNCIAS SOCIAIS NO SISTEMA DAS PROFISSÕES**

**Tese de Doutorado apresentada ao
Departamento de Ciências Sociais do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual
de Campinas.**

**Este exemplar corresponde à
redação final da tese defen-
dida e aprovada pela Comis-
são Julgadora em / / .**

Jair

MAIO/1993



ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	2
1) INTRODUÇÃO	6
2) AS DIFERENTES ABORDAGENS SOBRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS	16
. As Ciências Sociais na Sociologia dos Intelectuais	19
. A Sociologia das Profissões	21
. A Sociologia da Sociologia e sua crítica à Sociologia da Ciência	29
. As perspectivas analíticas vistas à luz do material empírico	31
. Os condicionantes da concepção de Sociologia como profissão em Parsons e como campo científico em Bourdieu	35
. As Ciências Sociais no sistema das profissões	38
3) O MERCADO DE TRABALHO DOS CIENTISTAS SOCIAIS	43
. A ASESP - Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo	45
. A SBPM - Sociedade Brasileira de Pesquisa de Mercado	60
. Conclusões	62
4) OS SOCIÓLOGOS NOS ESTADOS UNIDOS	64
5) O DESENVOLVIMENTO DA PROFISSÃO NO BRASIL	85
. CONCLUSÕES	106
PARTE II	
6) O MUNDO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: A INTERAÇÃO ENTRE O PALCO E A AUDIÊNCIA	109
. A organização do material	109
. A tipologia	114a
7) O PALCO VISTO DE LONGE	125
. As donas-de-casa	131
. As recusas	

8) AS CIÊNCIAS SOCIAIS VISTAS DE PERTO:	135
A COMPETIÇÃO INTERPROFISSIONAL	
. A formação em outra profissão	135
. O grupo que foi para a fronteira	141
. A negação da identidade	157
9) AS CIÊNCIAS SOCIAIS VISTAS DO PALCO:	164
A COMPETIÇÃO INTRAPROFISSIONAL	
. A exclusão	164
. O distanciamento	
. A identidade pela ocupação secundária	176
. A invasão	178
. A área de pesquisa de mercado	189
. As atividades nos órgãos governamentais	197
. A participação em entidade	213
10) O SEGMENTO ACADÊMICO	220
11) CONCLUSÕES	250
ANEXOS	256
BIBLIOGRAFIA	291

AGRADECIMENTOS

Minha tese de doutorado estava se encaminhando para uma direção. No meio do caminho ela tomou rumo diferente, que considero mais rico e interessante. Atribuo a nova trajetória ao meu encontro com muitas outras pessoas durante o percurso, em especial àquelas que entrevistei. A elas faço este especial agradecimento.

Foi com a realização das entrevistas que aprendi muito sobre um fazer sociológico, que distingue um olhar voltado para compreender o outro, daquele que se limita a olhar o mesmo, disputando seu sistema de classificação e seus valores, com os dos informantes. Muitas vezes durante o processo das entrevistas confundi essa distinção, que na realidade, ficou mais clara algum tempo depois de encerrado o trabalho de campo. A vantagem que vejo na técnica da entrevista qualitativa é que ela é o resultado gravado da interação entre os participantes. Se o entrevistador está equivocado na sua postura ou nas suas hipóteses, o entrevistado reage. Acorda-o, manifestando opiniões de uma forma mais enfática. Ou pelo menos, registrando-as num gravador que aguarda um ouvido mais atento ou sensível ao que é dito, embora não esteja sendo perguntado.

Foi dessa interação, acompanhada de momentos de surpresa e de embate de idéias que nasceu o redirecionamento de meu trabalho. Agradeço a todos os entrevistados a atenção que dedicaram à investigação.

Contei com recursos financeiros do Núcleo de Projetos e Pesquisas da Fundação Getúlio Vargas e do INEP/MEC para a realização do trabalho de campo. A ANPOCS apoiou a coleta de dados quantitativos e o seu processamento. A FAPESP e o CNPq me concederam bolsa de doutoramento no país. A Comissão Fulbright e o CNPq viabilizaram a complementação de meu doutorado nos Estados Unidos. Sem o apoio destas instituições eu não teria feito o trabalho que fiz.

Meus laços com o IDESP marcaram a tese desde seu início. A escolha das Ciências Sociais como a profissão-alvo de minha investigação insere-se no projeto sobre a História das Ciências Sociais desenvolvida por aquele instituto, sob a coordenação de Sergio Miceli. Várias versões preliminares, bem como alguns capítulos da tese foram debatidos pelo grupo de pesquisadores do projeto. Agradeço os comentários e o apoio de Cíntia Ávila de Carvalho, Fernanda Massi, Fernando Novaes, Lília Schwarcz, Maria Arminda Arruda, Maria Cecília Forjaz e Silvana Rubino.

A alguns membros desta equipe eu dei mais trabalho ainda. Paul Freston verteu para o Inglês o que eu tinha de substancial sobre a minha tese, na época que embarquei para os Estados Unidos. Fui muito bem compreendida por todos que tiveram acesso a este paper por lá. Maria Hermínia e Sergio Miceli foram leitores atentos desta tese. Juntos me estimularam a refletir sobre a concepção teórica do trabalho e a rever algumas de suas partes, como decorrência das discussões estabelecidas no meu exame de qualificação.

No processo de amadurecimento que antecedeu a redação final da tese alguns colegas e professores reagiram às minhas idéias, comentando meus papers e relatórios. Agradeço os pareceres enviados pelos assessores das instituições que financiaram o trabalho, especialmente aqueles em retorno aos relatórios da FAPESP. A leitura de Silke Weber e Arabela Oliven, debatedoras de meu texto no GT Educação e Sociedade, da ANPOCS, em 1992, e os comentários enviados por Simon Schwartzman, ajudaram-me a melhorar o capítulo sobre os sociólogos nos Estados Unidos.

Lá, tive a oportunidade de discutir uma versão preliminar com Arthur Stinchcombe, Eliot Freidson, Howard Becker e Karl Monsma, além de apresentar o texto e contar com as sugestões de meus colegas num seminário do programa de doutorado do departamento de Sociologia, da Northwestern University.

Fernando Limongi, Heloísa Pontes, Oswaldo Truzzi, Roberto Grun e Maria Tereza Sadeck discutiram comigo versões anteriores a esta. A todos eles agradeço os comentários atenciosos.

A Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo - ASESP e a Associação Profissional dos Sociólogos do Estado do Rio de Janeiro - APSEERJ permitiram a pesquisa em seus arquivos de sócios. A Sociedade Brasileira de Pesquisa de Mercado - SBPM forneceu-me o perfil de seus filiados. Esses dados deram corpo ao capítulo sobre o mercado de trabalho dos cientistas sociais, que teve a assessoria de Fernão Dias de Lima no processamento dos dados quantitativos.

A realização do trabalho de campo em São Paulo contou com a participação de Vera Lúcia de Campos, Rosângela B. Cavalcanti e Marcella V. Camargo. Rogério B. Arantes organizou todo o material, facilitando muito a minha tarefa. No Rio de Janeiro, meu irmão, Marco Antonio Bonelli, me deu ajuda bastante providencial na coleta dos dados da APSEERJ.

Tanto a equipe administrativa do IDESP quanto a do doutorado da UNICAMP ajudaram na resolução de todos os problemas com relatórios, bolsas, cartas, formulários, declarações, documentos, reproduções e telefonemas que surgiram nestes anos.

Os colegas da área de estrutura social do programa de doutoramento da UNICAMP e os professores deste programa tiveram intensa participação nas discussões que prepararam o terreno para a elaboração da tese. José Roberto Martins Ferreira, amigo que conheci no curso, segue até hoje na troca de idéias profissionais comigo. Elizabeth Balbachevisky, Raquel Meneguelo e José Cheibub compartilham desta trajetória desde meu ingresso no mestrado, em 1984.

Mario Vitor Santos ajudou-me mais uma vez. Além do apoio indispensável nas horas em que precisei, ele fez uma leitura competente de alguns capítulos da tese.

Agradeço à minha mãe, Isa, ao meu pai, Juarez, e aos meus 5 irmãos, José Juarez, Maria Cristina, Ricardo Luiz,

Carlos Henrique e Marco Antonio a força que me transmitiram, particularmente, no período de embarque e estada em Chicago. Lá, José Cheibub, Janet Morford, Hermano Vianna, Fernando Limongi e Ester Hamburger foram grandes amigos. Bolivar Lamounier, Marcus Figueiredo, Argelina Cheibub Figueiredo, Maria D'Alva Kinzo, Jacques Besen, Suely G. Moura e Carol Waisman me ajudaram a realizar esta viagem.

Aos professores André Villalobos, Gilberto Velho, Mariza Corrêa, Sergio Miceli, Maria Hermínia Tavares de Almeida e Tom Dwyer agradeço terem aceito participar da banca julgadora desta tese.

Meu orientador, Vilmar Faria, atendeu a enormidade de expectativas que eu tive de sua orientação, desde o ingresso no curso, em março de 1988. Muito obrigado.

Dedico esta tese às minhas filhas Clarice e Paula. Elas me ajudam muito a viver uma vida feliz.

Abril de 1993.

1) INTRODUÇÃO

Há perspectivas divergentes na forma de se conceber as Ciências Sociais. Um dos pontos sujeitos a esse embate refere-se à sua concepção como profissão. Um argumento contrário a tal abordagem é que esta qualificação só se aplica às profissões ditas tradicionais, como a Medicina, o Direito, e a Engenharia. Para os que aceitam esta interpretação, as Ciências Sociais possuem um outra lógica, que seria inerente ao mundo intelectual. Haveria, portanto, o universo das profissões e o da *intelligentsia*. Implícito na diferenciação estaria o mercado. As profissões viveriam nesta lógica. As mais fortes teriam um controle sobre o mercado. As fracas seriam controladas por ele.

Num outro circuito, distante e alheio ao do mercado, viveriam os intelectuais submetidos à lógica da vida universitária. Esta fundamenta-se na autonomia, na liberdade e no conhecimento especializado. Sua autoridade emergiria da capacidade de formular e de monopolizar conhecimentos. É no âmbito da universidade que se formam os profissionais.

No meu ponto de vista, esta visão dicotômica do mundo do trabalho profissional em vez de captar sua lógica interna, acaba encobrando-a, do que resultam várias conseqüências perversas. Se, aparentemente, a disciplina ganha alguma distinção social com o argumento da lógica própria, intelectual, diferente da vigente no mercado, ela a perde porque expõe o limite explicativo ou interpretativo que as Ciências Sociais têm de si mesmo.

Uma outra perversidade desta visão 'isolacionista' é que ela induz a que se busque no seu interior, respostas que não estão só lá. Tenta-se diagnosticar e resolver a crise dos paradigmas das Ciências Sociais, a crise de produção nas Ciências Sociais, a crise dos cursos de Ciências Sociais, a crise da escassez de procura nas Ciências Sociais, a crise da evasão nas Ciências Sociais, a crise da feminização das Ciências Sociais e muitas outras.

Minha proposta é analisar as Ciências Sociais dentro do mundo do trabalho. Só que em vez de olhar o trabalho como uma atividade inerente à vida do operário na indústria por exemplo, vamos examiná-lo sob o prisma do conjunto das atividades desenvolvidas a partir de uma titulação superior.

Para fins analíticos, vamos utilizar o significado do termo profissão que impera na Sociologia e na sociedade americana. Lá, profissão pressupõe a existência de um título superior. Se o trabalhador não é formado na faculdade, ele tem uma ocupação. Ser profissional vincula-se à conclusão de um curso superior. (1)

É neste sistema de profissões que vamos inserir as Ciências Sociais e analisá-la na tese. Tal sistema é composto por todas as profissões de nível universitário, qual sejam elas de cunho intelectual ou não. Como veremos nos próximos capítulos, esta distinção é fictícia. Toda profissão superior tem seu segmento intelectual. Afinal, tanto os médicos como os enfermeiros, os engenheiros, os advogados ou os pedagogos são formados pelo segmento intelectual dos professores universitários.

Com a expansão do sistema universitário, possuir um título superior adquiriu significados no mundo do trabalho. É uma parte desse mundo e desses significados que nós vamos analisar. A palavra profissão vai ser usada como uma forma de denominar o trabalho valorizado pela titulação superior. Embora alguns enfoques optem por identificar os intelectuais como integrantes de um mundo a parte, o entrosamento entre

(1) A ideologia que permeia o conteúdo do termo identifica a obtenção de um diploma superior, como sendo a prova da capacidade de prestar serviços de qualidade aos clientes, baseado em conhecimento científico. No Brasil, tal ideologia profissional adequou-se à realidade nacional e expandiu-se pela estrutura ocupacional. Aqui, a noção de profissão desenvolveu-se na língua como a aquisição de um trabalho urbano sobrepondo-se ao rural. Cobra-se atitude profissional de porteiro, empregada doméstica, mecânico. Embora o significado da palavra em Português, não expresse o mesmo conteúdo no Inglês, a qualificação do termo profissão superior acaba cumprindo este papel.

universidade e mercado funciona. Na verdade, mais do que propor analisar as Ciências Sociais como uma profissão, minha abordagem quer resgatar como ela vem desempenhando seu trabalho no sistema profissional.

Pode ser que a inserção aqui proposta represente uma grande perda para aquela Ciência Social, que se construiu com base em imagem distintiva e cobiçada de sua atividade intelectual. Neste sistema profissional, competindo e sofrendo a competição com outras profissões, as Ciências Sociais como um todo podem acabar se revelando como profissão fraca. Mas, é possível que o quadro que se desenhe não tenha esta característica maniqueísta. Ao contrário, o que minha tese pretende demonstrar é que esse modelo apreende melhor a lógica da profissão, tanto na sua relação com o mundo do trabalho a sua volta quanto com seus segmentos internos.

As Ciências Sociais, como qualquer outra profissão, enfrentam competição direta com seus 'vizinhos'. No caso concreto, disputam-se objetos de estudo, vagas no mercado, formas específicas de abordar realidades que qualificam mais a profissionais de uma área do que de outra. Disputa-se também a regulamentação que determine o monopólio do exercício das atividades profissionais. Alguns exemplos dessas disputas na área das Ciências Sociais são: 1) as tentativas de regular o desempenho da atividade de pesquisa, promovida pelo sindicato, tentando bloquear o ingresso de profissionais de outras formações; 2) o exercício da atividade de jornalista, que a última Constituição confirma o veto aos que não possuem o diploma, como é o caso de vários formados em Ciências Sociais; 3) as competições com estatísticos, administradores e psicólogos nas atividades de pesquisa de mercado; 4) os embates com os advogados e com os economistas em atividades de cunho mais político, como as assessorias a órgãos públicos, com a disputa entre os enfoques que priorizam os aspectos sociais e aqueles que enfatizam as questões técnicas e jurisdicionais; 5) os

conflitos com os assistentes sociais nas atividades voltadas para a intervenção social. A esses tipos de relação denominaremos competição interprofissional.

Já as diferenças de visão e interesse entre os sociólogos que trabalham na pesquisa de mercado, mídia e opinião, com os professores universitários, bem como os atritos entre os profissionais da área de planejamento urbano e os de intervenção social, por exemplo, serão denominados de competição intraprofissional. (2)

A atividade do trabalho é analisada neste modelo integrando uma perspectiva micro com uma macro. Ela nos permite visualizar melhor as diferenças e as semelhanças das ciências sociais com outras profissões. E também dimensiona o que há de específico às Ciências Sociais brasileiras e o que há de comum com esta profissão em outros países.

Assim, além deste modelo contrapor-se às visões que isolam umas profissões de outras, buscando explicações apenas no interior de cada uma delas, ele permite também ultrapassar dois outros diagnósticos sobre as Ciências Sociais, que circulam no Brasil: 1) aquele que localiza a crise no âmbito da produção das Ciências Sociais brasileiras e 2) aquele que ignora as especificidades do sistema profissional e identifica-o com as crises econômicas do país.

Pretendo demonstrar nesta tese que, apesar das diferenças na estrutura sócio-econômica dos Estados Unidos e do Brasil, há grandes semelhanças entre a situação da Sociologia no mercado de trabalho americano e brasileiro. A diferença só salta aos olhos, se descontextualizarmos a profissão do cenário onde ela está inserida. Vista do Brasil, a Sociologia nos Estados Unidos pode parecer bastante privilegiada. Já vista no quadro do trabalho

(2) A noção de competição interprofissional e intraprofissional dando corpo ao sistema das profissões foi extraído de Andrew Abbott, em The system of professions.

profissional americano, o que sobressai é a proximidade com a posição desfavorável vivida no Brasil.

Há diferenças na história de cada uma, na forma como surgiram e como foram desempenhadas em cada país, na morfologia dos seus grupos profissionais, nos espaços que conquistaram ou perderam, como se organizaram, que tipo de relacionamento mantiveram com o Estado. Essas características serão levadas em conta quando focalizadas pela perspectiva microsociológica. Entretanto, o trabalho que desempenham não pode ser focado sem ser inserido numa dimensão macro do sistema das profissões superiores. Com isto, reforço a abordagem que busca compreender o fenômeno profissional através de uma lógica própria e inerente a este sistema. O conhecimento especializado da Sociologia já acumulou o suficiente para não precisarmos mais recorrer aos mesmos e ultrapassados subterfúgios explicativos que com frequência surgem aqui e ali.

Desde 1976, a imprensa brasileira pauta e repauta matérias contando a estória das desventuras profissionais da classe média que investiu na sua formação escolar. Naquele ano, passada a famosa fase do *boom* universitário a revista *Veja* nº 417, deslançou este processo com a publicação da reportagem "E depois da faculdade? Universitários sem emprego". Freqüentemente o tema volta à baila nos meios de comunicação. Ele aparece sempre vinculado ao da crise econômica brasileira. É como se fosse um de seus sintomas palpáveis. Este recurso, compreensível nas características da atividade da imprensa, perde significado nas atribuições da Sociologia. São trabalhos diferentes.

Também já não é sem tempo que busquemos compreender o fenômeno profissional em si, como um sistema que possui um grau de autonomia e uma lógica própria. Que a crise econômica afeta esta e muitas outras áreas da vida em sociedade é chover no molhado. Mas constatar isto não basta ao trabalho da Sociologia. Ela possui os recursos para demonstrar como funciona o sistema das profissões e

colaborar para que a questão possa vir a ser pautada pela imprensa de uma nova forma, saindo do círculo vicioso de reavivar as matérias sobre crise econômica através das insatisfações no campo profissional.

Se este mesmo argumento evidencia como é equivocada a interpretação que localiza e delimita 'o problema' das profissões superiores no âmbito das dificuldades nacionais, ele descarta também a explicação mais singela da crise nas Ciências Sociais brasileiras.

Por último, a abordagem aqui adotada dá transparência aos limites das visões que diagnosticam um mau funcionamento das Ciências Sociais. O que realmente funciona mal são os modelos que propõem analisar uma profissão fora de seu contexto, isolada do mundo em que trabalha e se defronta com seus competidores. Ao contrário do que apontam outras propostas analíticas, ao enfocarmos as Ciências Sociais inseridas na lógica do sistema das profissões, elas revelam sua capacidade de interação, de movimento e de mudança.

Em resumo, esta tese se contrapõe a dois diagnósticos sobre a situação das Ciências Sociais e a duas formas de se abordar o problema. Meu argumento é que os diagnósticos são limitados porque recorrem a perspectivas analíticas limitadas. Na essência desses diagnósticos tem-se a visão de que ou bem há uma crise na profissão ou no país. A razão deste equívoco é que ele parte de modelos que olham as Ciências Sociais de uma forma micro ou de uma forma macro, sem articular as duas dimensões analíticas. Esta característica unidimensional é detectada tanto nas abordagens da Sociologia dos Intelectuais quanto nas das Sociologia das Profissões. A articulação desses dois âmbitos de visão é a contribuição mais relevante introduzida pelo enfoque do sistema das profissões.

Pode ser que alguns identifiquem a noção de sistema com imagens de um funcionalismo harmonioso, onde as estruturas se reproduzem em vez de mudar. Esta é uma interpretação possível, mas retórica. Argumentar que as Ciências Sociais

não podem ser entendidas como uma profissão, ou que suas características intelectuais as diferenciam de outras atividades é, de fato, a imposição de uma harmonia inexistente, através do não-enfrentamento analítico do conflito e da competição operantes no mundo do trabalho profissional. Intencionalmente ou não, o conhecimento acumulado através dessas abordagens pode servir de escudo protetor para a imagem que nós gostamos de ter do nosso trabalho profissional. Mas é possível ir além.

Acredito que no decorrer do trabalho cada um desses pontos ganhará maior transparência. A tese está estruturada em 2 partes. A primeira delas, com 5 capítulos, investiga a profissão através das análises quantitativa, histórica e comparativa. Contém também a apresentação do enfoque teórico que norteia todo o estudo. A segunda parte, com 3 capítulos, detêm-se na análise qualitativa da estruturação do mundo das Ciências Sociais.

O próximo capítulo, é um sumário do desenvolvimento teórico da Sociologia na área dos estudos do trabalho intelectual e das profissões, acompanhando a trajetória do campo até chegar ao enfoque mais recente, do sistema das profissões.

O capítulo 3, contém uma análise dos dados que configuram o perfil dos sócios da ASESP - Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo. O objetivo é expor a situação que fundamenta o senso comum da existência de uma crise na profissão. Já no próprio capítulo é possível perceber que no caos aparente há uma lógica e um sentido.

O capítulo 4 permite visualizar a situação profissional dos sociólogos nos Estados Unidos. Para contra-argumentar com a versão de que há uma crise nacional, aponto as semelhanças entre as atividades desempenhadas no mercado de trabalho, pelos sociólogos americanos filiados à American Sociological Association - ASA, e pelos sociólogos brasileiros filiados à ASESP. Tomadas as devidas cautelas na comparação, o perfil profissional que se desenha em cada

país é uma enorme evidência para ultrapassar as barreiras explicativas circunscritas aos territórios nacionais, com suas respectivas situações econômicas.

Além disto, o capítulo apresenta a morfologia do ensino superior norte-americano. A noção do funcionamento das profissões enquanto um sistema também é vista sob o ângulo da distribuição do contingente de estudantes universitário. Como a procura por um ou outro tipo de curso e a titulação profissional se modificam no tempo? Como elas se relacionam com o mercado de trabalho? A competição interprofissional será enfocada sob o prisma da capacidade dos cursos atraírem novos alunos, expandindo-se, ou de terem seu universo retraído com a queda na procura. Os dados sobre os Estados Unidos parecem refletir mais rapidamente as movimentações do mundo do trabalho. No Brasil, a intermediação do Estado é significativamente maior. Embora por razões diversas, hoje as Ciências Sociais entram no sistema das profissões de ambos os países com um elevado contingente feminino. Essa característica também será analisada sob a ótica da forma como a participação feminina foi absorvida nesse sistema.

O capítulo 5 reconstroi o desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil inserindo-a no sistema profissional. A aparência de caos detectada na situação da profissão começa a se dissipar. As características de sua história vão dando maior transparência à lógica que a movimenta. Ao mesmo tempo, vai delineando as diferentes trajetórias da profissão no Brasil e nos Estados Unidos. Tais especificidades permitem compreender como elas se inseriram no mundo profissional de cada um desses dois países de formas particulares.

É sob este ângulo que veremos a Sociologia nos Estados Unidos e as Ciências Sociais no Brasil (3). Embora se

(3) Ao nível do terceiro grau, no Brasil, a grande maioria dos cursos nesta área reúne Antropologia, Política e Sociologia sob a denominação de curso de graduação em Ciências Sociais. É apenas no mestrado e no doutorado que essas especializações se separam institucionalmente,

disponha de mais informações sobre o caso brasileiro, o material reunido sobre o caso americano é suficiente para enfatizar a importância das especificidades no modelo analítico do sistema das profissões. Essas histórias fazem a passagem da perspectiva macro para a micro, que é abordada na segunda parte. O âmbito desta tese é compreender as ciências sociais no sistema profissional brasileiro. O recurso à comparação com os Estados Unidos e a utilização de dados sobre outras profissões não podem ser entendidos como uma proposta de cobrir outras histórias específicas. Tais informações dão transparência à lógica das Ciências Sociais no sistema das profissões.

A análise qualitativa desenvolvida na parte II introduz um olhar que examina o funcionamento da profissão por dentro. O modo como os diversos grupos de participantes interagem, dando existência ao mundo das Ciências Sociais no mercado de trabalho, será examinado através dos depoimentos coletados com uma amostra de formados nos cursos da USP, da PUC-SP e da FESP, nos anos de 1972 e de 1982. (4) Além dessas, serão utilizadas outras entrevistas realizadas com o

fornecendo também o título de mestre e/ou doutor em Antropologia e Ciência Política. A profissionalização com o título de bacharel em Ciências Sociais permite o vínculo com o Sindicato e a Associação dos Sociólogos. Nos Estados Unidos, essas três áreas são separadas desde o terceiro grau, havendo associações profissionais para os sociólogos, os antropólogos e os cientistas políticas com ingresso permitido aos bacharéis. A Sociologia é que tem a estrutura mais próxima das Ciências Sociais no Brasil, por isso optei por focalizá-la. A Ciência Política aproxima-se mais da administração pública. A Antropologia possui o menor contingente e se aproxima da estrutura da Sociologia.

(4) Ao escolher esses três cursos adotei o critério do peso que tiveram na história das Ciências Sociais em São Paulo, somado à maior facilidade de localização da amostra selecionada. Os cursos no interior do Estado de São Paulo, além de serem de criação mais recente, dificultavam muito o desenvolvimento dos procedimentos amostrais, numa pesquisa individual como uma tese. Havia maior dificuldade para localizar os entrevistados e realizar as entrevistas. Os anos de 72 e 82 foram escolhidos em função de ambos refletirem momentos de pico na expansão do número de alunos.

intuito de tipificar algumas formas diversas de interação na profissão.

O microcosmo das Ciências Sociais ilustra como a competição e o conflito compõem suas relações internas, ao mesmo tempo que garantem seu funcionamento no sistema profissional. Na lógica sob a qual opera, participam tanto aqueles que ocupam posições no palco da profissão atuando diretamente nela, quanto aqueles que a olham mais à distância, como uma audiência indispensável à sua performance e avaliação. A concepção da interação entre palco e audiência da profissão, formando o mundo das Ciências Sociais será explicitada na segunda parte da tese. Cada uma destas duas perspectivas - a de ver a profissão do palco e a de vê-la da audiência - será analisada separadamente. O capítulo 6 faz uma apresentação de todo o material qualitativo e constroi a tipologia. O capítulo 7 refere-se àqueles que estão na audiência, ocupando um lugar longe do palco. O capítulo 8 retrata como a profissão é vista da audiência, mas de posições próximas do palco. O capítulo 9 analisa a competição intraprofissional sob o ângulo dos que estão no palco das Ciências Sociais. O capítulo 10 focaliza como o segmento acadêmico, classificado no centro do palco, vivencia as competições intra e inteprofissionais.

Mais do que mapear a situação profissional dos formados nesse curso - tarefa que o perfil das associações cumpre bem - tais depoimentos permitem captar os diferentes significados que o curso e a profissão adquiriram na vida dessas pessoas. Embora a pluralidade de objetivos, realizações e opiniões dê o tom deste material, ele possui dois fatores que são a trilha a seguir para achar seu fio condutor: o trabalho e a forma como os homens e as mulheres se relacionam com ele.

2) AS DIFERENTES ABORDAGENS SOBRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS: A SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES, A SOCIOLOGIA DOS INTELECTUAIS, A SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA, A SOCIOLOGIA DA SOCIOLOGIA.

Num levantamento dos termos utilizados na bibliografia especializada para designar "aquelas pessoas que criam, disseminam e empregam o conhecimento formal", Freidson (1986) (5) identificou 5 diferentes denominações: *intelligentsia, intellectuals, experts, technicians, professionals*.

Essa diferenciação já data do século XIX. O termo *intelligentsia* tem sua origem na Polônia, em 1844. Referia-se a um estrato social que tinha em comum um grau de educação elevado, de caráter acadêmico. Para aquela época este nível de escolaridade não correspondia ao superior. Mais do que uma titulação formal obtida nos ginásios, o que distinguia esse estrato de outros com a mesma instrução na classe média e na alta era "uma específica combinação de características psicológicas, modos, estilo de vida, status social e, acima de tudo, sistema de valores". O termo utilizado também na Rússia e posteriormente pelos soviéticos, tinha sua versão no mundo ocidental: intelectuais.

Segundo Freidson, o termo intelectuais é mais novo que o anterior. Ele começou a ser usado no final do século XIX, na França. Entre os cientistas sociais, o termo foi adquirindo significados distintos. Essas diferenças na definição fazem parte do processo simultâneo de construção da atividade e da identidade de seus membros com ela. Na diversidade de definições manifesta-se a disputa pela caracterização do campo e da imagem que dele se difunde.

Nos dois critérios de definição que esse autor arrola, há uma perspectiva distinta a favor dos intelectuais. No

(5) Freidson, Eliot - Professional powers: a study of the institutionalization of formal knowledge, The University of Chicago Press, Chicago, 1986. (capítulo 1)

primeiro, ele reúne os autores que enfatizam o tipo de conhecimento que os intelectuais possuem e transmitem e a orientação desse conhecimento. A distinção entre o conhecimento puro e o aplicado, entre as idéias e um corpo de conhecimento sistemático é o que diferencia os intelectuais e os possuidores de conhecimentos práticos, mesmo de nível superior. No segundo, ele engloba aqueles autores que concebem os intelectuais como separados de alguma forma de sua sociedade, ou como marginais a ela, numa posição intrinsecamente crítica da sociedade. No primeiro grupo Freidson inclui, entre outros, Parsons (1969) e Coser (1970). No segundo, Schumpeter (1950) e Dahrendorf (1969) (6).

Jacques Ellul (1964) e Michel Foucault (1979) optaram pelos termos 'agentes da técnica' e da 'disciplina', que na versão em inglês chegam como *technicians* e *experts*. Para Freidson essas palavras têm problemas ainda maiores de definição. Referem-se a todos os tipos de especialistas, independentemente de sua relação com o conhecimento formal ensinado nos cursos superiores. (7)

Descartados os demais termos que aparecem na literatura, dadas as suas dificuldades de definição, resta a

(6) A visão de Parsons e a de Dahrendorf estão publicadas no livro On intellectuals, editado por Philip Rieff, Doubleday, New York, 1969. Sobre a posição de Schumpeter ver seu livro Capitalism, socialism and democracy, Harper Torchbooks, New York, 1950. A concepção de Coser sobre os intelectuais é encontrada em Coser, L. A. - Men of ideas: a sociologist view, Free Press, New York, 1970.

(7) Ellul, J. - The technological society, Vintage Books, New York, 1964.

Foucault, M. - Discipline and punish: the birth of the prison, Vintage Books, New York, 1979.

Freidson suspeita que Ellul e Foucault utilizem essas palavras principalmente em função da inexistência, na língua francesa e na estrutura da sociedade francesa, de um termo conveniente e apropriado como aquele usado com facilidade no inglês, pela maioria dos escritores anglo-americanos - a palavra *profession*.

Por esta razão ele frisa que a questão profissional aplica-se principalmente às sociedades com estruturas semelhantes a anglo-americana.

menos pior das alternativas, a opção pela palavra profissional. Sua principal vantagem é que, na língua inglesa, profissão é um termo mais bem definido. Só inclui as atividades que recorrem ao conhecimento formal, ensinado nos cursos superiores. Esse conhecimento é pré-requisito do termo. Quem trabalha em atividade que não envolve o conhecimento superior, possui uma ocupação em vez de uma profissão. O termo ganhou esta conotação no século XIX, com o próprio desenvolvimento das profissões.

A opção de Freidson de justificar a escolha do termo a ser usado como uma questão prática, afastando-se de um posicionamento mais polêmico, não se coloca na mesma posição das relevantes contribuições que deu para o estudo do problema. A escolha do termo reflete a imagem que o pesquisador tem do objeto e da realidade que está pesquisando. Ela não se resume a uma escolha prática. Materializa imagens abstratas inerentes ao pensamento sociológico. Já na opção por um ou outro termo, o autor vai situando como ele concebe as relações entre estrutura e ação, entre a abordagem micro e macrosociológica e como ele percebe subjetivamente a sociedade. Essas são questões teóricas que fundamentam as Ciências Sociais e que tornam singular a contribuição de cada autor. O termo, portanto, está longe de ser uma questão menor. A diversidade deles é extremamente significativa. Fala das diferentes percepções que os autores têm das relações sociais no mundo do trabalho.

Minha opção pelo termo sistema de profissões vincula-se à forma como concebo a interação social. Nela, as perspectivas macro e micro aparecem interagindo uma sobre a outra, formando e mudando o sistema nas suas duas dimensões. Profissionais interagem dando existência ao sistema profissional, que interage sobre os profissionais e vão, assim, se modificando conjuntamente.

. As Ciências Sociais na Sociologia dos Intelectuais

Embora haja diferentes abordagens na Sociologia que estuda os intelectuais, eu associo a elas duas imagens de relações sociais das quais não compartilho. Uma delas atribui à ação desses indivíduos uma ênfase superior a aquela que permeia minha concepção de interação social. Aos meus olhos, neste enfoque micro, essas pessoas ganham um poder de ação superdimensionado. O que sobressai no lugar da interação social é a capacidade de mudança que a ação dessas pessoas tem sobre a estrutura. Na análise histórica, o peso delas aparece como diferencial no processo e não como interativo.

A outra imagem procura tratar o intelectual como sujeito, mas inserido num contexto que atua sobre sua vida. Em vez de uma concepção interativa, sobressai uma imagem da relação social em que ação e estrutura não se relacionam na vida cotidiana. É uma imagem dicotômica. A estrutura fica num pólo e a ação no outro. As dificuldades em articular o enfoque macro e micro comprometem a noção de relação social como decorrente da interação das pessoas formando o contexto. Este contexto é resultado da interação social. Ele não está de um lado e os indivíduos isolados do outro. As pessoas participam da sua construção cotidiana. Essas imagens polarizadas podem ser úteis para a elaboração de modelos abstratos que fundamentam disciplinas como a Filosofia e a Ciência Política, mas são pouco adequados aos estudos da vida social cotidiana, que dá sustentação à Sociologia.

É pelos problemas que detecto na articulação entre as dimensões macro e micro, que não me identifico com as imagens de relação social, que permeiam os estudos sobre os intelectuais.

Há trabalhos de grande qualidade que focalizam as Ciências Sociais sob esse prisma. A análise de Lepenies

(1988) (8) insere-se nessa última vertente. Ao contar como surge a Sociologia num contexto de conflito entre o universo literário e o científico, o autor vai relacionar essas disputas com o contexto macro das mudanças da época, e como eles atuaram ao nível micro, nas histórias de vida dos personagens que ele coloca no centro da constituição da Sociologia em cada país estudado. Ele focaliza esses conflitos entre a razão e sentimento na vida e no trabalho de cientistas sociais como Comte, Stuart Mill, Beatrice Webb, Max Weber e outros. Sua pesquisa é rica em informações que são contadas com uma subjetividade particularmente bela. Entretanto, a dificuldade na articulação das dimensões macro e micro deixa aberta uma porta por onde se esvai uma parte da beleza de seu trabalho.

Essa duas dimensões estão muito mais integradas na vida cotidiana do que nos modelos analíticos que as elaboram separadamente. É preciso que na concepção da abordagem, a interação se manifeste de uma forma mais sólida do que a simples conexão entre dois níveis. É ainda com base nesta dicotomia que Lepenies analisa o surgimento da Sociologia. Tal corte limita as contribuições da análise sociológica ao pensamento social.

Na minha opinião, o que esta disciplina traz de mais relevante para as Ciências Sociais é a capacidade de mostrar como micro e macro interagem, como isso funciona nos grupos sociais estudados. Polarizações entre estrutura e ação podem continuar movimentando outras disciplinas. No caso da Sociologia, essas abordagens tornaram-se imobilizadoras. Nossa principal pergunta, para a qual temos instrumentais para pesquisar, é como se dá a vida social e não o seu porquê. Se perguntamos o porquê, com instrumentais voltados para responder ao como, não contribuimos nem para uma nem para outra resposta.

(8) Lepenies, Wolf - Between literature and science: the rise of sociology, Cambridge University Press, Cambridge, 1988.

. A Sociologia das Profissões

Para analisar como funcionam as Ciências Sociais, numa perspectiva onde seus membros interagem entre si e com outros profissionais, optei pelo modelo analítico do sistema das profissões.

Até que a Sociologia chegasse a este modelo, o estudo das profissões desenvolveu-se por mais de 50 anos. A publicação que deu origem a área de estudos é inglesa e data de 1933. Carr-Saunders e Wilson (9), fizeram um levantamento histórico dos grupos que poderiam ser considerados como profissões na Inglaterra. A base da classificação era a existência de um corpo organizado, que dominava um conhecimento baseado num sistema de ensino e treinamento, com seleção prévia através de exame. Eram possuidores de códigos de ética e conduta.

Essa definição inicial deu o rumo das discussões por algumas décadas, revelando uma das preocupações analíticas sobre o tema. Quem tem e quem não tem esse ou aquele pré-requisito para ser uma profissão realmente genuína. O estudo sobre as profissões trouxe para o seu enfoque o mesmo conteúdo monopolizador de poder que as profissões procuravam construir e preservar. A imagem que a área transmitia se assemelhava a imagem que as profissões tinham na sociedade. Com isto quero afirmar que os modelos analíticos sobre as profissões relacionam-se com os contextos de desenvolvimento das próprias profissões. Concebê-las como um sistema reflete uma condição presente hoje, mas ausente num momento passado. A trajetória do debate nesses 50 anos pode ajudar a responder perguntas que vem sendo colocadas desde então.

Identificamos, já em 1937, uma preocupação com a questão das profissões superiores semelhante a que registramos na reportagem da revista *Veja*, de 1976, citada

(9) Carr-Saunders, A. P., e Wilson, P. A. - The professions, Oxford University Press, Oxford, 1933.

anteriormente. Kotschnig (10) focaliza as conseqüências políticas da expansão do sistema educacional na Europa. Em seu *Unemployment in the learned professions*, ele analisa como a insatisfação desse contingente não absorvido pelo mercado, resultou no apoio ao nazismo.

Sob a ótica de Parsons (11), nos Estados Unidos, as profissões adquirem uma versão altruísta. Em vez do egoísmo preponderante na análise marxista da sociedade capitalista, as profissões são concebidas como o reinado da preocupação com a qualidade do serviço prestado ao cliente, com a autoridade adquirida com base no conhecimento. A motivação para o trabalho não se resume apenas aos interesses de obtenção de um rendimento. Profissão é do mundo dos serviços dignos, morais, das relações de igualdade entre os pares. Requer que o cliente confie no saber do profissional e que este respeite seus colegas e seus clientes. Ela era a novidade dessa sociedade e legitimava o altruísmo nessa ordem social.

Se o campo surgiu permeado por uma conteúdo ideológico elitista, seu significado alterou-se conjuntamente com as mudanças na estrutura social. O impacto dos novos conhecimentos junto com o clima dos anos 60 deixaram sua marca também aqui.

Nesta década, a visão das profissões pautada na relação entre profissional e cliente, dá lugar as profissões como formas de controle. Na sua análise do profissionalismo, Johnson (1967) (12) reverte a maneira de se enfocar o problema. O cerne da questão não é o atendimento às necessidades sociais, mas a imposição dessas necessidades e

(10) Kotschnig, W. M. - Unemployment in the learned professions, Oxford University Press, London, 1937.

(11) Parsons, Talcott - "Some problems confronting sociology as a profession", in American Sociological Review, 29: 547-559, 1959 e "Professions", in The International Encyclopedia of the Social Sciences, editado por D. L. Sills, MacMillan, New York, 1968.

(12) Johnson, T. J. - Professions and power, MacMillan London, 1967.

dos formatos dos serviços prestados. Freidson (1970) (13) mostra como a base e a força da Medicina nos Estados Unidos é a sua capacidade de articular domínio e autonomia, em vez de confiança e coleguismo. Sua abordagem faz a transição das profissões como altruísmo, para a sua versão como monopólios de poder. (14)

Outro trabalho marcante no embate da visão harmoniosa do profissionalismo, é o de Sarfatti-Larson nos anos 70 (15). Ela vincula o discurso da competência profissional com a ideologia burguesa. Enfatiza o lado egoísta das profissões, como grupos com interesses estratégicos, disputando o domínio de áreas de conhecimento e de mercados.

As mudanças sociais vividas nos anos 60, fizeram a passagem entre essas duas grandes formas de se abordar as profissões. A primeira delas tinha como preocupação a classificação. Para isso analisava as características das profissões, do processo e das etapas da profissionalização e dos conteúdos do profissionalismo. As profissões eram concebidas como comunidades homogêneas. A segunda abordagem quebra com esta integração. Ela concentrou-se na identificação dos tipos de relações e de conflitos entre os grupos profissionais. Tanto as visões mais ou menos funcionalistas, quanto as mais ou menos marxistas tomaram como unidade analítica uma profissão concebida como uma organização. Ambas aceitaram também alguns pré-requisitos da classificação do que é uma profissão. Possuir conhecimento formal, abstrato, de nível superior é o consenso que mais se destaca. Ele é a base tanto da vertente que enfatiza a confiança do cliente no profissional, quanto a que mostra

(13) Freidson, Eliot - Profession of medicine: a study of the sociology of applied knowledge, The University of Chicago Press, Chicago, 1970.

(14) Esta periodização do desenvolvimento dos estudos sobre profissões foi extraído de Andrew Abbott (1988), pp. 1-31.

(15) Larson, M. S. - The rise of professionalism: a sociological analysis, University of California Press, Berkeley, 1977.

como esse tipo de conhecimento é de elite, não-democrático, monopolizado e concentrador de poder.

Na visão monopolista, "o sistema formal apenas estabelece os limites da competição, dentro do qual atua um sistema informal de credenciamento. Este freqüentemente utiliza critérios discriminatórios como o gênero, a raça, a religião, a etnia e a cultura de classe, que operam para estruturar o desenvolvimento das carreiras e criar um sistema de estratificação na profissão." (Freidson, 1986) (16).

"A comunidade ocupacional (das profissões), geralmente, divide-se internamente por especialidades e segmentos, com interesses e ideologias conflitantes em torno do conhecimento, das técnicas e das tarefas na divisão do trabalho." (Bucher e Strauss, 1961) (17) . "Elas também se estratificam freqüentemente por diferenças no prestígio, nos rendimentos auferidos e no poder." (Abbott, 1981) (18).

"As profissões são também sistemas organizados pela divisão da autoridade sobre o conteúdo e a organização do trabalho profissional... A diferenciação de seus membros em praticantes, administradores da profissão e professores-pesquisadores é, portanto, uma característica central da organização das profissões. " (Freidson, 1986) O autor mostra como as relações entre esses segmentos são inevitavelmente tensas. Elas representam uma complicada divisão de poder profissional e de conhecimento formal. Ocupando posições diferentes no sistema e com trabalhos distintos, cada segmento possui perspectivas e interesses próprios.

(16) Tradução livre da autora. As citações a seguir foram extraídas das pp. 210-213.

(17) Buscher, Rue e Strauss, Anselm - "Professions in process", in The American Journal of Sociology, 66, n° 4, pp 325-334, janeiro de 1961.

(18) Abbott, Andrew - "Status and status strain in the professions", in American Journal of Sociology, 86:819-35, maio de 1981.

Segundo Freidson, o poder das profissões apóia-se na diferenciação de seus membros em praticantes, administradores e intelectuais. Desta forma, as profissões têm seus próprios membros nos postos-chaves de acesso às posições de poder. Os praticantes têm algum poder sobre os clientes, e mesmo que este não seja uniforme, eles têm o poder de controlar o trabalho que fazem. Os administradores (os membros de organizações representativas da profissão, por exemplo) condicionam como e onde os praticantes podem exercer poder sobre os clientes. Os intelectuais (os professores e pesquisadores) não exercem poder sobre nada nos locais de trabalho profissional, mas sua atividade forma a base para as regras organizacionais dos administradores e para as decisões de trabalho dos praticantes. São eles que controlam quem vai possuir o diploma necessário ao exercício profissional.

Aquela área de estudos que se iniciou com as descrições naturalistas das profissões no mundo anglo-saxão, construiu um corpo teórico para si. Nos anos 80, a estratificação no interior de cada profissão tornou-se um outro ponto de consenso. As diferenças entre as vertentes passou a se centrar na interpretação do fenômeno. Para alguns autores, a estratificação é a evidência do declínio das profissões, explicada como a proletarização ou a desprofissionalização delas. Para outros, ela é parte integrante da estrutura das profissões.

A Sociologia das Profissões montou seus quatro modelos básicos, mesclando o altruísmo e o egoísmo, com os enfoques internos e externos, no nível do indivíduo ou das relações sociais. (19) A concepção altruísta de Parsons mesclou-se

(19) A estruturação desse corpo teórico seguiu o caminho de dicotomizar as perspectivas internas e externas ou as micros e macros como apontado na crítica aos enfoques da sociologia dos intelectuais. É com o modelo analítico de Abbott, em 1988, que estas duas dimensões se integram. Esta é a principal contribuição do autor, embora ele centre seu estudo nas disputas jurisdicionais entre as profissões. Com isto, ele fortalece aquele olhar preocupado com o

com o enfoque do sistema interno à profissão. A importância da confiança do paciente no médico e a capacidade deste de tratar de seus doentes eram decisivas para o profissionalismo. Tal abordagem teórica da questão ganhou o formato de um funcionalismo altruísta com as explicações centradas ao nível do indivíduo. O outro modelo funcionalista, de Ben-David (1963) (20), analisava o profissionalismo como resultado de um fator externo, onde os indivíduos envolvidos agiam movidos por seus interesses. Eles optavam pelo profissionalismo, como uma forma de agir corporativamente para proteger seus interesses ou conquistar novos espaços.

O modelo monopolista de Sarfatti-Larson analisa o profissionalismo como poder elitista, concentrador, egoísta, mas seu enfoque voltava-se para as conseqüências externas. O profissionalismo dos médicos relacionava-se muito mais com a posição e o status da profissão na hierarquia social do que com a saúde de seus clientes. Para Freidson, as relações sociais contam na concepção egoísta do profissionalismo, mas ele identifica também as conseqüências internas na relação entre profissional e cliente. Essas relações ao nível individual respondem pelas diferenciações internas. Elas não são apenas decorrências exteriores das disputas por poder e status profissional.

Dois pontos unificavam essas diferentes vertentes: explicar o profissionalismo e relacioná-lo de alguma forma com o mercado, seja o mercado visto como clientes consumidores, seja o mercado como um lugar onde corporações disputam posições. Por isso, as profissões de médico e de advogado no mundo anglo-saxão concentraram a maior parte da

credenciamento que caracterizou o funcionalismo, e perde o fazer cotidiano da profissão por seus membros. A dimensão histórica limita-se à análise do sistema legal, em detrimento da vivência dos grupos que, na prática, construíram seus campos profissionais.

(20) Ben-David, J. - "Professions in the class system of present day societies", Current Sociology, 12:247-98, 1963.

atenção da área. Elas apresentavam a maior associação entre conhecimento e posição destacada no mercado das ocupações. Até para o enfoque monopolista era nelas que o conhecimento e o poder se articulavam integralmente. Ambas constituíam o tipo ideal weberiano.

Com a mesma preocupação de explicar o profissionalismo, Collins vai partir de uma outra perspectiva (21). Ele questiona a visão de que conhecimento é poder, em função da sua capacidade de solucionar problemas, e opõe-se a esse tipo de vinculação direta entre profissão e mercado. Collins propôs a interpretação de que os sistemas de conhecimento atendem a propósitos simbólicos, baseados no prestígio ideológico e na monopolização social, contendo o acesso a ele. A maneira como o conhecimento é organizado socialmente é muito mais importante do que o conhecimento que é produzido. A educação superior é vista como um ritual.

Para ele, a necessidade social de ter seus problemas solucionados não explica as profissões. Ele argumenta que os mecânicos solucionam muito mais problemas do que os filósofos. Se o mercado fosse outra variável fundamental, os administradores ou os engenheiros não deveriam enfrentar tantas dificuldades para obter as distinções do profissionalismo. Na escala que cita, as profissões que alcançaram maior poder e prestígio social são as de advogado, médico e cientista.

Collins considera que as profissões extraem seu poder da combinação de dois fatores: 1) da capacidade de criar seus próprios problemas para depois desenvolverem o

(21) Collins, Randall - "Changing conceptions in the sociology of the professions", in The formation of professions: knowledge, state and strategy, (eds.) Rolf Torstendahl e Michael Burrage, Sage Publications, London, 1990.

- "Market closure and the conflict theory of the professions", in Professions in theory and history: rethinking the study of the professions, (eds.) Michael Burrage e Rolf Torstendahl, Sage Publications, London, 1990.

conhecimento abstrato para solucioná-los e 2) da capacidade de monopolizar o desempenho de uma atividade especializada, para a qual há uma demanda externa vinda da sociedade.

Essas condições são encontradas na Ciência, no Direito, e na Medicina. O Direito criou as leis que os advogados utilizam. Os cientistas resolvem os problemas que outros cientistas formularam. Já a Medicina atende a uma demanda social pelos seus conhecimentos, mas limita o ingresso na profissão e monopoliza seu desempenho, controlando inclusive o acesso aos medicamentos. Há profissões com enorme capacidade de solucionar problemas, decorrentes de seu conhecimento técnico, mas elas não alcançaram posições sociais tão destacadas.

Embora recorte a problemática das profissões sob um outro prisma, Collins não se exclui da área da Sociologia das Profissões, coisa que faz Bourdieu (22). Ambos dão maior ênfase às dimensões simbólicas nessas relações, embora Bourdieu faça também um questionamento político da idéia de profissão, enquanto Collins limita sua proposta a analisar como elas se perpetuam através de seus rituais. A imagem de profissão que este último autor transmite não vem acompanhada da avaliação negativa de tal fenômeno, que permeia a visão de Bourdieu. Como veremos abaixo, seu posicionamento é claramente contrário à Sociologia das Profissões, em função da forma como concebe a própria existência delas na sociedade.

(22) A forma como Collins aborda a questão quebra com uma visão polarizada entre a sociologia das profissões e sociologia da ciência.

. A Sociologia da Sociologia e sua crítica à Sociologia da Ciência

O conceito de profissão para Bourdieu, é a expressão do simbólico como violência. Toma-se emprestado uma palavra usada na linguagem cotidiana e a incorpora ao discurso científico. Emprega-se como instrumento de análise uma noção que deveria ser, ela própria, o objeto analisado. (Bourdieu, 1991) (23). Mais do que apontar o conteúdo simbólico do profissionalismo, Bourdieu procura mostrar a Sociologia das Profissões como a construção ideológica de uma geração de sociólogos americanos que aspiravam se tornar membros do *establishment*. O conceito de profissão não corresponderia a uma realidade social, mas à construção da Sociologia como uma profissão distinta. Daí, a violência simbólica. A força político-organizacional de uma ortodoxia intelectual se impondo ao campo científico. A lógica operante no campo da política sendo transferida para o campo intelectual.

Para Bourdieu, "a Sociologia compartilha, ao mesmo tempo, de duas lógicas discrepante: a lógica do campo político, onde a força das idéias está diretamente ligada ao poder que tem o grupo que a considera verdadeira; e a lógica do campo científico, que, na sua condição mais desenvolvida, apenas sabe e reconhece a 'força intrínseca das verdadeiras idéias' a la Spinoza. A comunicação científica, na sua forma ideal, difere da comunicação política porque o peso dos argumentos, dos problemas e das soluções, não é decorrente desta ou daquela força social que o defende." (24).

Este campo científico e a sua autonomia precisam ser constantemente construído pelos cientistas, através das

(23) Bourdieu, P. - "On the possibility of a field of world sociology", in Social theory for a changing society (eds.) Pierre Bourdieu e James S. Coleman, Russell Sage/Westview Press, New York, 1991.

- Homo Academicus, Stanford University Press, California, 1988.

(24) Tradução livre da autora. Bourdieu (1991) pp. 375-380.

lutas contra todas as formas de violência simbólica. A Sociologia é, portanto, parte deste microcosmo do campo científico, com autonomia em relação às necessidades do macrocosmo que a envolve. E a Sociologia da Sociologia é vista por ele como um pré-requisito indispensável à criação das "condições para a autonomia individual dos cientistas, através do aumento da autonomia coletiva do campo científico em relação às forças externas e ao poder, ou o que dá no mesmo, através do fortalecimento dos mecanismos sociais responsáveis, na prática, pela imposição das normas da comunicação racional no interior do universo científico." (25).

Com a Sociologia da Sociologia, Bourdieu propõe uma alternativa não só à Sociologia das Profissões, mas também a uma Sociologia da Ciência que faz um "questionamento nihilista da Ciência", personificado por ele, nos enfoques de Latour (1987), Rosalvo (1989) e Marcus e Fischer (1986) (26).

Latour, por exemplo, questiona a concepção que na construção científica predomina a força das melhores idéias e as verdades que elas estabelecem. Na análise que faz sobre os cientistas e a Ciência no caso de um projeto de pesquisa em biologia molecular, ele procura mostrar como o uso de um conhecimento lhe dá mais validade do que a sua própria qualidade. O que importa mais é usar. O que dá a base de sustentação e a veracidade de um conhecimento é a difusão de seu uso e não a sua qualidade intrínseca. Alternativas melhores não ganham aceitabilidade em função da força que a alternativa pior alcançou e a tornou 'verdadeira'. Assim, em vez do "when things are true they hold" o que se tem é o

(25) idem, ibidem.

(26) Latour, Bruno - Science in action, Harvard University Press, Cambridge/MA, 1987.

Marcus, George e Fisher, Michael - Anthropology as cultural critique, University of Chicago Press, Chicago, 1986.

Rosaldo, Renato - Culture and truth: the remaking of social analysis, Beacon Press, Boston, 1989.

"when things hold they start becoming true." É a lógica do poder e da política operando na Ciência (27).

Bourdieu faz um ataque veemente à análise da Ciência como um fenômeno socialmente construído com base nas redes e na força política de seus agentes. "Contra o uso anticientífico da Ciência da Ciência, eu defendo um uso científico - mas não cientificista - desta ciência reflexiva. Por dar prioridade à crítica científica dentro do campo científico, eu não faço concessões a uma forma de escapismo narcisista, como aqueles que estão acostumados com as formas mais proféticas de engajamento político poderiam se ver mais propensos a acreditar. Em vez disso, virando o argumento de ponta-cabeça, é exatamente por que eu detecto escapismo nas promessas gratuitas de um revolucionarismo abstrato e hiperbólico, que eu sustento como um pré-requisito absoluto de uma Sociologia politicamente responsável, a abordagem reflexiva que leva os cientistas a verem com transparência as raízes sociais de suas disposições políticas e científicas, os investimentos no campo, e até a pureza das escolhas teóricas." (28)

. As perspectivas analíticas vistas à luz do material empírico

Os cientistas sociais brasileiros, objeto de estudo de minha tese, poderiam ser analisados por, pelo menos, quatro caminhos na Sociologia: a Sociologia das Profissões, a Sociologia da Ciência, a Sociologia dos Intelectuais e a Sociologia da Sociologia.

A opção que fiz pautou-se na minha avaliação da capacidade analítica de cada uma dessas propostas tendo como referencial meus dados empíricos. Foi um caminho de mão

(27) Latour, (1987).

(28) Bourdieu (1991), pp. 384-386. Tradução livre da autora.

Sobre o mesmo tema ver também, Bourdieu, P. e Wacquant, L. J. D. - An invitation to reflexive sociology, University of Chicago Press, Chicago, 1992.

dupla. Ao mesmo tempo que eu recortava uma dada realidade social e coletava dados sob a influência de um e de outro enfoque, tal material empírico me ajudava a selecionar as abordagens mais adequada aos objetivos do trabalho.

Uma das questões mais repisadas pelos cientistas sociais que eu entrevistei na amostra, dizia respeito à forma como o segmento acadêmico se auto-construía de uma forma elitista, erigindo barreiras que os tornavam inacessíveis aos outros segmentos. Uma Sociologia voltada exclusivamente para os intelectuais não possui os instrumentais adequados para captar e compreender este fenômeno. É um olhar mais interno. Identificar como se constroem os diferentes discursos sobre as Ciências Sociais e de que posição cada um deles fala, só é possível através de uma perspectiva que entrose a dimensão interna com a externa. O principal critério para a exclusão das abordagens da Sociologia dos Intelectuais foi o fato de ela não ser desenhada para responder às questões que mais motivaram a realização da pesquisa. Em resumo, a Sociologia dos Intelectuais adota uma imagem do grupo ao mesmo tempo mais homogênea, menor e mais sólida do que aquela com a qual eu tinha interesse em trabalhar.

Recorrer à Sociologia da Ciência colocava problemas práticos semelhantes. A abordagem de Merton (29), que deslança a área de estudos, procurava fazer uma construção da Ciência ao modelo daquela que Parsons adotou para construir, tanto o campo de estudos sobre profissões quanto à própria Sociologia. A crítica que Bourdieu faz a este adequa-se àquele.

Um outro caminho na Sociologia da Ciência foi percorrido por Latour. Seu argumento poderia se somar com as críticas feitas por meus entrevistados ao segmento acadêmico e a forma como o mundo da Ciência é construído. Eu vejo três

(29) Merton, R. K. - "Estudios sobre sociologia de la ciencia", in Teoría y estructura sociales, Fondo de cultura económica, México, 1964.

problemas neste tipo de análise. O primeiro deles diz respeito à posição de onde fala o pesquisador. Já me referi as dificuldades do olhar interno e do olhar externo. Em Latour, identifico um etnógrafo com dificuldades de realizar um etnografia do 'outro', sobre um objeto que ele demonstra sentir como o 'mesmo'. Ele se posiciona no meio desse caminho. Não consegue criar um estranhamento dentro de si mesmo, em relação à concepção que tem do objeto e do estudo que se propõe a realizar. Em vez de focalizar a Ciência como 'o outro', caminho que eu considero mais rentável analiticamente, ele acaba se posicionando como 'o outro' na Ciência. Ele deixa de ser o pesquisador que conhece um método e se posiciona como um semelhante. A imagem que o trabalho transmite é que a pesquisa só confirmou o que ele esperava. Não trouxe maiores descobertas para seu autor.

Um segundo problema é apontado por Bourdieu. Diz respeito à atribuição de uma força absoluta ao poder e à política. Com isto, Latour acaba só identificando *agency* nesta esfera. Só age quem já tem força. Quem não tem, desaparece no esquema analítico. Os cientistas já estabelecidos na carreira e no poder agem. Os demais aceitam, concordam, são massas de manobra, passivos, manipuláveis. Não se movimentam. Não possuem a qualidade da ação. Isto é a base da reprodução dos sistemas, da não-mudança. É um enfoque que se propõe transformador, mas só consegue identificar a reprodução da mesma dominação.

Além de eu não partilhar desta imagem embutida no esquema analítico, havia um terceiro tipo de problema para adotá-lo. Ele não se propõe a atingir toda a amplitude do problema que eu queria estudar. A maioria das pessoas que entrevistei não fazem Ciência. Elas trabalham em bancos, executam atividades administrativas, cuidam de filhos, dão aulas para o 1º grau, fazem teatro, realizam diagnósticos sociais para órgãos do governo, organizam viagens de turismo, etc. Trata-se de um universo que extrapola aquele afeto à Sociologia da Ciência.

Uma outra possibilidade seria analisar os cientistas sociais recorrendo à Sociologia da Sociologia proposta por Bourdieu. A favor desta opção, haveria a sua crítica bem articulada sobre a essência das profissões como violência simbólica. De fato, a Medicina e o Direito que são as profissões mais fortes, confirmam esta visão mostrada pela própria Sociologia das Profissões nos anos 70.

Mas há um outro lado nesta questão. As profissões precisam ser concebidas em interação umas com as outras. Elas não vivem sozinhas, agindo na esfera da política para concentrar e monopolizar poderes usurpados. Elas interagem com outras, disputam, perdem e ganham. A intenção de uma ação não significa o resultado atingido após o processo interativo. Esta dimensão também fica a descoberto na proposta de Bourdieu. A Sociologia participa do mesmo sistema de profissões. Foi esse sistema que colocou limites concretos às intenções mais elitistas desta atividade. A visão parsoniana da construção de uma Sociologia mais nobre deparou-se com este contexto de forças em disputa. O que são as profissões está longe de ser o que o interesse de alguns de seus grupos procurou implementar.

A vantagem desta abordagem reside na sua capacidade de analisar a interação dos profissionais. É ela que configura o sistema.

A construção permanente da autonomia do campo da Ciência, e dentro dele o da Sociologia, merece angariar vasto apoio entre os sociólogos dedicados à Ciência. Entretanto, trata-se de uma aspiração e não de uma realidade. Há uma semelhança entre esta preocupação de Bourdieu e aquela de Parsons, que propunha concentrar os esforços da Sociologia na produção e no avanço do conhecimento científico, voltando-se para seu público interno. A Sociologia não deveria ter como preocupação o público externo.

Se a Sociologia da Sociologia limita o âmbito da análise que me proponho a desenvolver, ela pode ajudar a

compreender as origens da principal polarização apresentada acima: aquela entre a visão de Parsons e a de Bourdieu.

. Os condicionantes da concepção de Sociologia como profissão em Parsons e como campo científico em Bourdieu

Analisar morfologicamente a Sociologia nos Estados Unidos situa o contexto em que Parsons interagiu e formulou sua concepção das profissões, tal como utilizar o mesmo procedimento para França, permite compreender a construção da autonomia do campo científico aos olhos de Bourdieu.

Parsons podia pensar em termos de uma profissão. O desenvolvimento institucional e a produção acadêmica da Sociologia americana davam margem à aspiração de se tornar uma profissão. Os avanços nas metodologias quantitativas eram o grande achado da época. A área conquistou recursos, encontrou espaço para diagnosticar os problemas sociais e cavou repercussão no governo. Atraiu muita demanda pelos cursos nos anos 60 e 70. Mas já chegou aí bem colocada. Só em 1949/1950, formaram-se nos Estados Unidos, 7.870 estudantes de graduação em Sociologia, 552 mestres e 98 doutores. Nesse ano a *American Sociological Association* contava com 2.400 sócios. Em 1990, a ASA reunia informações sobre 300 programas de PhD em Sociologia existentes no país (30).

Na França, 120 anos depois de fundada a primeira *Société de Sociologie*, em 1872, (31) a disciplina não atingira o grau de institucionalização da década de 50 nos Estados Unidos. A construção de profissões necessita de

(30) Fonte: U.S. Department of Education, National Center for Education Statistics, digest of education Statistics, 1990.

Os dados sobre os sócios e os programas filiados à ASA foram extraídos dos 'Biographical Directory of Members' dos respectivos anos. As publicações são da associação, com sede em Washington.

(31) Lepenies (1988), p. 41. A Sociedade de Sociologia foi fundada em 1872.

instituições que possibilitem preservar o monopólio do conhecimento e do poder. Toda a produção acadêmica francesa, que influenciou as Ciências Sociais no Brasil, não foi suficiente para consolidar o espaço da disciplina na França. Embora Durkheim tenha feito progressos no sentido de construir uma escola sociológica francesa, no final da Primeira Guerra Mundial ela era representada por 4 cadeiras nas faculdades de Letras (32). De fato, para os padrões europeus da época isto era um feito. Entretanto, a primeira escola de Sociologia (com o nome mais abrangente de Ciências Sociais) só foi ser criada nos anos 60. Nesses 40 anos, a disciplina fez parte do currículo de Filosofia, com o nome de 'Morale et Sociologie'. No mesmo período, o Brasil já possuía 31 cursos de graduação em Ciências Sociais, com um total de 364 docentes. As Ciências Sociais das gerações de Lévi-Strauss, Aron, Foucault, Althusser, Poulantzas, e muitos outros intelectuais franceses brigaram também por um campo científico no sentido mais estrito, um espaço institucional consolidado no campus universitário.

Bourdieu (1991), Touraine (1990), Desrosières (1991), Heilborn (1991), Wagner (1991), todos apontam as debilidades institucionais e a posição marginal da Sociologia, na estrutura universitária francesa até quase 1960. Do ponto de vista da criação de um campo profissional para a Sociologia, independente de outras disciplinas clássicas, a França esperou até os anos 80. Atribui-se ao período de consolidação do trabalho de Bourdieu, o momento em que a Sociologia pode se ver como profissão e como uma disciplina científica com corpo próprio, separado da Filosofia, da Antropologia, da Ciência Política, da História.

(32) Essas informações foram extraídas de Heilbron, Johan - "The tripartite division of french social science: a long term perspective" in Discourses on society: the shaping of the social science disciplines, (eds.) Peter Wagner, Bjorn Wittrock e Richard Whitley, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht/Holanda, 1991.

Segundo dados fornecidos por Bourdieu, em 1950 a França tinha 200 sociólogos e em 1978 "eles haviam saltado para 1.000. A *Association Professionnelle des Sociologues*, que usa uma definição muito ampla de 'profissão', contou recentemente 1.678 sociólogos profissionais no setor público e no privado. (Para ser mais preciso, em 1949, o *Centre National de la Recherche Scientifique* - CNRS - empregou um total de apenas 18 sociólogos; em 1967, eles eram mais de 500, incluindo os 112 no CNRS, os 135 na *École Pratique des Hautes Études*, e os 290 nos centros de pesquisa privados. Este crescimento progrediu durante os anos 80, quando 261 sociólogos trabalhavam para o CNRS)." (33)

Nós veremos os dados sobre o Brasil e os Estados Unidos mais detalhadamente nos capítulos seguintes. Embora a proposta analítica de Bourdieu enfatize o microcosmo do campo científico como autônomo da força dos números, a morfologia da Sociologia na França e nos Estados Unidos ilustra como a abordagem do campo científico e a das profissões encontraram terreno fértil e se desenvolveram nesses respectivos países.

Para analisar os cientistas sociais no Brasil, as especificidades locais precisam ser levadas em conta na escolha do enfoque teórico. O estoque de profissionais de Ciências Sociais considerados aptos para o mercado de trabalho, pelo Serviços de Estatística de Educação e Cultura do MEC, passa da casa dos 40.000 (34). Sob esta perspectiva, as universidades e faculdades brasileiras formaram, nos últimos 25 anos, um contingente capaz de dar sustentáculo institucional e profissional à atividade.

Quanto à construção da autonomia do campo científico, as Ciências Sociais enfrentam as dificuldades impostas pela competição tanto fora do ambiente universitário como dentro

(33) Bourdieu (1991), p. 379-380. Tradução livre da autora.

(34) Miguel, G. P. e Vasconcellos, J. - "Estoque de profissionais do ensino superior, Brasil - 1979/1985, Estudos Estatísticos nº 2, Brasília, SEEC/MEC, (s.d).

dele. Um exemplo desta última situação foi colocada pela reitoria da USP. Sua política administrativa preocupa-se com a redistribuição do número de vagas para os cursos, seguindo a lógica da demanda externa. Se a relação candidato/vaga para as Ciências Sociais está baixa, diminui-se o número de vagas do curso. O argumento da reitoria é o mercado. É a lógica da política sobrepondo-se à autonomia do campo científico.

A combinação dos dois fatores que dão poder às profissões, segundo Collins, também ficam prejudicados nas particularidades do passado e do presente das Ciências Sociais no Brasil. O profissionalismo do mundo da Ciência aqui depara-se também com a intervenção governamental gerando demandas, regulações e recursos.

. As Ciências Sociais no sistema das profissões

Dada as ressalvas apresentadas acima, considero que a forma mais adequada para analisar as Ciências Sociais é inseri-la no sistema profissional. Em vez de enfocá-la com as conotações ideológicas de distinção, vamos ver a relação dessa profissão com as outras e entre seus segmentos internos, a partir dos trabalhos que desempenham. Desta forma, em vez de propor o conflito, ou a teoria do conflito, eu me proponho a captá-lo e a analisá-lo.

Analisar o trabalho no sistema das profissões é um modelo proposto por Abbott (1988). Ele estuda a competição inter e intraprofissional tomando como parâmetro as conquistas e as perdas de jurisdições legais nas áreas sob disputa, focalizadas em seu livro. Mostra, em resumo histórico, como esses embates se desenvolveram em três áreas: 1) nas profissões do universo da Informação, divididas em qualitativas (Biblioteconomia, Jornalismo) e no complexo das quantitativas (Contabilidade, Administração, Engenharia, Economia, Estatística, Marketing, Publicidade, Pesquisa de Opinião, Computação), 2) entre os advogados e

seus competidores e 3) na construção da jurisdição do problema pessoal, com as disputas entre o aconselhamento religioso, a Psiquiatria e a Psicoterapia dos analistas e dos psicólogos. Sua proposta é ver como se deu a divisão do trabalho de nível superior.

A vantagem desta perspectiva é estruturar as profissões como um sistema com sua dinâmica própria, onde o trabalho desempenhado e as disputas pelas atividades dão o perfil da lógica que se desenvolveu, e da configuração a que se chegou. O autor acredita que articulou, na explicação do trabalho superior, aquilo que as visões sobre o profissionalismo conceberam separadamente: como decorrência principalmente de fatores internos ou de externos. Com isto, o dilema construído pelas quatro formas básicas de se analisar as profissões teria uma proposta de solução.

Mas, como a Ciência procura formular seus próprios problemas, as propostas para solucionar uns geram outros. Abbott apresenta uma articulação entre o nível dos segmentos e o nível da competição entre as profissões. Seu modelo é elaborado de forma a ser aplicado em qualquer país industrial não-socialista, em qualquer momento a partir da Revolução Industrial. Esta generalização abre um flanco evidenciado pelas imagens que transmite de historicidade e de interação social.

Um modelo que estabelece a priori o desenrolar dos acontecimentos contradiz: 1) a perspectiva histórica, que atribui relevância aos fatos capazes de mudarem o destino natural previsto pelos esquemas, e 2) a capacidade de mudança resultante dos processos de interação social. Implementar esta proposta analítica sem atentar para esses dois problemas esconde as especificidades nacionais. Acaba se detectando o padrão que se repete sem visualizar o que se diferencia. Isso abre caminho para um processo crítico já conhecido. Aquele que parte de abordagens históricas que procuram mostrar como os modelos sociológicos generalizam

rapidamente suas conclusões, e vêem sua essência questionada pelas evidências coletadas historicamente.

Uma outra fonte de crítica à concepção histórica em Abbott, toma como referencial a sua formação nos métodos quantitativos. Ele extrai daí uma perspectiva de quantificar os eventos e as seqüências de eventos que contam para formação de estruturas ou para a modificação de contextos. Esta visão ajusta-se ao estudo das profissões tomando como base a sua história jurisdicional, mas é incompatível com uma imagem interativa do sistema das profissões. É possível quantificar as conquistas jurisdicionais que levam a consolidação de uma profissão, mas é impossível contar as interações sociais que levaram a isso.

Considero que analisar as Ciências Sociais brasileiras sob a perspectiva do sistema das profissões, abrindo espaço na concepção do modelo, para a historicidade gerada pelas interações sociais estabelecidas no processo local, se configura na abordagem mais adequada ao estudo aqui desenvolvido.

Sem voltar minha atenção para as questões jurisdicionais e centrando meu enfoque nas Ciências Sociais, pretendo recorrer às contribuições introduzidas por Abbott. Considero indispensável focar as Ciências Sociais nas suas relações externas, com o microcosmo das profissões superiores, e nas suas relações internas, com seus segmentos e pares. As contribuições de Freidson sobre a diferenciação no interior da profissão também serão um referencial neste âmbito do estudo.

A análise mais 'microscópica' de como os formados em Ciências Sociais vivem o seu trabalho e o relacionam com a profissão será feita através de depoimentos coletados. Aqui, tomo emprestado a referência teórica do interacionismo simbólico e de seus estudos sobre identidade profissional (35). É dessa abordagem que extrai a idéia do funcionamento

(35) A bibliografia sobre interacionismo simbólico e identidade profissional tomada como referência baseou-se em

da profissão sob a lógica da relação entre palco e platéia. A interação de ambos formando o arcabouço da profissão. O conceito de interação pressupõe diversos agentes e diferentes ações movimentando-se e atuando uns sobre os outros, formando um mundo social. Interação está longe de significar ações conjuntas harmoniosas. Muito pelo contrário, o que mais se destaca na sua lógica interna é como o conflito é parte integrante do sistema da profissão, tanto ao nível interno quanto externo.

Uma outra dimensão que precisa ser levada em conta é a da história específica que resulta dessas interações. As diferenças na morfologia da profissão em cada contexto, quem são seus competidores, de que formas ela se relaciona com outros microcosmos, como o Estado, qual é o desenvolvimento da estrutura universitária, que posição a disciplina ocupa dentro dela e quais os condicionantes de sua origem.

É a articulação dessas três perspectivas: a externa, a interna e a histórica que vai permitir captar, na sua plenitude, a lógica que caracteriza o funcionamento das Ciências Sociais no Brasil. E vai permitir também identificar as semelhanças e as diferenças da experiência nacional com o caso americano.

Vista sob este prisma, uma profissão não pode ser entendida isoladamente. Diagnósticos que identificam crise nas Ciências Sociais, olhando-a fora de seu contexto e de seu desenvolvimento histórico já partem de uma premissa equivocada. Embora esta seja uma questão que mobiliza os cientistas sociais, sua análise científica não pode ficar restrita a necessidades de caráter mais político e imediato.

A proposta deste trabalho é, através da análise sociológica, contribuir para a compreensão da forma como as Ciências Sociais se movimentam no sistema das profissões. Para isto, é imperativo abdicarmos dos rótulos sobre a

Howard Becker, Anselm Strauss e Herbert Blumer. As referências completas estão detalhadas na bibliografia da tese.

situação presente da profissão e de prognósticos sobre o seu futuro. Nossas conclusões não podem anteceder ao esforço de conhecer através da pesquisa científica. O processo investigativo é indispensável para a compreensão deste fenômeno. Ele não se reduz à confirmação das expectativas e das hipóteses tomadas como ponto de partida. Pesquisar faz diferença no resultado final do trabalho intelectual. Ela gera conhecimento novo, que não se possuía antes de sua realização. Se, no decorrer da tese, obtivermos sucesso nesta tarefa, poderemos extrair disto conclusões que fujam ao tradicional esquema de atribuir às crises econômicas ou a algum grupo profissional, poderes 'mágicos' sobre um sistema muito mais complexo.

3) O MERCADO DE TRABALHO DOS CIENTISTAS SOCIAIS

O ponto de partida da minha investigação é as atividades profissionais dos formados em Ciências Sociais. Sabendo que trabalhos eles executam de posse do título de graduação, poderemos analisar como eles chegaram a essa posição no mercado de trabalho, o que eles conquistaram e o que perderam.

De início eu queria focar a situação da profissão no Brasil. Reuni dados sobre os titulados em Ciências Sociais em todo o país, bem como informações sobre o estoque de profissionais aptos ao mercado de trabalho. Entretanto, uma profissão não é feita só desses números que repousam nas páginas das publicações oficiais. Ela se desempenha num mercado, que muitas vezes parece turbulento e confuso.

Geralmente, as profissões contam com estruturas de representação dos interesses de seus membros. Elas possuem sindicatos ou associações da categoria. Estas entidades conseguem acompanhar mais de perto o dia-a-dia da profissão no mercado, tornando-o menos desconhecido. As associações possuem uma visão da situação ocupacional de sua clientela, e extraem daí suas políticas de ação.

Para as Ciências Sociais estas informações não estavam organizadamente disponíveis. Uma estrutura nacional de representação da categoria ainda estava em vias de ser criada, quando iniciei meu trabalho de campo, em 1990 (36). De todos os dados sobre filiação às Associações Estaduais de Sociólogos que reuni, considero que apenas os de São Paulo tem a amplitude necessária a um estudo sobre mercado de trabalho e diferenciação ocupacional (37).

(36) Hoje já existe uma Federação dos Sociólogos, sediada no Pará.

(37) Consegui coletar os dados sobre os filiados à APSE RJ - Associação Profissional dos Sociólogos do Estado do Rio de Janeiro. O número total de filiados à época da coleta (1990) era de 140 casos válidos, quantidade que considerei pouco representativa da categoria no Rio de Janeiro. Decidi apresentar as tabelas com os cruzamentos desta amostra, como

Assim, vi meu escopo nacional reduzido ao mercado paulista. Esses, em si, são dados significativos sobre a situação profissional, o mercado de trabalho e as estruturas de representação dos cientistas sociais no Brasil. Tal quadro favorece a aparência de que impera o caos no universo da profissão no país. Um primeiro olhar para o conjunto dos sócios da ASESP fortalece esse senso comum entre os sociólogos. A diversidade de ocupações em outras áreas e a quantidade de sócios sem emprego chamam atenção. Os dados apresentados a seguir, tem por objetivo detalhar o perfil que provoca tal diagnóstico negativo. Entretanto, ao analisá-lo, começa a buscar a lógica e o sentido que dão transparência à forma como as Ciências Sociais se inserem no mundo profissional.

Dispomos de duas fontes diferentes de dados sobre a posição que os sociólogos ocupavam no mercado de trabalho, quando da época da coleta dos dados. Uma delas é a da ASESP, com 1988 filiados (38). A outra é a da SBPM - Sociedade Brasileira de Pesquisa de Mercado, com 456 sócios (39). A utilização dessas duas fontes formam um quadro ocupacional bastante diversificado.

Qual o perfil dos membros da Associação? Onde estudaram? Qual a composição da amostra por gênero e faixa etária? Onde trabalhavam à época em que se filiaram à ASESP? Que atividade desempenhavam? Tais dados dão contorno ao contingente profissional das Ciências Sociais e a situação deles no mercado de trabalho.

um anexo da tese, mas excluí as informações da análise. Não dispus dos recursos necessários para coletar dados em outras regiões do país.

(38) A Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo contava com 1988 fichas de filiados em 1990. Os dados analisados nesta tese foram extraídos dessas fichas.

(39) A Sociedade Brasileira de Pesquisa de Mercado cedeu os dados que ela havia processado anteriormente. O universo amostral é composto de 456 sócios pagantes, embora o total de filiados fosse de 700, em 1990.

. A ASESP - Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo

A distribuição por sexo dos filiados da ASESP configura a categoria um perfil amplamente feminino, com 67.7% de mulheres contra 32.3% de homens, dados próximos aos obtidos para o contingente total de titulados em Ciências Sociais. A faixa etária que concentrava a maioria dos filiados era a de 35 a 44 anos, com 51.7% da amostra, sendo que o primeiro quinquênio apresenta uma incidência maior que o segundo (Gráfico I).

A associação não tem conseguido atrair tantos filiados como fizera na década de 70 e primeira metade da década de 80. Como veremos adiante, esta queda na motivação associativa não é uma característica exclusiva nem dos sociólogos nem do Brasil. Além disso, aumentou a concorrência por sócios, com a criação de novas entidades. O Sindicato dos Sociólogos, por exemplo, que funciona no mesmo prédio, foi fundado em 1986. Em 1990, ele contava com 797 membros, dos quais 268 eram filiados a ambas as organizações e 429 só faziam parte do quadro do sindicato (40). A filiação dupla pressupõe duplo pagamento.

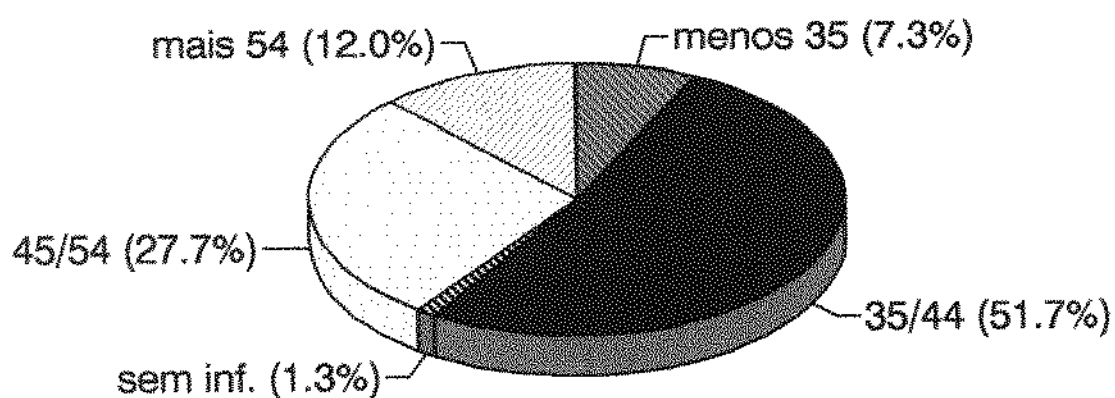
A quantidade de sociólogos membros da ASESP que não nasceram na cidade de São Paulo é de pelo menos 56.0% da amostra, incluídos aí os que nasceram no interior do estado, os que vieram de outros estados, os que são estrangeiros e os que se naturalizaram brasileiros (41).

(40) Por falta de recursos não pude coletar os dados dos filiados ao Sindicato dos Sociólogos do Estado de São Paulo. Embora a entidade seja mais recente, contando com dados mais atualizados sobre seus membros, a quantidade total de sócios era bem menor do que aquela reunida pela ASESP. Minha opção foi analisar a entidade que reunia o maior contingente de formados em ciências sociais.

(41) As informações disponíveis nas fichas não permite afirmar o total de migrantes. Sabemos que é, pelo menos, de 56%. Nascidos na capital de São Paulo têm-se 12.3% e nascidos em São Paulo, mas sem podermos especificar se na capital ou no interior temos 21.8% dos filiados. Sobre 9.3% da amostra só sabemos que nasceram no Brasil e para 0.6% não temos nenhuma informação sobre sua origem.

GRAFICO I

FAIXA ETARIA DOS SOCIOS DA ASESP, 1990



A mobilidade geográfica para esta amostra é significativamente maior do que a que conseguimos obter para a dos associados no Rio de Janeiro. Vindo do Norte/Nordeste há 129 sócios (6.5%), do Rio de Janeiro e Minas Gerais há 141 casos (7.1%), dos demais estados temos 98 filiados (5.0%) e nascidos no exterior encontramos 105 (5.3%). A parcela de associados que nasceu no interior de São Paulo é de 639 sociólogos (32.2%).

Quanto às faculdades frequentadas pelos membros da ASESP, estabelecemos a seguinte classificação: 1) universidades estaduais de São Paulo (USP, UNICAMP e UNESP), com 40.2% da amostra; 2) PUC-SP, FESP, PUCAMP e universidades católicas de outros estados, com 35.0% ; 3) faculdades municipais oficiais, com 5.6%; 4) todas as universidades federais e as universidades estaduais de outros estados, com 4.5%; 5) demais faculdades e universidades privadas, com 12.1%; 6) graduação no exterior, com 1.1% e 7) formação universitária fora da área de Ciências Sociais, com 1.2%.

Excluindo os que não se titularam em Ciências Sociais, os que estudaram no exterior e os sem-informação, temos uma distribuição entre o ensino superior público e o privado da seguinte ordem: 52% dos membros da ASESP frequentaram faculdades públicas contra 48% nas escolas particulares.

A geração que concluiu o curso na década de 70 compõe a ampla maioria da ASESP (58.5%), sendo que o primeiro quinquênio tem uma incidência superior ao do segundo (35.9% a 22.6%) (Gráfico III). O refluxo nos índices de filiação dos novos contingentes de formados é evidente. A ASESP, que foi criada em 1970, atraiu prioritariamente os sociólogos que se formaram entre 1971 e 1975, mesmo que estes tenham se filiado em períodos posteriores (Gráfico II). Cerca de 23% da amostra ingressou na ASESP logo após sua formatura, demorando no máximo até um ano entre a conclusão do curso e a filiação. Os formados que levaram de 2 a 5 anos para se

GRAFICO II PERIODO DE INGRESSO NA ASESP

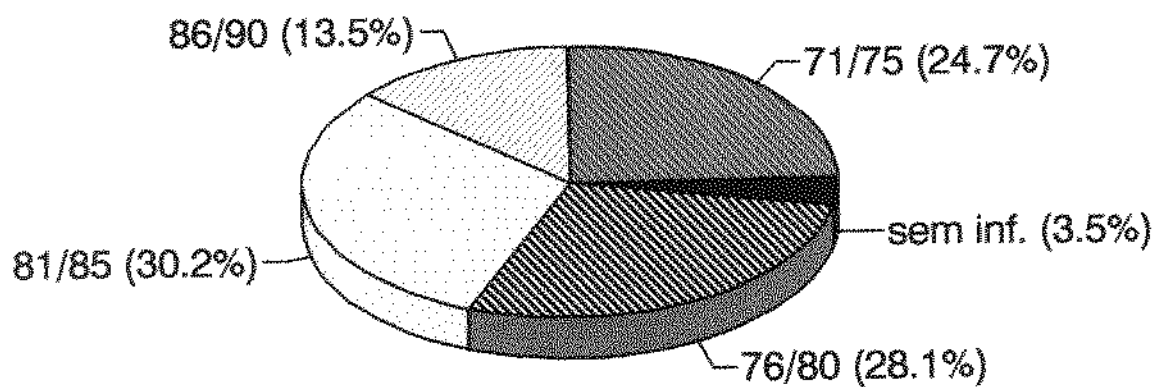
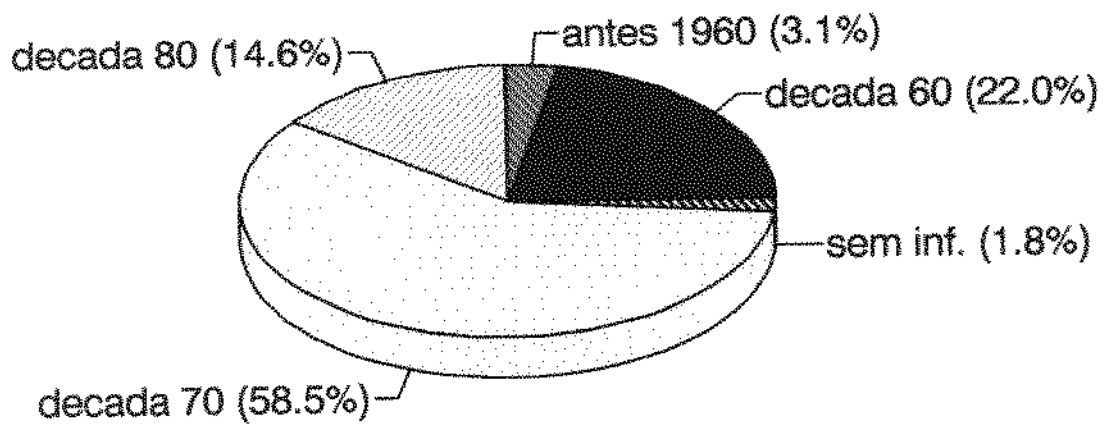


GRAFICO III

EPOCA DE FORMATURA DOS SOCIOS DA ASESP



filiar são 35.3% do total e os que esperaram pelo menos 6 anos entre a titulação e a associação são 33.4%.

O período de auge associativo coincidiu com o momento de expansão do sistema universitário, quando as contratações para o corpo docente estavam a pleno vapor. Foi também um momento de expansão das áreas de atuação profissional no mercado de trabalho, impulsionada pelo milagre econômico brasileiro. O impacto das mudanças comportamentais no final dos anos 60 encontrou um campo fértil de exercício profissional, e de valorização do conhecimento especializado das Ciências Sociais. A estratégia de atuação da categoria no mercado reflete a sua opção pelos mecanismos de associação e aliança. As poucas áreas que os sociólogos ocupavam e o pequeno contingente profissional até então, inviabilizavam estratégias voltadas para reivindicar o domínio de mercados e tentar conquistar monopólios de atuação (42).

No que se refere à atividade ocupacional, a distribuição dos membros da ASESP foi classificada segundo três critérios: 1) o setor de atividade, 2) o ramo/classe de atividade e 3) a ocupação. Dada a diversidade de denominações utilizadas pelos filiados da ASESP ao declararem suas ocupações, estabeleci 27 sub-grupos ocupacionais. Esta classificação tomou como base a estrutura da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) (43). Na classificação dos ramos e classes de atividades estabeleci 36 sub-grupos (44).

(42) A Federação e os Sindicatos dos Jornalistas obtiveram uma vitória legal, com essa estratégia de domínio e controle de mercado. Conseguiram incluir na Constituição a obrigatoriedade do diploma de jornalista para o desempenho profissional.

(43) Essa classificação das ocupações foi extraída da RAIS (Relações Anuais de Informações Salariais) e é adotada pelo IBGE.

(44) Para a estrutura dos ramos e classes de estabelecimentos baseamo-nos no critério adotado pelo IBGE. Assim, não foram classificados nos sub-grupos da administração pública os estabelecimentos dos seguintes

TABELA I
DISTRIBUIÇÃO DOS MEMBROS DA ASESP SEGUNDO OS RAMOS/CLASSES DE ATIVIDADES E O SEXO (N=1988)

RAMOS/CLASSES	% TOTAL	% FEM.	% MASC.
Estabelecimentos de ensino superior	15.7%	13.8%	19.7%
Escolas de 1º e 2º grau	9.6%	9.6%	9.4%
Administração estadual direta (governo e secretarias)	8.0%	9.4%	5.2%
Administração municipal direta (prefeitura e secretarias)	6.2%	7.9%	2.8%
Administração estadual indireta (empresas, autarquias e fundações)	4.7%	5.0%	4.1%
Indústrias de construção, transformação e extração	4.8%	4.0%	6.4%
Assistência/beneficiência comunitária e social (Sesc, Sesi, etc.)	3.9%	2.9%	6.1%
Instituições científicas e tecnológicas	3.8%	3.4%	4.5%
Bancos/instituições de crédito/seguro/capitalização	2.7%	2.2%	3.6%
Empresas publicidade/propaganda/pesquisa de mercado	2.6%	2.6%	2.5%
Administração federal indireta	2.3%	1.9%	2.8%
Imprensa/rádio/TV/difusão bibliog./editora/gráfica	2.1%	2.1%	3.7%
Previdência social (Inps, Iapas, etc)	2.1%	2.6%	0.9%
Serviços industriais de utilidade pública	2.1%	1.7%	3.0%
Administração municipal indireta	2.0%	1.8%	2.3%
Serviços técnicos-profissionais de assessoria/ consultoria/pesquisa/análise/proces. de dados	1.5%	1.5%	1.4%
Servs. técnicos-profissionais de engenharia/arquit.	1.0%	0.9%	1.3%
Comércio	0.9%	0.9%	0.8%
Serviços administr. de imóveis/valores mobiliários e locação de mão-de-obra	0.9%	0.9%	0.8%
Serviços de transporte	0.8%	0.7%	0.9%
Sindicatos e associações de classe	0.8%	0.9%	0.7%
Estabelecimentos de serviços médicos, odontológicos e psicológicos	0.7%	0.7%	0.8%
Poder Legislativo	0.6%	0.4%	0.9%
Poder Judiciário	0.5%	0.3%	0.8%
Instituições filosóficas/culturais e organizações cívicas e políticas	0.4%	0.4%	0.2%
Correios/telegrafos/telecomunicações	0.3%	0.3%	0.3%
Estabelecimentos de ensino complementar (línguas, pré-escola)	0.3%	0.3%	-
Administração federal direta	0.3%	0.1%	0.6%
Estab. serviços de tradução/reprodução/documentação	0.2%	0.2%	-
Estab. serviços de decoração/pintura/escultura	0.2%	0.2%	0.2%
Cinema, teatro, diversões e espetáculos	0.2%	-	0.2%
Estab. serviços de contabilidade e auditoria	0.1%	0.1%	-
Estabelecimentos de serviços jurídicos	0.1%	0.1%	-
Prestação de serviços pessoais/domiciliares/ de reparação e conservação	0.1%	0.1%	0.2%
Organiz. internac. e representações estrangeiras	0.1%	-	0.2%
Defesa nacional e segurança pública	0.1%	-	0.2%
Sem atividade	17.4%	19.9%	12.2%
TOTAL	100.0%	100.0%	100.0%

TABELA II

DISTRIBUIÇÃO DOS MEMBROS DA ASESP SEGUNDO OS SUB-GRUPOS OCUPACIONAIS E O SEXO (N=1988)

OCUPAÇÃO	% TOTAL	% FEM.	% MASC.
Professor universitário	13.3%	10.9%	18.4%
Professor de 1º e 2º graus	9.6%	9.8%	9.1%
Sociólogos (sem especificação)	7.0%	9.0%	3.0%
Assistentes, analistas e técnicos	5.7%	6.8%	3.3%
Pesquisadores acadêmicos e pós-graduandos	3.0%	3.1%	2.7%
Funções burocráticas e de escritório	3.0%	3.4%	2.3%
Chefia intermediárias nas atividades técnicas de c. sociais (consultores, supervisores, etc.)	2.1%	1.9%	2.5%
Funções de contadores, economistas e técnicos de Administração (analista de O&M, de RH)	1.8%	1.5%	2.5%
Ocupaç. auxiliares das c. sociais, estatística e análise de sistema (codificador, estagiário)	1.7%	2.0%	0.8%
Funções de assistentes sociais e pedagogos (educadora social, educ. de saúde pública)	1.6%	1.9%	0.8%
Administradores/diretores/gerentes nas empresas	1.4%	0.8%	2.5%
Deputado/diretores/chefes superiores/assessores de políticos e de diretoria na admin. pública	1.3%	0.8%	2.3%
Chefes intermediários e encarregados de seção de serviços administrativos	0.9%	0.4%	1.9%
Escritores/jornalistas/assistentes editoriais/ assessores de imprensa/produtores	0.7%	0.4%	1.1%
Treinadores e instrutores	0.5%	0.2%	1.1%
Funções de matemático, estatístico e analista de sistema	0.4%	0.4%	0.3%
Funções de publicitário/relações públicas/ assistente de marketing/planejador de mídia	0.4%	0.4%	0.3%
Advogado/procurador/promotor	0.2%	0.1%	0.4%
Escrivães, oficiais de justiça e escreventes	0.1%	0.1%	-
Free-lancer/tradutor autônomo/prof. liberal	0.2%	0.2%	0.2%
Funções de agrônomos e afins (técnico em cooperativismo/assist. planej. agro-pecuário)	0.2%	0.1%	0.2%
Empregadores	0.1%	-	0.2%
Artistas, ocupações afins e auxiliares (operador de vídeo)	0.1%	0.1%	-
Ocupações da indústria de transformação (operador industrial)	0.1%	-	0.2%
Vendedores e representantes comerciais	0.1%	-	0.3%
Ocup. da defesa nacional e segurança pública (segundo-sargento, oficial)	0.1%	-	0.2%
Sem ocupação	15.0%	17.6%	9.5%
Com ocupação, mas sem informação sobre função *	29.5%	27.9%	34.1%
TOTAL	100.0%	100.0%	100.0%

* Um dos modelos de ficha de filiação da ASESP não perguntava a ocupação do filiado, embora pedisse o local onde trabalhava. Estes filiados foram agrupados nesta categoria.

Esse levantamento demonstra que o setor público é o maior empregador dos cientistas sociais no Brasil (Gráfico IV). Embora o ramo que reúna a maior frequência seja o dos estabelecimentos de ensino, com 25.3% dos filiados e as ocupações de maior concentração sejam as de professor universitário (13.3%) e professor de 1ª e 2ª graus (9.6%), é a diversificação que dá o tom na amostra. Como veremos no capítulo 5, até a década de 50, ser professor era a alternativa profissional quase que exclusiva dos formados em Ciências Sociais. Hoje, a maioria deles desempenham atividades fora do universo docente.

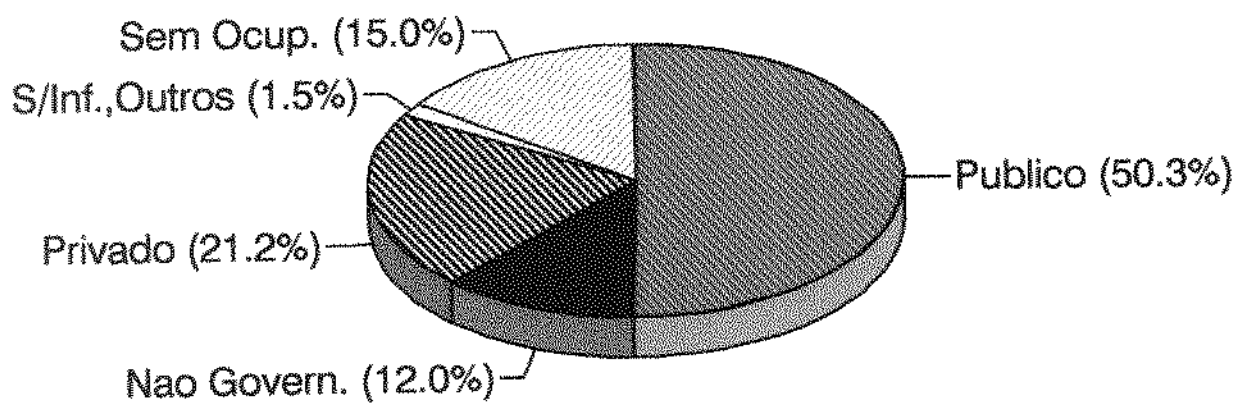
As denominações ocupacionais ilustram dois fenômenos: as tarefas realizadas nas fronteiras e nos campos de outras profissões superiores, e o desempenho de atividades onde o título superior aparece como uma oferta de escolaridade maior do que a função poderia demandar. A maior parte da amostra está distribuída nessas duas categorias. Mas todos possuem alguma identidade como sociólogos. São filiados à associação.

A primeira categoria, a dos profissionais em áreas de fronteira, é mais numerosa do que a segunda. Os filiados da ASESP que trabalham com atividades que geram um desequilíbrio de status entre a titulação e a ocupação não chegam a 7% do total. Já os que disputam posições com outras profissões superiores são, pelo menos, 17%. A situação inversa, onde os sociólogos sofrem a competição de outras profissões, é de quase 20%. A única atividade encontrada na amostra que poderia sofrer menos esse tipo de impacto é a de professor universitário. Nesse grupo há 13.3% dos filiados, mas aí também se registra pessoas que redirecionaram suas carreiras, sendo provenientes de outras formações das

ramos: serviços médicos, serviços industriais de utilidade pública, bancos, previdência social, serviços de transportes e ensino. Para cada um deles há um sub-grupo adequado à sua classificação. Além disso, o IPT - Instituto de Pesquisas Tecnológicas foi classificado no sub-grupo das Instituições científicas / tecnológicas.

GRAFICO IV

SETOR DE ATIVIDADE DOS SOCIOS DA ASESP



Ciências Humanas. Declaradamente sem ocupação havia 15% da amostra (45).

Através do cruzamento dos dados da ASESP obtemos uma visão mais qualificada de quem ocupa que posição no mercado de trabalho. Assim, confirmamos que as mulheres, por serem o maior contingente de filiados (2/3 do total), são 58% do setor não-governamental sem fins lucrativos, 61% do privado, 70% do público e 79% dos que não têm trabalho. A única exceção é para os que estão no exterior, com 67% de homens (46). Entretanto, se analisarmos a distribuição relativa dos gêneros pelos setores, verificamos que os homens têm uma presença superior a das mulheres em todos os setores, excluindo o setor público. Aí estão 51.7% das mulheres e 47.3% dos homens. Eles entram com 26% contra os 19% de mulheres no setor privado e com 15.5% do setor não-governamental sem fins lucrativos contra 10.3. de mulheres. É principalmente sob a 'proteção do Estado' que as mulheres conseguem manter alguma liderança .

Quanto aos ramos e classes de estabelecimento onde as pessoas da amostra trabalham a situação é semelhante. Em números absolutos as mulheres são maioria em quase todos os sub-grupos. Os homens só aparecem na frente nas organizações internacionais e representações estrangeiras, no governo federal direto e na defesa nacional e segurança pública.

Analisando a distribuição relativa dos sexos pelos ramos e classes de estabelecimentos verificamos que a

(45) Agrupados como exercendo atividades geradoras de desequilíbrio de status estão aqueles filiados desempenhando ocupações de auxiliares, aqueles em funções de escritório, os professores de 1ª grau, entre outros. Nas atividades de fronteiras classifiquei aqueles que atuam em ocupações com o nome de outra profissão, como economista, assistente social, geógrafo, matemático, administradores, etc. As áreas das Ciências Sociais que sofrem a competição de outras profissões são as que constituem o núcleo central da área, como sociólogos, técnicos em pesquisa, pesquisadores, pós-graduandos, etc.

(46) Os sócios da ASESP que estavam no exterior foram agrupados como Outros, junto com os Sem Informação. Eles não chegavam a 0.5% do total da amostra.

liderança feminina cai de 32 sub-grupos para 5 sub-grupos, a saber: previdência social, governo estadual direto, governo municipal direto, governo estadual indireto e nos classificados como sem-trabalho (Tabela I).

A liderança masculina se faz presente em 15 sub-grupos: nos serviços industriais de utilidade pública, nas indústrias, nos bancos e instituições de crédito, no sub-grupo de comunicações, nos estabelecimentos de ensino superior, nos serviços técnicos-profissionais de engenharia e arquitetura, no sub-grupo da assistência e beneficiência dos serviços comunitários e sociais, nas instituições científicas e tecnológicas, no poder legislativo, no poder judiciário, no governo federal direto, no governo federal indireto, no governo municipal indireto, nas organizações internacionais e representações estrangeiras, e na defesa nacional e segurança pública.

Se para os tipos de estabelecimentos detectamos um comportamento diferente em relação aos sexos, quando analisamos a distribuição pelas ocupações verificamos que, apesar dos homens serem minoria na amostra (cerca de 1/3), eles conseguem liderar 13 das 28 ocupações listadas. Estas são: a) empregador, b) diretores e chefes superiores na administração pública, c) administradores, diretores e gerentes de empresas, d) chefes intermediários e encarregados de seção de serviços administrativos, e) treinadores e instrutores, f) advogados e procuradores, g) jornalistas, h) ocupações da indústria de transformação, i) vendedores e representantes comerciais e j) ocupações da defesa nacional e segurança pública, l) chefias intermediárias nas Ciências Sociais, m) professores universitários e n) funções de contadores, economistas e técnicos de Administração (Tabela II).

Há, portanto, duas discriminações em relação ao gênero que interagem: a dos estabelecimentos e a da ocupação. Há uma incidência maior de homens em todos os setores não públicos. Eles lideram a distribuição relativa aos sexos nos

ramos e classes de estabelecimentos chaves para um profissionalização nitidamente mais elitista. São maioria absoluta em ocupações bem posicionadas na hierarquia interna da profissão.

Há liderança feminina em 7 ocupações, a saber: a) funções burocráticas e de escritório, b) ocupações auxiliares das Ciências Sociais, c) assistentes, analistas e técnicos em Ciências Sociais, d) sociólogos, e) ocupações semelhantes a de assistentes sociais e pedagogos, f) artistas e as ocupações afins e g) sem-ocupação.

A análise de como as oportunidades de trabalho se diferenciam em função do gênero dá maior transparência à profissão. Não é novidade que há discriminação. Mas o fato dessas desigualdades observadas nos estabelecimentos encontrarem alguma reprodução nas ocupações, evidencia uma discriminação implementada pelo conjunto de seus membros. É como se fizesse parte da profissão, entrosando a situação externa e a interna. A discriminação não é necessariamente uma determinação só do mercado. Ela pode ser vista também como a forma da profissão preservar a atração de algum contingente masculino para seu corpo. A seleção profissional não é feita num mercado em abstrato. Há pares selecionando seus pares. São homens e mulheres escolhendo outros homens e mulheres para o desempenho da profissão. Os professores aprovam seus novos colegas, os chefes de pesquisa recrutam suas equipes, os gerentes selecionam seu pessoal, etc. Nos casos dos administradores da profissão, há situações onde eles são inclusive eleitos, como nas suas entidades representativas.

As diferenças de comportamento em relação ao sexo masculino e feminino tem feito parte do funcionamento interno da profissão no sistema profissional. As Ciências Sociais entram neste circuito com a característica de ser feminina, mas vendendo a imagem de uma seletividade posterior. Afinal, o contingente que se profissionaliza conta com um sobre-representação da participação masculina,

enquanto uma parcela expressiva das mulheres que se titulam não ingressam na disputa pelo mercado. Há quem veja este contingente como um exército de reserva, na proletarização da profissão. As mulheres que entrevistei não se vêem assim. Elas são parte real da lógica de funcionamento das Ciências Sociais. É uma audiência indispensável nas salas de aula, no consumo do que a profissão produz e na sua divulgação.

Aumenta também o contingente apto ao mercado, dando maior poder à profissão nas competições interprofissionais, por recursos, campos de atuação, clientelas e regulamentações.

Outro aspecto qualificador da situação dos profissionais no mercado de trabalho é a análise das diferenças etárias da amostra. Em primeiro lugar, constatamos que o setor público é o principal empregador para todas as faixas etárias (50.5% do total da amostra), seguido do setor privado (21.1%) e do não-governamental sem fins lucrativos (12.0). Há 15% sem-trabalho e para 1.2% não conseguimos classificar o setor.

Em segundo lugar, verificamos que quanto mais jovem é o profissional, maior é o peso relativo que tem entre os sem-trabalho. Para os nascidos até 1945 a dimensão sem-trabalho é a que aglutina o menor percentual de casos. Já para os nascidos entre 1946/1950, sem-trabalho ultrapassa o setor não-governamental sem fins lucrativos ocupando o terceiro lugar na classificação. Para as gerações nascidas a partir de 1956, a categoria sem-emprego passa a ocupar a segunda posição ultrapassando também o setor privado.

Todas as formas associativas que tem objetivos protecionistas favorecem os mais antigos em detrimento dos mais jovens, os que chegaram primeiro em detrimento dos que vieram depois. As entidades profissionais se propõem a desenvolver laços comunitários e de identidade numa perspectiva de defesa da categoria. Pode-se tentar amenizar tal situação de dilema, onde impera a lógica da defesa dos mais antigos, embora com um discurso de incorporação de novas gerações e setores. O fato é que esse conflito é mais

sentido do que é a idéia da representação igualitária da categoria. As dificuldades em difundir o sentimento de categoria unitária residem no fato de ela, como as demais profissões, ser uma categoria não-unitária. Nós podemos responsabilizar a mudança de valores da geração de 60/70 para a de 80/90 por esse comportamento. Mas a questão vai além. Essas estruturas criam dificuldades para os que estão chegando. O mais que elas se apresentem falando em nome de todos, não conseguem representar a todos. Há interesses e identidades diferentes não só entre segmentos, mas também entre gerações.

O aumento na procura pelo Sindicato dos Sociólogos em detrimento da filiação na ASESP, a partir de 1986, reflete isso. É uma nova entidade, com um novo perfil de sociólogo organizando seus próprios interesses. Como mostram os dados abaixo, a mudança no perfil é perceptível também entre as gerações mais novas que se sentiram motivadas a se filiar, tanto ao sindicato quanto à ASESP.

As diferenças nas posições ocupadas por essas gerações podem ser vista através do período de formatura. Ao cruzarmos os ramos e classes de estabelecimentos por período de titulação constatamos que os formados até 1975 lideram os seguintes sub-grupos: a) indústrias, b) comunicações, c) ensino superior, d) publicidade, propaganda e pesquisa de mercado, e) governo estadual direto e f) defesa nacional e segurança pública.

Para os formados a partir de 1976 os estabelecimentos que se expandiram como mercado dos sociólogos são: a) previdência social, b) serviços técnicos-profissionais de engenharia e arquitetura, c) governo federal indireto d) instituições filosóficas e culturais, e) governo estadual indireto, f) governo municipal indireto, f) serviços pessoais, de alimentação, de alojamento e de conservação, h) os serviços de transporte e i) os serviços de administração de bens imóveis e valores mobiliários, . Os sem-trabalho

também crescem a partir daí, atingindo seu ápice entre os formados em 1986/90.

As áreas que configuram o mercado de trabalho mais característico das Ciências Sociais, e que são as mais cobiçadas, concentram as pessoas da geração formada entre 1971/1975. É nesse período também que a ASESP é criada. A comparação desse contingente com os demais revela uma situação profissional extremamente favorável ao preenchimento de posições no campo estrito das Ciências Sociais. No período de 76/80 os profissionais aumentam a disputa por campos de atuação com outras profissões.

A partir de 1981 este processo se intensifica. Para nossa amostra, expandiram-se nesse período os seguintes sub-grupos de estabelecimentos: a) serviços industriais de utilidade pública, b) comércio, c) serviços técnicos-profissionais de assessoria, consultoria, pesquisa, análise e processamento de dados, d) serviços profissionais jurídicos e de contabilidade e auditoria e) assistência e beneficiência nos serviços comunitários e sociais, f) sindicatos e associações de classe, g) instituições científicas e tecnológicas e h) governo municipal direto.

Para o último período (86/90) além desta disputa por mercados diferentes, há um aumento da liderança nos sub-grupos menos privilegiados da hierarquia profissional. Tais posições são: a) os sem-emprego, b) os serviços médicos-odontológicos e psicológicos, c) organizações internacionais e representações estrangeiras, d) os bancos e as instituições de crédito, e) os professores de 1º e 2º graus, f) os professores de outros estabelecimentos ensino paralelo, g) os serviços de pintura, desenho e decoração e h) o poder judiciário.

Os estabelecimentos de ensino superior partem de uma posição onde aglutinam a maioria dos formados até 1965, e vão decaindo paulatinamente com o passar dos anos. Para o período de 71/75 eles já são ultrapassados pelo contingente

classificado como sem-trabalho, que segue crescendo até 1990.

Se ingressar nos estabelecimentos de ensino universitário era o caminho natural da profissionalização para as gerações de formados até 1970, a partir daí esta perspectiva foi se tornando cada vez mais distante. A diversificação do mercado de trabalho coincidiu com a necessidade de se buscar novas ocupações.

Procurando detectar a existência de relação entre o tipo de curso frequentado pelo associado e a posição no mercado de trabalho, procedemos o cruzamento dessas variáveis. Os egressos dos cursos de Ciências Sociais da PUC-SP, FESP e PUCCAMP e das demais faculdades particulares lideram o setor privado e os sem-trabalho. Os sócios que não cursaram as Ciências Sociais têm uma alta concentração no setor não-governamental sem fins lucrativos. Os formados na USP, UNICAMP E UNESP e os que estavam no exterior trabalham principalmente no setor público.

As ocupações que são lideradas pelos formados na USP, UNESP e UNICAMP e pelas universidades federais são: a) diretores, chefes superiores, assessores de diretoria na administração pública, b) professores universitários, c) jornalistas e escritores, d) pesquisadores e pós-graduandos. As ocupações de analista, assistentes e técnicos em Ciências Sociais, as de agrônomos e afins e as de assistentes sociais apresentam maior concentração apenas para USP, UNESP e UNICAMP.

Há liderança da PUC-SP, FESP, PUCCAMP nos seguintes sub-grupos: a) diretores, administradores e gerentes, b) chefes intermediários nos serviços administrativos, c) chefias intermediárias nas Ciências Sociais, d) sociólogos, e) treinadores e instrutores, f) advogados e procuradores, g) publicitários e relações públicas, e h) sem-ocupação.

Vê-se que nas ocupações ligadas à atividade docente ou acadêmica predominam os formados na USP, UNESP e UNICAMP e nas universidades federais. Nas ocupações ligadas à

atividade de gestão no setor privado sobressaem o contingente de formados pela PUC-SP, FESP, PUCCAMP. As demais faculdades privadas e as faculdades municipais apresentam liderança apenas em ocupações classificadas nas posições inferiores na hierarquia da área.

Considerando que todos os associados filiaram-se à ASESP entre 1971/1990, podemos ter uma noção da mudança no perfil ocupacional da amostra ao longo dessas duas décadas. O cruzamento da ocupação pelos períodos de filiação revelam que apenas os professores de 1º e 2º grau expandiram-se constantemente entre 71/75 e 86/90. A motivação para se associar tem sido crescente nesta ocupação. Para as ocupações de professor universitário, sociólogo, jornalista, agrônomo e publicitário/relações públicas o movimento detectado é o inverso. Registra-se um declínio constante na filiação desses profissionais entre 71/75 e 86/90.

As ocupações que apresentam crescimento na década de 70 (71/75 e 76/80) e começam a declinar no primeiro período da década de 80 (81/85) são a maioria (11 casos), a saber: a) diretores e chefes superiores na administração pública, b) administradores e gerentes nas empresas, c) funções burocráticas e de escritório, d) técnicos em Administração e contadores, e) assistentes sociais e pedagogos, f) chefias intermediárias nas Ciências Sociais, g) analistas de sistema e estatísticos, h) pesquisadores e pós-graduandos, i) assistentes, analistas e técnicos em Ciências Sociais, j) ocupações auxiliares das Ciências Sociais e l) advogados e procuradores. Os sem-ocupação só declinam no período 86/90.

Portanto, se na década de 70, quando a associação foi criada, houve motivação para filiação de sociólogos que desempenhavam as mais diversas ocupações, na década de 80 este fenômeno é nitidamente mais acentuado entre os que estavam como professor do 1º e 2º grau. Isto configura uma mudança no perfil da ASESP para o período mais recente, que, não necessariamente, corresponde a mesma situação encontrada no mercado de trabalho. O magistério tem um perfil

profissional claramente definido, com um contingente ainda mais feminizado do que o dos sociólogos. A maioria dos filiados da ASESP que atuam no magistério são do sexo masculino, o que pode indicar uma opção que os distingue da atividade mais feminina.

Ao analisarmos o mercado de trabalho segundo os setores de atividade, os tipos de estabelecimento e as ocupações desempenhadas pela amostra visualizamos a situação desse mercado de uma maneira mais global. Há diferenças na estrutura de cada um dos setores de atividade, embora os professores universitários em estabelecimento de ensino superior ocupem sempre a primeira posição na distribuição interna a todos os setores.

No setor não-governamental sem fins lucrativos, o cruzamento das variáveis 'tipo de estabelecimento' x 'ocupação' apresenta a seguinte estrutura:

Posição	Tipo de Estabelecimento	Ocupação
1º	Ensino superior	Prof. univers.
2º	Assist./beneficência	Sem informação
3º	Inst. científicas	Pesquisador/pós-grad.
4º	Inst. científicas	Sem informação
5º	Assist./beneficência	Assist./analista C.S.
6º	Sindic./associações	Sem informação
7º	Asses./consult./pesq.	Sem informação
8º	Assist./beneficência	Assist. soc./pedagogo
9º	Assist./beneficência	Chefias interm. C.S.
10º	Assist./beneficência	Funções burocráticas

Para o setor privado a estrutura encontrada foi:

Posição	Tipo de Estabelecimento	Ocupação
1º	Ensino superior	Prof. univers.
2º	Ensino 1º 2º grau	Prof. 1º 2º grau
3º	Indústrias	Sem informação
4º	Comunicações	Sem informação
5º	Pesq.merc./publicid.	Sem informação
6º	Pesq.merc./publicid.	Assist./analista C.S.
7º	Indústrias	Funções burocráticas
8º	Indústrias	Tec. adm./contador
9º	Indústrias	Assist./analista C.S.
9º	Comércio	Sem informação
9º	Bancos/inst.cred.	Sem informação

Já para o setor público a distribuição encontrada foi:

Posição	Tipo de Estabelecimento	Ocupação
1º	Ensino superior	Prof. univers.
1º	Ensino 1º 2º grau	Prof. 1º 2º grau
3º	Gov. munic. direto	Sem informação
4º	Gov. est. direto	Sem informação
5º	Gov. est. indir.	Sem informação
6º	Gov. est. direto	Sociólogo
7º	Ensino superior	Sem informação
8º	Gov. fed. indir.	Sem informação
9º	Gov. munic. direto	Sociólogo
10º	Gov. est. direto	Assist./analista C.S.
10º	Gov. est. indir.	Assist./analista C.S.

Embora tenhamos uma elevada incidência de falta de informação sobre a ocupação da amostra, verificamos que no setor público o desempenho das atividades afetas diretamente às Ciências Sociais são em número maior do que no setor privado e no não-governamental sem fins lucrativos. As funções burocráticas e de escritório que aparecem entre as dez primeiras ocupações nestes dois últimos setores representam uma oferta de qualificação maior do que a atividade demanda.

Como veremos nos depoimentos, a escola onde essas pessoas estudaram, bem como as etapas ultrapassadas na formação acadêmica tem um papel de destaque nos sentimentos que elas têm em relação à posição que ocupam. As reações de insatisfação são maiores quando há um desequilíbrio entre os investimentos na formação e o retorno profissional. Os que mais investiram e obtiveram menos do que se sentiam no direito de receber são os que apresentam mais alto desequilíbrio de status, e maior descontentamento. Os que investiram menos são menos insatisfeitos. Isto significa que o fato de se ocupar posições burocráticas ou de escritório não é, em si, gerador de tensão para um formado em Ciências Sociais, com baixo investimento nessa escolarização. Muito pelo contrário, há casos em que se seleciona o curso e a

escola por se identificar num ou noutra a possibilidade de se conseguir um título superior, com um custo mais baixo.

As ocupações de assistente social/pedagogo e as de técnico em administração/economista/contador refletem o grau em que os sociólogos competem ativamente com atividades afetas a outras profissões. Eles ingressam nessas áreas recortando o trabalho pelo enfoque da profissão de sociólogo, e disputam a função atribuindo-a uma conotação sociológica. Se, em maior ou menor grau, essas profissões 'vizinhas' não possuem o controle e o monopólio do mercado, a visão sociológica conquista uma entrada e uma forma de olhar a atividade que acaba se incorporando ao seu universo profissional. Não se trata apenas de fazer o trabalho de outra profissão, mas de trazer a atividade para o campo da Sociologia. É essa a característica da disputa. Ou se tem força para monopolizá-la, como é o caso da Medicina, ou se tenta evitar que outros conquistem este domínio, na lei ou, pelo menos, na prática.

Se encontramos sociólogos exercendo atividades relacionadas a outras profissões superiores, temos também a situação inversa. Registramos na nossa amostra 23 informantes (1.2%) que não possuem o curso de Ciências Sociais e atuam nessa área do mercado de trabalho. Estes apresentam-se distribuídos pelas ocupações de professor universitário, de treinador e instrutor, e de autônomo/free-lancer. Para a maioria deles não dispomos de informação sobre ocupação.

Conforme foi sugerido acima, o surgimento de novas entidades que agregam sociólogos em função de sua especialização no mercado de trabalho apontam para a necessidade de defender interesses diversificados e competitivos. Uma dessas entidades é a Sociedade Brasileira de Pesquisa de Mercado.

. A SBPM - Sociedade Brasileira de Pesquisa de Mercado

A SBPM foi fundada em 1981 e, em 1990, reunia cerca de 700 profissionais que atuavam há, pelo menos, 2 anos na área de pesquisa de mercado. Não fazem parte desta associação as pessoas que exercem a função de entrevistador. Essa atividade é vista pela diretoria da entidade como de passagem, feita pelos jovens em fase de formação.

Na SBPM, a questão da defesa dos interesses dos mais antigos é muito mais evidente ainda do que na ASESP. Além de ser preciso comprovar dois anos de experiência para se candidatar a sócio, em processos eleitorais internos já se organizaram chapas dos jovens contra os antigos. Os depoimentos que coletamos com pesquisadores de mercado registram essa tensão. Ao mesmo tempo que as gerações mais jovens se organizam e competem para conquistar a direção da entidade, as gerações que a fundaram desenvolvem estratégias para preservar seu controle e conter as disputas.

Em 1989, a SBPM realizou uma pesquisa com o objetivo de traçar o perfil de seus filiados. Foram coletados dados sobre 456 sócios que compõem a parcela pagante da associação. Os resultados indicam que os formados em Ciências Sociais constituem o valor modal dos profissionais membros da entidade, com 27% (Gráfico VI), com uma predominância para o sexo feminino (35% a 16%).

O total da amostra (456 casos) divide-se em 58% de mulheres e 42% de homens. A faixa etária com maior concentração é a de 31 a 40 anos, com 47% dos sócios (Gráfico V). Entretanto, a maior parte dos formados em Ciências Sociais tem mais de 40 anos, situação que se inverte para os formados nos cursos criados mais recentemente (Propaganda e Marketing, Comunicações).

Quanto ao número de anos que trabalha na área, 60% dos respondentes declararam estar na atividade há mais de 10 anos. Os institutos de pesquisa de mercado são as empresas que reúnem maior número de respondentes, com 41% (Gráfico

GRAFICO V

FAIXA ETARIA DOS SOCIOS DA SBPM

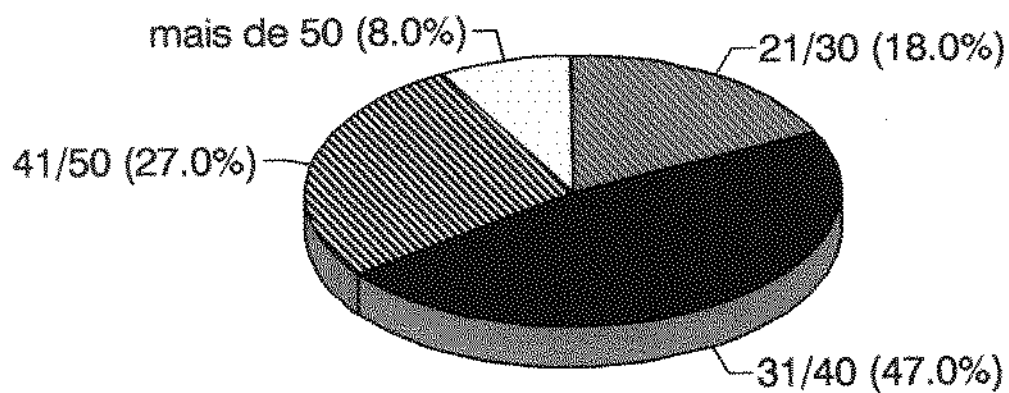
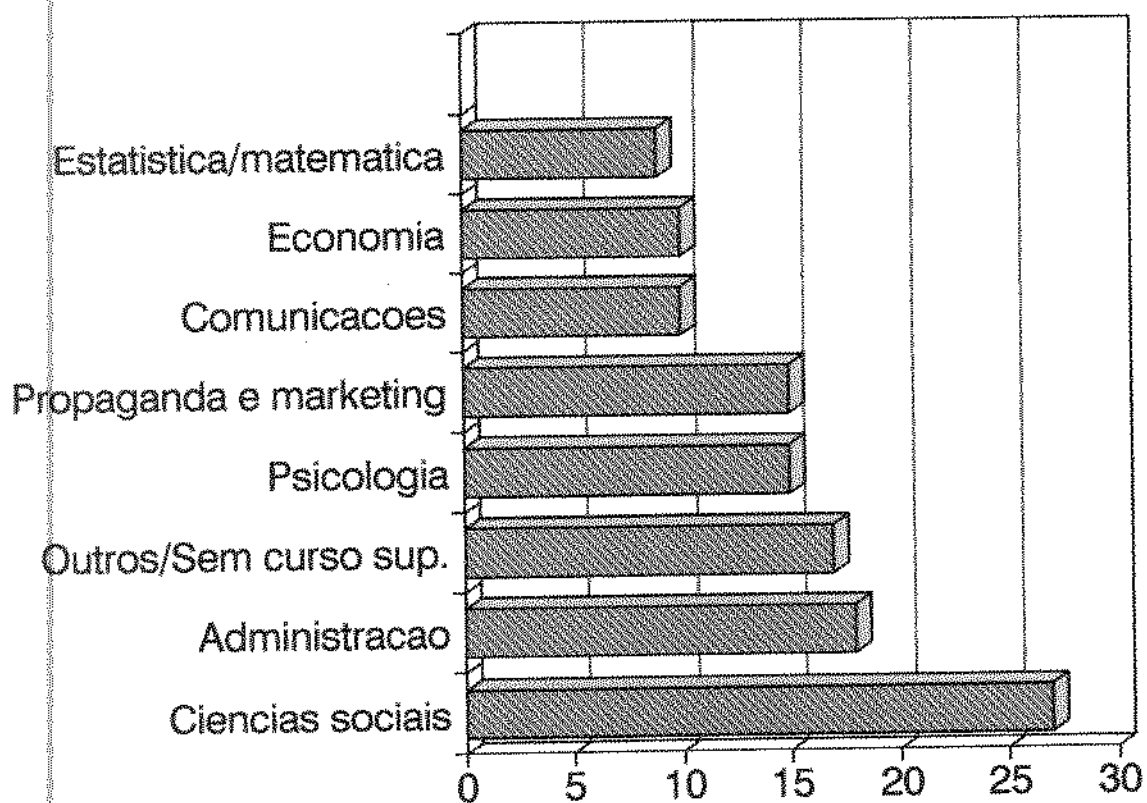


GRAFICO VI

CURSO SUPERIOR DOS SOCIOS DA SBPM



VII). As principais áreas de atuação são planejamento (55%) e análise (43%) (Gráfico VIII) (47).

Quanto ao cargo ou função, a SBPM é composta na sua maioria por sócios/diretores e gerentes de empresas (27% para cada um dos dois grupos (Gráfico IX). Isto configura à associação um perfil de elite dentro da atividade, com 54% dos seus filiados em posições consideradas de alto escalão.

A área de pesquisa de mercado ilustra a competição intra e interprofissional. São os cientistas sociais que mais contribuem com profissionais para os quadros da SBPM. Este segmento da profissão participou da organização desta entidade, por identificar nela, uma forma mais adequada de ver seus interesses representados. Após a criação da SBPM a procura pela filiação à ASESP por parte desse segmento declinou. No âmbito da competição intraprofissional, esta geração de pesquisadores construiu seu canal organizacional.

Através da associação com profissionais de outras formações universitárias, a SBPM procura configurar um mercado seu, com um perfil de atividades que lhe seria inerente. Da mesma forma, essas atividades são recortadas diferenciadamente, em função do conhecimento especializado de cada uma dessas profissões superiores. Estatísticos, psicólogos, sociólogos, vão redesenhar a atividade imprimindo-lhe a ótica da sua formação. Disputam espaços e maneiras de focar o objeto conquistando, na prática, um mercado de trabalho. Aliam-se entre si, contra competidores de outros segmentos que atuam, por exemplo, na criação das peças publicitárias ou na promoção de vendas. Aqui a estratégia é de reforçar a importância da pesquisa para o sucesso da propaganda. Na realização cotidiana do trabalho, vivencia-se a competição intra e interprofissional que estrutura o sistema abstrato das profissões.

(47) Alguns desses gráficos apresentam uma soma superior a 100% em função das alternativas se sobreporem.

GRAFICO VII

LOCAL DE TRABALHO DOS SOCIOS DA SBPM

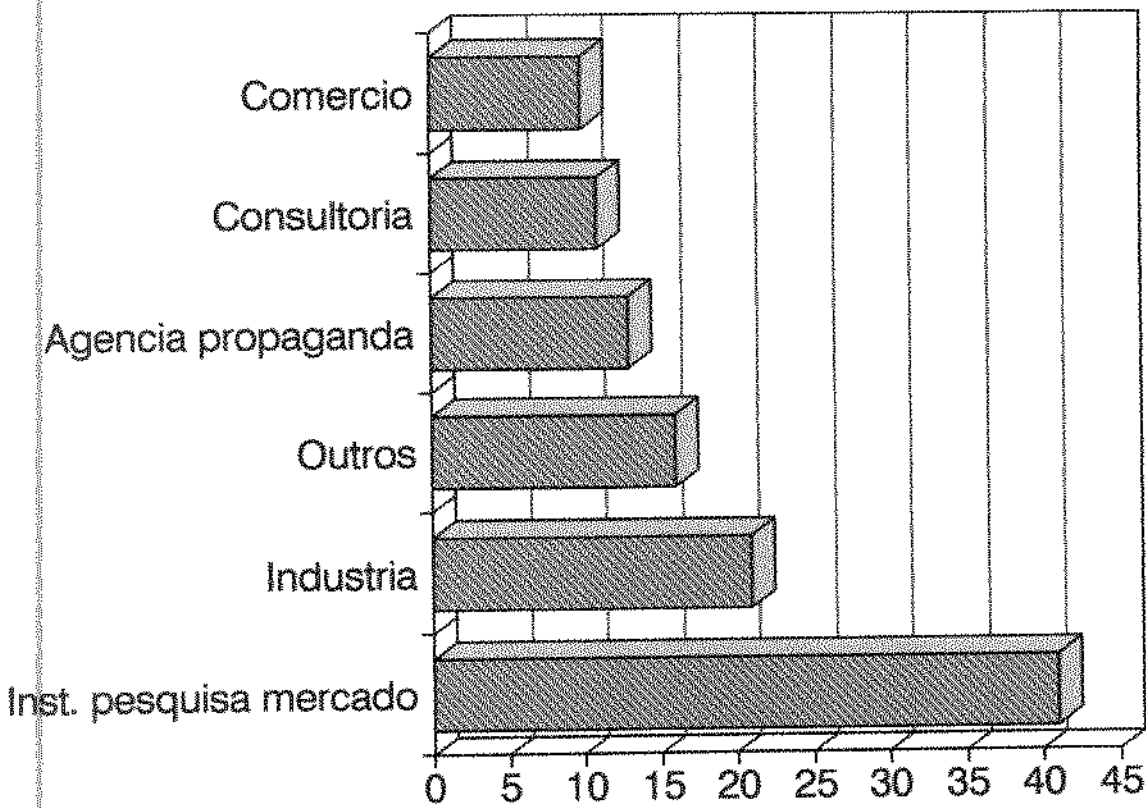


GRAFICO VIII

ATIVIDADES DOS SOCIOS DA SBPM

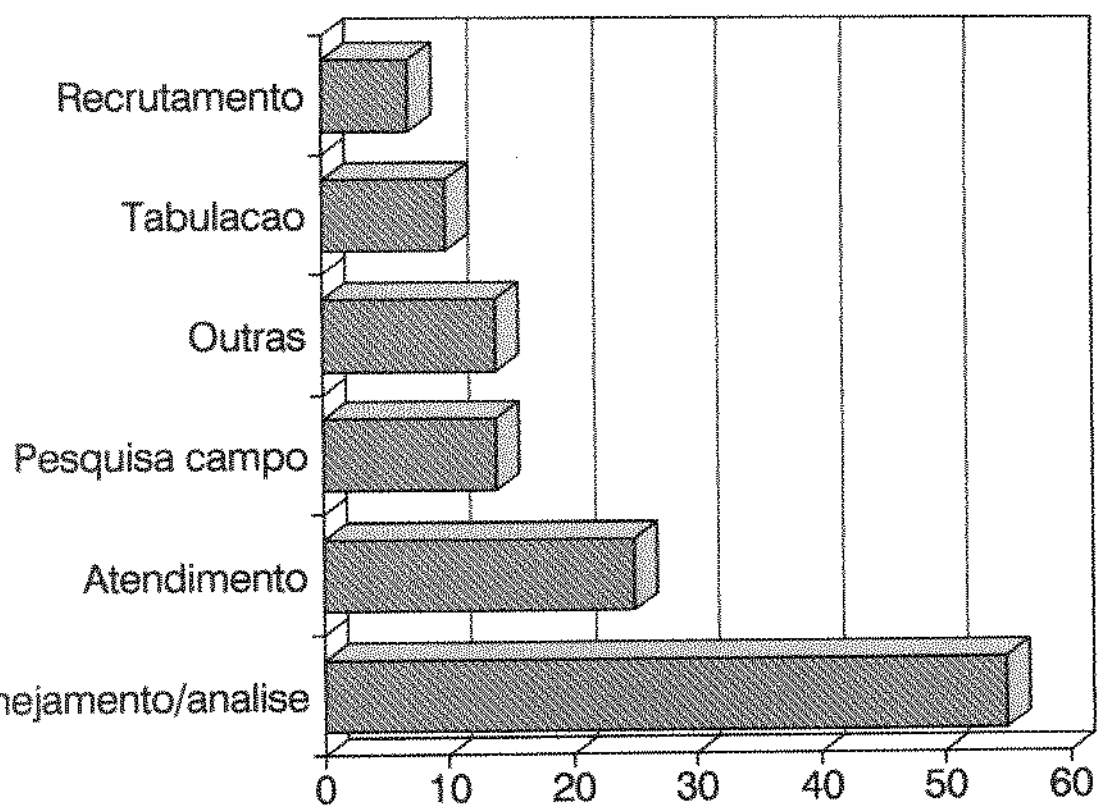
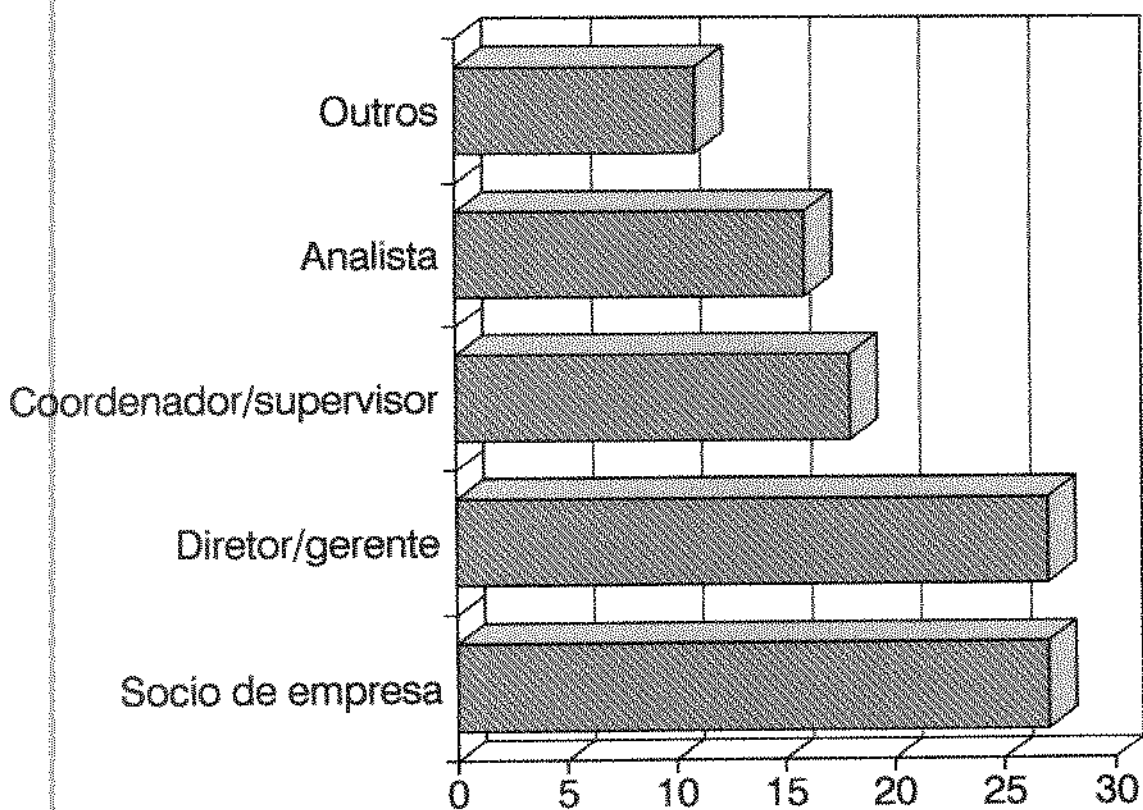


GRAFICO IX

CARGO OU FUNCAO DOS SOCIOS DA SBPM



. Conclusões

Se os dois perfis acima não dissipam totalmente a aparência de caos na profissão, eles permitem começar a visualizar alguns aspectos da lógica que movimenta a área. Em primeiro lugar, para aqueles que identificam na feminização da atividade uma das razões do caos, os dados mostram que este processo continua muito sujeito à predominância masculina na maioria das ocupações. Os homens têm uma sobre-representação no mercado de trabalho que parece adequada a uma lógica interna, tanto feminina quanto masculina.

Em segundo lugar, a situação das duas associações referendam o argumento de que as entidades profissionais procuram construir a imagem que defendem uma categoria unitária e comum, cuja existência prática é tão questionável quanto a capacidade de defendê-la igualmente. O dilema colocada às associações é que elas precisam conquistar novos sócios, ao mesmo tempo que priorizam os interesses dos sócios mais antigos. Crer numa categoria unitária aparentemente apazigua a contradição, mas o resultado prático não é tão eficaz. O número de filiações cai enquanto vão surgindo novas formas organizativas. Tal característica não é exclusiva nem dessas associações, nem da profissão, nem do país. Achar algum equilíbrio para a balança do dilema é o desafio cotidiano que elas enfrentam. Mas é possível que essa situação seja diferente quando a filiação é quase um ato compulsório ou um pré-requisito para o exercício profissional, como nos casos dos Conselhos de Medicina ou da Ordem dos Advogados.

Identificados o perfil dos cientistas sociais e as formas como participam das competições do sistema profissional, cabe verificar se o quadro que gera os diagnósticos de caos na profissão são característicos das Ciências Sociais no Brasil, ou se há semelhanças com outros países. Visto sem um referencial comparativo, o perfil dos

membros da ASESP pode ser interpretado como uma evidência de que aqui se viveu uma profissionalização de segunda categoria ou uma ausência de profissionalização, fato que seria diferente nos países do primeiro mundo. Afinal, durante décadas procurou-se associar o conceito de profissão e a existência de profissionalização apenas aos países desenvolvidos, particularmente aos anglo-saxões.

Vamos, portanto, examinar a situação dos sociólogos nos Estados Unidos, verificando os tipos de trabalho que desempenham lá.

4) OS SOCIÓLOGOS NOS ESTADOS UNIDOS

A primeira coisa que chama a atenção numa comparação entre a profissão nos Estados Unidos e no Brasil é o nome. Como no Brasil só há diferenciação entre sociólogos, antropólogos e cientistas políticos a partir da titulação de mestrado, os formados no curso superior recebem o título de cientistas sociais. Nos Estados Unidos, a departamentalização das três disciplinas é muito acentuada. Os cientistas políticos são ainda mais marcadamente separados dos sociólogos do que os antropólogos. Em alguns casos, a Sociologia e a Antropologia aparecem reunidas, enquanto que a Política se agrupa com Government (Administração Pública).

A Sociologia nos Estados Unidos é a mais próxima do nosso modelo de Ciências Sociais. Além disso, sob a ótica do mercado de trabalho preponderou, no Brasil, a denominação de sociólogo para as atividades desenvolvidas pela área. A semelhança ganha evidência com o perfil ocupacional dos membros da American Sociological Association - ASA. Sobre esta associação, consegui coletar dados mais recentes e resgatar um pouco de sua história. Tal perspectiva facilita a nossa compreensão da lógica que opera na profissão, por permitir identificar as semelhanças e as diferenças entre o caso do Brasil e o dos Estados Unidos.

Se olharmos a situação profissional da Sociologia nos Estados Unidos, tendo como referencial a mesma profissão no Brasil, saltam aos olhos os aspectos favoráveis da primeira, em detrimento da segunda. Porém, se olharmos para os sociólogos americanos tendo como referencial o contexto e a estrutura ocupacional daquele país, a imagem que se configura é outra. A situação da profissão no mercado de trabalho apresenta muitas semelhanças, em aspectos que são corriqueiramente classificados como negativos, tanto aqui quanto lá.

Apesar das especificidades da história da profissão em cada contexto, os sociólogos brasileiros interagem com outros profissionais em seu país, da mesma posição na estrutura ocupacional com que os sociólogos americanos interagem com seus aliados e competidores profissionais. Há, nas diferentes histórias, semelhanças estruturais.

Quando comecei minha coleta de dados sobre os sociólogos nos Estados Unidos, eu esperava encontrar uma situação muito diferente da vivida no Brasil. Minhas surpresas rapidamente começaram a aparecer. Discutindo a questão com alguns dos professores que tive contato nas universidades americanas, eu não conseguia entender a calma com que reagiam aos dados sobre o nosso mercado de trabalho, tidos aqui como caóticos. O único comentário que ouvi com uma conotação de surpresa, referia-se a quem reivindicava a identidade de sociólogo no Brasil. Segundo um especialista no estudo das profissões, nos Estados Unidos só os possuidores de doutoramento em Sociologia identificavam-se como sociólogos. A longa socialização no mundo acadêmico permeava a identidade, fosse como titulação ou como ocupação. A primeira informação que eu colhia "in loco", sobre os sociólogos americanos, reforçava uma interpretação que eu já ouvira no Brasil.

A primeira diferença que eu constatava entre os sociólogos de cá e os de lá não era uma novidade. Ela confirmava a versão existente no Brasil, de que a identidade profissional do sociólogos nos Estados Unidos estava claramente relacionada à carreira acadêmica. Quem atuava em outra área do mercado de trabalho, como a das políticas públicas ou das pesquisas de opinião, por exemplo, não reivindicava uma identidade profissional com a Sociologia, como era o caso brasileiro.

A reação de um outro professor aos meus dados organizava em 2 variáveis, o que era tido como o caos do mercado e dos discursos sobre a profissão: alto e baixo elitismo, e alta e baixa dependência da negociação das suas

habilidades técnicas no mercado de trabalho. Com esta classificação seria possível testar como que as forças no mercado de trabalho produziam o sentimento de crise na profissão. Assim, o elitismo sob pressão estaria mais predisposto a falar de crise. Nesta interpretação, a questão que se destacava era a da estratificação e não a da identidade.

Várias outras reações ao meu texto chamaram-me atenção, desta vez mais pelas semelhanças que apontavam com a situação americana do que com as diferenças. Em seminários com o corpo discente, as opiniões manifestadas em relação aos dados que eu apresentava sobre os cientistas sociais brasileiros apontavam sempre na direção do partilhar os mesmos sentimentos. A identidade profissional dos sociólogos americanos começou a ganhar contornos mais complexos para mim. Eu ouvira versões onde essa identidade aparecia como diferente do caso brasileiro, e versões onde predominavam as semelhanças nos dois países. Decidi procurar a resposta para entender essas reações diferentes. Minha expectativa era que isto me ajudasse a compreender a situação da profissão no Brasil.

Minha primeira fonte de dados empíricos foi um levantamento feito pela ASA - American Sociological Association, sobre os seus filiados que trabalhavam fora da atividade acadêmica (48). Constatar que a ASA possuía filiados que não eram docentes abriu uma nova perspectiva na investigação. Embora fossem minoria na entidade, de alguma forma eles se identificavam como sociólogos.

A coleta desses dados pela ASA insere-se num contexto muito particular da história da profissão nos Estados Unidos. A associação foi fundada em 1905. Ela seguiu em movimento ascendente no seu número de sócios até o ponto

(48) Career possibilities for sociology graduates, Bettina J. Huber, brochura publicada pela American Sociological Association, em 1984. Os dados foram coletados durante o ano de 1981.

mais alto, em 1978, com 15.567 membros (49). Em 1980, o número de filiados começa a entrar numa curva declinante. A associação encolhe dos seus 12.868 sócios em dezembro/80 para 10.972 em junho/83. Os dados que serão apresentados abaixo foram coletados nesse período. Naquele momento, a associação procurava um caminho para voltar a crescer. Em dezembro/90 a ASA retomou seu patamar de dez anos atrás, com 12.992 filiados. Desses, 24% estavam classificados como envolvidos em atividades fora do meio acadêmico. Recentemente, a ASA passou a denominar o conjunto dessas ocupações de prática sociológica. Há 10 anos atrás, chamavam-na de Sociologia Aplicada.

Na verdade, o maior crescimento do número de filiados foi mesmo na categoria estudante. Em 1980, os 1.545 estudantes representavam 12% do total de sócios. Em 1990, os 2.729 estudantes eram 21% do corpo da entidade. O grupo de filiados classificados como prática sociológica cresceu de 10% para 24%, mas entre 1976 e 1990.

Essa pesquisa da ASA identificou 1.435 denominações de atividades e 674 empregadores, entre os 2.000 sócios classificados nesse grupo. É quase um nome para cada pessoa. Essas atividades sofreram dois reagrupamentos em função da semelhança na denominação, na atividade e no empregador. A Tabela III, a seguir, é o resultado mais resumido dos dois. A tabela mais detalhada contém cerca de 300 diferentes denominações ocupacionais, só entre os possuidores de PhD atuando no mercado das "ocupações aplicadas da Sociologia". Há, além desses, os possuidores de MA (mestrado) e os de BA (bacharelado).

(49) Os dados para o ano de 1950 e 1978 foram extraídos de Becker, Howard - "What's happening to sociology?", no livro do mesmo autor Doing Things Together. Os demais dados sobre número de sócios da ASA são de D'Antonio, Willian - Observing, publicação da própria associação. Os dados sobre 1990 foram extraídos do jornal da ASA, Footnotes, edição de agosto de 91.

Quase não havia informação disponível sobre bacharéis entre os sócios da ASA. De fato, a identidade com a profissão começa a se consolidar no mestrado (50). A amostra que a associação utilizou para compor a Tabela IV, é o resultado de uma combinação de *surveys* realizados em 4 departamentos de Sociologia, também no início da década de 80 (51).

(50) Tanto o título de BA quanto o *Major em Colleges* não se propõem a ser tão profissionalizantes quanto a graduação no Brasil. Eu ouvi uma descrição desta etapa na formação escolar americana, como tendo uma conotação social muito seletiva. Ela seria vista pelos pais como o 'lugar certo' para seus filhos conhecerem 'o par certo'. A tabela XIII mostra que 46% do total de bacharéis que se formaram em 85/86, não haviam se profissionalizado um ano depois de concluído o curso. Eles estavam em empregos que não exigiam a qualificação superior, ou estavam desempregados ou fora do mercado de trabalho. Entretanto, nas áreas de Educação, Engenharia e Saúde o que se verifica na tabela é que há uma profissionalização bem mais efetiva apenas com o BA. Nestas três áreas, o título conta no mercado, com mais da metade dos formados trabalhando nas profissões da área do curso. Esta situação me parece bastante semelhante com a brasileira.

(51) Os *surveys* que serviram de base para a elaboração da tabela dos bacharéis foram coletados entre 1980 e 1982, entre os formados em Sociologia da University of Wisconsin at Madison, da North Dakota State University, Winona State University e Florida State University. Os resultados analisados pela ASA procuraram se concentrar na parcela da amostra que se formou entre 1975 e 1981.

TABELA III

DISTRIBUIÇÃO DAS POSIÇÕES OCUPADAS NA SOCIOLOGIA APLICADA, POR UMA AMOSTRA DOS MEMBROS DA ASA, SEGUNDO A ESCOLARIDADE

Posição Ocupada	PhD	MA
Empregados Gov. Federal	20.8	21.7
Diretor/Chefe/Coordenador	5.2	3.8
Estatístico	2.4	0.0
Estatístico/Demógrafo	1.7	3.0
Sociólogo/Cientista Social **	2.4	3.0
Pesquisador	2.7	3.2
Analista/especialista	1.2	4.6
Empregados Gov. Estaduais	10.1	14.8
Diretor/Chefe/Coordenador	3.3	2.9
Cientista Social **	1.1	1.7
Pesquisador	0.5	3.4
Analista/Especialista	1.5	3.0
Empregados Gov. Locais	4.6	9.3
Diretor/chefe/Coordenador	1.0	2.3
Pesquisador	0.7	1.5
Analista/Especialista	0.9	1.1
Justiça Criminal	0.0	1.1
Conta-própria	12.1	9.7
Consultor	5.5	2.7
Clínico/Psicoterapeuta	2.3	1.5
Autor/Escritor/Editor	0.8	1.3
Empregados Setor Privado	21.2	18.6
Presidente	1.5	0.8
Vice-Presidente	1.6	1.2
Diretor/Gerente/Supervisor	5.1	3.9
Gerente/Coordenador/Diretor Projeto	0.8	1.7
Consultor senior/consultor da Gerência	1.2	1.0
Cientista Social/Sociólogo	2.0	1.0
Pesquisador	3.4	3.4
Analista/Especialista	1.4	2.3
Editor	0.4	1.5
Empregados Setor NGSFL *	31.2	25.7
Presidente	1.0	0.4
Vice-Presidente	0.9	0.4
Diretor Executivo	1.1	0.3
Diretor/Coordenador/Chefe	4.9	4.0
Diretor de Pesquisa	3.6	1.3
Diretor Assistente/Associado	1.5	1.9
Cientista Social/Sociólogo **	4.5	1.9
Diretor de projeto	1.8	0.6
Pesquisador	5.9	6.1
Analista/Especialista	1.2	1.9
Clínico/Assistente Social	0.5	1.7
TOTAL (número de casos)	100.0 (910)	100.0 (525)

* Setor Não-Governamental Sem Fins Lucrativos

** Como se trata de uma tradução livre da autora, optei por adotar denominações ocupacionais que utilizamos no Brasil. Em Inglês, classificados na mesma categoria, além de social scientist and sociologist, apareceram algumas vezes os termos research sociologist ou research scientist.

TABELA IV

DISTRIBUIÇÃO DAS POSIÇÕES OCUPADAS PELOS BACHARÉIS EM SOCIOLOGIA

Posições	Porcentagem	
Profissões Superiores	33.7	
Assistente Social		9.9
Aconselhamento		5.4
Pesquisador		5.4
Professor primário/secundário		4.7
Enfermagem		1.1
Gerência/Administração	12.5	
Vendas	13.3	
Vendedor Varejista		7.4
Vendedor de Seguros		1.6
Ocupações dos Serviços	23.5	
Serviços de restaurante		2.2
Planejamento		2.1
Oficial/Agente de liberdade condicional		1.9
Oficial de Polícia		1.4
Serviços de creche e pré-escola		1.8
Funções Burocráticas/de Escritório	11.3	
Secretária		2.6
Construção e Serviços Manuais	3.2	
Outros	2.4	
TOTAL (número de casos)	100.0 (759)	

FONTE (Tabelas III e IV): Career possibilities for Sociology Graduates, Bettina J. Huber, American Sociological Association, 1984.

Embora haja diferenças significativas entre os sociólogos no Brasil e nos Estados Unidos, as tabelas acima evidenciam muito mais as semelhanças. A aparência caótica não era exclusividade nacional. Pensar os sociólogos americanos como estreitamente ligados à ao universo acadêmico era um equívoco. Esta era a visão que a academia tinha da profissão e da identidade profissional. Era a visão de um grupo, que olhava a profissão de uma determinada posição. Esses dados transformaram o todo numa parte. A identidade de sociólogo, nos Estados Unidos, no início da década de 80, não era monopólio de seu corpo docente.

De fato, a história da profissão naquele país apresenta vínculos com a estrutura universitária muito mais fortes do que os do Brasil. O primeiro Departamento de Sociologia foi criado em Chicago, em 1892, (52) junto com a fundação da universidade. Até a década de 30, as grandes definições afetas à identidade da disciplina e da profissão partiram dali. A chamada Escola de Sociologia de Chicago começou a editar o *American Journal of Sociology* em 1895. A construção da identidade acadêmica dos sociólogos é centenária. Uma análise dos artigos publicados neste jornal até a década de 30 mostram o espaço dedicado aos temas afetos à construção da identidade da disciplina e da profissão (Tabela V) (53). A década de 20 é marcada pelos artigos sobre a associação criada em 1905. Naquela época a ASA chamava-se *American Sociological Society - ASS*, nome que só foi mudado no início dos anos 60.

A partir da década de 30 o domínio da Escola de Chicago começa a sofrer forte concorrência. Mas ela também vem do meio universitário. Vem do Departamento de Sociologia da

(52) Sobre a história da Escola de Sociologia de Chicago ver Bulmer, Martin - *The Chicago School of Sociology: institutionalization, diversity, and the rise of sociological research*.

(53) Dados extraídos de "American sociology's changing interests as reflected in two leading journals", Graham C. Kinloch, publicado em *The American Sociologist*, Vol.19, n° 2, summer 1988.

Universidade de Colúmbia e de suas preocupações metodológicas. Métodos foi o grande diferencial em prol de Colúmbia. A criação do *American Sociological Review*, em 1936 reverte a temática preponderante nas publicações da área. Junto com os avanços na capacidade de medir da disciplina veio o planejamento governamental (54). Entre 1930 e 1939, cerca de 30% dos artigos publicados nesses dois jornais foram sobre mensuração e 45% sobre planejamento governamental.

(54) O nome planejamento governamental soa estranho quando usado para a sociedade americana, conhecida pela sua oposição enérgica à intervenção estatal e seu apoio ao livre-mercado. O autor da classificação inclui neste item que chamou de '*government planning*' artigos sobre '*local government*' e '*government regulation*', entre outros. Segundo ele, 'a Sociologia reagiu aos drásticos eventos dos anos 30 de várias maneiras. A tabela 3 mostra que uma reação foi se tornar mais científica, evidenciada pela nova preocupação com a mensuração. (...) Os sociólogos mensuraram os mais diversos tópicos como a inteligência, a opinião pública, o status sócio-econômico, o custo de vida, a desorganização institucional, a adaptação no grupo e a interação social. (...) Embora preocupada com o bem-estar das crianças e com o divórcio, a maior resposta da Sociologia à Depressão parece priorizar seu foco no planejamento governamental e, em menor escala, em questões de auxílio social. O controle e o planejamento sociais são mais freqüentemente enfatizados aqui, como as tentativas da Sociologia de contribuir para uma '*orientação da sociedade*', baseada em pesquisa. De uma forma geral, os anos 30 parecem representar uma etapa crucial no desenvolvimento da profissão, conforme ela se volta das reformas sociais para a mensuração científica e o planejamento social orientado empiricamente." Tradução livre da autora, extraído da página 190 da publicação citada na nota anterior.

TABELA V
DISTRIBUIÇÃO DOS ARTIGOS DOS JORNAIS AJS E ASR*, SEGUNDO OS TÓPICOS E A DÉCADA DE PUBLICAÇÃO

1895/1899

DEFINIÇÃO DA SOCIOLOGIA: Sociologia Cristã (18.4%); Sociologia e outras disciplinas (12.2%).
PROBLEMAS SOCIAIS: abandono (12.2%); deviosidade (10.3%).
INSTITUIÇÕES ECONOMICAS: leis de trabalho (12.2%); divisão de lucros (8.2%); anti-monopolismo (6.1%).
INSTITUIÇÕES POLITICAS: movimentos sociais (8.2%); taxaço (6.1%); estudos políticos (6.1%).

1900/1909

DEFINIÇÃO DA SOCIOLOGIA: Introdução à Sociologia (15.5%); Sociologia no Colégio (8.6%);
 ensino de Sociologia (6.9%).
ORGANIZAÇÃO SOCIAL: assimilação social/unidade (6.9%); consciência social (6.0%).
PROBLEMAS SOCIAIS: seguro industrial (11.2%); Bolsa de Mercadorias de Chicago (3.4%);
 questões relativas às condições de ser proprietário (2.6%).

1910/1919

DEFINIÇÃO DA SOCIOLOGIA: Comitê dos 10 (8.8%); ensino de Sociologia (7.0%).
ORGANIZAÇÃO SOCIAL: assimilação social (10.5%); erros (de conduta) das forças sociais (8.8%).
PROBLEMAS SOCIAIS: problemas de habitação em Chicago (12.3%); bem-estar das crianças (12.3%).
INSTITUIÇÕES POLITICAS: guerra e democracia (40.3%).

1920/1929

DEFINIÇÃO DA SOCIOLOGIA: American Sociological Society (20%); classificações (16%);
 Sociologia & Ciências Sociais (10%).
PREOCUPAÇÕES TEÓRICAS: instinto (14%); teoria econômica (10%); falácia dos grupos (6%).
INSTITUIÇÕES POLITICAS: democracia (10%).

1930/1939

PREOCUPAÇÕES METODOLÓGICAS: mensuração (29.8%).
A FAMÍLIA: crianças & adolescentes (17.5%); divórcio (7.0%).
INSTITUIÇÕES POLITICAS: planejamento governamental (45.6%).

1940/1949

A FAMÍLIA: casamento (11.0%); pobreza e namoro (2.8%).
INSTITUIÇÕES POLITICAS: guerra (45.3%).
OUTRAS SOCIEDADES: USSR (7.2%); China (5.5%); Inglaterra (4.4%).

1950/1959

PREOCUPAÇÕES METODOLÓGICAS: entrevistas (7.5%); mensuração (4.7%); escalas (3.1%).
ORGANIZAÇÃO SOCIAL: dinâmicas de grupo (13.4%).
INSTITUIÇÕES ECONOMICAS: estratificação (31.5%); sindicatos (15.3%); ocupações (12.2%);
 organizações (7.9%); profissões (4.3%).

1960/1969

INSTITUIÇÕES ECONOMICAS: estratificação (34.7%); organizações/burocracias (28.0%);
 profissões (13.0%); ocupações/prestígio ocupacional (9.2%).
INSTITUIÇÕES POLITICAS: comunidade política (10.0%); movimentos sociais (5.0%).

1970/1979

MINORIAS: negros (17.1%); mulheres (12.4%).
INSTITUIÇÕES ECONOMICAS: estratificação/mobilidade (13.9%); organizações (15.7%); ocupações/
 mobilidade ocupacional (8.8%); produtividade econômica (4.4%).
INSTITUIÇÕES POLITICAS: desordem social (7.7%).

* American Journal of Sociology e American Sociological Review.
 FONTE: "American Sociology's Changing Interests as Reflected in Two Leading Journals",
 Graham C. Kintoch, The American Sociologist, Vol. 19, n.º 2, Summer 1988.

Quando o planejamento governamental entra fortemente na pauta dos sociólogos americanos, a regulamentação da liberdade e autonomia universitárias já tinha demarcado seu terreno. Tal temática antecedeu a criação dos departamentos de Sociologia, sendo introduzida na década de 1880 (55). A identidade acadêmica dos sociólogos americanos foi sendo construída nesse contexto. Havia uma estrutura universitária autônoma e recursos de fundações. Além disso, as preocupações preponderantes dos profissionais eram com os problemas e os conflitos sociais, nos anos de constituição da disciplina. Quando o governo ganha relevância na Sociologia, já se havia caminhado 40 anos na história da profissão nas universidades. E era nessas universidades que se fazia pesquisa sociológica.

É verdade que sempre houve elos entre os sociólogos, a sociedade e o Estado. Mas se a história conta para a identidade profissional, é preciso se considerar que, no final dos anos 20, quando os cientistas sociais começaram a prestar serviços para o governo americano, eles o fizeram como consultores (56). Essa posição também favorece a identidade acadêmica.

Quando houve o grande salto na participação dos sociólogos nos órgãos governamentais, durante as gestões democratas de Kennedy e Lyndon Johnson, a identidade e a imagem acadêmica da Sociologia estavam consolidadas. Foi porque a profissão teve impacto que ela engrossou os programas federais de *War on Poverty* e *Great Society Program* na década de 60.

A elite acadêmica da profissão empenhou-se na construção dessa identidade distintiva. A imagem que ela

(55) Ver "Social science and the modern state: policy knowledge and political institutions in Western Europe and the United States", Björn Wittrock, Peter Wagner e Hellmut Wollmann, em Social sciences and modern States, organizado por Peter Wagner, Carol Hirschon Weiss, Björn Wittrock e Hellmut Wollman.

(56) Idem, *ibidem*.

difundia da atividade que desempenhava era permeada de status e honradez. As aspirações pessoais eram de pertencer a uma das profissões mais nobres e prestigiadas. Era esta profissão que estava sendo construída. Os artigos de Parsons sobre a Sociologia, escritos nos anos 50 e 60, são exemplos transparentes dessa perspectiva (57).

Além de novas áreas de atuação profissional, os anos 60 trazem muita novidade em termos da composição social do grupo dos sociólogos. A profissão, de fato, sofre bruscas alterações na sua morfologia. Após 45 anos de existência, a ASS chegou aos anos 50, com 2.364 sócios. Em 63, o número de sócios já tinha saltado para a casa dos 7.000 e o nome da associação havia mudado para ASA. O novo nome materializa como a expansão do grupo mexeu na identidade profissional. Entre 2.400 e 7.000 sociólogos muda a concepção de elite e de profissão.

Entre os que se posicionaram contrários à mudança do nome da entidade encontramos Parsons, Goode, Horowitz e Gouldner (58). A proposta simbolizava um tipo de profissionalização com a qual não se identificavam. Embora a mudança fosse percebida de maneiras diferentes, todos eles detectavam uma conotação negativa, uma desvalorização da atividade, uma limitação. Parsons, por exemplo, defendia a idéia da Sociologia como profissão. Mas a sua concepção de profissão era letrada, ilustre, distinta. As atividades aplicadas da Sociologia deviam ser ensinadas, mas nas escolas de Administração. Os departamentos de Sociologia deveriam se incumbir da ciência. Profissionalizar a Sociologia não poderia ter um conteúdo de rebaixá-la à uma

(57) "Some problems confronting sociology as a profession", Talcott Parsons, *American Sociological Review* 29:547-559, 1959.

(58) Tanto os dados sobre 1963 quanto o relato sobre as divergências no interior da profissão naquela época foram extraídos de: "The climate of opinion in sociology: a study of the professional value and belief system of sociologists", tese de doutorado de John Timothy Sprehe, orientada por Alvin Gouldner, em 1967.

ocupação. A proposta de substituir a palavra "sociedade" por "associação", na opinião de Parsons, tinha esse conteúdo desqualificador.

"Ao contrário de uma profissão predominantemente voltada para a prática como a Medicina, a Sociologia é concebida universalmente como uma disciplina científica que é nitidamente dedicada, em primeiro lugar, ao avanço e a transmissão de conhecimentos empíricos no seu campo. É *secundariamente* que ela se dedica à comunicação de seu conhecimento às pessoas que não fazem parte de seu corpo e a sua utilização em questões práticas. Sem sombra de dúvidas, é o seu corpo de profissionais que se constitui no principal organismo responsável pelo desempenho dessas funções. Eles foram treinados para dominar com competência os conteúdos e as técnicas voltadas para o seu avanço e a sua aplicabilidade, e foram socializados dentro das regras profissionais, aceitando determinadas responsabilidades e usufruindo de certos privilégios na sociedade...

(...) Eu acredito que é da maior importância para o desenvolvimento da Sociologia, que a sua relação com uma ampla gama de atividades práticas sejam *mediadas* pelas escolas profissionais, que formam centros de 'pesquisa-ação' direcionados para resultados práticos. Numa sociedade altamente diferenciada, onde a ciência aplicada está aumentando rapidamente de importância tanto no campo da Ciência Social como no da Ciência Natural, tais escolas são os pontos mais adequados de articulação entre uma profissão científica e as muitas e urgentes necessidades sociais práticas. Em geral, compete aos cientistas as principais responsabilidades por essas implementações. A existência de tal estrutura de mediação cria uma proteção muito importante para preservar o cerne de uma profissão científica, contendo os vários tipos de pressão que atuam para lhe desviar...

(...) A associação profissional enquanto um tipo ideal difere do sindicato pelo fato de não se caracterizar tanto como um 'grupo de interesse'. É como uma entidade voltada para facilitar o desenvolvimento de seu campo profissional e uma guardiã do padrão técnico e ético de seus membros. Neste sentido, seu critério de filiação adquire um significado especial. Ao mesmo tempo, os sociólogos de todos os grupos profissionais deveriam estar conscientes de seu papel social e cultural em todos as principais questões apontadas

acima. A associação profissional pode ser especialmente útil na mediação de nossa convivência com as disciplinas vizinhas como também com o público em geral. E talvez seja mais urgente hoje, o papel desempenhado pela associação profissional em relação aos campos voltado para a prática. Aqui, onde é comum que se desenvolva o conflito de interesses entre as disciplinas e entre os grupos acadêmicos e não-acadêmicos, talvez seja necessário se buscar estabelecer códigos de conduta de trabalho. Por exemplo, um problema prático frequente é colocado pelas formas como as descrições dos empregos nos serviços públicos especificam os títulos das disciplinas. Assim, qualquer grupo específico de '-ólogos' podem precisar proteger seus interesses mantendo a Comissão de Serviço Público informada sobre o escopo de sua profissão. Este e outros problemas se transformaram na preocupação central do Comitê sobre a Profissão, criado recentemente pela Sociedade Americana de Sociologia. Ele se voltará para uma ampla gama de questões que não se limitam apenas ao desenvolvimento técnico da Sociologia, mas ao lugar dos sociólogos na sociedade..." (59)

Parsons tinha razão sobre como o critério de admissão de sócios possuía um significado especial. Com o novo perfil dos filiados, a entidade sofreu o impacto dessa mudança. O nome atual da associação diz qual foi o resultado da votação. A variedade de ocupações detectadas na amostra da ASA sinaliza a diversidade de atividades e de identidades profissionais. De fato, quando se escreve sobre sociólogos nos Estados Unidos se fala principalmente de docentes, e secundariamente das ocupações no governo. Os 40 anos de vantagem da primeira sobre a segunda fazem diferença. As demais atividades ocupacionais englobadas na prática sociológica entraram no cenário com uma desvantagem ainda maior. Havia menos acúmulo em número de anos de história, e um perspectiva profissional desvalorizada pelos que compunham a antiga e a nova maioria. Parsons viu a associação mudar de nome, mas a Sociologia Aplicada seguiu

(59) Mesma fonte da nota 10. Tradução livre da autora. O primeiro parágrafo foi extraído da página 547, o segundo da página 557 e o último da página 558.

fora da ASA. A associação ficou com seu perfil mais docente e menos acadêmico, no sentido de uma concepção nobre de ciência.

Ao mesmo tempo que os anos 60 trouxeram mudanças no destino profissional, na composição do grupo e na identidade dos sociólogos, a expansão do ensino superior mudou a clientela desses cursos. O perfil do candidato a sociólogo foi se alterando rapidamente na década de 70, chegando aos anos 80 com um contingente muito diferente daquele do período anterior ao *boom* universitário.

Um *survey* realizado em 1969, com os estudantes de graduação em Sociologia apontava para um universo majoritariamente feminino (73%), cuja a incidência de escolaridade superior completa na educação paterna era de 32%. Nas outras disciplinas das Ciências Sociais havia apenas 37% de participação feminina e 38% de pais com curso superior completo. Os rendimentos anuais das famílias dos estudantes de Sociologia eram, também, significativamente inferiores (60).

Se comparados com os demais alunos das outras Ciências Sociais e das Humanidades em geral, os estudantes de Sociologia foram os que deram maior ênfase ao desejo de receber um treinamento especializado para uma ocupação. A carreira modal preferida era na área da assistência e intervenção social. O índice de participação masculina aumentava nas instituições de maior prestígio, mas mesmo aí, a liderança ao nível da graduação já era feminina. Nem os homens apontavam a carreira acadêmica como seu objetivo para a realização do curso. Eles tinham uma tendência maior a atribuir importância a uma formação mais ampla. Esse fato, entretanto, estava positivamente relacionado com a qualidade da instituição onde estudavam.

(60) Ver "Undergraduates in sociology", artigo de Joseph Zelan, publicado no *The American Sociologist*, vol. 19, n° 1, Fevereiro de 1974.

É uma parte do contingente que deseja possuir uma formação generalizadora que vai, aos poucos, aprendendo a valorizar a carreira acadêmica. A identidade com ela é paulatinamente construída no interior da vida universitária, entre professores e alunos, que, também em função de outros eventos, se escolhem ou se excluem. Ter ou não vaga para ser docente é um evento que conta muito nessa seleção. A ASA abarrotou-se de docente na década de 70. Em 1978, ela contava com 15.567 sócios e com uma estimativa de apenas 10% fora da atividade docente. Havia muita vaga para lecionar no ensino superior. Já em 1970, nada menos do que 100 departamentos de Sociologia ofereciam cursos de doutorado. Certamente, houve mobilidade ascendente para aqueles alunos de 1969, filhos de pais com um grau de escolaridade mais baixo e com rendimentos nada elitistas. Mas o perfil do grupo dos sociólogos, dez anos depois, estava longe do idealizado no projeto de profissão nobre de Parsons.

Um outro qualificador da mudança no perfil dos candidatos ao curso de Sociologia são as médias obtidas nos testes classificatórios, que prestam para ingressar. Os resultados alcançados sofreram uma queda vertiginosa entre a década de 60 e a de 80 (61). O curso passou a atrair uma qualidade pior de aluno. Eles estavam desempenhando mal tanto na parte verbal quanto na quantitativa do exame GRE (*Graduate Record Examination*). Os alunos com melhor desempenho optavam por muitos outros cursos nas Ciências

(61) Entre 24 cursos superiores diferentes, os candidatos para Sociologia ficaram em 19º lugar na parte verbal do teste GRE, e em 22º na parte quantitativa. Nesta última, só Educação e Serviço Social ficaram atrás. Em 1965, a média de pontos dos candidatos para Sociologia estava um pouco a frente de Psicologia e Ciência Política, todas as três oscilando entre 545 e 560 pontos. Em 1981 e 1982, a Sociologia tinha desabado para os 420 e 430 pontos. A Ciência Política caiu para 460 e a Psicologia ficou nos 530. O máximo de pontos possíveis de serem obtidos é de 800 em cada uma das partes. Dados extraídos de "The cultural contradictions of teaching sociology", Paul Baker e Willian Rau. Artigo publicado em *Sociology in America*, editado por Herbert Gans, ASA Presidential Series, 1990.

Sociais e Humanidades. A procura pelos cursos de Sociologia entrou em franco declínio na década de 80. O movimento de descenso havia começado em meados dos anos 70, com uma perda bem mais acelerada na participação masculina do que na feminina. A procura não sofreu um impacto tão grande àquela época em função das levas de mulheres que ingressaram no ensino superior. Na década de 80, elas passam a ser maioria nos cursos de doutoramento em Sociologia.

O momento de pico no ingresso feminino no ensino universitário já passou. O total de matrículas no conjunto dos cursos superiores já se equilibrou entre os sexos. Este diferencial não deve continuar sendo a fonte de ingresso de alunos para a Sociologia nos Estados Unidos. Há outras profissões se feminizando. Os departamentos de Sociologia nos anos 90 estão contendo a queda na procura pelo curso, procurando atrair minorias raciais e alunos estrangeiros. Estão também apresentando a imagem da disciplina como muito útil para complementar a formação superior. Propagandeia-se a concepção de que alunos de outras áreas teriam muito a ganhar se frequentassem classes de Sociologia. A visão sociológica passa a ser um diferencial no currículo de quem a possui, mas não se concentra esforços em ganhar adeptos à profissão. Os números não andam oportunos para essa estratégia. A idéia de Parsons de que a Sociologia Aplicada devia ficar nas escolas de Administração ficou no passado. O corpo docente precisa ter aluno para ensinar.

No final dos anos 80, se consegue estancar o quadro de queda tanto no número de alunos quanto de sócios da ASA. Em 1990, havia 187 programas de doutorado em Sociologia, 159 mestrados e 847 bacharelados. Em 1984 eles eram respectivamente 184 doutoramentos, 173 mestrados e 849 bacharelados (62).

As profissões funcionam na lógica de um sistema competitivo. Aos movimentos de ascenso e descenso numa delas

(62) Dados extraídos dos "Directory of Departments of Sociology", publicados anualmente pela ASA.

correspondem movimentos inversos naquelas com quem disputam. O conjunto das Ciências Sociais ingressa na década de 70 no seu auge. Em 71/72 ela tem seu pico com 158.037 formados (Tabela VI). Na sua frente só tem a massa de formados em Educação. O ponto máximo desse curso é o ano de 72/73, com 194.229 educadores se bacharelando (Tabela VII). Na época, nem a Administração colocava tanta gente no mercado de trabalho. Eles entraram com 121.360 formados em 71/72 (Tabela VIII). Em 84/85 as Ciências Sociais haviam minguado para o seu menor contingente da década, com 91.461 formados. Aquela Administração que a elite da Sociologia via com menosprezo chegava em 87/88 com 243.344, numa curva constantemente ascendente. A Educação atinge seu ponto mais baixo em 86/87, com 87.115 bacharéis (Gráfico X). Se as Ciências Sociais e Educação lideraram as Humanas na década de 70, em 80 é a vez da Administração e de um novo concorrente, as Comunicações, vindo em ritmo acelerado. Em 71/72, seus bacharéis são 12.340 (Tabela IX). Numa ascensão constante, ela chega em 87/88 com 46.705 formados (63).

Tanto a explosão da Administração quanto a da Comunicação na década de 80 estão relacionadas ao ingresso do contingente feminino nessas profissões (Gráfico XI). O mesmo fenômeno foi responsável pelo crescimento na procura pelos cursos de Educação já na década de 60. Nas Ciências Sociais americanas a participação feminina não teve este peso decisivo. No seu ano de pico, havia quase o dobro de homens, com 100.879 contra 57.158 mulheres tituladas. Entretanto, foi o sexo masculino que perdeu boa parte do interesse pela titulação na área. No momento de maior refluxo, em 84/85, eles eram 51.172 contra 40.085 mulheres terminando o bacharelado. A feminização das Ciências Sociais nos Estados Unidos se deve ao desinteresse dos homens pelo curso, e não ao avanço do contingente feminino. Já nos

(63) As tabelas VI, VII, VIII, IX e X apresentam a evolução de cada um desses curso detalhadamente. Elas estão reunidas no anexo, no final deste trabalho.

GRAFICO X - EUA, 71/88
BACHAREIS EM CSOCIAIS, ADMIN. E EDUCACAO.

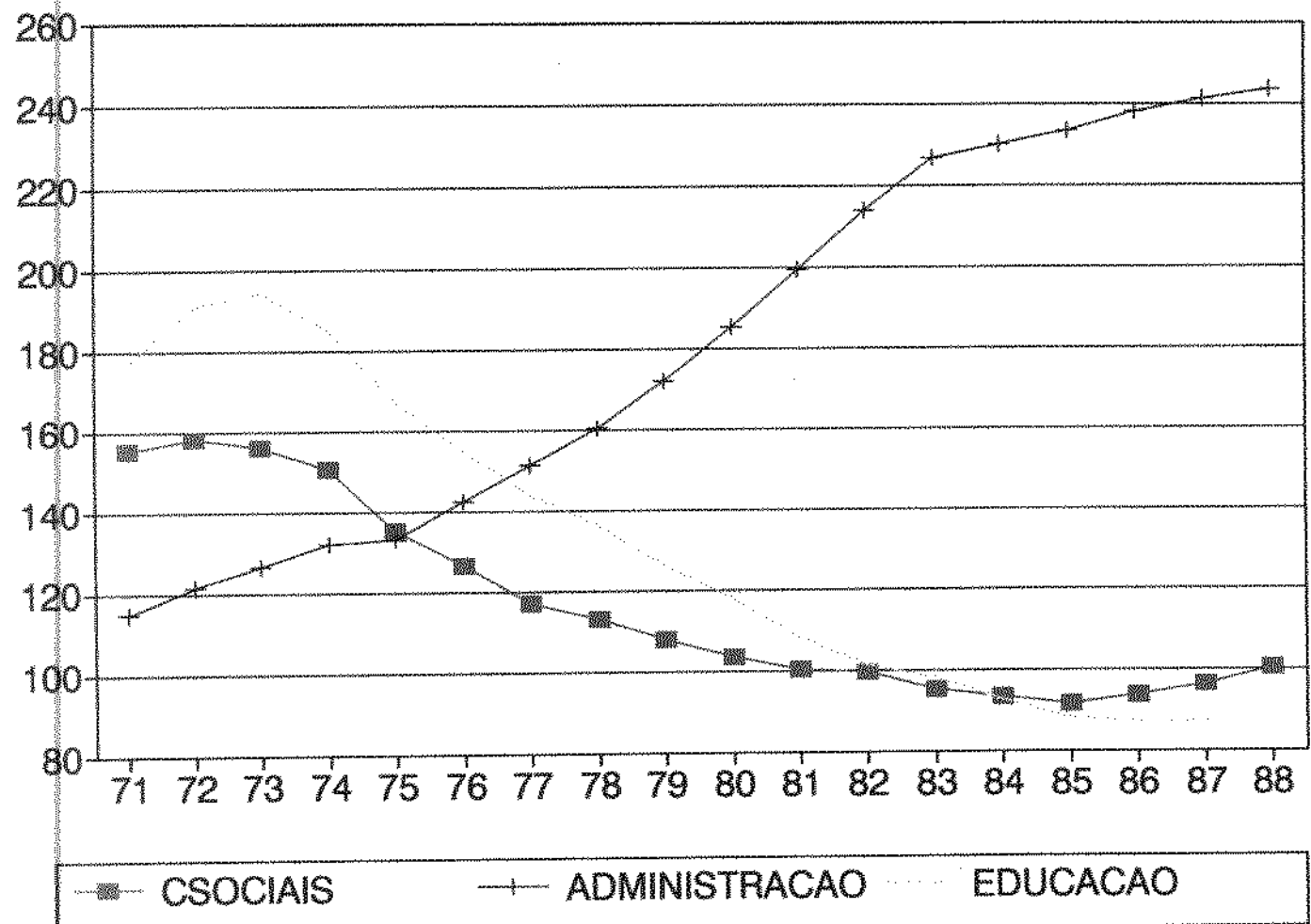
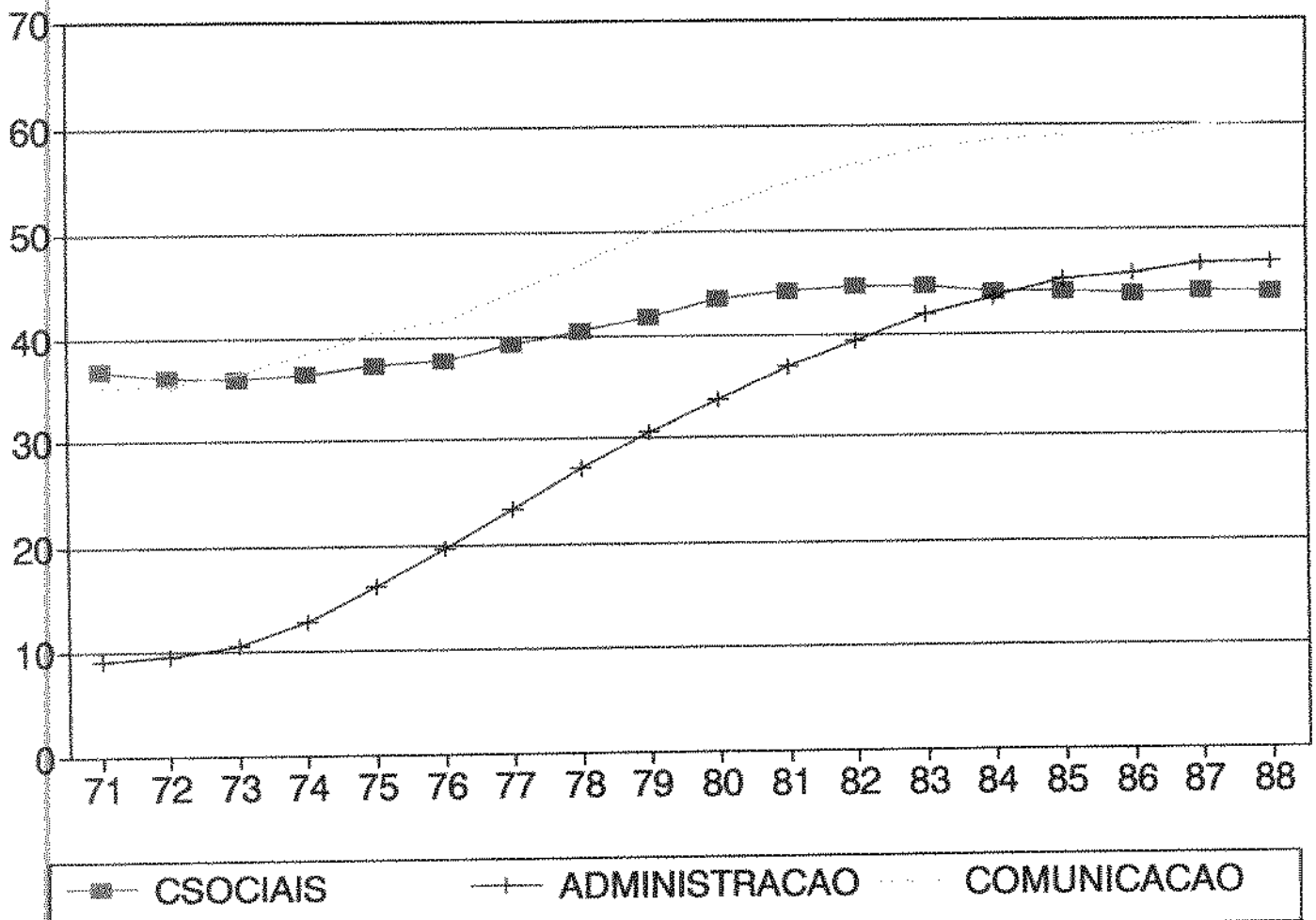


GRAFICO XI - PARTICIPACAO FEMININA, EUA
PORCENTAGEM DE MULHERES NA GRADUACAO



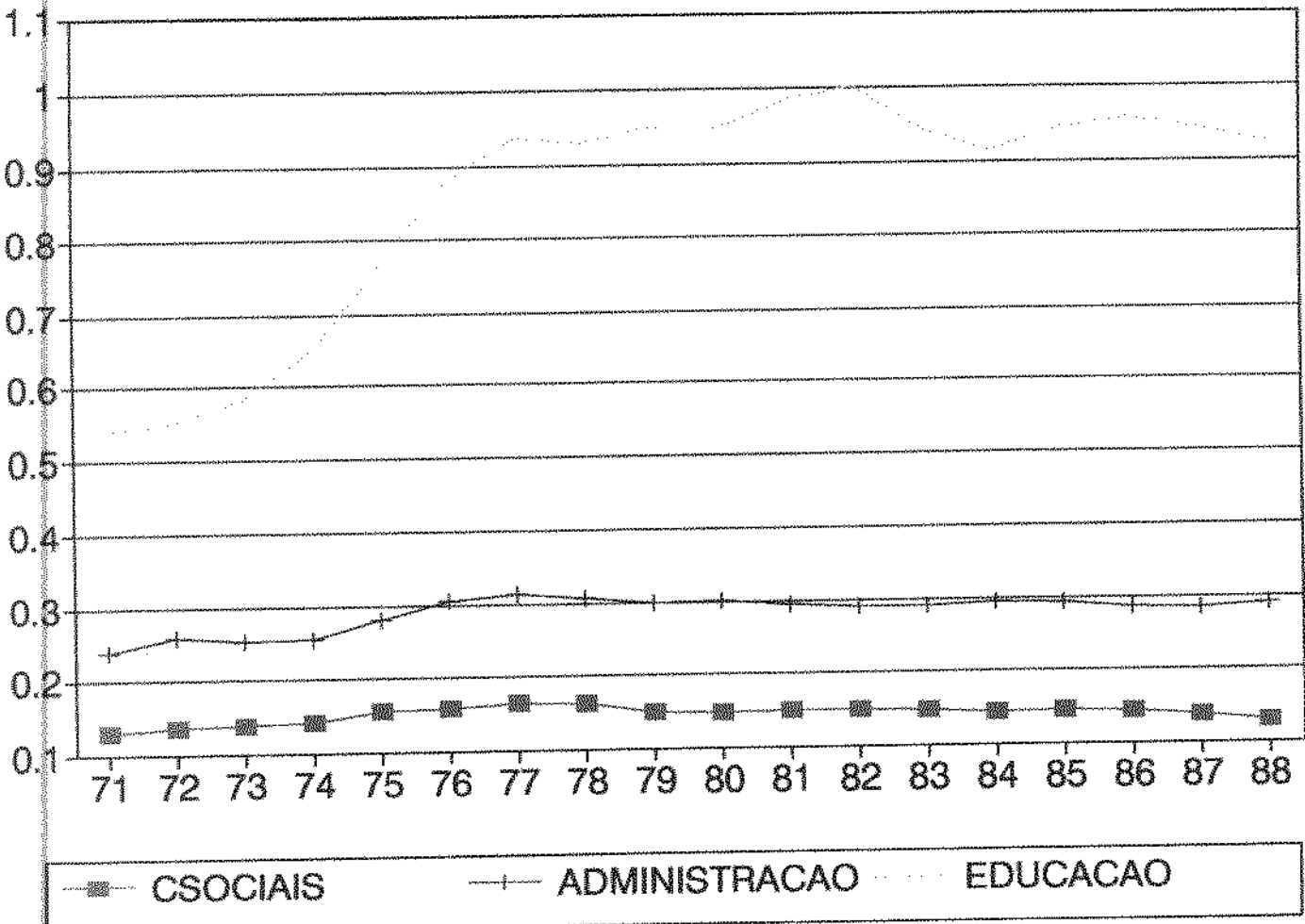
cursos de Administração e de Comunicações as mulheres foram conquistando espaço numa competição pelas vagas junto com os homens.

Se cursos como os de Sociologia e História estiveram na ponta de lança da expansão da área de Ciências Sociais quando do início do *boom* universitário, a ascensão da Economia veio se somar aos números menos oscilante da Ciência Política, para conter os danos da retração na área nos anos 80 (Tabela X). A procura pelos cursos acompanha as mudanças no mercado de trabalho. Os momentos de pico refletem os períodos onde cada um dos cursos materializa mais rapidamente uma profissionalização. Sociologia e História expandiram-se junto com o sistema universitário. Política e Government refletem o quanto o Estado liberal da era Reagan deixou de encolher nessa área. Economia expande-se junto com o livre mercado e a indústria.

A evolução das titulações na pós-graduação confirma a estreita ligação entre as perspectivas de profissionalização e o investimento na escolaridade. Apesar da universidade ser regida pelo princípio da liberdade e autonomia, o sistema de ensino superior ajusta-se ao ritmo do mercado de trabalho. Na área de Educação, a quantidade de alunos que concluem o bacharelado e o mestrado é proporcionalmente maior do que nas Ciências Sociais (Gráfico XII). Isto indica que a profissionalização na área de Educação depende mais dessa titulação do que nas Ciências Sociais, o que impulsiona o alunado do bacharelado em Educação para o seu mestrado. O doutoramento, embora bem menos procurado do que os dois outros níveis, mantém-se estável na década de 70 e 80 para os cursos de Educação, mas sofre uma queda nas Ciências Sociais, durante este período.

Na Administração, os cursos de mestrado acompanham o crescimento da área. Embora não na mesma dimensão da Educação, o título de mestre faz diferença no mercado de trabalho, principalmente para os homens. Na década de 80, o crescimento da participação feminina nos cursos de mestrado

GRAFICO XII - GRAU DE ACADEMIZACAO, EUA MESTRADOS+DOUTORADOS/BACHARELADOS



é significativo. A frequência aos programa de doutoramento é irrisório para ambos os sexos. Isto reflete a sua falta de importância na profissionalização. Tal como os académicos desprezam a disciplina, os administradores desprezam a academia. Em Comunicações, o mestrado não se expandiu na mesma proporção do que o bacharelado. Nos Estados Unidos não é necessário possuir diploma de Comunicação para exercer atividades na área, como por exemplo, jornalismo. A pequena expansão dos seu alunado de mestrado e doutorado relaciona-se com este fato.

Apesar da crença na sólida identidade acadêmica dos sociólogos americanos, entre todos os cursos analisados acima, a Sociologia é a disciplina que menos ultrapassa o funil do bacharelado para o mestrado. Porém, é aquele que mais converte seus mestres em doutores (Gráfico XIII). Ingressar no mestrado parece fazer parte de uma profissionalização que pressupõe seguir o doutorado, como é o caso da carreira acadêmica. Já para outras profissões, o mestrado é uma etapa que abre perspectivas no mercado de trabalho não acadêmico.

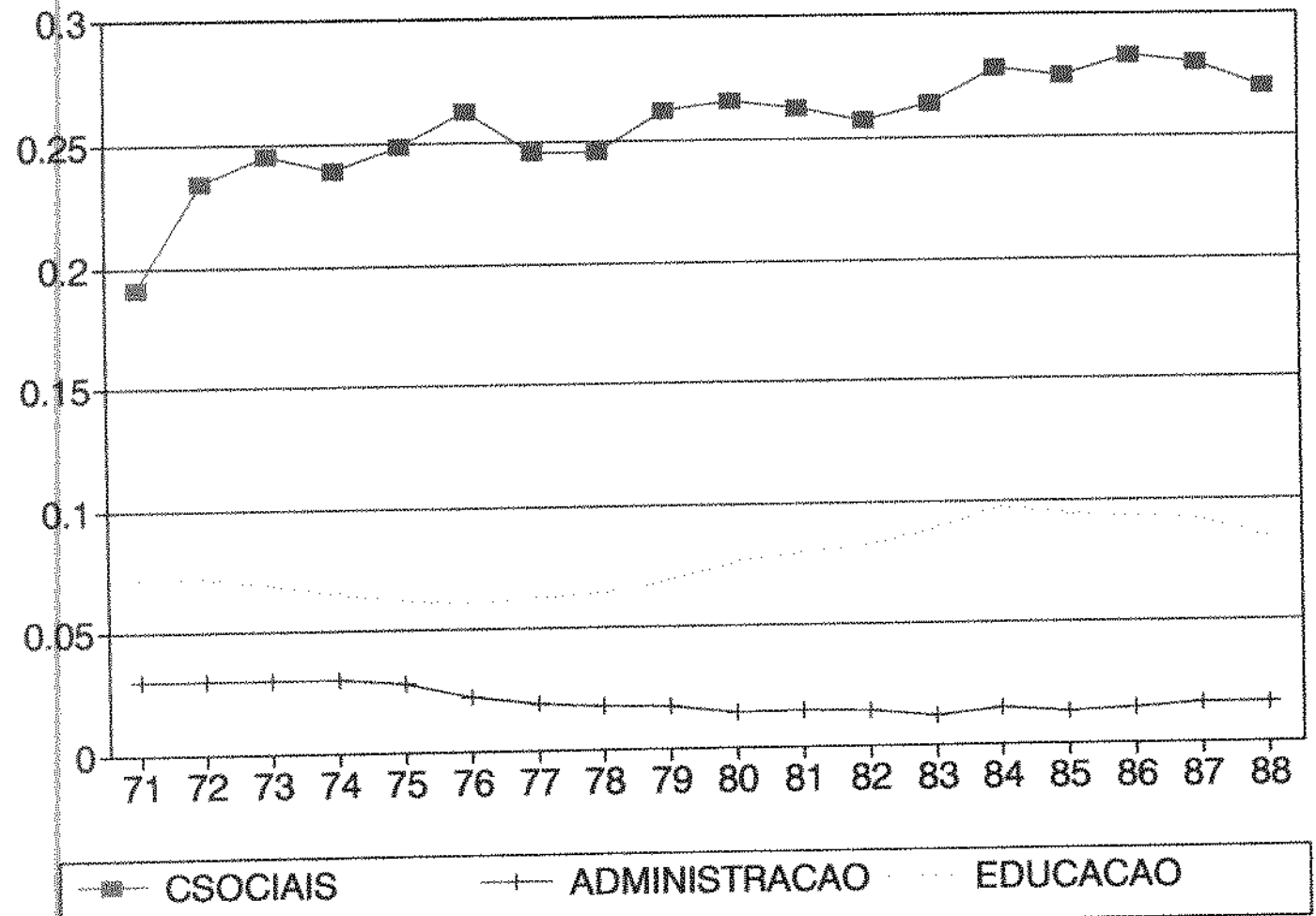
Dentro das Ciências Sociais, tanto História quanto Economia apresentam uma procura maior pelos cursos de mestrado. Sociologia tem um padrão mais parecido com a Ciência Política neste particular.

Essa crença na identidade acadêmica dos sociólogos se baseia muito mais na capacidade organizativa e na articulação de interesses do segmento, com seu saldo de 40 anos de história, do que nos números das últimas duas décadas.

A distribuição de recursos federais para a pesquisa nas Ciências Sociais, nos anos 80, apontam para uma capacidade de recuperação invejável (64). Os cortes que atingiram a área na gestão de Reagan foram repostos. Até a participação dos cientistas sociais nos cargos do governo, que havia

(64) A tabela XI apresenta a distribuição dos recursos federais por disciplina.

GRAFICO XIII - GRAU ACADEMIZACAO II
DOUTORADOS/MESTRADOS - EUA



sofrido um baque nos primeiros anos da década, chegam ao final do período recuperados. Foi nesse período que a relação entre formados no bacharelado e formados no mestrado aproximou-se. Pode ser que as perspectivas de intervenção social dos sociólogos tenha se restringido nesse momento. Foi a era do não ao Estado interventor. Os dados disponíveis são insuficientes para verificar a hipótese. A única informação da profissão é a amostra da ASA. Nela, no ano de 1981, a maior intervenção dos sociólogos se deu através das organizações não-governamentais sem fins lucrativos.

Já para o total dos cientistas sociais há dados oficiais. Excluindo-se os economistas desta categoria, havia empregados nos Estados Unidos em 1986, 264.000 cientistas sociais. Destes, 42.9% estavam na indústria, 30.1% nos estabelecimentos de ensino de todos os níveis, 12.7% nos governo locais e estaduais, 8.9% nas organizações sem fins lucrativos, 3.4% no governo federal e 1.9% em outros. É possível que a Sociologia siga este padrão de distribuição. O que há de interessante nesses dados é que identificam um contingente de cientistas sociais fora do meio acadêmico. Eles eram 5.7% do total de empregados na área de Ciência e Tecnologia (4.672.000) (65).

Também para as Ciências Sociais como um todo, os dados oficiais conseguem dizer além de quem é, quem não é do universo profissional, técnico e administrativo. Em 1987, os bacharéis em Ciências Sociais de 85/86, apresentavam a seguinte distribuição no mercado de trabalho: 40% estavam fora das atividades que requerem titulação superior, 21% não foram computados na força de trabalho e 6% estavam desempregados. Dos 32% restantes, 18% foram agrupados em negócios, 6% como educadores, 4% nos serviços públicos e sociais, 3% como técnicos, 1% em computação e 1% em comunicações (66).

(65) Ver tabela XII, em anexo.

(66) Ver tabela XIII, em anexo.

O curso de Educação apresentou uma elevada taxa de profissionalização na atividade, com 66% dos formados desse ano trabalhando como educadores, num total de 75% em atividades de nível superior. Apenas uma área apresentou maiores dificuldades de profissionalização que as Ciências Sociais. Foi o grupo das Ciências Biológicas, com 39% dos formados em 85/86 fora da força de trabalho e apenas 28% atuando no campo técnico, administrativo e profissional. A área já está feminizada, com a manutenção da participação das mulheres e a queda vertiginosa das titulações do sexo masculino.

Ao mesmo tempo que surgem novas alternativas no mercado de trabalho, outras se esgotam. Os homens acompanham mais rapidamente esses movimentos. Lá nos idos de 49/50, quando o curso de Educação era um diferencial e ser identificado como 'o professor' contava mesmo, o contingente masculino de educadores ainda dominava a profissão. Dez anos depois, as oportunidades tinham se diversificado e os homens haviam deixado o campo para o domínio feminino.

Nas Ciências Sociais, tais mudanças são ainda mais perceptíveis. É possível ver a área viabilizando o acesso ao ensino superior de contingentes masculinos que conseguem, por este caminho, ascender socialmente. Acompanhando este processo, identificamos tanto o empenho em transformar a disciplina numa atividade de elite, favorecendo o ingresso de seus membros neste segmento social quanto as tentativas de evitar uma queda, que a expansão da profissão tornou inviável. O desinteresse dos homens pela área ganha evidência quando a estratégia de mobilidade ascendente entra em esgotamento. Mas o discurso da identidade acadêmica da profissão preserva-se como uma defesa eficaz da imagem de elite que as gerações anteriores conquistaram.

É possível ver como a feminização do curso e da profissão se adequaram uma a outra. Afinal, 21% dos formados em 85/86 não estavam num mercado que não existia. Havia características na vida das mulheres que davam sustentação a

essa nova lógica. Uma parcela delas, como mostram esses dados, engrossou a audiência indispensável para a performance acadêmica no palco da profissão.

O mundo da Sociologia funciona assim. Palco e audiência interagem constituindo a profissão. É pelo fato da interação se processar que mudam as posições e os personagens que as ocupam. Houve um momento em que a profissão era principalmente composta de professores do sexo masculino. A relação entre palco e audiência era diferente. Os respectivos discursos também. No palco da profissão há, hoje, novos grupos ocupacionais. Há mudança. A ASA precisa e tenta atrair estes segmentos. Ela se bate contra os anos de vantagem na história da construção da identidade acadêmica. A favor dessa nova estratégia da associação, há os números das últimas 2 décadas. Seja qual for o resultado desta ação, ele representará a forma como palco e audiência processaram sua interação.

Um exemplo de como as mudanças e a interação se associam pode ser visualizada através da Tabelas XIV. As recentes alterações no perfil daqueles que já são doutores em Sociologia ajudam a compreender os novos discursos profissionais. Entre 1975 e 1981, declinou a porcentagem dos que estavam ligados à atividade docente e as ocupações fora do meio acadêmico se expandiram. O discurso da identidade acadêmica entre os doutores sofre o impacto da nova composição. Além da mudança introduzida por tal diversificação, a participação feminina conseguiu diminuir sua desvantagem em relação à posição masculina no mercado de trabalho.

A ampliação do contingente de mulheres entre os doutores tem progredido. Em 1989, elas ultrapassaram a casa dos 50% de títulos de PhD conferidos no ano. Essa inversão entre os gêneros, na titulação que caracteriza o universo docente, deve se refletir em quem desempenha a atividade e nas formas como a profissão fala de sua identidade. Afinal, é impossível para o contingente feminino que está agora

conquistando posição acadêmica, repetir um discurso preponderantemente masculino, como o da frustração de expectativas em função da curta distância social percorrida com a titulação em Ciências Sociais.

No 86º Congresso da ASA, realizado em julho de 1991, o presidente em exercício da associação, Stanley Lieberman, de Harvard University, no seu discurso de posse, brincou com o fato de ter sido eleito junto com Barbara Reskin, da University of Illinois. Ela estava ocupando o cargo de vice-presidente nesta mesma gestão. Há alguns anos atrás Barbara havia sido sua aluna. Segundo ele, ela passara boa parte do período de sua formação escolar, xingando-o de porco-chauvinista. Numa ocasião, chegaram a viajar para um congresso no mesmo voo sem se cumprimentarem. Agora, além dela ser uma colega que dividia a direção da entidade, ambos se divertiam com a lembrança dessas estórias. A mudança na morfologia de um grupo profissional muda também seu discurso e sua identidade.

Se a Sociologia entra no sistema profissional norte-americano com um contingente cada vez mais feminino, no Brasil esta característica vem desde a origem da profissão. As particularidades desta história são enfocadas no próximo capítulo.

5) O DESENVOLVIMENTO DA PROFISSÃO NO BRASIL

A bibliografia sobre a institucionalização das Ciências Sociais no Brasil está relacionada à criação da Escola Livre de Sociologia e Política - ELSP, em 1933, em São Paulo e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934. O impacto da fundação da USP impôs a necessidade de redefinição no curso da ELSP. Esta procurou acentuar diferenças de objetivos em relação ao curso de Ciências Sociais da USP, numa forma de garantir seu prosseguimento. A ELSP frisava sua finalidade prática na formação de técnicos para aumentar a competência administrativa tanto no setor público quanto no privado, o que, segundo a própria escola a distinguiu da USP e justificava sua continuidade (67).

O curso da USP, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - FFCL, consolidou-se como um referencial para a institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Desde o nascedouro, pautou-se por um discurso que acentuava o prestígio do tipo de conhecimento que iria transmitir. Enfatizava-se a necessidade de que o país viesse a dominar um saber indispensável ao desenvolvimento, que fosse capaz, além disso, de preparar os alunos dos cursos secundários em expansão. O discurso mais "altruísta" da FFCL voltava-se para uma elite que valorizava a informação cultural e o mais "prático", para segmentos sociais em ascensão.

Entretanto, segundo dados analisados por Miceli (1987) (68) e Limongi (1988) (69) os estudantes que foram formar as

(67) Limongi, Fernando - "A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo", in História das Ciências Sociais no Brasil, vol. 1, Sergio Miceli (ed.), São Paulo, Idesp/Vértice/Finep, 1989.

(68) Miceli, Sergio - "Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil (1930-1964)", in Revista Brasileira de Ciências Sociais, n° 5, v. 2, out. 1987, Anpocs, São Paulo.

(69) Limongi, Fernando - "Educadores e empresários culturais na construção da USP", São Paulo, tese de mestrado, Universidade de Campinas, mimeo, 1988.

primeiras turmas da FFCL procediam de um segmento social que apesar de dispor de recursos financeiros, não compunha a elite local. As mulheres e os imigrantes sobressaíam nessas turmas em comparação com o estudantado de Direito e Medicina, cuja característica social era sua vinculação à elite estabelecida.

Recuperando os fatos da época, Limongi registra o interesse inicial da elite local pelo curso, frequentando-o nos primeiros seis meses "em busca de ilustração, vida social e novidades" e seu afastamento das aulas a partir de então. Para contornar as dificuldades de obtenção de matrículas para o curso - o que inclusive ameaçava sua continuidade - foram criados incentivos para atrair novos candidatos. Professores primários foram dispensados de suas atividades no magistério para freqüentar os cursos, criando-se a figura do aluno comissionado. Posteriormente, instituiu-se um sistema de bolsas para os não-comissionados cuja principal função foi conter a evasão escolar. Do total dos estudantes que concluíram o curso nos quatro primeiros anos de sua existência, 58.3% eram comissionados ou bolsistas.

Assim, na origem, as Ciências Sociais foram enfrentando adversidades oriundas da sua posição mais fraca frente às profissões liberais tradicionais. Elas foram ocupando os espaços existentes na estrutura educacional e profissional, para constituir o campo da profissão e disputar áreas e atividades.

As diferenças nas estratégias de sobrevivência e nos objetivos dos cursos da ELSP (atual FESP - Fundação Escola de Sociologia e Política) e da USP indicam como essas duas instituições atuaram para enfrentar a competição intraprofissional e interprofissional. A ELSP procurou frisar como sua prioridade a formação de funcionários com competência técnica. A perspectiva era criar um nicho numa área onde a USP não atuava. A FFCL, de início, se propôs a formar uma elite intelectual para o país, mas ampliou seus

objetivos acrescentando a capacitação de professores para o nível secundário. Embora essas diferenças possam não ter assumido, na prática, a mesma dimensão que preconizavam os estatutos das instituições, elas forneciam identidades distintas aos membros da FFCL e da ELSP e justificavam os projetos dos dois cursos.

No Brasil, as Ciências Sociais começam a se institucionalizar a partir das duas escolas. Entretanto, elas se defrontaram com um sistema profissional cuja espinha dorsal já estava delineada pelo Direito, a Medicina e a Engenharia. O primeiro curso jurídico criado no Brasil data de 1825. Três anos depois instituiu-se o primeiro curso de Medicina do Império. As duas profissões tiveram, portanto, mais de cem anos de antecedência em relação as Ciências Sociais no Brasil. Até a criação da FFCL-USP, o que se constituía na problemática social, enquanto objeto de estudo, estava acoplado ao curso de Direito.

Em 1832, uma lei imperial autorizou a criação de um curso de estudos mineralógicos, em Minas Gerais, base da Escola de Minas de Ouro Preto, que só foi ser implementada de fato em 1875. É também da década de 30, a Escola de Agricultura, fundada em 1838, com sede no Rio de Janeiro, na Lagoa Rodrigo de Freitas. Surgiu daí a profissão de agrimensor, regulamentada em 1887, em função da criação dos cursos de Engenharia quatro anos antes.

Uma análise das legislações federais brasileiras sobre o ensino superior, permite observar que desde essa época, o surgimento de um curso novo, leva a que se regulamente as profissões que estão na área ou na fronteira. É o mais evidente sinal da competição que gesta o sistema profissional desde o início das profissões de nível superior. Em 1873, a legislação imperial autoriza o "ensino da Engenharia Militar, das Ciências Físicas e Matemáticas", através da fusão da Escola Militar com a Escola Central. Do resultado da fusão nasce a Escola Politécnica que se dedica ao ensino da Engenharia Civil. Já o meio século de 'atraso'

do advento do curso de Engenharia no Brasil é um indício da desvantagem desta profissão, se comparada com a força do Direito e da Medicina. A marca da desvantagem acompanha, de certa maneira, a valoração social desta profissão até hoje. Os médicos e os advogados continuam sendo as profissões mais prestigiadas e as que detém maior poder na organização, regulamentação e controle de seus interesses (70).

Além das profissões que se consolidaram como as liberais tradicionais, o sistema profissional brasileiro contava com a participação de outros estabelecimentos de ensino superior, que antecederam a criação dos cursos de Sociologia e Ciências Sociais no país. Em 1858, a legislação imperial criou o Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro. Em 1890, é a vez de surgir, no Observatório do Rio de Janeiro, a Escola de Astronomia e Engenharia Geográfica. Também neste ano a Saúde Pública começa a conquistar espaço fora da Medicina. Separa-se o Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina. Em 1892, cria-se o Pedagogium, um laboratório de Psicologia Pedagógica. A Psicologia começa vinculada às normalistas e voltada para a Educação. A Academia de Belas Artes, criada em 1877 e o Conservatório de Música, criado em 1841, mudam de status em 1892. Passam a ser a Escola Nacional de Belas-Artes e o Instituto Nacional de Música.

O novo século traz novidade ainda antes da criação da ELSP e da FFCL. A Medicina e Saúde se diversificam. Em 1901, vem a Clínica de Psiquiatria e de Moléstias Nervosas da Faculdade de Medicina. Logo depois, ganham status oficial as Escolas de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia de vários estados. A Veterinária é regulamentada em 1912, na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária. Em 1919, a Faculdade de Odontologia ganha autonomia.

(70) Dados extraídos da Legislação Federal do Ensino Superior, 1852/1952, publicação da Reitoria da USP, São Paulo, 1953.

Na área do Direito, surgem regulamentações sobre novas escolas de ensino jurídico e sobre novas disciplinas, com o desmembramento de antigas ou a com incorporação de cadeiras ensinadas também em outros cursos.

Em 1930, uma legislação concede o grau de engenheiro geógrafo aos estudantes aprovados na 1ª série do curso de Engenharia Civil. Em 1931, regula-se o exercício da Enfermagem no Brasil e a equiparação das Escolas de Enfermagem. Organiza-se também o ensino comercial, com cursos de perito contador, guarda-livros, atuário e o curso superior de Administração e Finanças. Regula-se a profissão de contador. O curso de Biblioteconomia é restabelecido na Biblioteca Nacional.

Em 1932, vem a regulamentação e fiscalização do exercício da Medicina, Odontologia, Veterinária e das profissões de farmacêutico, parteira e enfermeira. O vestibular se torna obrigatório para o ingresso no curso de Química Industrial e em 1933, cria-se a Escola Nacional de Química. Em 1934, uma lei federal "concede inspeção preliminar aos cursos de Letras, com o complemento de formação pedagógica à licença cultural do Instituto Superior de Pedagogia, Ciências e Letras da capital de São Paulo". A inspeção permanente é concedida em 1937.

É na estrutura embrionária do sistema profissional brasileiro que vai surgir a profissão de cientista social. Neste espaço, ela vai se inserir e disputar áreas de atuação. Além das atividades profissionais apresentadas como objetivos dos cursos da ELSP e da USP, as Ciências Sociais estiveram entre as primeiras profissões superiores a colocar sua marca no incipiente mercado de trabalho intelectual. Já na década de 1930, as conexões entre a formação acadêmica e a área de difusão cultural atraíam cientistas sociais para jornais, revistas e editoras, como jornalistas, ensaístas, críticos, tradutores, revisores e editores. Eles também trabalhavam como jornalistas, ensaístas, críticos,

tradutores, revisores e editores. (71) A trajetória ocupacional da profissão no Brasil teve seus alicerces construídos nesta época.

A ausência de possíveis competidores numa posição mais sólida representou, para as Ciências Sociais, a oportunidade de ocupar os espaços profissionais. As profissões liberais, como o Direito, também participavam desse mercado. A área de difusão cultural não demandava dedicação integral do colaborador e não lutava pelo monopólio da atividade.

A diversificação dos objetivos dos cursos da ELSP e da USP colocou seus formados em posições diferentes no mundo do trabalho, e possibilitou a expansão da área de atuação profissional. Na década de 30, ainda não existia o curso superior de Comunicação nem o de Economia e a nascente Administração estava acoplada às Finanças e Contabilidade. Todos esses cursos vão, posteriormente, disputar e conquistar atividades que estavam sendo desempenhadas por pessoas formadas nas escolas existentes, destacando-se a de Ciências Sociais.

A origem quase simultânea de dois cursos na área de Ciências Sociais, numa época caracterizada pela ausência da demanda de alunos por essas disciplinas, também marcou a trajetória da profissão no Brasil. Para sobreviverem, ambos os cursos precisaram rapidamente redefinir seus objetivos e escopo de atuação para áreas onde havia espaço na estrutura profissional. Esta foi outra fonte de competição intraprofissional.

Identificamos na FFCL e na ELSP duas diferentes culturas sendo gestadas sobre as práticas profissionais e a imagem da profissão. Com frequência, explicamos esta diferença tomando como referencial a influência do pensamento sociológico americano sobre a primeira escola, e a influência francesa na constituição do curso da USP. Mais do que um fator explicativo, esta relação tornou-se um

(71) Ver análise sobre mercados das Ciências Sociais nos anos 30/40, em Miceli, Sergio (1987).

componente da cultura profissional local. Ela se transformou numa verdade sobre o passado, dando sentido as diferenças no presente das Ciências Sociais no Brasil.

A vertente explicativa que se baseia nas distintas influências estrangeiras, e nos seus modelos institucionais e intelectuais, para olhar a origem do padrão uspiano ou o da ELSP, acaba ocultando a dimensão das competições e dos espaços existentes no sistema profissional local (72). Este ângulo de visão focaliza apenas os aspectos internos ao campo, deixando de lado os condicionantes externos a ele. A morfologia de tal sistema e das mudanças que vivenciou estão intimamente relacionadas com o destino das instituições que compõem o mundo da profissão.

Com isto, não se pretende aqui negar as marcas que diferentes influências acadêmicas internacionais possam ter deixado nas Ciências Sociais nacionais. Entretanto, outros trabalhos já enfatizaram a dinâmica e a capacidade interativa dos indivíduos, que se reapropriam de criações, modelos e idéias que não são originalmente seus e os reconstroem, atribuindo-lhe novos significados (73). O modelo francês adotado nas Ciências Sociais brasileiras se institucionalizou aqui mais rapidamente do que lá. Com isto, a profissão se expandiu mais cedo no Brasil do que na França.

Apesar da polarização entre o modelo americano e o francês, professores do porte de Florestan Fernandes, na segunda geração, ou de Juarez Brandão Lopes e Aparecida Joly Gouveia na subsequente, estiveram em ambas as instituições e

(72) Ver Schwartzman, Simon - "A força do novo: por uma Sociologia dos conhecimentos modernos no Brasil", in Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 5, vol. 2, outubro de 1987, Anpocs, São Paulo.

O artigo de Fernanda Massi, citado na nota 74, também aponta essa diferença na influência americana e francesa na origem das duas escolas.

(73) Ver Schwarcz, Lilia - "Homens de ciência e a ciência dos homens", SP, USP, tese de doutoramento, 1992, mimeo. Vianna, Hermano - O mundo funk carioca, RJ, Jorge Zahar Editora, 1988.

interagiram com ambas as influências. Até mesmo entre os membros da primeira geração de professores, que contava com os próprios estrangeiros, essa dicotomia entre um modelo mais filosófico e um mais empirista não parece ter sido tão clara. Os problemas com recursos deram o seu tom no perfil que as instituições desenvolveram. Roger Bastide, professor francês que chegou à USP em 1938 e ocupou a cadeira de Sociologia I entre 1941 e 1954, responsabilizava a falta de verbas pelo fato de não poder realizar pesquisas com seus alunos. Já Donald Pierson, PhD na Escola de Sociologia de Chicago, e professor catedrático de Antropologia Social na USP entre 1939 e 1956, conseguiu encontrar recursos, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, para desenvolver suas pesquisas empíricas (74).

Examinar quem são os personagens que compõem o mundo das Ciências Sociais da época, como interagiam entre si e com as demais profissões ajuda a captar este passado de uma maneira mais dinâmica.

Embora se trabalhe com uma imagem que o curso da USP sempre foi voltado para a reprodução de seu corpo docente, os dados que dispomos sobre os 187 formados nos quatro primeiros anos da FFCL indicam que 25% deles tornaram-se membros de seu corpo docente (75). Apesar de não sabermos o destino profissional dos demais 75%, este contingente não está incluído na explicação da auto-reprodução. Mas sabemos que o curso de Ciências Sociais já contava com um contingente feminino elevado para as características da época, em função da estratégia de recrutar normalistas para garantir a sobrevivência do curso. Uma parte delas pode ter dado continuidade à sua carreira no 2º grau, enquanto outras podem ter se voltado para a vida familiar, através do casamento e da maternidade, sem ingressar no mercado de

(74) Massi, Fernanda - "Franceses e norte-americanos nas Ciências Sociais brasileiras (1930/1960)", in História das Ciências Sociais no Brasil, (org.) Sergio Miceli, SP, Idesp/Vértice/Finep, 1989.

(75) Ver Limongi (1988).

trabalho ou mesmo se retirando dele. Esta suposição baseia-se mais no perfil profissional das sociólogas de hoje do que em dados reais sobre seu passado.

Apesar da participação feminina nos cursos de Ciências Sociais ter se ampliado após as diversas mudanças que se operaram na sociedade nos anos 60, atingindo um índice de 75% do corpo discente em 1968, o perfil feminino da profissão já estava estabelecido antes dessas mudanças (76). A série de dados disponíveis sobre a expansão do corpo discente no Brasil começa a ser coletada em 1948. Neste ano, as mulheres matriculadas nos cursos de Ciências Sociais representavam 42% do total de alunos. Para a década de 30, dispomos do número de titulados no curso da USP (77). A porcentagem de mulheres que se formou neste período é de 53%.

Se para elas tal estratégia representou o acesso à vida universitária e a um conhecimento abstrato pouco comum ao gênero na época, a presença desse contingente no curso favoreceu o tipo de hierarquização e de estratificação que a profissão viveu no Brasil. A competição entre os profissionais do sexo masculino pelas posições que estruturaram a elite intelectual brasileira foi menor do que, por exemplo, nos Estados Unidos. Nas posições privilegiadas da carreira, a participação masculina aparece sobre-representada se comparada com seu peso no total do corpo discente. Em 1948, o número de professores universitários de Ciências Sociais era de 75 (78). Neste ano registra-se o maior índice de participação feminina na função (15%), que só vai ser superado na década de 60. Em 1973, as mulheres representavam 40% desse mercado de trabalho embora sejam 75% do alunado.

Ao contrário da análise desenvolvida por Miceli (1989), que interpreta a feminização das Ciências Sociais como um

(76) Ver tabela XVI, em anexo.

(77) Ver tabela XVII, em anexo.

(78) Ver tabela XVIII, em anexo.

fenômeno intensificado nos últimos anos, responsável em boa parte, pela segmentação do mercado de trabalho e pela depreciação social da profissão, os dados apresentados acima demonstram que o perfil feminino da área já era muito expressivo para o modelo vigente no país antes dos anos 60, e que a profissão estratificou-se logo na sua origem.

A feminização da profissão não pode responder por nenhum desses dois fenômenos, nem pela depreciação social nem pela segmentação da profissão. O mercado de trabalho dos sociólogos nos Estados Unidos, em particular o do meio acadêmico, já era segmentado mesmo antes da participação feminina aumentar. A segmentação do mercado acabou atuando como uma barreira para o ingresso das mulheres na atividade docente superior (79). Nos Estados Unidos, essa barreira tem sido ultrapassada de uma maneira mais lenta do que no Brasil.

Se a inclusão das normalistas no curso da USP foi uma estratégia de sobrevivência para as Ciências Sociais, de uma perspectiva profissional o resultado foi bem mais amplo. Ela representou um diferencial positivo para a participação feminina no mercado de trabalho. A proporção de mulheres ocupando posições no meio acadêmico brasileiro é superior à americana (80). Lá, a procura feminina pelos cursos de

(79) Conceito de segmentação foi extraído de Stinchcombe, Arthur - "Social mobility in industrial labor markets", in Stratification and organization, Cambridge University Press, 1986, páginas 86/89. A idéia baseia-se na capacidade dos professores universitários controlarem corporativamente o recrutamento na profissão. Esse controle exclui os iniciantes na carreira. Estes são treinados para essas posições. Só os contratados estão aptos a 'vender educação universitária'. Há um monopólio que permite aos professores receberem um salário superior ao que poderia ser pago a outras pessoas para fazer esse trabalho. Mas não há monopólio entre os iniciantes. A segmentação vem do monopólio dos iniciados na seleção dos novos candidatos entre os jovens que recebem o treinamento.

(80) As diferenças na expansão da participação feminina nas Ciências Sociais no Brasil e nos Estados Unidos desde os anos 30 associa-se também às diferenças na situação da mulher em ambos os países. A maior procura do sexo feminino

Sociologia foi se ampliando conforme os homens foram perdendo interesse pela área. As alunas representaram, nos Estados Unidos da década de 80, a manutenção de uma demanda que vinha caindo acentuadamente. Em ambas as situações, no Brasil ou nos Estados Unidos, a chegada feminina na profissão tem muito pouco de invasão ou depreciação. As evidências são de que elas ocuparam espaços vagos, devido ao desinteresse masculino pela profissão. Nas atividades profissionais onde os homens continuam tendo interesse, como é o caso do meio acadêmico, o ingresso feminino tem que enfrentar a barreira da segmentação.

No final da década de 80, nos 64 departamentos de Ciências Sociais stricto sensu (Ciências Sociais, Sociologia, Ciência Política e Antropologia) existentes no Brasil, havia 1644 docentes (81). Isto representava cerca de 4.5% do estoque de profissionais aptos para o mercado de trabalho. Em 1985, o estoque de profissionais de nível superior formado em Ciências Sociais já era da ordem de 36.500 em todo o país. Se o curso sobreviveu e se expandiu em diversos estabelecimentos de ensino no país nesses 50 anos, é preciso repensar esta imagem de que ele é voltado para a sua auto-reprodução. Tal pode ser a identidade de um dos segmentos da profissão, os docentes superiores, que ao difundirem a imagem com que se identificam, encontram ressonância no corpo discente. Isto, por si só, não foi o fator que deu corpo à profissão ao tempo em que tinha 25% de seus formados trabalhando no meio acadêmico, nem é o que a sustenta hoje.

Um contingente superior a 4.5% dos formados precisa encontrar o que fazer para que a profissão exista e se segmente. As posições que eles encontram vão compor o quadro da competição intra e interprofissional. Uma profissão não

pelo curso de Ciências Sociais no Brasil pode refletir uma ausência de outras alternativas profissionais.
 (81) Tabulação especial fornecida pela Secretaria de Estatística da Educação e Cultura - SEEC/MEC, para o ano de 1987.

se resume a identidade de um de seus segmentos. Ela é resultado das interações que se estabelecem no mercado de trabalho, dos espaços que se disputam, se conquistam e se perdem. É na dimensão da história da profissão que conseguimos detectar como ela vem se desenvolvendo, para diagnosticar suas vitórias e suas derrotas.

O cenário da profissão, se visto historicamente desde a sua origem no país, apresenta uma trajetória em que se mesclam perdas e ganhos de posições e atividades no mercado de trabalho. Sob o prisma da competição interprofissional, as Ciências Sociais têm, simultaneamente, perdido alguns campos e conquistado outros. Ela interage no sistema profissional, de uma posição mais fraca, diante de outras profissões. A maior parte dos movimentos que faz decorre das possibilidades que surgem de suas interações nos contextos de mudança.

Como já disse, desde o início da constituição do campo, os cientistas sociais foram redefinindo seus objetivos e escopo, condicionados pelas disputas que tinham que enfrentar ou pelo surgimento de novas oportunidades.

Vale notar que fatores vinculados ao avanço tecnológico possibilitaram a expansão do campo de atuação da ELSP. Foi o surgimento, por exemplo, do rádio e da propaganda, que abriu o campo da pesquisa de mercado no Brasil. A primeira rádio inaugurada no Brasil data de 1927. É a Rádio Educativa que, depois, transformou-se na Rádio Tamoio. Neste ano, a Divisão de Publicidade da General Motors no Brasil, considerada a primeira 'escola' de propaganda no país, contava com 27 profissionais. A década de 40 se torna conhecida como a 'era do rádio no Brasil'.

A primeira pesquisa de mercado realizada no país data de 1934 (82). Ela foi feita pela N. W. Ayer-Son e era uma

(82) As informações sobre a origem da pesquisa de mercado no Brasil registradas aqui resumem a reconstituição histórica feita no livro História da propaganda no Brasil, organizado por R. Castello Branco, et alii. Ver especialmente o artigo de Octávio Costa Eduardo, "O desenvolvimento da pesquisa de

encomenda do Departamento Nacional do Café. Foram realizadas entrevistas pessoais com 12.000 consumidores e 3.000 torradores e revendedores em 18 estados. Esta pesquisa pioneira foi dirigida por dois ex-funcionários da GM, que haviam ido para a Ayer e que fizeram carreira na propaganda brasileira: Francisco Teixeira Orlandi (na época, gerente na Ayer) e Charles Dulley (contato).

O segundo registro de pesquisa no Brasil vem da área acadêmica da Psicologia. Foi realizada entre 1937 e 1939 pela psicóloga Aniela Ginsberg. Trata-se de um estudo sobre a memorização de anúncios de diversos tamanhos, com ou sem ilustração, publicados no jornal O Estado de São Paulo. Ao contrário da Sociologia, que teve o curso superior criado antes de sua participação neste mercado de trabalho, a Psicologia chega à área bem antes da estruturação do seu bacharelado e licenciatura no país, em 1962.

Em 1942, o Ibope é fundado por Auricélio Penteado, que além de desempenhar as atividades de promotor da Justiça Militar, fazia programas de rádio em São Paulo e queria conhecer o perfil de sua audiência. O Ibope cresce rapidamente nos anos 40. É nessa década também que se registra o ingresso do primeiro profissional formado na ELSP na área de pesquisa de mercado e opinião.

"Aluno da turma de 1938 da ELSP, (Octávio da) Costa Eduardo foi apresentado, em 1940, por seu professor Donald Pierson a Lloyd Free, editor do Public Opinion Quarterly, professor em Princeton e amigo íntimo de Nelson Rockefeller. Lloyd Free andava na ocasião visitando vários países onde, financiado por Rockefeller, organizava sondagens para apurar a imagem dos Estados Unidos e recolher opiniões acerca de seu envolvimento previsível na Segunda Guerra Mundial.

Free convida Costa Eduardo a montar uma equipe de entrevistadores para percorrer o país aplicando questionários. Dessa convivência Costa Eduardo retirou uma amizade que lhe foi útil quando, graças a Donald

propaganda no Brasil". No livro há informações divergentes sobre qual teria sido a primeira pesquisa realizada no país. Optei por reproduzir os dados apresentados no artigo de Costa Eduardo.

Pierson, lhe foi aberta a oportunidade para estudar Antropologia e Psicologia Social nos Estados Unidos. Lá estudou Psicologia Social e Antropologia Cultural com Angus Campbell, da Universidade de Northwestern e colaborador de Paul Lazarsfeld.

Voltando ao Brasil em 1945, Costa Eduardo tornou-se professor da escola onde se formara. Nessa função, em contato com alunos, ajudou a viabilizar outros projetos trazidos dos Estados Unidos e a treinar vários pesquisadores." (83)

Ao mesmo tempo que as Ciências Sociais começam a conquistar espaço neste mercado, na década de 40, elas também experimentam a competição pelo outro lado: pelo aumento da disputa nas áreas que a ELSP e a FFCL atuam. A nova competição que muda a morfologia do sistema profissional se concretiza nas leis criadas então. Em 1940, a legislação federal do ensino superior dispõe sobre a organização de cursos de Administração. Em 1941, ela dispõe sobre a realização simultânea de cursos nas faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Em 1943, a legislação institui o curso de Jornalismo no ensino superior. Em 1945, ela dispõe sobre o ensino superior de Ciências Econômicas e de Ciências Contábeis e Atuariais.

Se a regulamentação já não é, em si mesma, decorrente da existência de diferentes interesses em disputa, a sua criação passa a gerá-los. Ela espelha uma correlação de forças que é favorável a um lado, em detrimento de outro. As atividades que as Ciências Sociais se propunham a atender no campo da Administração privada e do Jornalismo começam a ter competidores com direitos legais de atuar na área.

A pesquisa de mercado, entretanto, parece garantir alguma força à Sociologia. Afinal, em 1946, cria-se uma legislação federal fixando o currículo mínimo para os cursos de Sociologia e Política e obtém-se o reconhecimento legal da ELSP, depois de 13 anos de sua criação. É também em 1946 que o governo federal legisla novamente sobre o curso de

(83) Durand, José Carlos - "Implantação da pesquisa de opinião e mercado no Brasil (1930/1972)", SP, FGV/NPP, Textos didáticos n° 9, s.d., mimeo.

Jornalismo, estabelecendo as bases de sua organização, além de autorizar os cursos da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP. Novamente, as Ciências Sociais brasileiras ganham de um lado, mas perdem de outro. O que a pesquisa de mercado traz de perspectiva de expansão das áreas de trabalho, é contrabalançado pelo surgimento de competidores no ensino superior, com a criação dos cursos de Jornalismo e de Economia.

Em 1952, começou a funcionar no MASP a primeira Escola de Propaganda no Brasil. O projeto de criação da escola foi coordenado por Rodolfo Lima Martensen, presidente da Lintas, que havia começado sua carreira na empresa como redator e radialista, em 1937. As disciplinas do curso eram Psicologia, Elementos de Propaganda, Técnica de Esboço (Layout), Arte-final, Produção e Artes Gráficas, Redação, Rádio-Cinema-Tv, Mídia, Estatística, Pesquisa de Mercado e Promoção de Vendas. Entre 58 e 68, Costa Eduardo lecionou nesta escola. Até 1968, ela foi a única Escola de Propaganda no Brasil.

O resumo que Durand faz da implantação e do desenvolvimento da pesquisa de opinião e mercado no Brasil, relaciona a área com incentivos oriundos dos avanços tecnológicos de cada época, que já dá uma dimensão do peso secundário das Ciências Sociais no sistema profissional. A pesquisa de opinião e mercado é implantada a partir do advento do rádio e se consolida no Brasil com a hegemonia da TV, na década de 70. Neste setor específico, junto com a hegemonia da TV veio a da Comunicação e da Propaganda e Marketing. Consolidou-se a pesquisa de mercado nos anos 70. A absorção de cientistas sociais no segmento foi ilustrada, num capítulo anterior, com o número de sociólogos filiados à Sociedade Brasileira de Pesquisa de Mercado. Mas a força que as atividades de criação tem no campo, estabeleceu os freios e os limites do setor de pesquisa. Os conflitos entre os departamentos de pesquisa e os de criação marcaram a trajetória de desenvolvimento da Propaganda. A correlação de

forças no sistema profissional se manifesta nas disputas concretas no mercado de trabalho (84).

Outra fronteira de disputa das Ciências Sociais foi com os cursos de Administração. A formação de administradores competentes para o setor privado passou a ser exercida por estes cursos. Embora, a ELSP tivesse introduzido tal objetivo no seu estatuto, ela só o preservou enquanto não apareceu um novo concorrente. Além do curso de Administração e Economia da USP, a Escola de Administração de Empresas da FGV, que já tinha sede no Rio, instala-se também em São Paulo em 1954.

No final da década de 60, além das perdas que as Ciências Sociais sofrem com as cassações de professores, a ELSP perde campo para a FGV, que cria o curso de Administração Pública. Possuir o diploma de Sociologia e Política até então, contava pontos nos currículos dos profissionais que pretendiam se submeter a concursos públicos em diferentes carreiras, como por exemplo, a de juiz. A formação superior para a profissionalização na administração pública deslocou-se para o curso da FGV, o que contribuiu para esvaziar o projeto da ELSP.

Embora as Ciências Sociais sofram derrotas expressivas frente à Administração, elas conquistam terreno em outras áreas fronteiriças, com destaque para a importância do setor público como mercado de trabalho para a profissão. O ingresso de profissionais nas novas atividades tem seguido um padrão semelhante. A área surge como uma novidade introduzida por mudanças sociais ou pelo desenvolvimento

(84) Há dois artigos escritos por profissionais da área de pesquisa, onde se relatam experiências pessoais, se descreve o funcionamento do setor e se reconstitui a história da pesquisa de opinião e de mercado. Ambos os textos fazem comentários sobre o conflito entre a área de pesquisa e a de criação. Ver o artigo de Costa Eduardo (1990) citado na nota 89 e o de Vera Aldrighi - "Eficiência publicitária e pesquisa de comunicação", in Tudo o que você queria saber sobre propaganda e ninguém teve paciência para explicar, Julio Ribeiro, et al., São Paulo, Atlas, 1985.

tecnológico. Ao mesmo tempo que há um espaço a ser ocupado no sistema das profissões, há profissionais participando da construção e da disputa pelo novo campo. Esta foi a origem da profissão, como também da sua expansão para a pesquisa de mercado, para o planejamento urbano, para as diversas áreas das políticas públicas e, recentemente, para a ecologia.

No planejamento urbano, por exemplo, as Ciências Sociais entram no campo, numa posição de disputar atividades. São tentativas de conquista junto à Geografia e à Arquitetura e Urbanismo, que também travam uma disputa com a Engenharia. Essa situação é oposta à que viveu com a Administração. Aqui, as Ciências Sociais competem para abocanhar uma fatia desse novo mercado da década de 50.

Na década anterior, a Arquitetura é objeto de legislação federal. Os cursos superiores começam a obter reconhecimento legal a partir de 1944. Em 1946, o governo dispõe sobre a regulamentação do exercício das profissões de engenheiro, arquiteto e agrimensor. Também neste ano, cria-se um decreto transferindo cadeiras da Escola Nacional de Belas Artes para a Faculdade Nacional de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. A FAU-USP é criada em 1948. Até então, o campo do urbano era afeto à Engenharia e à Geografia.

O planejamento urbano ganha forte impulso na década de 50, estimulado por uma política governamental desenvolvimentista, simbolizada pela construção de Brasília. O estímulo à profissão que vem de fora do sistema profissional altera a sua posição nele. A procura pelos cursos superiores da área se expande significativamente. A posição da Arquitetura frente ao enfoque normativo da Engenharia se diferencia. O planejamento urbano conquista um espaço que até então era exclusivo da Engenharia.

A Geografia e a Sociologia são aliadas da Arquitetura na priorização da questão urbana, no lugar da ênfase no desenho e da construção de obras. É uma aliança dos mais fracos na disputa com a Engenharia. O segmento do planejamento urbano conta principalmente com profissionais

oriundos da Arquitetura, da Geografia, da Sociologia e da Economia.

A Sociologia entra na área por uma brecha nos paradigmas da Arquitetura em relação ao problema urbano, no ponto em que não conseguem constituir uma alternativa ao enfoque que priorizava a obra de arte e a construção de prédios. É este espaço que ela visualiza para recortar o objeto de acordo com sua formação. Ela traz a vertente que estuda a história da sociedade e do Estado procurando identificar o processo que produz a cidade, em vez de conceber a cidade como um conjunto de edifícios. É a vertente 'dos processos' em oposição à vertente 'das obras'.

Seguindo a construção de Brasília, o país vive um processo intenso de urbanização, que aumenta ainda mais durante o período do 'milagre econômico' e se estende até 1978. O campo se constituiu rapidamente e representou uma alternativa profissional muito cobiçada pelos sociólogos que estavam começando carreira, na época do surgimento dos planos diretores, feitos para as prefeituras e os governos estaduais, interessados num plano de ação para as suas respectivas gestões (85).

Em cada um dos segmentos que os profissionais começam a expandir a participação das Ciências Sociais, o padrão encontrado é semelhante a este. Há uma confluência entre o aparecimento do espaço no sistema profissional e a presença de cientistas sociais na disputa e configuração do campo junto com outros competidores. O surgimento desse espaço no sistema profissional origina-se, muitas vezes, de um impulso externo gerado tanto pelo desenvolvimento econômico e tecnológico quanto pela implementação de políticas governamentais. Foi assim na pesquisa de mercado, no planejamento urbano e agora, nas questões do meio-ambiente.

(85) A principal fonte que utilizei para fazer este breve apanhado sobre o surgimento do planejamento urbano no Brasil foi a entrevista de Otávio, apresentada juntamente com outras, no capítulo 6.

O mesmo padrão é identificado no setor público e no setor privado. Neste último, a redemocratização do país atuou para expandir a profissão em áreas que ficaram tolhidas, mesmo no *boom* do milagre econômico. Além da proliferação do mercado das pesquisas eleitorais, os anos 80 vão ver o surgimento de departamentos de desenvolvimento social em algumas empresas privadas de grande porte, e a profissionalização das atividades de assessoria a movimentos sociais, sindicatos e associações. A redemocratização também aguçou as disputas com os profissionais de Serviço Social, principalmente nos órgãos governamentais que trabalham com intervenção social. Há um espaço maior para a ação, que aumenta a transparência das competições interprofissionais nessa área de fronteira.

Embora as Ciências Sociais tenham sofrido derrotas para a Administração (Gráfico XIV), as Comunicações (Gráfico XV) e a Propaganda e Marketing, que ganham uma expressão ainda maior em função do vertiginoso crescimento no contingente de candidatos que passam a ser atraídos para tais profissões, a partir da segunda metade anos 70, as Ciências Sociais também se expandiram numericamente no decorrer desses 60 anos de sua história no Brasil.

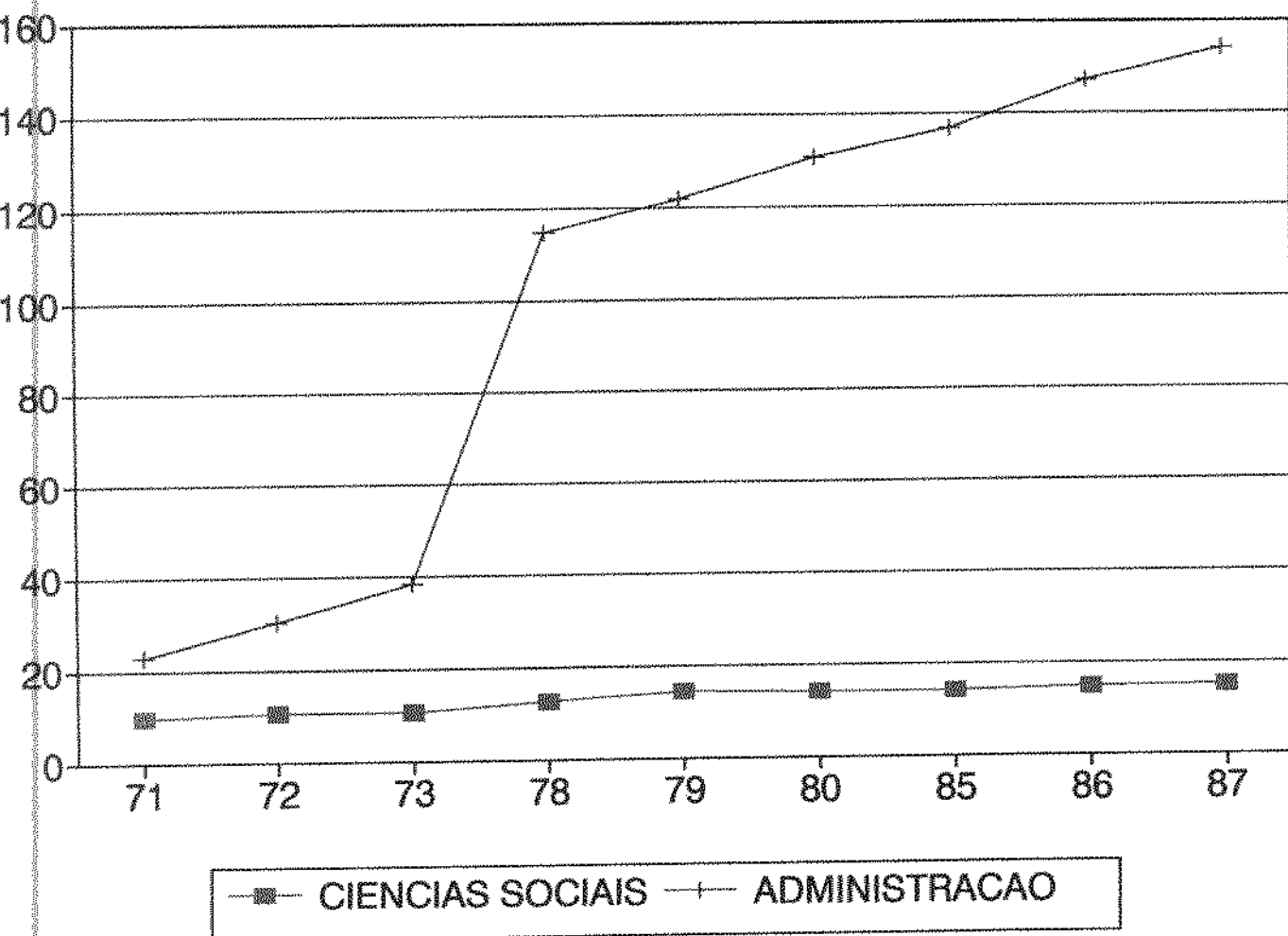
A atividade docente tanto superior quanto de 2º grau ampliou-se com a expansão do sistema educacional brasileiro. Além do crescimento no número de cursos de graduação em Ciências Sociais, desenvolveu-se os programas de ensino de pós-graduação e as atividades de pesquisa acadêmica (86). Surgiram centros de pesquisa fora da universidade no final dos anos 60 e nos anos 70, como o CEBRAP (86). Nos anos 80,

(86) Ver a pesquisa de Maria Armanda do Nascimento Arruda, "O sistema de pós-graduação no Brasil: um balanço", SP, IDESP, 1990, mimeo.

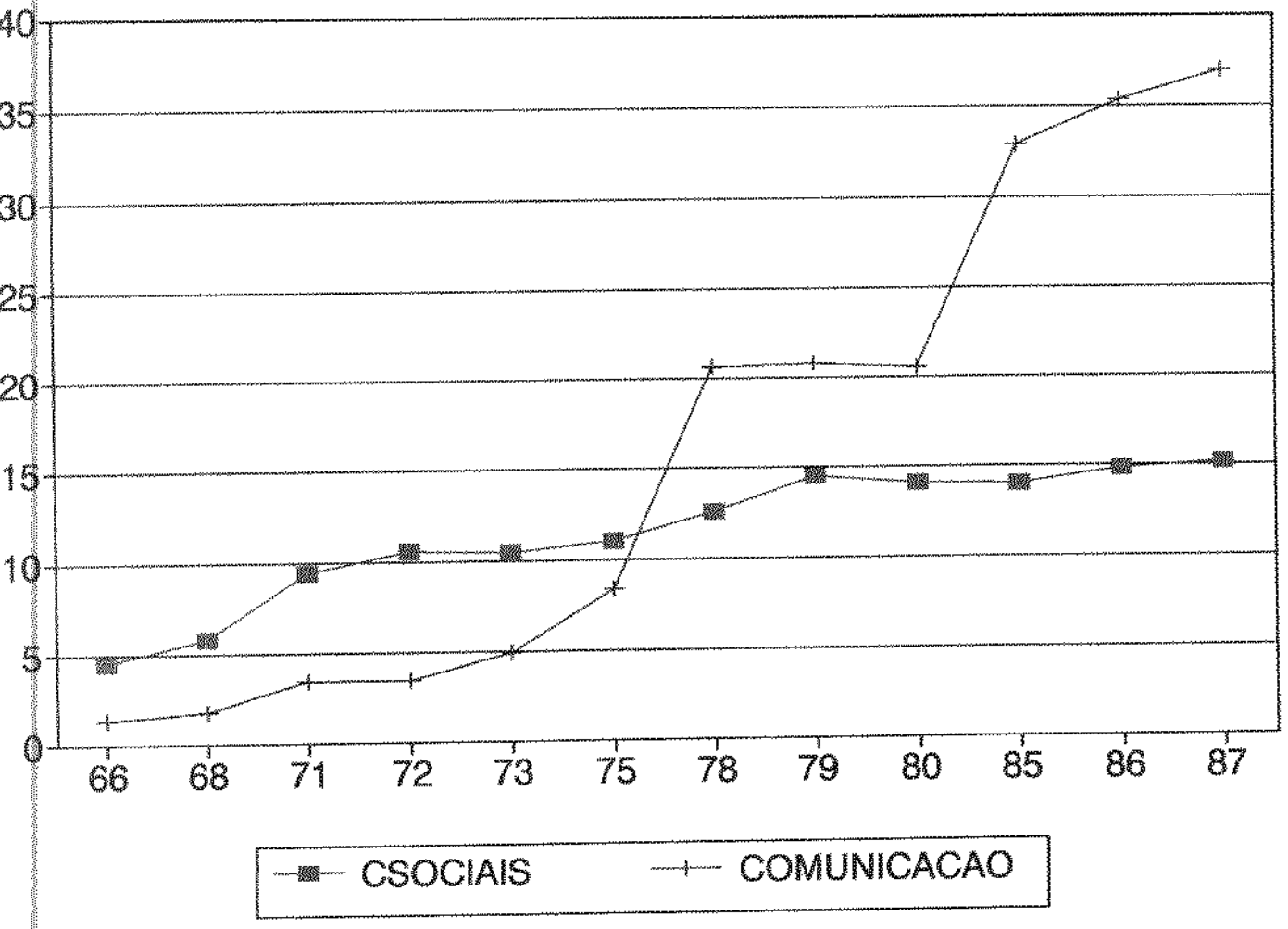
(87) Sobre os centros de pesquisa ver: Sorj, Bernardo - "Intelectuais, autoritarismo e política: o CEBRAP e as Ciências Sociais no Brasil", RJ, UFRJ/IFCS, 1985, mimeo.

- "Estratégias, crise e desafios das Ciências Sociais no Brasil", SP, IDESP, 1992, mimeo.

GRAFICO XIV - EVOLUCAO DAS MATRICULAS
GRADUACAO EM CSOCIAIS E ADMINIST. - BR



**GRAFICO XV - EVOLUCAO DAS MATRICULAS
GRADUACAO EM CSOCIAIS E COMUNIC. - BR.**



os núcleos e laboratórios de pesquisa voltaram a se expandir no interior do sistema universitário. Essas instituições absorvem parcela muito pequena de pesquisadores, geralmente vinculados à estrutura universitária como docentes ou como alunos.

Foi no meio acadêmico que as Ciências Sociais conseguiram preservar área de atuação intacta, mantendo o domínio do mercado. A expansão do sistema de ensino superior durante os anos 70 conteve parte das perdas na competição com outras profissões. Isto gera a equivocada impressão de que a profissão é voltada para a reprodução do seu corpo docente. Mas é impossível ignorar as profundas mudanças na morfologia do sistema profissional na última década.

Enquanto a expansão das Ciências Sociais estagnou nos anos 80, cursos 'tradicionais' como o de Direito ou 'modernos' como o de Administração, de Comunicações e de Economia continuam vivendo intenso desenvolvimento (95).

A fraqueza das Ciências Sociais se manifesta nas suas perdas de domínio sobre campos de atuação em disputa. Ela perdeu para os cursos de Administração, o objetivo de formar técnicos competentes para o setor privado e o público. Perdeu para os cursos de Comunicação, a jurisdição da área para atuar e formar profissionais para a imprensa. Com as dificuldades institucionais vivenciadas pela ELSP, o projeto de Donald Pierson de ensinar a pesquisar e diagnosticar a realidade nacional, sofreu grandes perdas. Parte do espaço que essa escola conquistara - o da formação de pesquisadores de mercado - ficou desocupado. Até a década de 70, a ELSP continuava preparando profissionais para atuar nesta área, mas nos anos 80 seus titulados já tinham um outro perfil. Do ponto de vista institucional das Ciências Sociais, o segmento ficou mais a descoberto, sujeito a ser disputada e até monopolizada por quem se proponha a dar conta da

(88) Sobre a expansão desses cursos superiores, ver tabela XIX (Administração), tabela XX (Comunicações) e tabela XXI (Economia) no anexo deste trabalho.

atividade. Os cursos de Propaganda e Marketing estão entre os candidatos que têm interesse no setor, como já exemplificava em 1955, o currículo da Escola Superior de Propaganda e Marketing apresentado acima.

Ser uma profissão fraca não é uma característica apenas das Ciências Sociais (Gráficos XVI e XVII). A grande maioria das profissões está em condições parecidas. Ser forte é que é uma exclusividade de poucos. No caso das profissões de nível superior, pode se dizer que só o Direito e a Medicina estão realmente nesta posição (96). Nem as engenharias, incluídas entre as profissões tradicionais, possuem os instrumentos de controle de mercado que possuem as duas anteriores.

O fato de a força ser uma característica de pouquíssimas profissões significa que há, para as demais, oportunidades de interagir no sistema profissional, conquistando e perdendo espaços nas competições que o movimentam.

(89) Sobre a expansão do curso de Direito ver a tabela XXII e para a Medicina ver a tabela XXIII, ambas no anexo.

GRAFICO XVI - ESTOQUE PROFISSIONAL - BR
PROFISSOES SEMELHANTES AS CSOCIAIS / 85

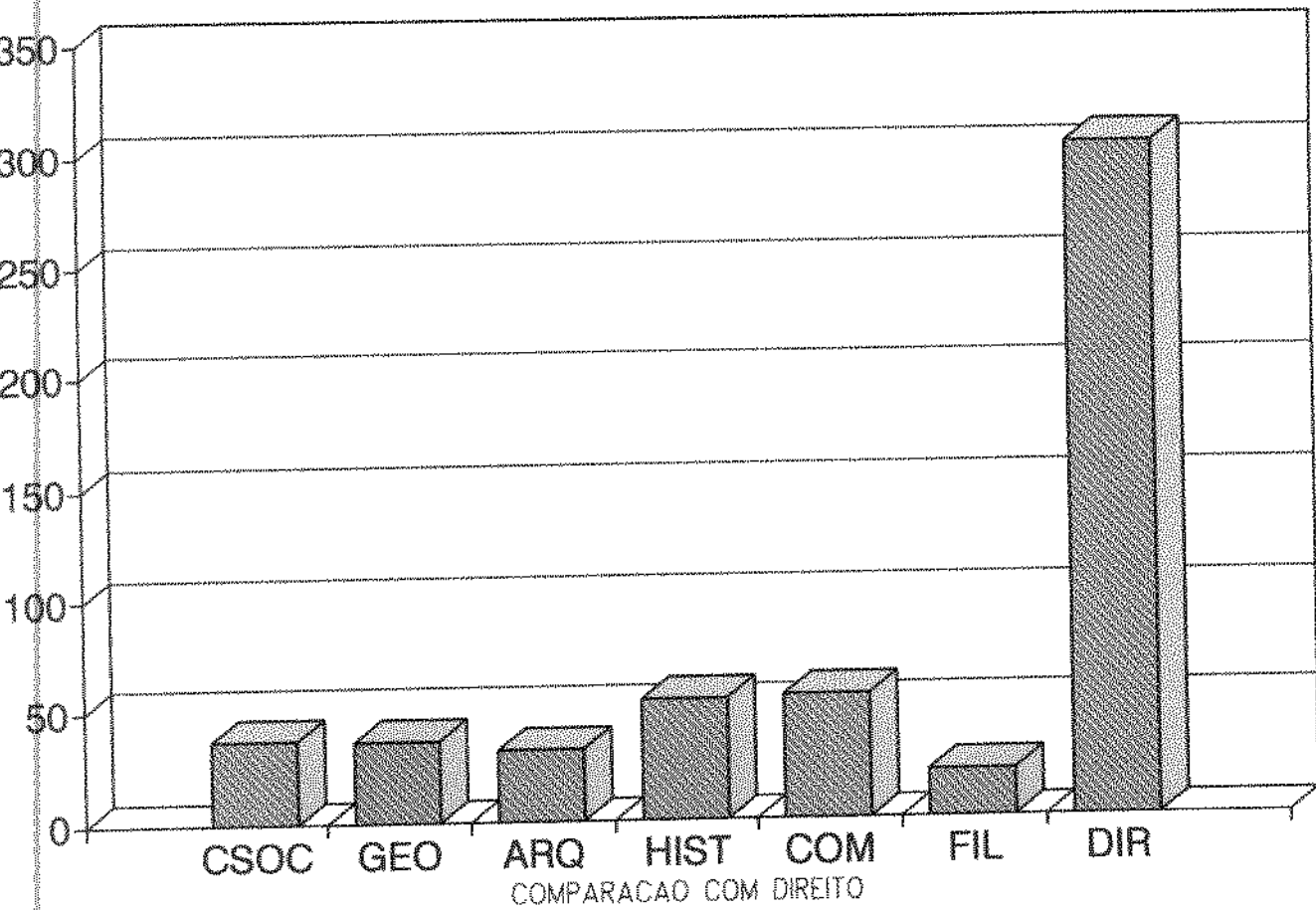
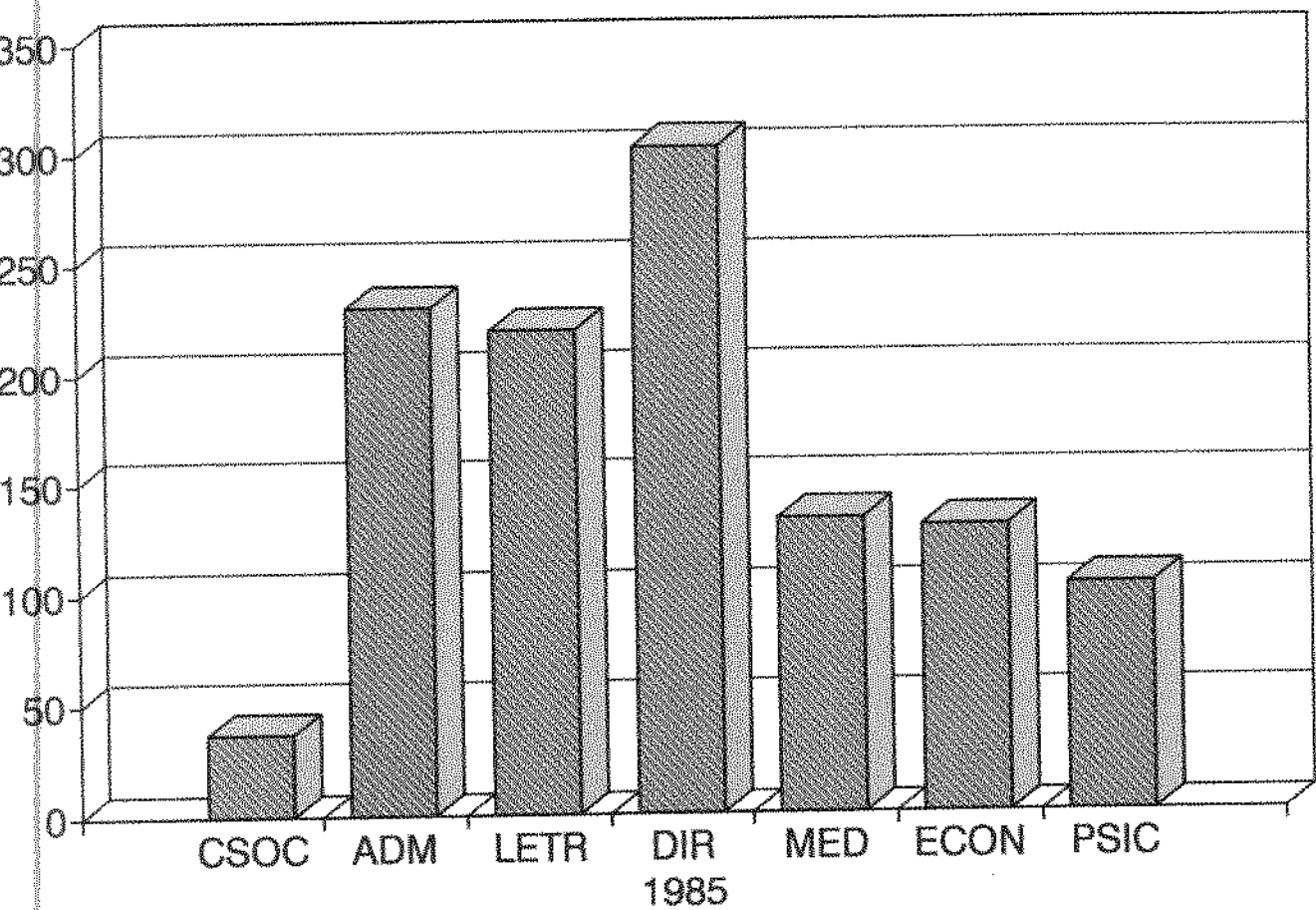


GRAFICO XVII - ESTOQUE PROFISSIONAL II
PROFISSOES CONTRASTANTES COM CSOCIAIS



. Conclusões

A estrutura da primeira parte da tese procurou relacionar dois objetivos que se complementam: a) expor o quadro profissional dos cientistas sociais que gera a percepção de crise na profissão, o que é feito principalmente na introdução e o no capítulo sobre os sócios da ASEP e da SBPM e b) buscar captar a lógica que dá transparência à dinâmica das Ciências Sociais, contrapondo-a às interpretações de que há incoerência, ausência de sentido ou caos na condição presente da profissão.

O segundo objetivo é orientado por uma perspectiva teórica desenvolvida no capítulo 2 da tese. Nela, procuro enfatizar que uma profissão precisa ser inserida no contexto do sistema profissional, para se captar os condicionantes gestados em tal dimensão macro. Este é um dos lados que compõe o modelo analítico. O outro lado, que é a dimensão micro, será focado detalhadamente na próxima parte da tese.

A lógica da profissão não pode ser pensada apenas como uma criação dela para ela mesma, como se fosse resultado apenas de sua produção interna. Há condicionantes estruturais, provenientes do sistema profissional e das especificidades históricas do contexto nacional em que está inserida. Esses dois aspectos ganham transparência na tese, quando analiso os sociólogos nos Estados Unidos, no capítulo 4 e o desenvolvimento da profissão no Brasil, no capítulo 5.

O que observamos de semelhante na situação da Sociologia nos Estados Unidos e das Ciências Sociais no Brasil se deve ao fato de ambas interagirem em tal sistema, partindo de posições estruturalmente equivalentes. É essa posição comum que condiciona a forma como ambas se inserem na competição interprofissional e caracterizam uma condição mais fraca. Para os dois países, há semelhanças: a) na diversificação das ocupações onde os sociólogos trabalham, b) no preenchimento de posições profissionais socialmente

menos valorizadas, e no crescimento da profissão para baixo, c) na perda da capacidade de atrair novos contingentes de profissionais.

As diferenças entre o caso brasileiro e o caso americano são decorrentes das especificidades do desenvolvimento da profissão, em cada um desses dois contextos. Um exemplo é a participação feminina na profissão. No Brasil, as Ciências Sociais já nascem com um elevado número de alunas, para os padrões da década de 1930. Os anos 50 marcam a consolidação desta posição, com a inversão na proporção de mulheres na área. No final da década, elas já são a maioria das matrículas e das conclusões nos cursos. Nos Estados Unidos, tal processo vai ganhar expressão a partir de 1970, cerca de 80 anos depois da criação do primeiro curso de Sociologia. Mas, até 1988, a participação delas não havia atingido a metade do total de titulados na graduação.

PARTE II

6) O MUNDO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: A INTERAÇÃO ENTRE O PALCO E A AUDIÊNCIA

- "Mas, como é essa profissão (diretor de teatro)? Como se batalha? A batalha é igual ou diferente da outra (pesquisador)?"

- "Eu acho que é igual. Eu não tenho muita mística das coisas. Eu acho que é igualzinho. É batalhar numa profissão igual como você batalha em qualquer outra. ... Como se faz? Sei lá. Não sei como é que se faz. Se faz fazendo. Se chama as pessoas e se faz. Se faz fazendo. Faz. Não sei te dizer assim. Sei lá. Se faz batalhando seu espaço. Igualzinho a outra carreira, a Sociologia, a carreira acadêmica. A batalha é igual."

(Formada PUC/82 - Era socióloga, pesquisadora. Decidiu ser diretora de teatro).

. A organização do material

Tomando emprestado a concepção do fazer profissional expresso acima, vou focar nesta parte como o mundo das Ciências Sociais interage na prática. As entrevistas qualitativas permitem duas análises complementares. Vistas uma a uma, elas ilustram como as pessoas foram construindo suas carreiras nos diversos cenários que vivenciaram. Os relatos das experiências individuais questionam os modelos rígidos de desenvolvimento de carreiras. Acontecem coisas na trajetória de vida dos indivíduos e na estrutura ocupacional que contam na forma como eles redesenham suas opções e carreiras. Isto vale também para a profissão como um todo. Não há seqüências obrigatórias a serem ultrapassadas para a profissionalização. Em ambos os casos, o padrão mais comum é o da ocupação dos espaços que vão aparecendo. É preciso haver uma brecha na estrutura ocupacional para ser disputada, conquistada, ampliada e consolidada.

Cada depoimento visto como uma unidade analítica, traz consigo as memórias e os sentimentos dos entrevistados em relação à sua trajetória. São histórias únicas. Pertencem

aos seus autores e são marcadas pela beleza de serem contadas diretamente por eles.

O outro prisma que complementa esta análise é a forma como organizo este material para contar o fazer da profissão como um todo. É o mundo das Ciências Sociais tomando corpo em decorrência das interações, tanto dentro de seu campo quanto fora dele.

O modelo abstrato da competição intra e interprofissional ganha vida nos depoimentos colhidos. Partindo da posição que os entrevistados ocupam no mercado de trabalho - ou seja, do que fazem - captamos as imagens que eles constroem de seu trabalho e do trabalho dos outros. Uma profissão se faz fazendo. Ela é resultado dos contrastes e das identidades que surgem do seu fazer, das posições que se conseguem conquistar nessas disputas e daquelas que se perdem para outros concorrentes.

A complexidade das relações é vivenciada no cotidiano da vida profissional. O que constitui a lógica do mundo das Ciências Sociais é que ele forma um todo composto de partes distintas que interagem. Essa é uma característica comum às profissões universitárias. Visto de dentro, sobressaem as tensões e os conflitos. Visto de fora, é a 'mística' que se destaca.

As entrevistas qualitativas foram organizadas sob tal lógica. Os entrevistados se relacionam com a profissão de dois ângulos básicos: do 'palco' das Ciências Sociais, atuando no seu fazer no mercado de trabalho, e da 'audiência', exercendo um papel indispensável ao funcionamento da profissão (90).

(90) Para elaborar a noção de palco e audiência formando o mundo das Ciências Sociais tomei como referência quatro autores que desenvolveram a concepção interacionista, a saber: Howard Becker (1982) e (1986), Strauss (1959), Blumer (1969) e Goffman (1967). Minha idéia de materializar esta concepção através da imagem de palco e audiência surgiu como decorrência da entrevista que realizei com Francisca, uma diretora de teatro que havia sido socióloga.

A construção do mundo das Ciências Sociais em termos de 'palco' e 'audiência' pressupõe uma concepção relacional de interação social. Capta-se o sentido e o significado das ações daqueles que estão na audiência, pela forma como se relacionam e se referem ao palco e vice-versa. Um informante classificado na audiência, ao contar como ele vê as pessoas que estão no palco, possibilita, essencialmente, que se compreenda como ele próprio se identifica. O que ele fala do outro dá transparência ao que ele é. Tentar entender o outro com base na visão que está sendo transmitida no relato do informante, obscurece a dinâmica da relação.

O princípio que segui para definir um sistema classificatório estruturado em dois lados, baseou-se na concepção de que só seria possível reter a lógica do mundo das Ciências Sociais, numa relação onde eu pudesse tomar a fala do informante sobre o outro 'lado', como um espelho que me revelasse uma imagem do próprio informante. Escolhi denominar esses dois ângulos de 'palco' e de 'audiência' porque transmitem a idéia interativa que quero acentuar.

Essa é a estrutura básica. No 'palco' estão aqueles que se identificam desempenhando atividades da área. Na 'audiência' estão os formados que declararam fazer outros trabalhos. Embora eu tenha dado um corpo à tipologia, ela foi extraída da forma como os entrevistados se viam. A classificação reflete os sentimentos de pertencimento ou não às Ciências Sociais, manifestados pelos informantes. A forma como eles se referem à profissão e como vivenciam seu trabalho é que dá vida a tipologia. Por esta razão, considero fundamental reproduzir longos trechos desse material, que acabam tornando a segunda parte da tese muito extensa. Entretanto, sem a reprodução das entrevistas, a tipologia perde seu significado. Para facilitar o percurso deste caminho, apresento uma sistematização de seus principais pontos, enfatizando as características e as hipóteses demonstradas.

A tipologia elaborada é adequada às identidades que detectei através das entrevistas realizadas. Elas refletem uma dada situação. Quando as Ciências Sociais conquistam ou perdem campo de atuação tal composição se modifica. Ela não é estática, nem sob o ponto de vista da posição das ocupações no seu cenário, nem dos profissionais que as desempenham.

Nessa perspectiva compreenderemos como as pessoas que ocupam diferentes posições, tanto no 'palco' quanto na 'audiência', interagem e dão existência ao mundo das Ciências Sociais. O estudo da identidade profissional e do fazer do mundo da profissão integram-se dessa forma.

O material qualitativo utilizado como base para a análise é composto de entrevistas prolongadas e de depoimentos. As primeiras foram realizadas através de meu contato com os entrevistados. Nos depoimentos eu não intervi fazendo perguntas. Ele foram apresentados em atividades públicas relacionadas às Ciências Sociais. Tratam-se de relatos sobre as trajetórias profissionais de cientistas sociais convidados a contar suas experiências em palestras ou mesas-redondas. Há 39 entrevistas, 4 recusas e 9 depoimentos, totalizando 55 informantes.

A seleção dos entrevistados baseou-se em dois critérios. O primeiro deles foi uma amostragem selecionada aleatoriamente nos cursos de Ciências Sociais da USP, da PUC-SP e da FESP, nos anos de 1972 e 1982, que compôs um amostra de 34 formados. Dessas, foram realizadas 30 entrevistas, pois com 4 informantes não consegui ultrapassar o contato telefônico inicial, onde obtive informações sobre a ocupação exercida pela pessoa selecionada. Como a recusa também pode ser um indicador de identidade, essas informações serão utilizadas. Dos 30 entrevistados, 6 formaram-se na USP/72, 7 na FESP/72, 5 na PUC/72, 6 na USP/82, 2 na FESP/82 e 4 na PUC/82. As quatro recusas são da FESP/82.

As outras nove entrevistas qualitativas foram realizadas com base num procedimento diferente para a sua seleção. Adotou-se como critério a escolha de casos típicos. Selecionei profissionais com experiência em diferentes segmentos das Ciências Sociais e incluí, entre eles, algumas lideranças institucionais. Entretanto, a presença delas é muito maior entre os depoimentos coletados do que entre as entrevistas. Geralmente, as pessoas convidadas para relatar suas experiências profissionais para platéias são lideranças constituídas ou tem algo de 'notável' e 'distintivo'.

Os depoimentos reunidos foram apresentados em dois tipos diferentes de eventos, voltados para clientelas também distintas. O primeiro deles foi uma série de mesas-redondas sobre o mercado de trabalho dos sociólogos, organizada pela Associação dos Sociólogos de São Paulo, dirigida aos seus filiados. O segundo foi um seminário sobre o mercado de trabalho das Ciências Sociais, promovido pela PUC-SP, para os alunos desse departamento.

Na amostra dos 34 formados encontramos pessoas que não trabalham, ou que não exercem essa profissão. Entre as demais entrevistas e depoimentos isso não acontece. Todas os informantes estão profissionalizados em atividades relacionadas às Ciências Sociais.

Entre esses 34, 14 foram agrupados no palco da profissão. Eles falam de si identificando-se, principalmente, como sociólogo ou com uma das especializações vinculadas às Ciências Sociais (91). A maioria deles tem como ocupação principal alguma atividade profissional da área. As outras 20 pessoas compõem o que chamamos da audiência. Em suas declarações afirmaram não serem sociólogos ou não terem mais nenhuma relação com a profissão. Em geral, posicionam-se numa diversidade ainda

(91) As outras denominações que refletem identidades profissionais vinculadas às Ciências Sociais são as de antropólogo, de cientista político e de pesquisador.

maior de ocupações, umas bem próximas e outras mais distantes do palco.

Das demais entrevistas, 6 ocupam posições no palco e 3 na audiência. Há profissionais de outras formações superiores, que mantêm relações de complementaridade ou de multidisciplinaridade com as Ciências Sociais e participam da audiência sob este ponto vista. Dos depoimentos registrados, 6 se auto-incluía de alguma forma no campo da profissão, 2 procuraram apontar mudanças nessa identidade e 1 se declarou fora da área.

Essa definição de estar ou não incluído no cenário da profissão é, em si, motivo de disputa. Há profissionais que negam essa identidade, mas são convocados a participar de mesas-redondas sobre o mercado de trabalho das Ciências Sociais. Eles já não se sentem parte dessa profissão. Construíram novas identidades. Mas há grupos e organizações da área que os consideram parte do corpo profissional. Também se registra a situação inversa. Entrevistados procurando se preservar de alguma forma no interior da profissão e encontrando resistências a isso. Os indicadores mais objetivos das exclusões são as escalas ocupacionais e a posição social das ocupações. Os mais subjetivos são as identidades de grupos e segmentos formadas em contraposição a outras.

Sob o ponto de vista dos relatos individuais, 25 entrevistados possuem sentimentos de pertencer às Ciências Sociais e 27 apontam para mudanças nessa identidade ou para a construção de uma outra.

Uma imagem da distribuição dos formados, segundo a posições ocupada no palco ou na audiência da profissão pode ser visualizada na ilustração abaixo.

. A TIPOLOGIA

SECUNDÁRIA

Souza

DISTANCIAMENTO

Debora

Durval

Daniel

EXCLUSÃO

Eliza

Eduardo

INVASÃO

Ivo

GOVERNO

Gustavo

George

Goreti

Graça

Guita

ACADÊMICO

Alice

Antonia

Arlete

Amélia

Alencar

Alberto

Acácio

Arlindo

Alves

Augusto

MERCADO

Marcia

Mirna

Monica

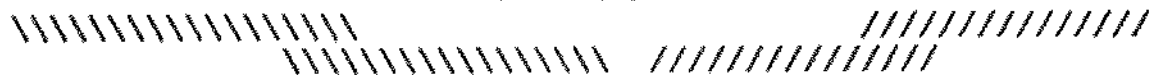
Miguel

PARTICIPAÇÃO

Patrícia

Paulo

PALCO



AUDIÊNCIA

OUTRA PROFISSÃO

Otávio

Orlando

FRONTEIRA

Fátima

Firmino

Flora

Fonseca

Francisca

Fernanda

NEGAÇÃO DA IDENT.

Nora

Nilton

CASA

Claudia

Cleonice

LONGE DO PALCO

Lenora

Liana

Luciana

Lais

Lucas

Leonel

Lincoln

Leonice

RECUSAS

Rui

Raul

Renata

Rosemary

Os entrevistados classificados no palco da profissão com nomes que começam com a letra A, estavam desempenhando atividades na área acadêmica. O grupo com nomes iniciados por M, trabalhavam com pesquisa de mercado, mídia e opinião. Aqueles com a letra G, estavam em algum tipo de órgão com vínculos com o governo do Estado de São Paulo ou com governos municipais paulistas. A letra P foi usada para se referir aos que manifestaram sua identidade com a profissão, através da participação na liderança sindical. A letra S representa os entrevistados que se posicionam no palco da profissão, pelo que consideram sua atividade profissional secundária. A letra D se refere àqueles que ressaltaram seu distanciamento em relação ao centro das Ciências Sociais. A letra E foi usada para os que vivem sentimentos de exclusão, e procuram preservar suas identidades através de alguma forma de participação voluntária. A letra I foi usada para um caso de ingresso no mercado de trabalho da área, cujo entrevistado vinha de outra formação superior. Em resumo, A vem de acadêmico, M de mercado, G de governo, P de participação sindical, S de atividade secundária, D de distanciamento, E de exclusão e I de invasão.

Na audiência, os nomes iniciados com a letra F referem-se aos que falam de uma posição de fronteira com a profissão. A letra N representa os que negaram ser cientistas sociais, embora tivessem sido considerados como tal por alguns grupos e organizações. A letra O foi usada para os que tinham outra profissão, e se relacionavam com as Ciências Sociais sob o prisma da multidisciplinaridade. É uma outra perspectiva de estar na fronteira. A letra L é dos que desempenham outras ocupações e se posicionam longe do palco. A letra C representa as donas de casa. Para as recusas, preservamos a letra R. Resumindo, F é de fronteira, N é para o negar a inclusão, O é outra profissão, L é longe do palco, C é de casa e R é de recusa (92).

(92) A classificação tomou como referência a ocupação que o entrevistado possuía à época de realização da entrevista.

Alberto e Acácio são professores de universidades públicas e desenvolviam atividades de pesquisa em centros fora da estrutura universitária. Eles participaram de um evento onde apresentaram a sua visão da profissão. O depoimento de Alice também foi colhido assim. Além de professora numa universidade particular, ela trabalha num órgão público. Alencar é professor numa universidade pública e estava desenvolvendo suas pesquisas no interior da universidade. Ele concedeu uma longa entrevista, mas não fazia parte dos selecionados na amostra. Também foi uma opção minha entrevistar Alves e Amélia. Ele havia feito um redirecionamento profissional e estava começando sua carreira como professor, após ter se afastado das Ciências Sociais por alguns anos. Ela era pesquisadora e estava frequentando um curso no exterior.

Antonia, Arlete, Arlindo e Augusto foram sorteados para a amostra. As duas primeiras se formaram na FESP/72. Os dois últimos na USP/82. Antonia estava dando aulas numa universidade particular e preparando seu doutorado. Arlete havia parado de ensinar numa faculdade particular e estava com uma bolsa de doutoramento. Augusto era pesquisador e estava completando seu mestrado. Arlindo era professor numa universidade brasileira, e estava envolvido num curso fora do país.

Marcia e Miguel contaram suas experiências profissionais em algumas mesas-redondas para os sociólogos. Marcia estava na área de pesquisa de mercado há bastante tempo e possuía uma pequena empresa de pesquisa. Miguel começara há alguns anos com pesquisas de opinião e dirigia a atividade numa empresa de maior porte. Eu escolhi entrevistar Mirna por sua trajetória na pesquisa de mercado e sua participação na Sociedade Brasileira de Pesquisa de Mercado. Após fazer carreira em grandes empresas do setor, trabalhava na época da entrevista como autônoma. Mônica foi

São informações que espelham a situação deles em algum momento do ano de 1990.

sorteada na turma da FESP/72. Era gerente de produção numa empresa consolidada na área de pesquisa de mercado, mídia e opinião.

Geraldo formou-se na FESP/72. Quando concedeu a entrevista, trabalhava dirigindo um órgão ligado ao governo estadual. Participava da articulação política e tinha uma trajetória que associava a militância e a atividade intelectual, através da produção de ensaios e livros. Guita e Gustavo tinham trajetórias que se assemelhavam a essa. Ela formou-se na USP/72 e estava dirigindo uma das diretorias de um órgão estadual. Sua carreira misturava titulação acadêmica e envolvimento político. Atuava na área de meio-ambiente. Gustavo formou-se na USP/82, fazendo outro curso superior na área de Administração. Deu prosseguimento à titulação acadêmica e possuía uma carreira que mesclava conhecimentos profissionais e participação política. Quando entrevistado, estava numa chefia de gabinete de um político, embora fosse funcionário de carreira de uma secretaria municipal.

As trajetórias de George, Goreti e Graça foram marcadas principalmente pela carreira técnica no interior de um órgão ou de uma secretaria. George e Goreti formaram-se na turma da USP/72. São funcionários concursados, aprovados logo após a titulação. Graça formou-se na PUC/72. Ficou uns anos sem trabalhar. Conseguiu uma posição de auxiliar administrativa, através de relações pessoais. A partir daí desenvolveu sua carreira. Todos os três já estiveram em cargos de chefia intermediária, como seções, gerências e divisões. No momento da entrevista estavam bem posicionados na escala de classificação de cargos, mas como técnicos. Não exerciam chefia. George e Goreti apontaram interferências do quadro político, na correlação de forças dentro da instituição. Havia situações onde isto se refletia no acesso ou não aos cargos de confiança de médio escalão. Graça não fez esta associação. Na sua experiência, os problemas que vivenciou limitaram-se à chefia interna.

Souza foi selecionado na turma da USP/72. Ele trabalhava para um órgão não-governamental, onde ingressou logo que se formou. No momento da entrevista, trabalhava na supervisão de programação cultural. Fora dessa função, ele exercia um papel que considerava mais teórico, escrevendo alguns textos e emitindo opiniões. Além disso, estava dando aulas num curso de Psicologia. Para ele, a sua identidade como sociólogo passava mais pelas atividades secundárias do que pela ocupação principal.

O depoimento de Paulo foi registrado em um evento público. Ele fazia parte da diretoria de uma das entidades que congrega sociólogos. Estava envolvido com os problemas e a defesa dos interesses dos membros dessa entidade. Profissionalmente, trabalhava num órgão público estadual. Entrevistei Patrícia depois dela ter organizado um seminário sobre a profissão, na entidade onde atuava. Naquela época, ela trabalhava em uma prefeitura da Grande São Paulo, desenvolvendo atividades na área de planejamento urbano.

Tanto Débora quanto Durval relataram suas trajetórias profissionais para uma audiência. Daniel foi selecionado na amostra. Ele formou-se na FESP/72 e quando concedeu a entrevista dirigia um órgão ligado ao governo estadual. Nos três casos, as atividades que eles desenvolviam foram apresentadas como menos vinculadas às Ciências Sociais. Débora era professora e fazia pesquisa na área de Saúde Pública. Enfocava sua especialidade como posicionada numa situação difícil. *"Ela sai um pouco da área das Ciências Sociais e não entra para a área 'dura' da saúde"*.

Durval e Daniel também se colocaram numa posição mais distante. Embora as carreiras que desenvolveram tenham pontos de semelhança com o grupo dos que trabalhavam no governo, onde conhecimento técnico e articulação política se mesclavam, esses dois depoimentos focalizaram a profissão sob outro ângulo. Naquele momento, eles estavam trabalhando como profissionais da política. Foi sob este prisma que

falaram, demarcando-se em relação à profissão de sociólogo e à atividade intelectual.

Eliza e Eduardo formaram-se na USP. Ela em 72 e ele em 82. Ambos eram funcionários públicos, ela oficial de justiça e ele bancário. Os dois tentavam preservar uma identidade de sociólogos, fosse recortando a atividade que realizavam sob um prisma que atribuíam ao campo das Ciências Sociais, fosse desenvolvendo ações voluntárias com conteúdos de conscientização, educação e crítica social.

Ivo formou-se em Pedagogia. Trabalhava como gerente de desenvolvimento social numa indústria multinacional e suas atividades envolviam elaboração de diagnósticos sociais, análise de conjuntura, levantamento das possíveis reivindicações dos empregados da empresa, organização de conferências, etc. Era membro do Sindicato dos Sociólogos e, através de sua filiação, garantia o direito legal de exercer a profissão. Assim, foi sob o prisma do trabalho que desempenhava que construiu uma identidade com a profissão.

Na linha de frente da audiência das Ciências Sociais estão aqueles entrevistados que se posicionaram na fronteira da profissão. Há a idéia de uma fronteira objetiva no mercado de trabalho. Ela seria composta pelas profissões que disputam áreas, através de propostas distintas para enfocar e buscar soluções para questões-problemas. Sob esta ótica, as Ciências Sociais fariam fronteira com a História, a Psicologia, o Jornalismo, a Economia e a Assistência Social, entre outras.

Optei por ampliar a definição de estar na fronteira. A delimitação acima estreita as experiências vivenciadas pelos profissionais que entrevistei. Há profissões que parecem estar distantes das Ciências Sociais. Do ponto de vista formal ou da organização do ensino superior, elas parecem estar bem longe umas das outras. Mas as áreas de contato se estabelecem ao nível dos indivíduos que vão fazer esses trabalhos. Visto isoladamente, isto pode parecer um fato localizado, sem repercussões no todo. Entretanto, a história

das profissões vem mostrando como esse fazer cotidiano, aparentemente isolado, pode se transformar a longo prazo, em eventos marcantes nas mudanças internas do sistema profissional.

A classificação que adotei privilegiou os sentimentos expressos pelas pessoas que entrevistei. Se a profissão é limítrofe para umas, mas não o é para outras, isto faz parte das características da competição profissional. Não há blocos monolíticos de sociólogos competindo com jornalistas ou de economistas usurpando pesquisas de diagnóstico social. Uma evidência contundente da ausência de blocos monolíticos é a própria amostra entrevistada. De seu total disperso em várias ocupações distintas, apenas 2 não se bacharelaram em algum curso de Ciências Sociais *stricto sensu*.

Dos sorteados, Fátima é a única formada da USP/72 que se posicionou na audiência. Quando a entrevistei, ela era jornalista e trabalhava em uma revista. Da turma da FESP/72 também encontramos um. Fonseca trabalhava com história da arte de duas formas. Possuía um escritório onde ministrava cursos e organizava palestras, além de promover viagens nacionais e internacionais de visita a museus, como complementação das exposições orais. A outra atividade profissional era dar aulas de artes em estabelecimentos de ensino oficial. No momento da entrevista, lecionava numa escola particular de 2º grau.

Da turma da USP/72, dois entrevistados se posicionaram na fronteira. Flora, cursando pós-graduação em História após ter concluído a graduação também em História; e Fernanda que, da área de Saúde Pública, estava se redirecionando para a Informática, através da análise de sistema. Todas as duas enfatizaram a mudança de profissão.

Os outros dois entrevistados classificados na fronteira são formados da PUC/82. Ambos ingressaram na pós-graduação em Ciências Sociais da PUC, mas não concluíram o curso. Firmino trabalhava como psicanalista e como orientador educacional de jovens, no 2º grau de uma escola particular.

Além disso, dava aulas de Psicologia para um curso de Sociologia. Francisca é diretora de teatro. Fez um curso de mestrado nesta área, no exterior. Ambos mantinham relações próximas com as Ciências Sociais, tanto do ponto de vista das amizades e dos contatos pessoais, quanto de referenciais intelectuais comuns ao universo acadêmico.

Nora e Nilton participaram de uma atividade sobre o mercado de trabalho dos cientistas sociais. Nora estava trabalhando como assessora parlamentar, no campo da administração, da legislação do funcionalismo e dos regimentos internos. Nilton trabalhava como diretor de recursos humanos de uma indústria nacional. Ambos afirmaram não se considerarem sociólogos, embora tivessem sido convidados para falar como tal num evento público. Realizei uma longa entrevista com Nilton.

Otávio e Orlando estão na audiência relacionando-se com as Ciências Sociais através de uma outra profissão. Nenhum dos dois profissionalizou-se como sociólogo e ambos se formaram na década de 1950. Otávio formou-se em Arquitetura e Urbanismo. Desenvolveu uma carreira acadêmica nesta área, ingressando como docente em 62. Seu contado com as Ciências Sociais perpassava a atividade de planejamento urbano e a de crítica social. Fez um pós-doutorado no exterior na área de Sociologia Urbana.

Orlando estudou Direito ao mesmo tempo que fazia Sociologia, como bolsista na FESP. cursou Sociologia porque tinha interesses culturais e intelectuais. Depois de formado, ainda na década de 1950, prestou vestibular para Filosofia. Tornou-se juiz. *"O final da carreira é um funil danado e decidi parar."* Quando foi entrevistado ele era magistrado aposentado.

Seu relacionamento com a Sociologia sempre foi distante. Embora fosse filiado à ASESP, tinha uma visão negativa da associação.

"Esperava que fizessem alguma coisa. Não publicavam nem uma revista decente. Acho a associação uma negação. Uma

droga. Queriam criar o sociologuês. Servia para a promoção de alguns. Me sinto um estranho no ninho da Sociologia."

Com o intuito de materializar como o modelo da competição intra e interprofissionais se apresenta nas experiências de trabalho das pessoas que entrevistei, serão analisados separadamente os seguintes grupos: 1) os subgrupos que classificados no palco da profissão e 2) os que estão na audiência, em posições de fronteira com as Ciências Sociais (93).

Há três pontos que aparecem no conjunto das entrevistas que quero enfatizar. O primeiro deles é a avaliação que os informantes fazem de sua passagem pelo curso de Ciências Sociais. A hipótese que desenvolvo associa a opinião manifestada por eles, com a trajetória profissional que desenvolveram a partir dali. É uma releitura daquele momento feita à luz das experiências que vivenciaram depois. De forma resumida, o que constato é que quanto mais distante o informante está do centro da profissão, mais positivamente ele avalia a relevância do curso na sua vida. Já os que estão nas posições mais centrais, comentam a experiência de ser aluno da Ciências Sociais de uma forma mais negativa. Ou seja, são aqueles que conseguiram um alto grau de profissionalização com o diploma de cientista social, que comentam aquela experiência de formação como algo nulo ou ruim. É quando o diploma faz a maior diferença que é visto como indiferente.

Entrevistei donas-de-casa que atribuem ao curso uma mudança muito grande nas suas vidas. Freqüentar as Ciências Sociais deu transparência a situações que antes lhes pareciam incompreensíveis. Há quem se considere mais consciente, capaz de discutir e opinar sobre vários assuntos. Por outro lado, foi no segmento acadêmico que identifiquei as críticas mais fortes à qualidade da formação recebida na graduação. Em geral, o quanto se investiu na

(93) As entrevistas de Flora, Fernanda, Nora, Débora, Márcia e Miguel estão reproduzidas no anexo.

formação escolar e intelectual está diretamente relacionado com o resultado da avaliação feita. Para os que investiram menos, a satisfação é maior e para os que investiram mais a satisfação é menor. Mas, há uma diferença entre os homens e as mulheres. A insatisfação entre eles é sempre maior, mesmo quando há um investimento escolar semelhante entre os dois gêneros.

As opiniões sobre o curso exemplificam como trabalho com a visão onde o informante, ao falar dessa experiência, está expondo uma imagem de si mesmo. Ela dá transparência à distância ou à proximidade que ele se vê do centro da profissão. Em geral, os que estão distantes do segmento acadêmico reforçam sua aproximação, enfatizando a qualidade distintiva da formação que receberam no curso. Quem está no centro da profissão critica tal formação como uma forma de se diferenciar, principalmente daqueles com quem está competindo dentro do segmento, do que com os que estão fora.

Tais opiniões falam principalmente das pessoas que as manifestam. Assim, elas não são as informações mais adequadas para se avaliar o próprio curso, mas para classificar o entrevistado na tipologia, colocando-o numa das quatro principais posições, a saber: a) na audiência, longe do palco, b) na fronteira da audiência, c) nas posições mais centrais do palco e d) nas posições menos centrais do palco.

O segundo ponto que enfatizei na análise das entrevistas relaciona o discurso sobre as Ciências Sociais enquanto profissão, com a posição ocupada pelo informante na competição intra ou interprofissional.

É preciso esclarecer que a inserção no mundo do trabalho coloca o profissional em posições onde ele participa dos dois tipos de competição. Um jornalista vivencia a competição intraprofissional com seus colegas, e a competição interprofissional com aqueles que estão nas fronteiras da atividade que desempenha. A sistemática adotada na tipologia classifica todos os informantes segundo

a forma como se referem às Ciências Sociais e como percebem o segmento acadêmico. Esta definição fixa os professores universitários no centro do palco. Isto reflete a forma como eles se identificam e como são identificados no conjunto das entrevistas realizadas.

Quanto mais próximo o informante está desse segmento, mais ele enfatiza os aspectos considerados negativos no meio acadêmico. Seu discurso é condicionado por sua posição no sistema das profissões. Ao se referir à academia, ele dá transparência ao lugar de onde está falando. A proximidade desse grupo acentua os conflitos das competições intraprofissional e interprofissional. Assim, são os que estão no palco ou na fronteira da audiência que manifestam maior tensão.

Da mesma forma, o discurso de uma professor universitário sobre seus pares e seus competidores na profissão ou na fronteira revela a posição da qual ele interage e compete.

Se o lugar que os informantes ocupam no sistema profissional condiciona a forma como visualizam essas relações, as mudanças de posição refletirão outras classificações decorrentes das novas interações sociais que se estabelecem.

O terceiro ponto que destaco na análise das entrevista contrapõe-se à perspectiva que procura explicar o desenvolvimento de carreiras e de trajetórias profissionais, como resultado das escolhas individuais, concebidas fora de um contexto. As histórias relatadas a seguir permitem identificar os condicionantes sociais das opções profissionais, mesmo quando o entrevistado conta sua história sob o prisma de suas realizações pessoais ou de suas frustrações.

7) O PALCO VISTO DE LONGE

Lenora, Liana e Luciana foram selecionadas na turma da FESP/72. Excluindo um estágio que Lenora fez ainda na faculdade, nenhuma das três trabalhou com Sociologia. Lenora tinha preferência por Psicologia, mas ingressou na Sociologia e ficou. Sentia-se perdida nas Ciências Sociais. Depois de formada decidiu abrir uma escola de maternal e pré. Para isso precisava formar-se em Psicologia. Ingressou no 3º ano de uma faculdade particular. O negócio não deu certo e ela tentou uma sociedade num consultório de Psicologia que também não foi adiante. Ingressou num concurso para o Tribunal Eleitoral e ficou lá uns 4 anos. Nesse período, deu prosseguimento à sua formação em Psicanálise. Acabou optando por se dedicar exclusivamente ao seu consultório. No momento da entrevista planejava fazer a Sociedade de Psicanálise.

"Nem toco no assunto que estudei Ciências Sociais. O curso não teve importância nas minhas atividades. Me deu uma certa consciência social das coisas. Eu não tinha maturidade e as teorias ajudaram muito pouco. Comecei em Presidente Prudente, e depois vim para a Sociologia e Política. Quando cheguei aqui, no último ano, é que percebi o que estava acontecendo no país."

Luciana interrompeu o curso que começara em 62 para se casar. Terminou-o em 72. Ela sempre trabalhou como funcionária pública, num banco, fazendo serviços de secretária até se aposentar.

"Tentei ir para a equipe de Assistência Social de lá, mas não deu certo. Tive um cargo de secretária da presidência. Batia bem à máquina. Eu gostava do serviço que fazia. Desenvolvi amizade por muito tempo. O serviço era ligado à política, aos cargos políticos. Tinha muitas regalias."

"Minha opção em 62 era Jornalismo, mas o vestibular era difícil. Fiz a Sociologia e Política para ver se passava e fiquei. Letras na USP também era mais difícil. O curso serviu para conhecimento geral. Eu gostava mais da parte de política."

Liana parou de trabalhar logo depois de formada porque se "comprometeu matrimonialmente". Durante o curso trabalhava como digitadora num banco público. Ela fez Sociologia "porque se interessava pela matéria. Tinha uma curiosidade cultural. Achava o curso bacana, inteligente. Não foi pelo lado de exercer profissionalmente. O campo precisava batalhar muito. Deixar de lado coisas pessoais". Depois de ficar parada uns 15 anos, reingressou recentemente no mercado de trabalho. Ela é de origem judaica e trabalha num dos jornais da comunidade, na parte de controle de assinaturas.

Leonice formou-se na PUC/72. Durante os cinco primeiros anos de formada trabalhou com habitação, em órgãos públicos. Depois que nasceu o 3º filho parou de trabalhar por 3 anos. Quando voltou, foi trabalhar gerenciando uma loja de seu pai. Considerou esta alternativa mais conveniente. "Só com a faculdade não é suficiente para a profissão. Cada vez que parava para ter filho, sentia que na volta estava mais para trás. Para continuar na profissão precisava me atualizar. Fiquei desmotivada." Sua primeira opção no vestibular foi Psicologia. Não entrou. Começou Inglês, mas como não gostou, transferiu-se para Ciências Sociais.

"Eu achava que fazer faculdade era bonito e que abria portas. Mas com a minha cabeça de hoje, teria tentado Psicologia outra vez, para fazer o que de fato desejava. Meu trabalho na área de habitação não era bem de socióloga, não era profundo."

Lais e Lucas foram selecionados na turma da PUC/82. Ela trabalhava como bancária aprovada num concurso público. Ele era analista de sistemas, num banco privado. Ambos manifestaram gosto e interesse pela Antropologia. O curso foi marcante nesta área.

Para Lais, o impacto dos acontecimentos políticos na PUC, no final dos anos 70, foi muito chocante. As invasões e os conflitos com a polícia deixaram-na bastante assustada. Decidiu trancar a matrícula por um período.

"Em 80, quando voltei para continuar o curso, já era outro tempo. Não tinha mais quebra-quebra, nem gente com a cabeça estourada. Deu para continuar bem o curso. O clima já não estava mais pesado. Eu queria fazer pós-graduação em Antropologia, mas meu pai não deixou. Tinha que viajar. Eu ficava entusiasmada com as pesquisas dos professores sobre os índios. Para não brigar com meu pai, eu desisti. Fiquei parada num sítio da família. Não gosto de agitação. Fui refrescar a cabeça."

"Em 83, um conhecido de meu pai me indicou para trabalhar como escriturária, num banco. Fiquei lá dois anos, mas esse banco faliu. Deixei ficha em firma de locação de mão-de-obra como socióloga. O campo é muito difícil se não se conhece alguém. Nunca consegui chegar perto de saber o que um sociólogo faz numa empresa. Depois tentei vender roupa com uma amiga, mas não era isso que eu queria. Entrei no concurso do banco. Trabalho meio período e tenho garantias. Estou tentando passar para uma área mais próxima. Tem sociólogos, mas não sei o que fazem lá. No banco sou escriturária. É melhor ficar lá do que não fazer nada, mas não gosto de coisa mecânica, que não precisa pensar. O curso marcou bastante a minha vida, mesmo na época conturbada. Eu precisava passar por isso para entender muita coisa."

Lucas fez um estágio num órgão público e ajudou nas pesquisas de um professor enquanto estudava. Quando se formou, procurou dar aulas no 2º grau, "mas só aparecia

coisa muito longe e mal remunerada." Depois de quase um ano procurando, conseguiu uma posição de programador num banco privado.

"Eu já tinha feito um curso de programação, que comecei um mês depois de formado. O fato de ver que não ia muito para frente em Ciências Sociais teve influência nisso. Não tinha perspectiva no mercado. Sempre gostei muito de Antropologia, mas é muito difícil. Não é reconhecido nem levado a sério. Antropologia hoje é passado. Gosto do que estou fazendo hoje. O salário é bom. No início pensava em sair de lá. Era mal remunerado, mas agora não. Penso em ficar lá até encher. Vejo perspectivas. Cada vez aprender mais, subir mais, ser responsável por mais coisas. Trabalho no banco, mas não sou bancário. Eles são agência, caixa, continuo. Eu tenho um tratamento diferenciado, em questão de horário, por exemplo. Só preciso avisar que não posso ir hoje, e o chefe não fica no meu pé. Tenho uma certa liberdade, mas com caixa isso é diferente."

Durante o curso, ele foi militante. Participava e gostava. Num primeiro momento, considerou o curso marcante em termos de aprendizado. "Aloysio Mercadante era professor nesta época." No final da entrevista, fez uma reconsideração. "No fundo, o curso não foi tão marcante assim".

Lincoln e Leonel se formaram na FESP/72. Ambos já tinham uma profissão quando começaram o curso, mas não possuíam diploma superior. Lincoln trabalhava como jornalista há décadas. Leonel era funcionário de um banco privado, onde estava há 22 anos.

Lincoln disse que gostava de Sociologia.

"Fiz por gosto. Sempre li e foi um meio de fazer um curso a mais, para dar mais sentido a leitura que eu fazia. Não foi com sentido profissional. Sou jornalista há muitos anos. Entrei para o Sindicato dos Jornalistas em 56. Atualmente sou copy-desk. Já fui editor, chefe de

reportagem. Hoje em dia ninguém para lá. Antigamente jornalismo era feito de outro jeito. Se fechava o jornal e ficava lá dentro curtindo o jornal. Hoje, pensa-se mais em salário. Antes eram mais boêmios. Vivia-se mais o jornal. Hoje parecem uns comerciários. Não estão muito interessados no jornal. O trabalho é muito dividido, compartimentado. Antes, quem trabalhava na editoria de exterior se interessava pela de esporte. Hoje, quem trabalha numa editoria nem conhece quem trabalha na outra."

"Na Folha e no Estado tem gente que trabalha na página 2 e 3 e não recebem. Esse pessoal, tem uns que escrevem livro e escrevem lá para compartilhar com a comunidade. Outros escrevem só por vaidade. Os colaboradores o sindicato admite. São especialistas na área. Os artigos do Florestan Fernandes são uma maravilha. Mas tem outros tipos. Dizem que na Folha tem pessoas trabalhando que não são jornalistas. O Estadão pega recém-formado para fazer curso na empresa. O patrão procura arrumar mão-de-obra mais barata. O Nabantino Ramos, ex-dono da Folha, era jornalista. Quando o pessoal começava a fazer greve, ele dizia que ia para a praça da República pegar gente para trabalhar. Não é difícil fazer a coisa."

"O copy-desk é quem reescreve a matéria. Ele põe a matéria no padrão que o jornal faz. O estudante escreve a matéria e o copy-desk arruma o material do foga, que não sabe trabalhar."

"Essa pergunta porque não escolhi fazer o curso de Jornalismo é descabida. Eu já era jornalista. Escolhi Sociologia porque já sabia Jornalismo. Já tinha dado aula em faculdades do interior. Estou pensando em fazer Psicologia para me completar. Embora tenha dois empregos, tenho tempo sobrando."

Lincoln foi classificado neste grupo porque em sua entrevista, ele se dirige principalmente à profissão de jornalista. É dela que está próximo. As tensões que manifesta tipificam uma relação de competição

intraprofissional na área de Jornalismo. Sobre a Sociologia, seu discurso é de admiração e gosto. Ele a olha de uma posição mais distante.

Leonel também enfatizou que gostava de Sociologia.

"Fui fazer o curso por vocação, porque gosto. O curso da FESP tinha um currículo mais próximo do que eu gostava. Comecei um curso de Economia, na Faculdade Santana, mas larguei no 1º ano. Isso foi em 70. Eu tive problemas particulares e também não gostei da faculdade. Na época, tentei fazer Psicologia na PUC e Direito na FMU, mas não passei. Em Santana tive a classificação de 7º lugar. Depois parei um tempo para pensar. Eu li reportagens sobre a FESP e tinha um amigo que era ex-professor de lá. Ele me animou. A faculdade não estava com boa administração, mas os professores eram bons. Fiz o curso, mas sempre achei que não seguiria a carreira. Eu precisava fazer um curso superior por orgulho. Mas o título não me ajudou profissionalmente. Para isso, eu faria Administração de Empresas ou Direito."

"O fato de ser Sociologia, você sabe como é. Não é bem visto pela sociedade em geral. Não há razão para isso. O curso esclarece e deixa você mais crítico. Eu nunca tive pretensão de ser cientista social."

"Se tem uma idéia que a universidade é um outro mundo, mas quando a gente chega lá, se decepciona. Acaba com as esperanças."

"Eu pretendo seguir a carreira bancária. Gosto do que faço. Comecei como escriturário e estou como gerente há três anos. Quando eu era jovem tinha muitas dúvidas se gostava ou não, mas agora gosto. Meu sonho da juventude era me dedicar à música, mas isto era quando jovem. Me dediquei ao estudo da música, mas não tentei me profissionalizar. Estudei piano, violino, teoria musical por uns 9 ou 10 anos. Eu acho que lamento um pouco. Acho que daria um bom músico, mas desisti pela sobrevivência. A necessidade da música é de dedicação integral e não é barata. Eu tinha vocação, mas faltou coragem."

Apesar das diferenças nas trajetórias profissionais e nas expectativas de carreira de cada uma das pessoas classificadas neste grupo, elas ocupam uma posição na audiência, longe do palco das Ciências Sociais. Como teremos a oportunidade de verificar mais adiante, quanto mais próximo se está da profissão, ou quanto mais de dentro dela se fala, maiores são as tensões, os conflitos, as competições e os descontentamentos. Não são os mais mal posicionados, ocupando lugares mais distante do palco que difundem uma imagem negativa da profissão. Muito pelo contrário. Eles apresentam para o mundo externo, uma imagem mais positiva, que em algum grau ajuda a divulgá-la.

. As Donas-de-casa

O grupo das entrevistadas que estavam como donas-de-casa, dedicando-se exclusivamente às atividades de suas famílias confirma este quadro. Elas também falam das Ciências Sociais, ocupando uma posição distante na audiência da profissão.

Claudia e Cleonice formaram-se na PUC/72. Apesar de terem tido algumas experiências eventuais no mercado de trabalho, são donas-de-casa. Logo que Cleonice se formou, ela fez a parte de tabulação de uma pesquisa para um órgão público da área de habitação.

"Depois disso, não consegui mais nada na área. Fui ser secretária bilingue de um amigo que era hindu. Era uma firma de importação e exportação. Tinha uma loja de artigos indianos. Em 76, dei aula de inglês, por 1/2 período num curso de linguas. Parei porque tive três filhos."

"Sinto falta de um trabalho na área. Os economistas sempre pegavam emprego antes de um sociólogo na área de marketing. Eu gosto muito disso. Toda vez que eu perguntava numa firma, eles diziam preferir economistas. Na verdade, eu tive que assumir a minha vida de mãe. Foi uma opção que fiz."

"Acho a Sociologia pouquíssimo difundida no Brasil. Não há oferta de emprego no jornal para sociólogos. O sociólogo na França é muito bem visto. Muito bem conceituado. Aqui no Brasil não. Não é como uma psicóloga. Elas são bem mais valorizadas aqui. Um grupo com problema não procura um sociólogo. Uma pessoa com problema procura um psicólogo."

"Adorei o curso. Foi bárbaro. Trouxe muito conhecimento geral de todas as matérias. O curso marcou a minha vida e abriu a minha cabeça. Posso discutir tudo, se vou a um jantar com meu marido, por exemplo. Mas se precisasse sobreviver dele não daria."

Claudia se casou e foi morar em Paris. Seu marido foi estudar lá. Ela ficou estudando francês e fez um curso sobre civilização francesa. Na volta para o Brasil, ficou grávida e preferiu não trabalhar. Tem dois filhos adolescentes.

"Perdi o contato e não trabalhei. Optei por Ciências Sociais por cultura geral e porque gostava de política. Na época, eu não tinha intenção de nada. Não tinha projetos. Mas também não tive grandes propostas. Na época era difícil se encaixar. Pensei em ficar na universidade como professora de Metodologia. Eu tive uma oportunidade quando era estudante. Participei como estagiária, mas não me lembro o nome dele. Cheguei a pensar, mas a carreira não me atraía muito. Havia muita panelinha e eu não tinha saco de ficar rodeando professor."

Ela acha que a profissão hoje está melhor.

"Tinha tabu da sociedade e incompreensão com quem fazia Ciências Sociais. Todo mundo era visto como comunista. O governo era o único empregador. Eu já sabia das dificuldades de entrar no mercado de trabalho. O jeito era se encostar no governo ou na universidade. Hoje é melhor."

"Estou satisfeita porque optei por tudo o que fiz. De uns tempos para cá, senti falta de um trabalho. Fiquei viúva. Casei de novo. Fiz uns arranjos de flores naturais. Depois fiz vitrine de loja. Também me enchi. Eu pretendia

arrumar um emprego, mas não na área de Ciências Sociais. Não sei bem no quê. Às vezes, penso num sentido financeiro. Outras horas, penso num sentido humanitário. Preferia ser empregada do que ter negócio próprio. Talvez num escritório, numa indústria. Eu preferia que fosse tempo parcial. Queria coordenar estudos, lidar com pessoas, relações humanas."

. As Recusas

Rui, Raul, Renata e Rosemary formaram-se na FESP/82. Os quatro não concederam entrevista. Na época do sorteio da amostra, Rui estava trabalhando numa rede de televisão. Além de exercer atividades de direção na sucursal, atuava como comentarista. Já tinha muitos anos de profissão, antes de concluir o curso de Sociologia.

Raul tinha uma situação semelhante. Era funcionário público de carreira, diretor da Divisão de Pessoal de um órgão estadual, segundo sua secretária, há 15 anos. Argumentou que nunca trabalhou com Sociologia e não tinha nada a declarar.

Rosemary era professora de artes. Renata era artista. Ambas estavam na faixa dos trinta anos de idade. Renata afirmou que não tinha nada com a Sociologia. Rosemary alegou falta de tempo disponível, por estar com uma carga de aulas muito grande.

Poderia se questionar a classificação dessas recusas na audiência das Ciências Sociais. Sem sombra de dúvidas, são os que se mostraram mais distantes da profissão e, na prática, se negaram a ser incluídos neste universo. Entretanto, o sistema das profissões, com as competições inter e intraprofissionais funciona desta forma. Embora, os quatro tenham outras ocupações hoje em dia, e não se identifiquem como sociólogos, foram audiência dos cursos de graduação da área. Só há professores universitários e meio acadêmico, quando se tem alunos para ensinar. Se exerce influência intelectual sobre eles. Os estudantes são os

principais consumidores dos livros produzidos, na sua maioria, pelo corpo docente. A participação dessas quatro recusas no mundo das Ciências Sociais daquele momento foi indispensável.

8) AS CIÊNCIAS SOCIAIS VISTAS DE PERTO: A COMPETIÇÃO INTERPROFISSIONAL

Se as declarações dos entrevistados classificados nas posições mais distantes do palco são, em geral, favoráveis às Ciências Sociais, conforme vamos nos aproximando mais do centro da profissão aumentam as tensões, os conflitos e as críticas. A competição interprofissional será enfocada a seguir, sob dois prismas: 1) o dos que estão próximos do palco por atuarem numa área de fronteira, mas já eram de uma outra profissão, e 2) o dos que saíram da Sociologia e ingressaram em novas profissões. Por fim, analisaremos como a competição intraprofissional é vivenciada no palco da profissão.

. A Formação em Outra Profissão

A entrevista de Otávio é a que melhor ilustra a primeira forma de se viver e olhar a competição interprofissional. Ele esteve muito próximo das Ciências Sociais. Formou-se em Arquitetura, em 1957 e ingressou na carreira docente em 1962. Participou da equipe da primeira consultora privada de pesquisa e planejamento dos complexos urbanos. Optou por um enfoque da arquitetura e urbanismo que privilegiava "o problema da cidade e não o do edifício."

"A Arquitetura já tinha essa preocupação. Os problemas da explosão demográfica, os problemas da habitação e das precariedades urbanas. A construção de Brasília foi o grande valor simbólico para a expansão do arquiteto do planejamento urbano. Nessa época, a Sociologia estava mais voltada para as preocupações com as minorias, as classes, as raças. Os arquitetos foram os primeiros a despertar, junto com os geógrafos, para o problema urbano. Antes, quem atuava nessa área eram os engenheiros, mas enquanto obra, Engenharia Urbana, controles legislativos e normativos. O confronto

entre essas áreas afirmou a Arquitetura brasileira no plano nacional e internacional."

"Ao que eu me lembro, em 56/57, nos trabalhos da consultora, o pioneirismo dos arquitetos e a ausência de outros profissionais na área, levava a uma solicitação além da estrita competência do arquiteto, que era construir o abrigo e organizar o espaço das atividades humanas. Era indispensável receber insumos ou estudar as atividades humanas, as atividades da sociedade, os âmbitos de conflito e de má distribuição do espaço, tendo em vista as características da sociedade brasileira naquela fase de tentativa de sair do subdesenvolvimento. A questão social deixou de ser uma questão de polícia para ser de governo. Isto abriu um espaço de trabalho enorme, que era preenchido por quem se aventurava naquele campo. Eu fui levado a um trabalho além do espaço, para estudar a sociedade e depois voltar à questão do espaço, do critério da organização da cidade."

"A década de 60 é de difusão dos planos diretores para o desenvolvimento integrado. Eles eram iniciados por uma pesquisa abrangente. Obrigava a composição de equipes multidisciplinares, com economistas, sociólogos, geógrafos."

"Durante o período da ditadura havia cooptação dos técnicos e das consultorias, e havia a diferença entre os que aderiram e os que não aderiram. O trabalho aqui se tornou insuportável e fui estudar na França. Estudei Sociologia Urbana lá. Dediquei-me ao planejamento educacional, à saúde, à habitação. Minha opção tinha uma preocupação com a distribuição dos benefícios aos subalternos. Havia uma opção ideológica nítida. Estudei com Castells, com o grupo da esquerda francesa. Era a teoria marxista a serviço do problema urbano. Aí me senti mais sociólogo do que arquiteto. Havia carência de paradigmas para entender o problema urbano, no âmbito da escola de urbanismo. As teorias da terceira via se mostraram insuficientes. O atrativo da Sociologia era a necessidade de

se construir um projeto nacional para as questões urbanas, a perspectiva de mudança na estrutura de poder. (...)"

"Tem duas vertentes no encontro do estudante com o mundo da Arquitetura. Tem a vertente do projeto, do abrigo, do desenho, da arte, da obra, da realização da Arquitetura *stricto sensu* que se alimenta de toda a tradição da Arquitetura moderna brasileira, com seus gênios de protótipos que projetaram: Niemeyer, Lucio Costa, Rino Levi. Mas esta vertente avança para a cidade e esbarra na sua inconsistência enquanto não compreensão dos fenômenos mais complexos das contradições da sociedade. Da ação de repensar a sociedade não a partir do espaço, mas pensar o espaço a partir da reformulação da sociedade. Ai tem uma outra vertente que vê como uma tarefa indispensável dar a volta para o estudo da Economia Urbana, Sociologia Urbana, dos problemas do Estado, das contradições da sociedade capitalista, dos agentes envolvidos na produção do espaço, nos processos e não na obra. Essa vertente tem que, necessariamente, trabalhar com outros profissionais e outros intelectuais. Essa segunda vertente se dedica muito mais ao estudo da história, do Estado tentando identificar qual é o processo que produz a cidade e não a cidade como um conjunto de edifícios pura e simplesmente. (...)"

"Não tem nenhuma justificativa uma posição de fracasso do planejamento. Só tem quando as aspirações dos profissionais imaginavam que isso traria benefícios para a população. Em meados da década de 70, percebia-se esta perplexidade nos profissionais de planejamento urbano, em relação às tarefas feitas nesse período. Perplexidade em função dos resultados perversos da ação do planejamento. Ai vem as preocupações de participação, dos movimentos sociais. A Sociologia tem uma enorme contribuição em busca desses fenômenos e dessa nova manifestação urbana, dos novos parceiros na discussão dos destinos urbanos."

A área de planejamento urbano é composta de arquitetos, voltados para a questão urbana e regional, geógrafos,

sociólogos e economistas, com uma preocupação urbana e regional. A área desenvolveu-se mais ao nível da pós-graduação. Otávio procurou enfatizar como os arquitetos circulavam com facilidade pelas associações de pós-graduação e pesquisa dessas profissões de fronteira. Entretanto, perguntado sobre como foi recebido pelos sociólogos, ele introduziu alguns contrapontos no trânsito entre as profissões.

"Eu senti uma reação à minha chegada na Sociologia. Havia uma deficiência de formação de origem que não me levava à competição. Por outro lado, havia uma deficiência de formação dos sociólogos e dos economistas quanto ao aspecto do espaço/território. Havia um certo cuidado de transitar pela área, sempre com uma certa resistência para ver o que é que significava a aventura de um arquiteto na área de Sociologia e de Economia."

"Sempre que se está numa área de fronteira é difícil. O que acontece é que o quadro de formação profissional passa por uma crise. Se o arquiteto teve um momento de climax, com uma contribuição importante para o país, depois declinou. Do planejamento urbano é a mesma coisa, do economista também, como teve dos administradores. O que parece é que a médio e longo prazo, há uma necessidade de reformulação da pós-graduação. Uma diluição das fronteiras para aqueles que querem enfrentar um outro patamar de compreensão e explicação da realidade. A problemática não se apresenta mais em setores estanques, com uma perfeita delimitação de fronteiras. Mesmo o arquiteto perdeu espaço nas outras artes plásticas, com a constituição da ECA. A Arquitetura já formou pintores e escultores de grande renome. Era o único reduto universitário onde as vocações artísticas tinham seu campo de formação. Há uma necessidade de repensar a pós-graduação. De ver quais são as problemáticas e as áreas de concentração que podem ter um resultado mais adequado às exigências da sociedade."

"Na pós a tendência é acolher profissionais egressos de diferentes cursos de graduação. Há uma tendência embrionária a se desenvolver programas de pós inter-unidades, multidisciplinares. Me parece arcaica a formação profissional *stricto sensu*, como se tivéssemos ainda um quadro de qualificação profissional extremamente nítido e com fronteiras intransponíveis."

Essas declarações permitem visualizar as questões centrais enfocadas nesta tese. Na sua primeira parte, materializa a competição interprofissional, na forma do entrevistado perceber a sua profissão e as concorrentes ingressando e atuando na área de planejamento urbano. Na sua vivência dessa história, os arquitetos foram os pioneiros no setor. Mas ele mesmo se refere à participação anterior dos engenheiros enquanto obra. O planejamento urbano visto por um geógrafo que se envolveu nesta experiência, seria vivenciado de uma outra perspectiva.

Esses sentimentos de estar na fronteira e de tentar disputá-la, recortando as atividades de acordo com um enfoque profissional mais sociológico, também foi vivenciado pelas Ciências Sociais.

A Escola Livre de Sociologia e Política esteve a postos, na disputa por sua participação nos novos espaços dos mercados embrionários desde sua origem. Em 1935, ela se propôs a formar "técnicos que, seguindo a carreira administrativa, tanto pública como particular, concorram para aumentar a competência das nossas administrações." (93) Foi também com este objetivo que o juiz Orlando formou-se em Sociologia, em 1956. "A Sociologia me deu a possibilidade de concorrer em concurso público. Naquela época, ainda não havia curso de administração."

Em 1941, Donald Pierson, que chegou a São Paulo em 1939, criou a pós-graduação da ELSP. A preocupação fundamental era formar pesquisadores. Sociólogos que iriam

(94) Limongi (1989).

estudar as cidades, numa área já próxima daquela apontada por Otávio: "O curso ministrado por Pierson chamava-se Pesquisas sociais na comunidade paulista." (94)

Piersons era fortemente influenciado pela Sociologia feita em Chicago, que estava preocupada naquele momento com a problemática habitacional da cidade.

Tal como os cientistas sociais se mobilizavam para atuar nas novas áreas e as recortavam sob o enfoque de sua profissão, os economistas e os geógrafos vão redesenhar as atividades no setor do planejamento urbano, enfatizando o papel de sua especialidade na configuração do campo. A forma como Otávio caracteriza o planejamento urbano revela como ele procura transformar essa fronteira num novo campo.

Na segunda parte da entrevista, Otávio refere-se aos problemas enfrentados ao nível da competição no interior da Arquitetura. Relata como esses segmentos se relacionam, disputam e se complementam.

Duas questões importantes perpassam a entrevista como um todo: 1) a existência de fatores externos ao sistema profissional atuando sobre ele e ajudando a modificá-lo. No caso, o surgimento de espaços profissionais a serem ocupados, impulsionados por políticas governamentais. Este processo é vivenciado duas vezes na trajetória profissional de Otávio. O primeiro é a expansão da área de planejamento urbano. O segundo é o seu declínio em relação à Comunicação e Artes, área profissional que ascende junto com o desenvolvimento dos meios de comunicação. Há, portanto, uma inserção das profissões nas estruturas sociais mais amplas, e suas relações com outros sistemas de poder. No caso brasileiro, as relações com o Estado e a sua capacidade reguladora é particularmente marcante na formação e desenvolvimento das profissões.

A segunda questão é como a identidade profissional caminha junto com as experiências cotidianas de trabalho.

(95) idem, ibidem.

Elas interagem na prática e se modificam. Dependendo do momento na trajetória profissional deste entrevistado, fato que se associa também a outros aspectos de sua vida, ele se identifica mais com uma atividade ou com a outra. As mudanças nas posições que ocupa, bem como os interlocutores com quem se relaciona atuam sobre a maneira como ele se percebe e se apresenta em cada momento. Aqui não se trata de pessoas diferentes, com profissões diferentes, disputando o mundo profissional. Não são os arquitetos competindo com os sociólogos pela área de planejamento urbano. É um indivíduo interagindo com outros nos diferentes espaços profissionais que constituíram a sua trajetória. A interação social se mostra mais transparente, nas perspectivas distintas como Otávio conta sua história.

Essa é a fronteira vista por alguém não se formou cientista social. Entretanto, o que muda no olhar de quem vê as Ciências Sociais da fronteira, tendo se formado dentro dela?

. O Grupo que foi para a Fronteira

Fátima, que hoje é jornalista, foi fazer o curso de Ciências Sociais da USP "por sonhos revolucionários."

"Eu gostava de ler e o curso era puxado. Tinha grande vontade de fazer pós em Sociologia Rural. A Maria Isaura foi com a cara do grupo e eu entrei numa pesquisa de campo dela. Era no Vale da Ribeira e no Vale da Paraíba. Era muito interessante conhecer o tipo de vida daquele trabalhador. No final do curso bobeei. Não tinha nenhum projeto de pesquisa. Fui me inscrever aonde dava. Na Política. Lá não tinha que apresentar projeto. Essa era a única diferença. Não era mais fácil."

"Nessa época, fiz concurso no SESI, para educador social. Foi meu primeiro emprego fixo. Antes eu só tinha dado aula de História no supletivo e no 1º e 2º graus. Eu também fazia História, mas depois larguei. O curso era muito

bagunçado. Era ruim. Cada matéria se dividia em duas outras. A carga de leitura era enorme porque o curso das Ciências Sociais era muito puxado também. Eu não tinha tempo para estudar e larguei história."

"No SESI a gente montava e dava cursos de supervisão de pessoal e relações humanas para os operários da indústria. Fui trabalhar lá porque precisava de um emprego. Era uma oportunidade de colocar em prática tudo aquilo sobre relações de trabalho. Um ano depois um amigo me convidou para trabalhar na Abril. Era na área de relações humanas. O SESI era muito limitado e obsoleto. Eu não ia aprender nada daquilo que pensara. A clientela da Abril me atraía. Eu ia trabalhar com jornalistas. Era na área de desenvolvimento de pessoal. Não tinha nada a ver com Ciências Sociais. Eu ia cuidar dos estagiários de Jornalismo, do desenvolvimento deles na empresa."

"Depois de 6 meses não deu mais para seguir a pós. O horário do trabalho me exigia mais e os cursos da pós eram de manhã ou de tarde. Eu fui quase até o fim. Desisti completamente. Eu nunca pedi bolsa. Nunca fui ver. Eu já tinha me desinteressado completamente da pós. O que eu vou fazer com isso? O que tenho pela frente? Uma carreira acadêmica, se é que vou ter! Não é isso que eu quero. Prefiro outra coisa. Era muita panela na carreira acadêmica e deve ser até hoje. Principalmente nessa área das Ciências Sociais é muito complicado. Existem verdadeiros feudos! É muito difícil de entrar. É necessário um bom relacionamento desde o início. Eu queria a área rural. Como sou inimiga de pedir favores não tive nem coragem de pedir sem ter o projeto. Era lá que me conheciam bem. Na Política fiquei meio sem pai nem mãe. Naquela época era meio obrigatório fazer pós, se você fosse um intelectual que se prezasse."

"Desisti da pós e fui fazer uma licenciatura, que era separado. Quando terminei a licenciatura em 75, fui fazer outro vestibular. Nessa altura, com 24 anos, eu estava interessadíssima em Jornalismo. Fui para a Cásper Líbero. Eu

tinha know-kow e podia encarar o vestibular. Eu queria o registro profissional. Queria mudar meu panorama profissional. Eu já estava na Abril. Minha turma tinha vindo da Ciências Sociais ou do Direito. Todo mundo queria o registro e já tinha feito faculdade antes."

"Logo no ano seguinte virei jornalista na Abril. Fiquei no Departamento de Documentação e Pesquisa. Era arquivista. Dai comecei a trabalhar com pesquisa e ser pesquisadora. Participei de jornal alternativo, do jornal do sindicato. Isso mudou completamente a minha vida. Fiquei mais militante do que quando queria fazer revolução nas Ciências Sociais. Hoje sou editora da revista (uma publicação da Abril).

"Estou convictamente certa de que me achei profissionalmente. Não gosto de fazer trabalho que não lida com gente. Eu não tive nenhuma chance e não procurei muito nas Ciências Sociais. Fui mudando porque não via nada de muito concreto nas Ciências Sociais."

"Do curso de Jornalismo, eu não tirei quase nada. Não tem cabimento precisar de diploma de Jornalismo. Meu embasamento teórico é das Ciências Sociais e um pouco da História. Ali só aprendi um ou outro negócio prático. Conhecimento intelectual eu tive na USP. A prática, eu aprendi na vida, mudando de profissão e enfiando a cara."

"Eu não senti dificuldade nenhuma de entrar na área de Jornalismo, por vir das Ciências Sociais. Isso acontece é nas Ciências Sociais, que é cheia de donos. Nunca vivenciei uma competição acirrada na área de Jornalismo. Tive muita sorte e fiz muitos amigos no trabalho. Jornalista funciona da seguinte maneira: tem um free-lancer aqui; você chama alguém que você conhece o trabalho. Só não é assim na Folha, que quer pessoal da pós."

"Professor é difícil. São difíceis. Todo mundo é super-especializado. É duro pegar alguém para entrevistar. São chatos. Nunca uma afirmação é ou não é. É uma coisa muito complicada. Eu fiz uma matéria sobre a vergonha. É muito complicado achar alguém que te dê uma entrevista legal. Que

não fique preocupado com o que você vai escrever. A gente tem mais dificuldade com a área de Ciências Sociais. Eles estão sempre ocupados com reuniões. Você nunca acha os caras. É mais fácil falar com o diretor do curso de Biomédicas, do que com alguém da Antropologia. Os físicos e os astrônomos são bem mais disponíveis e menos pedantes. Mas posso estar sendo injusta."

"As duas áreas (Jornalismo e Ciências Sociais) não são competidoras. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Eles são muito paternalistas com o objeto de estudo. Vê se algum antropólogo gostou da reportagem da Veja sobre os Ianomani? Nenhum deles gostou."

A entrevista de Fátima contrasta com a de Lincoln, também jornalista com uma passagem pela graduação em Ciências Sociais. Enquanto na entrevista de Lincoln sobressai a competição intraprofissional no Jornalismo, a história de Fátima com as Ciências Sociais é muito mais longa. É principalmente em relação à sua opção inicial que a competição profissional se manifesta. Ela esteve no palco das Ciências Sociais, e na audiência, mantém um contato muito próximo com o segmento acadêmico da profissão. Embora seja jornalista, a visão que transmite desta profissão é mais distanciada do que a de Lincoln. Estando no palco do Jornalismo, no momento que concedeu a entrevista, ela falou de uma posição mais afastada do centro dessa atividade do que das Ciências Sociais.

É a proximidade que eleva as tensões e os conflitos. A história de Fátima fala disso. Apesar de ela considerar que sua trajetória profissional a levou para longe das suas perspectivas iniciais, seu discurso e suas atividades estão muito próximos da área acadêmica.

Embora o Jornalismo e as Ciências Sociais estejam institucionalmente separados, as proximidades históricas e a conexão entre formação acadêmica e difusão cultural não se diluíram. O afastamento e a rigidez de fronteiras entre as áreas são ainda recentes. As dificuldades para implementá-

los podem ser percebidos na forma como Fátima se refere-se ao curso de Jornalismo comparando-o com sua experiência nas Ciências Sociais. Esta última é usada como um diferencial positivo, onde ela demarca sua formação daquela obtida pelos alunos de Jornalismo.

Tal como já vimos em outras entrevistas, as trajetórias profissionais vão sendo desenhadas conforme os tipos de espaço que vão surgindo. As identidades profissionais seguem esse caminho. É o que se pode observar na entrevista de Firmino, um psicanalista e orientador educacional, que cursou Administração Pública na Fundação Getúlio Vargas, ao mesmo tempo que fazia o curso noturno de Ciências Sociais da PUC.

"Na época, como muitos jovens, eu era um pessoa completamente desorientada, amedrontada. Um jovem muito assustado. A razão da minha escolha pelas Ciências Sociais foi porque eu gostava. Eu queria entrar por essas áreas, esse campo. Naquele momento, eu me sensibilizei muito pela luta política, a luta pela democracia e tudo o que ocorreu na geração dos anos 60/70. As Ciências Sociais eram o canal para eu compreender mais, me aprofundar nas coisas que, de um lado, eram motivo de luta política e social e, de outro, eram coisas proibidas. De certa maneira me deixei convencer que não poderia viver disso profissionalmente. Por isso fiz GV. Eu poderia ser um administrador e me sustentar. Eu não me interessava pela área de empresa, daí a pública. Ciências Sociais eu fazia porque gostava. (...)"

"O curso de Ciências Sociais promoveu muito uma sensibilidade para certas questões, temas e áreas de interesse, que depois eu percorri até localizar o que eu queria fazer. Não sei se já acabei esse trajeto. Pode ser que eu ainda mude muito na vida. Por enquanto, acho que eu escolhi as coisas com que eu mais me identifico. Na Administração, eu fiz mal o curso, não sei nada. Fiz o curso

muito desgostoso, muito chateado. De certa forma até resignado."

"Nas Ciências Sociais, fiquei uns dois anos como assistente de professor na GV. Logo depois de formado, trabalhei um ano e meio numa pesquisa, do CNPq. Nessa época comecei a trabalhar numa escola. Curtia muito trabalhar com crianças e jovens. Nos dois primeiros anos, iniciei lecionando História. Meu envolvimento com a escola foi tão grande que comecei a trabalhar com Educação. Fiquei uns sete anos nessa escola. Uma das vertentes profissionais da minha vida vai por aí. Saí das Ciências Sociais, fui para História e entrei em Educação. Fiquei uns 5 anos como orientador educacional, numa escola em Santo André. Depois me afastei um ano e entrei nesta escola que estou agora. Sou orientador do colegial."

"Outra coisa que eu fiz foi estudar um assunto que me interessava muito, desde a faculdade: eu comecei um curso de Psicanálise. Eu fui estudando Psicanálise esses anos todos, mas nunca tive clareza que queria ser um psicanalista. Eu via a Psicanálise como um outro prisma de tentar entender os fenômenos sociais. Estudar Psicanálise e sociedade, buscar outras vertentes. Era um grupo que estudava Psicanálise e marxismo. Também tinha a ver com Ciências Sociais. Foi basicamente só depois de toda essa trajetória que comecei a me dar conta que gostaria de atender, de fazer clínica. Mas de 82 a 86, meu estudo de Psicanálise estava atrelado a questão social. Eu trabalhava com coisas ligadas a isso."

"Nos últimos anos se definiu uma situação um pouco mais clara nesse trinômio Ciências Sociais, Educação e Psicanálise. Comecei a trabalhar como analista. Divido meu tempo hoje entre o colégio e o consultório. Mais uma coincidência é que eu leciono numa faculdade de Sociologia. Eu dou aula de Psicologia. Mas Psicologia lá é Psicanálise. Eu gosto muito do trabalho. Minha trajetória profissional tem uma origem muito forte nas Ciências Sociais. É uma referência importante. Quando comecei o curso eu tinha uma

visão crítica da sociedade. Eu era um aluno muito sensibilizado. Mas não tinha participação política-partidária."

"Mais para o fim da faculdade comecei a trabalhar no PT. Foi sempre uma coisa que me dividiu muito. São amores e ódios que eu estou vivendo. Para mim a faculdade foi a via de eu me aproximar dessas coisas. Sou filho de uma família judaica. Sempre respirei um ar de gueto. Foi a vivência da faculdade que me ajudou a tomar pé e a respirar o ar do país onde vivo e gosto. O ambiente cultural da PUC me fascinava muito e a GV foi torturante. (...)"

"Muitas das insatisfações que eu tinha com a ótica das Ciências Sociais, numa palavrinha bem rápida e bem simples: me fascinava muito o trabalho da Psicanálise de tentar ver o que a pessoa não disse e não quis dizer. A minha visão é que o sociólogo fazia o oposto. É o discurso, trabalha esse discurso e acabou. Não vai além. O não dito. O não falado."

"Vivi muita crise de profissionalização, de reconhecimento e de legitimidade. Com o tempo fui achando que essas questões eram menores. Tem muito psicanalista jovem. É difícil nesses tempos, psicanalista jovem ter trabalho suficiente para poder se formar. É uma profissão muito cara."

"No grupo que eu estudei todo mundo era psicólogo, com exceção de duas pessoas. Isso é uma coisa complicada e muito difícil de falar, de defender, mas Psicanálise não tem nada a ver com Psicologia ou Medicina. Nada. Muita gente que fez Psicologia tem dificuldade de ser analista. Inclusive, às vezes, o curso mais atrapalha do que ajuda. A trajetória intelectual de Ciências Sociais para Psicanálise foi tranqüila. Os médicos, os analistas, os psicólogos, cada um tem seus vícios. Os médicos, por exemplo, querem curar. Acreditam em cura. A Psicanálise trabalha basicamente com a questão da fala. Eles acha que você pode resolver, curar. Os psicólogos tem outros vieses. O psicologismo. Tudo pode ser interpretado. Se tem explicação para tudo. Imagina se dá

para fazer isso ao Deus dará, generalizadamente, se a comunicação entre duas pessoas já é tão difícil."

"O fato de eu ser de outra área é visto de tudo quanto é jeito. Depende das pessoas. Eu acho que tem admiração, inveja, estranhamento. Há competição. Eu não tenho muita simpatia pela ala psicanalítica. Se eu pudesse te dar uma explicação bem simples eu diria: na Educação, as mínimas concordâncias e os mínimos vínculos estabelecem a solidariedade; na área psicanalítica as mínimas discordâncias estabelecem grandes cisões. Eu não acho que as diferenças sejam teórica ou conceituais. Não acho que os analistas estejam brigando por causa de idéias. Não acredito nisso. Acho legal que briguem. Mas está muito marcado por pessoas que agem dessa maneira para aparecer, conseguir analisandos. É uma situação quase feudal. Os analistas se organizam em feudos. Tenho até dúvidas do quanto isso é compatível com o trabalho analítico. No discurso, falam que as divergências são de ordem teórica, mas eu não acredito que esse discurso revela o que, de fato, está ocorrendo. Acho que são disputas humanas, dentro do narcisismo que está em jogo. Isso é uma coisa que me desagrade muito nessa área."

"A escola aonde dou aula é um lugar legal. Gosto de educação e gosto de trabalhar com jovens. É uma escola progressista que se tornou madura. Eu gosto muito do tipo de trabalho que a escola propõe. Uma educação mais globalizante. (...)"

"Eu não gostaria de trabalhar só em clínica. A médio e longo prazo meu projeto é trabalhar em clínica e preservar algo em Educação, tipo essa escola, ou retomar a vida acadêmica, mas acho isso muito difícil. A universidade tem muitos rituais, muitas dificuldades, falta de condições de trabalho. É elitizado, mas não é a elite econômica. Tenho muitas dificuldades com os rituais da universidade. Colocando os pés no chão, a situação econômica complica a alternativa acadêmica. Se fosse para a universidade iria

para a Psicologia Social, a Educação, as Ciências Sociais. Acho que seria mais a Psicologia Social. Estou matriculado na pós da PUC, em Ciências Sociais, já faz uns 7 anos. Às vezes, penso em me desligar de lá, me ligar a outro programa, outra universidade. Não sei. Talvez. Não é uma questão prioritária."

"Na Educação e na Psicanálise a minha identidade é mais completa. O problema é que o dia só tem 24 horas e eu gostaria de ter mais tempo para passear, ir ao cinema, ficar em casa. Eu não sinto que já cheguei aonde queria. Mas é uma situação que eu convivo, com mais crise ou com menos crise, eu vivo legal com ela."

A relação de Firmino com as Ciências Sociais é bastante diferente, tanto daquela da psicóloga Lenora, que classificamos entre os que estavam longe do palco, quanto da jornalista Fátima, incluída no mesmo grupo dos que estão na fronteira da profissão. Para Lenora, a passagem pelas Ciências Sociais não virou uma história a ser contada. Para Firmino é um período cheio de lembranças. Para Fátima, a veia da profissionalização permeia as suas expectativas. Dessas três histórias, é a dela que aparece como tendo sido vivida mais de dentro. É também a que trouxe maior grau de tensão e conflito.

As Ciências Sociais que mais marcaram a história contada por Firmino é aquela praticada pelos professores do curso de Administração da FGV. A PUC aparece como um ambiente cultural marcante do ponto de vista da política, mas não como via de profissionalização. O primeiro emprego que ele teve na área da Sociologia foi através da FGV. O outro elo forte com a disciplina é o grupo sobre Psicanálise e marxismo. De uma certa forma, desde o início de sua inserção, ela se dá por uma perspectiva não profissionalizante, já meio fora do palco. Ele fala muito mais de dentro do mundo da Psicanálise. É dali que seu discurso aponta para a competição intraprofissional. Ele fala como membro, como quem se sente parte e se distingue.

Faz críticas aos rituais da vida acadêmica, mas é sob uma ótica externa, de competição interprofissional. Esse olhar também aparece quando aponta as deficiências que identifica na abordagem disciplinar das Ciências Sociais.

Outra entrevistada classificada no grupo que faz fronteira com a profissão é Francisca. Ela está na audiência porque foi trabalhar com o palco, fazendo direção de teatro. Quando a entrevistei, ela tinha acabado de retornar ao Brasil, depois de passar 3 anos em Nova Iorque, fazendo mestrado em *Performance Studies*. Sua família é de teatro e ela sempre esteve envolvida com isso. Quando terminou o colegial, em 1977, ela foi cursar Matemática e fazia assistência de direção de teatro. Estava mais envolvida com isso do que com Matemática. Prestou seleção para o curso de atores da Escola de Arte Dramática e não passou. Ela queria dirigir e não ser atora.

"Eu prestei Ciências Sociais e entrei em 79. Fiz o curso todo. Terminei e fui direto para o mestrado da PUC. Entrei e quase completei. Em 82, fiz um estágio no Prodeur, na USP. Depois disso fui estagiar num centro de pesquisa. Trabalhei lá 5 anos, como socióloga. Foi, na verdade, quando descobri que realmente não estava a fim de fazer Sociologia. Queria mesmo era voltar para o meu bonde que era o teatro."

"Minha experiência no *** foi ótima. São dedicações e talentos acadêmicos ou não. Você está a fim de fazer uma pesquisa, com tudo que ela envolve, com as satisfações específicas ou não. Enfim, cada profissão te dá um tipo de retorno. Te exige um tipo de raciocínio. O raciocínio das Ciências Sociais, naquele momento, não era o que eu estava querendo. Não queria o raciocínio acadêmico. Nunca cogitei uma outra área nas Ciências Sociais. Tive muito boa experiência lá. Boa, aberta, num centro bastante bom, com pessoas muito interessantes. Não tinha a ver com uma experiência equivocada. Se eu fosse seguir as Ciências Sociais seria nessa área. Jamais cogitei em outra."

"O raciocínio acadêmico para mim indica tudo. Não tenho nenhuma crítica, muito pelo contrário. Acabei fazendo um mestrado, que também foi muito acadêmico. Na verdade, não tenho interesse em ficar fazendo pesquisa, ficar discutindo. Ter que explicitar o raciocínio, que muitas vezes é um raciocínio intuitivo, e muitas vezes é um raciocínio formal mesmo. Mas eu não tenho nenhum desejo secreto de explicitar a lógica de um raciocínio. As Ciências Sociais exigem isso de você. Acho um exercício fascinante e eu faço. Mas não é um exercício que eu gosto de fazer como profissão. Isso pode te levar ou para um trabalho, uma tese, um artigo ou para o outro lado, que é o que eu gosto. Teatro, artistas, artes."

Perguntada se concordava com as avaliações que consideravam a carreira acadêmica fechada, Francisca fez distinções entre a sua experiência numa carreira e noutra.

"Acredito que a carreira acadêmica seja uma coisa bastante fechada, como dizem, mas é difícil falar de uma coisa que eu não vivi. Eu conhecia muita gente lá do ***, desde que eu era pré-adolescente. Quando eu entrei para as Ciências Sociais, eu segui o caminho normal de trabalhar com uma das professoras de Antropologia da PUC. Trabalhei com ela e com uma pesquisadora lá no *** também. Eu conhecia essas pessoas de muito antes, desde os 11 anos de idade. No teatro não foi assim. Eu conhecia muita gente por causa do meu tio. Era gente que eu conhecia de criança, de ir brincar na casa de não sei quem, mas aí isso não conta. Todas as profissões são muito difíceis para você sobreviver só com a sua herança familiar. Se você nasce numa casa de médico, ou de engenheiro civil, você convive com pensamentos diferentes, que te abrem para algumas coisas. Eu ia ver companhia de dança, ia pro Tuca, ia pro Municipal. E leva as meninas para cá. E vai ver teatro. Isso, certamente. Faz parte também de qualquer família que deseja uma formação mais ampla para os seus filhos. É igual a menina ir fazer aula de balé."

Relatando como surgiram as suas oportunidades no mercado de trabalho, ela procurou desvincular uma associação que a pergunta fazia entre o desempenho junto aos professores, no curso de Ciências Sociais, e o aparecimento de propostas de trabalho.

"No Prodeur, por exemplo, eu não conhecia ninguém que estivesse bem lá. Fui por uma amiga minha, de faculdade e continuamos amigas até hoje. Ela trabalhava lá como estagiária e me chamou. Nunca entrei porque professor me chamou. No primeiro ano da faculdade, eu não estava nem aí. No segundo e terceiro ano eu fiquei completamente envolvida. Fiquei trabalhando. Fiz monitoria. Fui representante dos alunos no departamento. Uma aluna exemplar. Adorava. Gostei muito do curso. Foi uma formação super-legal. Me envolvi muito mesmo. O envolvimento deve passar por todas essas coisas mesmo. Burocracias. Vai batalhar pelas coisas, em vez de ficar reclamando sem fazer nada. Eu estudava à noite. Era uma batalha mesmo. Trabalhava o dia inteiro. Entrei no ***, através de pessoas que conhecia de família. Eram relações familiares e não de ex-professores. (...)"

"Eu adoro a formação das Ciências Sociais. Faz parte da minha história. O curso que fiz em Nova Iorque não teve tanta importância. A estada na cidade é que teve importância para mim. O acesso a informação que aqui não existe. A área de teatro é carente de formação. Não tenho objetivos tão humanistas como: meu mestrado em Nova Iorque tem grandes contribuições a dar porque é uma área não estudada e não desenvolvida aqui. Tudo isso é verdade, mas eu não penso nesses termos. Eu fui fazer o mestrado porque era uma maneira de sair do Brasil e ficar em Nova Iorque. Este era o jeito de ir. Com uma bolsa acadêmica."

"Não mudei de profissão por questões financeiras. Nisso as duas são ruins. No momento em que eu optei pelo teatro, as ciências sociais estavam melhor para mim. Eu teria uma carreira tranqüila, bem encaminhadinha. A decisão não foi difícil. Eu já estava fazendo as duas coisas. O pessoal do

centro estava orgulhoso e puto. Eu saía no jornal como teatro e não dava o devido andamento à pesquisa. Não dava mais mesmo. Acabou o namoro. Não teve nem muito o que discutir."

"A elaboração do trabalho de teatro tem algo de acadêmico, mas não é como a gente conhece na área das Ciências Sociais. A elaboração é um espetáculo, um vídeo, que te provoca de uma outra maneira. O pessoal de teatro e o pessoal acadêmico não tem nada em comum. É outro estilo de vida. Convivo com outras pessoas. Trabalho até de madrugada."

Pode ser difícil visualizar as duas áreas como competidoras ou de fronteira. Mas elas são. Embora no espaço formal do ensino elas estejam distantes, não necessariamente requerendo a formação superior para o teatro, Francisca fez até mestrado. Na sua vida cotidiana as duas áreas se cruzaram desde cedo. Ela tanto conhecia gente do mundo acadêmico quanto do mundo do teatro desde menina. A distância nas redes de relações era bem menor do que lhe parece hoje em dia. O pessoal de teatro e o pessoal acadêmico têm algo em comum: um faz parte da audiência do outro. São dois prismas diferentes para se integrar ao universo da produção cultural. De um lado, como atores no palco da profissão de cientista social, e do outro, como audiência e consumidor dos diversos mundos das artes.

Entre todas as histórias contadas aqui, é na procedência social de Francisca que identificamos a maior intimidade com o grupo acadêmico. De alguma forma, esse grupo foi presente na sua adolescência, tal como o teatro a acompanhou desde menina. É a fala mais interna, entre os que foram classificados na fronteira da profissão. "Sem mística", como ela mesmo se refere. Mas, alguma mística há. Seja para quem está numa posição mais afastada, na audiência do mundo do teatro e a ouve falar. Seja para ela mesma, que ocupa uma posição nesse universo. Ou é uma mística pelo lado do estranhamento ou pela grande familiaridade. Afinal, os

dois mundos parecem distantes. Às vezes, são percebidos e relatados até por ela como tal, embora se cruzem cotidianamente, uma hora no palco, outra na audiência.

Há uma outra rede que liga Francisca a Firmino (que concedeu a entrevista anterior) e a Fonseca (o próximo relato), além do elo dos três terem sido classificados no mesmo grupo. Ela frequentou o colegial de uma escola onde ambos trabalham.

O professor Fonseca se surpreendeu quando foi procurado para a entrevista. Ele nunca anunciava a formação de sociólogo.

"Fiz Sociologia quase como uma obrigação ideológica dos anos 60/70. Politicamente, era importante e bem aceito. o Leon Cakoff foi meu colega de classe."

"Fui para a França fazer Sociologia da Arte, como pós, na Sorbonne, com Pierre Francastel. Cheguei lá, ele já tinha morrido. Foi a maior gafe sul-americana. Fui sem bolsa. Minha família estava complicada com questões políticas. Fui num navio de carga. Fui para Havre em 72. Dali fui para Paris procurar uns amigos. Eu mesmo não tinha problemas políticos. Mas, principalmente, pegava bem. Fui por medo."

"Fiz Sociologia da Arte com a esposa dele, madame Francastel. Foi o período mais bonito da minha vida. Ai abandonei a Sociologia e fui estudar História da Pintura. Hoje sou professor de História da Arte. Já dei aula em várias faculdades. Voltei da França em 75. Até hoje dou aula no 2º grau do *** (ele possui vínculos profissionais e pessoais com uma escola particular) para não perder o contato. É a minha terapia. Dei aula na PUC, na Mozarteum, na USP."

"Agora estou de partida para Nova Iorque com um grupo de alunos. Vou dar um curso sobre os museus de Manhathan. A Sociologia me ajudou a encontrar isso. São vinte alunos que vão visitar os museus. Essa é uma das atividades do escritório que sou proprietário."

Em algumas das programações elaboradas por Fonseca neste estabelecimento, articulam-se as aulas expositivas com viagens para visitar os museus e complementar o curso. Une-se a atividade turística com o conhecimento que ele acumulou sobre o tema.

"Quando viajo, deixo um assistente no colégio e suspendo as aulas no escritório."

"Às vezes, me sinto sociólogo emocionalmente. Sinto martírio quando me lembro de tabuada e adoro Filosofia. Os alunos daquela época eram uma mistura de hippies com Roberto Piva. Havia uma irreverência sexual e política típica dos anos 70."

"Montei o escritório porque era muito procurado e precisava viver disso. Sou especialista no século XIV."

É de um mundo da arte diferente daquele de Francisca, que Fonseca participa da audiência das Ciências Sociais, também na fronteira da profissão. Sua história fala de uma relação 'mística' com a Sociologia. Ela não chegou a se transformar numa visão interna da profissão. Suas lembranças são mais de uma época de sua vida, do que de uma inserção profissional. Mesmo assim, a forma como apresentou sua ocupação atual e como se referiu aos alunos da época evidenciam a competição interprofissional. Há, na forma como apresenta o conhecimento que adquiriu, um verniz e uma especialização que não aparecem quando ele se refere aos seus tempos, seus pares e sua experiência na Sociologia.

São as trajetórias das pessoas no mercado de trabalho que estabelecem as fronteiras. Não só a trajetória individual é mutável. As fronteiras profissionais também o são. É o movimento das levas de titulados no mercado de trabalho que ajuda a moldar os campos profissionais. Há conquistas e perdas. Ambas são de pessoal, de áreas e de legislações. Ao mesmo tempo que as Ciências Sociais perdem profissionais para outras ocupações, elas conquistam algum espaço de atuação em tais áreas. Os diferentes tipos de inserção desses profissionais no mercado acabam resultando

numa expansão das fronteiras da profissão. Mas as delimitações dos campos profissionais dependem da ação e da força das profissões competidoras.

Além disso, fatores externos ao sistema profissional interagem no seu perfil. No Brasil, o Estado interfere, controla e agencia mecanismos decisivos para a configuração das profissões. Isto vai desde o ato de regular o número de vagas nas universidades, onde começa a se formar a profissão, passa pela distribuição de recursos e chega até a definição da obrigatoriedade ou não de diploma superior para o exercício profissional. Tais exemplos ilustram alguns pontos de contato entre profissão e poder, permeados pela articulação política.

Outro fator externo que detectamos modificando a composição do sistema profissional foi o desenvolvimento estimulado pelo investimento de capital durante o período do milagre brasileiro. O desenvolvimento e os avanços tecnológicos são outros fatores que interagem na movimentação das profissões.

As profissões, os seus campos e as suas fronteiras de atuação modificam-se em função da interação social em três níveis: ao nível das trajetórias profissionais dos indivíduos, ao nível do sistema das profissões, e ao nível da relação desse sistema com o universo a sua volta. Que diferentes conjunturas políticas e econômicas interagem no mundo das Ciências Sociais ficou evidenciado, tanto no desenvolvimento da profissão quanto nos depoimentos e entrevistas. O ponto central da tese é justamente resgatar essa história sob a ótica do sistema profissional e sob a ótica interna da profissão.

Embora as disputas entre campos e temáticas possam sofrer alguns tipos de regulamentações legais, daí ao monopólio da atuação na área vai uma longa distância. Um exemplo desta situação é a área de Administração. Quando Orlando terminou seu curso na antiga Escola Livre de Sociologia e Política, atual FESP, em 1956, ela ainda atuava

na qualificação de profissionais para cargos administrativos.

Enquanto formação superior, essa atribuição agora pertence aos cursos de Administração de Empresas e de Administração Pública. Como vimos na história da Sociologia americana, essa mudança não é propriamente uma perda dentro de um contexto de disputa. Lideranças da Sociologia acadêmica quiseram se desfazer dessa atribuição, por alterar o perfil profissional com que se identificavam.

No momento presente das Ciências Sociais brasileiras, há segmentos no interior da profissão que continuam associando o desempenho de algumas atividades administrativas, ao mercado de trabalho do sociólogo. As disputas por campos de atuação profissional extrapolam a estrutura e as definições das áreas do ensino superior. Pelo lado das Ciências Sociais, há setores enfrentando a competição interprofissional ao nível das disputas pela consolidação de identidades profissionais individuais. Na prática, são tentativas de preservar identidades que já se modificaram, como forma de conter as suas perdas nos embates com as profissões competidoras.

. A Negação da Identidade

A próxima entrevista exemplifica o outro lado da situação acima. Nilton vivencia o conflito classificatório. Ele se auto-posiciona fora do palco, definindo-se no campo da Administração, mas é considerado por alguns sociólogos como um par profissional. De alguma forma, ainda há espaço para a disputa. As identidades nessa posição e o campo da profissão acabam sendo permeados por uma ambiguidade da interação, que viabiliza este tipo de competição no sistema profissional.

Quando Nilton se posiciona na competição interprofissional, ele fala da Sociologia como se ela fosse a desviante. A profissão e o curso aparecem sob um prisma

muito especial, quase como se não tivesse porque existir. Mas quando Nilton se posiciona na competição interna ao mundo dos gerentes, administradores e executivos ele fala da sua experiência nas Ciências Sociais sob uma ótica positiva. É ele quem possui uma visão abrangente, um 'background' na sua formação uspiana.

"Eu sou um profissional de recursos humanos. Por exemplo, eu poderia ser um advogado, um administrador. Não acho que, para o exercício da minha profissão, o curso de Ciências Sociais me faz falta. Não acho que precisa ser um sociólogo. A vantagem que vejo em ter feito Ciências Sociais é um background. Na medida em que ele é um curso muito genérico, nós estudamos tudo. Você acaba ganhando um certo background intelectual, cultural. Isso é importante nessa profissão porque as pessoas percebem em você um domínio amplo de conhecimento, um lastro."

"Eu acho que pode se constituir numa área para Ciências Sociais, mas não como uma coisa que vai acabar como uma coisa cativa, um espaço definido e repartido com outras formações. Acho que pode, casualmente, você ter um profissional de Ciências Sociais. Acho que depende muito da sua trajetória de carreira. O médico, dificilmente, vai fazer uma carreira administrativa e liderar a área de recursos humanos. Todas as outras profissões, em princípio, têm essa possibilidade (psicólogos, pedagogos, sociólogos, administradores, advogados). Na empresa, a partir de um determinado momento da pirâmide, você abandona a sua profissão para ser um administrador, percebe? Eu sempre insisto muito que um gerente é uma profissão. Você pode ser engenheiro, médico, químico, sabe, você pode ser N profissões, mas você só é profissional efetivamente, quando você está na condição de especialista ou de técnico. Quando você é doutor em Física, mas a tua responsabilidade é dirigir o Instituto de Física, você pode estar certo que você é mais gerente, mais administrador, do que físico."

Comentando sobre seu curso na USP, onde ingressou em 1966, Nilton disse que "na época em que eu fiz vestibular ainda tinha exame oral. A minha banca examinadora, eu sempre falo, eu acho que o período mais gratificante de Ciências Sociais foi o meu vestibular e o meu primeiro ano. Minha banca examinadora teve a Maria Alice Foracchi, teve esse camarada que é do Estadão, o Oliveiros, teve o Leôncio. Foi um banca bem puxada. Tive aula com aquela professora de Antropologia que morreu (Gioconda). Tive seminários com o Florestan Fernandes. Depois quando esse pessoal foi cassado, eles saíram da USP. Foi um impacto muito grande também, porque a diferença entre o colegial e o 1º ano foi uma coisa brutal. Você saiu de uma superficialidade, apesar do cursinho ter sido bom, e teve um impacto de leitura muito grande. Tivemos aula com o Luis Pereira, e eu me lembro muito bem que só fui entendê-lo perto do final do curso. Ele era uma abstração! Realmente, foi um choque muito grande."

"Na verdade, eu fiz Ciências Sociais não para ser sociólogo. Eu queria fazer Jornalismo. Na época, você não tinha a exigência de diploma. Eu vim do interior (Amparo) para cá, no final de 63 começo de 64, na época do golpe, disposto a fazer Jornalismo. Me inscrevi na Cásper Libero, quando ela ainda ficava perto da Santa Efigênia, mas tomei pau. Nesse vestibular eu conheci uma colega que estava fazendo Ciências Sociais, e ela, de certa forma, fez minha cabeça no sentido de que se eu fizesse Ciências Sociais, eu teria um background muito poderoso para ser um bom jornalista. Foi nessa direção que eu fui fazer Ciências Sociais."

"Na verdade, sou crítico em relação a esses cursos tipo Ciências Sociais, tipo Administração de Empresas porque eles são genéricos demais. Acho que você pode ter um programa de Antropologia, de Arqueologia. Eu acho que tem uma razão de ser, tem um objeto, um campo de estudo que você pode estabelecer como muito definido. O curso de História poderia ser mais abrangente. O curso de Ciências Sociais se

apropriada de ciências, faz um mix e pretende ter uma coisa própria. Não tem sentido isso. É uma coisa ociosa. Eu tive aulas de Geografia, mas já existe o curso de Geografia e a profissão de geógrafo. Ok, faz sentido Geografia. Você estuda História, faz sentido. Você estuda Antropologia, faz sentido. Você estuda Estatística, faz Matemática, faz sentido. Você estuda Economia, faz sentido. O curso de Ciências Sociais, não. Ele se apropria, ele junta vários campos de conhecimento científico quando deveria ser o oposto. Não deveria ter curso de Sociologia também. Acho muito pobre reservar todo um campo de conhecimento científico, uma vida acadêmica para isto (pesquisa de mercado e opinião), reduzir a isto. Acho muito pobre."

"Não quero dizer que não seja nobre, não seja válido, não seja importante. Não estou conseguindo me expressar. Eu acho que um estatístico derivado do campo da Matemática ou da Economia pode perfeitamente fazer um trabalho desse. Determinados tipos de formulações mercadológicas podem ser conduzidas via Psicologia. Acho que não faz sentido organizar uma estrutura acadêmica para reduzir isso a uma situação restrita de pesquisa de mercado. Acho que não faz sentido um curso de Ciências Sociais tão aberto. Pode ter Antropologia, Política. Não uma sociedade toda como objeto."

Embora Nilton fale sobre a sua carreira como sendo consequência, prioritariamente, de seus feitos pessoais, é possível visualizar como ela se desenvolveu em função dos espaços que se abriram ou se fecharam. Ingressar no curso de Ciências Sociais foi um desses 'buracos' na estrutura social, que contribuiu para materializar uma carreira ascendente.

"Nunca trabalhei na área de Jornalismo, sempre trabalhei na área de pessoal. Trabalhar nessa área foi acidental. Vim para São Paulo e não conhecia nada. A gente chega meio com uma mão na frente e outra atrás. Você vem para procurar um emprego e se emprega no que tiver. Nesta hora, a escolha não está ligada a carreira, a profissão."

"Coincidiu de eu cair na área de pessoal, com a ajuda de um parente, numa empresa pequena, prestadora de serviços. Um ano depois eu fui trabalhar em banco. O que você traz de experiência anterior é na área de pessoal, então você vai para essa área. Se minha experiência fosse em contabilidade, eu teria ido para essa área. O mundo profissional é bastante estruturado. O diploma teve importância do ponto de vista do status de um curso superior. Se esse curso foi feito na Universidade de São Paulo, ele tem um plus também. Mas eu não tinha nenhuma consciência disso quando eu quis fazer a universidade."

"Por ser um diploma de sociólogo eu diria que hoje não tem problema, mas no começo tinha e no meio do caminho também. Um problema de ordem política. A conotação não é só que você é um homem à esquerda. A conotação é que você come criancinha, que você é um bicho bem feio. Na medida que o tempo foi passando, com a democratização do país, um certo arejamento e abertura da sociedade e no interior das empresas ocorre que você tem uma população mais aberta e uns mais conservadores que temem os sociólogos. Eu mesmo tive uma experiência, quando trabalhei numa multinacional onde fiquei 14 anos."

"Teve uma ocasião, quando eu já tinha terminado o curso e tinha uma posição de chefia, mas ainda não era nem gerente, eles estavam recebendo um alto executivo da Alemanha que ia passar um período aqui. Era um camarada de altíssimo nível. Ele estava tendo aulas de Português e solicitou à professora que ele gostaria de conversar com alguém sobre o quadro político do país. Por uma sugestão dela, eu fui indicado para ser essa pessoa. Eu acabei conversando com ele umas duas horas e dei minha visão pessoal sobre as forças e o quadro político do país, respondi a umas perguntas. Foi uma conversa bem interessante. Mas a decisão para que eu fosse, passou pelo questionamento do fato de eu ser um sociólogo. - 'Puxa, mas logo ele. Ele é um sociólogo, vai lá dar aquela visão dele.'

A diretoria da minha área, meu chefe, na ocasião pensou 2 ou 3 vezes. A princípio não queria. Chegaram a designar uma outra pessoa que não era sociólogo, mas ela não tinha estofado algum, não tinha background, não tinha nível. O interlocutor não ficou satisfeito e como queriam atendê-lo, acabaram deixando que eu fosse. Existe isso, mas isso nunca me preocupou."

"Eu fiz carreira interna lá. Comecei como chefe de recrutamento e seleção e fui ascendendo dentro da empresa e me transformei num gerente. Teve uma época que, a partir de uma situação interna lá, eu estava bastante desmotivado. A gerência não tinha mais nenhum desafio. Eu também não tinha expectativas e perspectivas de mudança lá. Depois de muitas indecisões e vacilações acabei optando por sair de lá e vir para cá. Estou aqui desde 1987."

O que o conjunto dessas entrevistas sugere é que a interação social é um fator de mudança na morfologia do sistema profissional. Mas as interações que se estabelecem resultam de dois eventos que ocorrem simultaneamente: tem que haver um espaço a ser ocupado na estrutura ocupacional e o profissional tem que visualizá-lo. É deste encontro, que tem um quê de casualidade, ou de imprevisto, que se constroem os contornos da profissão. Nilton queria ser jornalista, mas a brecha para entrar na Cásper Líbero não foi do tamanho necessário para incluí-lo. Já nas Ciências Sociais da USP teve espaço suficiente para ele ocupar. Embora pretendesse usar este último curso para viabilizar um colocação como jornalista, ele não visualizou nenhum emprego nessa área. Mas ele tomou conhecimento da existência de um buraco na estrutura ocupacional que lhe interessou. Era no departamento de pessoal de um banco. Foi ali que começou sua carreira de executivo em São Paulo, que como ele contou, continuou sujeita aos eventos que foram modificando seu rumo.

Já vimos diferentes perspectivas de se olhar as Ciências Sociais da audiência. Aqueles posicionados mais

perto, ilustraram o processo de competição interprofissional. Vamos agora ver como este mundo é percebido de dentro, como se concretiza a competição intraprofissional.

9) AS CIÊNCIAS SOCIAIS VISTAS DO PALCO: A COMPETIÇÃO INTRAPROFISSIONAL

Dos segmentos que estão no palco das Ciências Sociais, detectei nos relatos obtidos, a existência de quatro formas diferenciadas das pessoas se posicionarem distantes do centro da profissão. Com base nestas informações, criei na tipologia quatro grupos longe do núcleo: 1) o dos que vivenciam uma exclusão, 2) o dos que se colocam distantes, 3) os que só se sentem no palco em função da ocupação secundária, e 4) os que entraram no palco pelo exercício prático da profissão, sem o diploma do curso.

. A Exclusão

No primeiro grupo estão Eliza e Eduardo. Ambos se formaram pela USP, ela em 72 e ele em 82. Eles trabalham em atividades ocupacionais que não são formalmente classificadas como afetas às Ciências Sociais. Entretanto, procuram preservar uma identidade com a Sociologia, na forma como relatam os trabalhos que desenvolvem. Embora a ocupação no mercado de trabalho os puxe para uma outra área, com identidades diferentes, eles travam uma verdadeira luta para se preservarem identificados com a profissão.

Eliza é uma funcionária pública concursada. Trabalha como oficial de justiça.

"Eu tentei a carreira de professora no magistério oficial, mas as Ciências Sociais não tinham direito. Era humilhante mendigar colocação. Prestei concurso para funcionária pública, no Tribunal da Justiça, em 1978. Trabalho quando quero. Faço trabalhos por semana. É trabalho externo, de oficial de justiça. Isto dá tempo de eu me dedicar ao trabalho de educação. A função do cientista social é interferir no grupo social."

"Participo de um centro de pesquisa de cultura, educação e tecnologia. É um grupo independente de educadores e tecnólogos. É um trabalho voluntário. Coordeno a parte de estudos de história e de gestão."

"Profissionalmente, não tenho satisfação no ganha pão do tribunal. Visito favelas e oriento as famílias. Eu não considero esta atividade como a minha profissão."

Um das funções de Eliza é comunicar ações de despejo, execução de cobranças e outros questões semelhantes a famílias e pessoas envolvidas em problemas judiciais.

"A formação que recebi na universidade foi decisiva para eu optar por esse trabalho voluntário. Eu tinha a intenção de me dedicar as Artes Plásticas. Fui estudar Ciências Sociais para desenvolver um estudo sobre artes. Os professores do colegial me indicaram as Ciências Sociais e eu fui fazer. Eu não tinha um campo de interesse definido. Amadoramente, eu faço trabalhos de ilustração. Quando eu entrei nas Ciências Sociais, eu pretendia fazer Artes Plásticas."

"Fui para o magistério pela função social. Dei aula em todos os graus. Hoje dou aula de educação de adultos. O magistério era a única alternativa. Eu fiz um pouco de pesquisa de mercado quando era estudante. Fiz um estágio no *** (um centro de pesquisa) também."

"Eu não estava preocupada com a carreira. Criei um certo bloqueio com isso. As pessoas que eram bem sucedidas na carreira não eram modelos para mim. Fiquei desencantada com o ambiente universitário. Eu tinha uma ilusão infantil. Me deparei com o carreirismo e fiquei refratária à carreira. Na área de pesquisa de mercado havia um fechamento, no sentido de panela. A experiência que eu tive era de não fazer parte de grupos. Eu me afastei porque precisava de emprego imediatamente. Foi aí que entrei para o magistério."

"Uma vez eu tentei o SENAC, mas me barraram no teste psicotécnico. Acharam que eu era muito crítica para a função. Não me chamaram para a dinâmica de grupo. Eu fui

questionar e a psicóloga disse que não estavam interessados."

Perguntada se havia tido envolvimento político, Eliza respondeu que não teve experiência de militância partidária, nem era associada a nada. "Eu milito na Educação."

"Pensei em fazer pós-graduação, mas não procurei. Agora penso em fazer isso. Hoje tenho uma outra visão sobre a universidade e o mundo. Acho que é o momento agora. Queria fazer na área de Educação nas Ciências Sociais, em temas como participação, gestão."

"Meus pais eram operários. Eles não completaram o primário. Minha situação é melhor do que a dos meus irmãos. Eu fui para a faculdade por amor. Minha mãe me deu força. Meu pai achava besteira, mas não se opôs. Meu irmão começou o curso de Geografia, mas não completou. Hoje ele dá aula de Geografia no magistério particular."

O relato de Eliza fala de suas experiências de exclusão. Ela se refere a vários segmentos profissionais das Ciências Sociais, como grupos fechados. São painéis na área de pesquisa de mercado, carreirismos no meio universitário, perseguição ao seu criticismo em órgãos não-governamentais. Sua posição é externa a todos esses grupos, que ela sabia constituírem alternativas para os sociólogos no mercado de trabalho, mas ela não visualizava o acesso. Este ingresso só se concretizou no magistério, e posteriormente, no funcionalismo público. Entretanto, não é com essas atividades que ela quer ser identificada. Ela compete por um espaço no palco da profissão, com suas atividades voluntárias de Educação e com a perspectiva de cursar a pós-graduação.

Ela participa da competição intraprofissional através de valores e não de sua posição no mercado. Ela exerce o papel que considera caber ao cientista social. Ela intervém nos grupos sociais através de seu trabalho voluntário. Ela conta sua história enfatizando o altruísmo como a sua motivação. Já sobre seus competidores, aqueles que

ingressaram na vida universitária, na pesquisa de mercado ou em outra área, ela cita como tendo motivações menos nobres. Ela mostra o seu exercício do magistério como uma forma de atuar na sociedade. O curso de Ciências Sociais foi o lugar que a influenciou a fazer esta opção. Já os profissionais que se mantiveram no campo aparecem, em sua visão, como não tendo aprendido bem esta lição. É assim que ela se distingue deles e busca seu espaço no palco da profissão.

O outro entrevistado que classifiquei neste grupo trabalha como bancário. Eduardo foi aprovado num concurso público.

"No final da graduação eu trabalhei no DIEESE e na FIPE. Também trabalhei na Ação Comunitária do Brasil, num projeto cultural junto a comunidades carentes. Tinham convênio com as Sociedades Amigos de Bairros. Eram 2 sociólogos e 1 historiador. Fiquei um ano lá e o projeto acabou. Fiquei numa situação insustentável, porque essa empresa era muito quadrada administrativamente. Eu gostava muito do que eu fazia lá, pelo lado da intervenção social. Eu mexia com teatro e com o desenvolvimento das pessoas. O desenvolvimento das pessoas era factível. Depois disso virei bancário, em 84."

"Eu tive graves problemas de dinheiro. Eu não conseguia desenvolver a pós e o trabalho juntos. Eu tive que assumir dois filhos, que ficaram comigo na minha separação. Meu contato com a universidade foi de alguns eventos. Eu tinha deficiência na minha formação. Eu não sabia falar uma língua estrangeira. Isto era um empecilho. Agora, recentemente, estudei Francês na USP."

"No banco eu trabalhei no departamento de pessoal e agora no departamento financeiro. Eu desenvolvo alguns projetos que tem a ver com recursos humanos, sindicato e administração participativa. Eu me vinculei a esse projeto que é levado por uma pessoa de recursos humanos."

"Nunca consegui me enquadrar como bancário, no fazer das atividades. Eu acabo desenvolvendo coisas que possibilitem mexer com as pessoas e a estrutura do banco. Não tenho um horário padrão de trabalho."

Eduardo assumiu uma função no Sindicato dos Bancários e afastou-se das suas atividades no banco. No momento da entrevista, estava em vias de reassumir uma posição lá. Ele estava participando da organização de um seminário sobre negociações trabalhistas, que era um projeto de um assessor de recursos humanos do banco. Estava também envolvido com a Associação Nacional de Administração Participativa.

"Tem muito a ver com o Sindicato dos Bancários. Minhas atividades práticas são afins com a minha formação. Esse seminário envolve a questão da profissionalização. Nele se manifestaram a área acadêmica, a patronal e os sindicatos. Veio a tendência européia sobre negociação trabalhista. Veio o modelo americano. (...)"

"É um eterno conflito ficar no banco quando se tem uma formação superior. Se tem dificuldade de materializar a formação. Eu neutralizei um pouco essa tensão entre sair do banco e fazer uma pós. Acabei não me exigindo esse projeto fixo. Acabei fazendo o que estava à mão. Não controlo mais um projeto de profissão e carreira. Acabei adequando o conhecimento que tenho à atividade que faço."

"Há pessoas que ficam neuróticas com o trabalho que exercem e a expectativa que têm da formação. Tenho um amigo da Física da USP que vive deprimido com isso. É frequente isso no banco, com exceção da área técnica, onde estão os economistas. Uns 50% dos que tem até 30 anos vivem isso. É uma tensão frequente."

"Eu gostaria de desenvolver alguma carreira na área acadêmica, mas estou muito longe disso. Dentro do banco atuo numa área próxima da Ciência Política. Não sei se vou fazer carreira nessa área, no banco. Há uma possibilidade, mas não se sabe se é garantido. Meu projeto ideal é sair do banco."

"Decidi fazer Ciências Sociais aos 15 anos. Eu gostava de ler coisas de Ciências Humanas. Tinha a influência social do movimento contra a ditadura. Participei, em 77, nas passeatas secundaristas. Eu convivía com gente que tinha participação. (...) Eu estudei no Santa Cruz. Meu pai trabalhava lá. (...)"

Eduardo procura recortar seu trabalho cotidiano sob o ângulo de sua formação superior. Ao contrário de Eliza, que vincula sua exclusão à existência das panelinhas, ele mostra conhecer alguns mecanismos de inclusão nesses grupos e atribui sua exclusão a eventos na sua história de vida. Eduardo se refere à pós-graduação como uma forma de ingresso nas panelinhas que Eliza citou. Ele demonstra ter conhecimento de algumas características da carreira acadêmica e se considera muito longe dela.

Embora Eduardo *"não controle mais um projeto de profissão e carreira"*, busca como bancário, desenvolver atividades que ele associou às Ciências Sociais ainda quando adolescente. Desta forma, neutralizou parte da tensão profissional que aparece mais forte em seu colega da Física. Para este, aproximar sua formação universitária do trabalho que desempenha no banco, é nitidamente mais complicado. Quando Eduardo compara sua situação com a deste colega, ele se distingui daqueles que se afastaram totalmente da profissão para qual se formaram. Ele se considera muito longe da atividade acadêmica, mas não de outros tipos de trabalho que os sociólogos fazem.

. O Distanciamento

Enquanto Eliza e Eduardo vivem a tensão da exclusão, Débora e Durval vivem a situação inversa. Eles foram incluídos num grupo do qual se sentiam distanciados. Eles haviam sido convidados para contar sua experiência profissional como cientistas sociais num evento público. Ambas as intervenções procuraram enfatizar alguma distinção

em relação ao núcleo da profissão. Reproduzimos a seguir a entrevista de Durval e a de Daniel. Ele foi selecionado na amostra dos formados e seu depoimento fala de um posicionamento distanciado.

Durval foi enfático na sua diferenciação em relação às Ciências Sociais. Ao contrário da maioria das entrevistas posicionadas no palco da profissão, e até na audiência, ele procurou delimitar o campo de atuação do sociólogo. E o fez restringindo a visão que associa a profissão com a intervenção social. No momento em que deu seu depoimento, ele possuía um cargo de confiança no executivo local.

"Não é atributo do sociólogo coisas que são do exercício da cidadania. Acho que o sociólogo cartorial - o diplomado - pode, na vida prática, não ser um sociólogo. Há papéis profissionais que podem ser exercidos por profissionais de outras formações. Nós vamos enfrentar uma sociedade assim."

"O sociólogo strictu senso - os acadêmicos - são só uns que se dedicam ao avanço teórico e metodológico. Aquilo que um dia nós sonhamos."

A trajetória profissional de Durval passou por uma longa experiência técnica na área de planejamento da cidade. Depois participou da diretoria de uma faculdade de Sociologia e ingressou no governo, tendo sob seu comando cerca de 1.600 funcionários.

"Antes eu refletia sem agir. Agora ajo sem tempo de refletir. A questão é resolver isso. (...) Sou devedor à Sociologia um certo entendimento do que é a cidade. Fui aluno do Castells e do Poulantzas."

A classificação feita por Durval, além de o distanciar do centro da profissão, exclui do palco o grupo representado aqui pelas entrevistas de Eliza e Eduardo. Essa disputa classificatória é parte inerente do sistema profissional. Ela materializa as competições inter e intraprofissionais. A

posição de onde Durval interage nesse sistema aproxima-o de outras profissões e o distancia das Ciências Sociais.

Enquanto setores da profissão de sociólogo procuram conquistar espaços no mercado da atividade política, como um campo de atuação e absorção de seus profissionais, Durval não identifica aí uma área afeita às Ciências Sociais. No exercício de sua função atual ele não é um sociólogo, ele é governo. De dentro da política, ele a vê como vinculada à cidadania e não à profissão.

Esta é uma outra frente de disputa, onde os profissionais de diversos campos tentam abocanhar as atividades relacionadas com sua formação superior e os políticos procuram preservar o monopólio e a autonomia da área. Dependendo da força de cada profissão, ela consegue ou não, absorver para si o desempenho de algumas funções. O Ministério e as secretarias de Justiça costumam ser dirigidos por juristas ou advogados. Na área da saúde, a Medicina também mostra a sua força. Essas são as duas profissões mais fortes do sistema profissional.

A visão de Daniel se assemelha a essa exposta acima. Ele formou-se na FESP, em 72. Quando foi contatado, dirigia um órgão estadual ligado às atividades de documentação. Estava com 40 anos.

*"Eu tive bolsa de mestrado da FAPESP, para fazer estudo sobre o cangaço. Não defendi a tese porque me afastei da área acadêmica. Eu dava aula de Antropologia. Trabalhei na assessoria da liderança do MDB, na Assembléia, de 1976 até 1983. Depois fui para o Executivo. Fui chefe de gabinete da Secretaria ***. Depois, em 84/85, fui superintendente administrativo-financeiro da (órgão estadual). Em 86/87, fui assessor do ministro ***, em Brasília. Coordenei a assessoria parlamentar. No atual governo, fui chefe de gabinete da Secretaria ***. No final de 88, essa secretaria foi extinta. Aí, eu fui para a Secretaria ***, como*

secretário-adjunto, prosseguindo o mesmo projeto anterior. Desde março, sou diretor do *** (órgão estadual)."

"Quando eu ingressei na faculdade, eu pensava em seguir a atividade acadêmica. Estava havendo uma crise na Escola de Sociologia e Política e morreu meu orientador. Acabei me desinteressando do projeto. Nunca pensei em retomar a docência, mas sim a pesquisa. Eu não parei com a atividade de pesquisa. Eu faço ensaios e vou publicar um livro. É uma inserção não acadêmica."

"Inicialmente, minha carreira foi política e depois fiz concurso público. A proximidade com a geração de políticos que está aí possibilitou isso. O curso me ajudou por dar uma visão ampla, mas dificulta por ser inespecífica. Na Assembléia, eu era o único cientista social fazendo assessoria do Poder Legislativo. Era tudo advogado. Eu fazia levantamento de dados e pesquisas. Eram atividades que eu tinha conhecimento."

"A profissão tem um campo bem definido de atuação. Isto não existia no Estado. Lá ela é inexpressiva. A remuneração é muito baixa. Entrar como sociólogo é a pior via de acesso à atividade pública. Não tem como melhorar. O sociólogo e o economista são mal vistos no Estado, por não terem carreira. Os que ocupam posição de comando passam pela articulação política. A burocracia não produz capacidade para este tipo de carreira. A carreira é um fator estritamente pessoal. Na verdade, teria que profissionalizar a burocracia para isso. A politização é uma barreira para as carreiras burocráticas. No governo federal é um pouco diferente por ter centros de excelência, onde se pode progredir e ser cooptado pelo governo."

"A minha atividade de hoje tem a ver com a Sociologia por ser um centro de documentação. É o cargo onde estou mais próximo de minha formação. (...) Estou satisfeito, mas não vejo muito futuro por aí. Você vai acumulando experiência, mas não fecunda a própria administração. Fica pessoal. A administração não acumula o seu saber e você começa a

repetir isso, a rotinizar. Há um grau de mesmice que aborrece."

"É mais interessante se vincular à administração pública através de projetos, como, por exemplo, o da reforma administrativa. São interessantes porque têm começo, meio e fim. Isto não aparece para um sociólogo na administração pública, com exceção dos nichos, como a *FUNDAP* e a *EMPLASA*."

Daniel atribuiu o surgimento da oportunidade para desenvolver o projeto que ele estava empenhado, em 88 e 89, à amizade com um dos secretários de governo. Ele não pensa em ingressar nesses nichos, que possibilitariam acompanhar um projeto, porque no estágio atual de sua carreira, ele acha que isto seria empobrecedor.

"Na medida em que eu puder escolher projetos, em função da articulação política, eu fico no setor público. Caso contrário, vou para o setor privado."

"(...) Escolhi Sociologia porque na minha geração não se tinha muita escolha. Havia razões políticas. Eu procurava um curso que politizava. Nunca pensei em fazer Direito ou em ser médico. O clima da época e a participação no movimento secundarista ajudou na opção."

Daniel discorda da idéia de profissionalização das Ciências Sociais embutida na proposta do Sindicato dos Sociólogos.

"O curso universitário de Ciências Sociais não define uma profissão, a não ser a reprodução de si mesmo, do mundo acadêmico. A questão profissional que o sindicato levanta, de criar reserva de mercado conflita com a formação que é dada no curso. Sou contra a reserva de mercado. Com a formação que recebi na *USP*, não sou mais capaz de fazer o que faço, do que é a maioria dos formados nos cursos de Humanas. O sindicato precisa fazer um recorte da categoria, mas o tecido onde ele faz o recorte é inespecífico. É próprio do sindicato fazer isso, mas não é próprio da formação que recebem."

"Não acho que se tenha que mudar essa formação. Quem pensa de acordo com isso é que tem que pressionar a universidade. Eu acho que não. Eu não gostaria de ter essa especialização. Entendo que quem tem, deve lutar por isso, mas eu não gostaria de trabalhar no Ibope, na especialidade de métodos e técnicas. A interdisciplinaridade permite que as pessoas desempenhem vários papéis."

A sua preferência seria por uma estrutura universitária que enfocasse as Humanas em geral, e depois as pessoas se especializariam nas áreas que tivessem maior interesse.

"Pode ser menos relevante para o mercado de trabalho moderno, mas a pessoa pode ter uma visão mais ampla e se embeber na cultura. (...) Eu não gosto de pesquisa quantitativa. Para mim, o curso pode ser inútil socialmente, em termos de mercado de trabalho. A universidade não tem que se conformar ao mercado de trabalho. Pelo menos, não exclusivamente. A universidade, com um certo atraso, acaba atendendo as demandas sociais. É claro que as demandas hoje são diferentes do que a universidade oferece. Se a universidade quiser passar por um processo de sintonia com a sociedade, ela precisa procurar suprir o que as pessoas demandam, se não fossiliza."

"A minha situação quando estava na Assembléia era curiosa. O sociólogo tem algo a dizer sobre o que não entendemos (sobre coisas que alguns deputados não entendem). As pessoas te ignoravam para o bem e para o mal. Elas ouvem. Tem um lado pejorativo, que é o de normalista moderno. (...) Hoje o ponto central de meu currículo não é mais ser sociólogo. Sempre, quando escrevo alguma coisa, as pessoas me perguntam qual é a minha formação. O sociólogo confirma um tipo de posição intelectual, senão, de atuação prática."

Embora o ponto central no currículo de Daniel não seja mais a profissão de sociólogo, sua identidade com uma forma de ser sociólogo continua presente. Para ele, o sociólogo pode ser identificado pelos outros, através de sua atuação e de seu posicionamento intelectual. É deste lugar que ele

interage no palco da profissão. A competição intraprofissional se manifesta no enfrentamento de outras visões internas sobre a profissão. Ele associa a proposta de reserva de mercado ao sindicato, mas também à pesquisa de mercado, como se nesta questão, a entidade estivesse representando os interesses desse segmento.

Tal como Durval, Daniel procurou descaracterizar a sua atividade como inerente à Sociologia. Para ele, qualquer formado em Ciências Humanas pode fazê-la, porque seriam atividades inerentes à articulação política. Entretanto, na sua experiência na Assembléia, os sociólogos tinham algo de diferente a dizer. Ele não era como os advogados. Desempenhava atividades que conhecia. Eram levantamentos de dados e pesquisas.

Do ponto de vista da interação no sistema profissional, Daniel relata dois momentos diferentes em sua trajetória. No primeiro, quando estava iniciando sua carreira, ele fala como um sociólogo participando da competição interprofissional. É desta posição que ele se insere no sistema profissional. O referencial distintivo são os advogados, a burocracia. A politização, que ele procurava no curso de Ciências Sociais, aparece como um diferencial positivo na sua trajetória.

Um outro momento nesse percurso é quando ele interage no sistema, partindo da posição de articulador político. O resultado desta nova interação se mostra na sua identidade profissional. Aí, o que se destaca é a forma como procura preservar a autonomia de suas atividades políticas. As especializações nas Ciências Sociais, acompanhadas das propostas de reservas de mercado, aparecem como tentativas de se obter controle e poder sobre o desempenho de sua atividade profissional. Isto entra em conflito com os setores que já têm algum tipo de poder, através de sua participação no governo.

Nestas circunstâncias, a identidade de articulador político compõem-se com a de sociólogo intelectualmente

posicionado para enfrentar a competição no sistema profissional. Sua relação com as Ciências Sociais passam para o plano da competição interprofissional. Os políticos e os articuladores políticos adquirem a posição de pares profissionais.

Essas mudanças na identidade profissional são decorrentes do tipo de interação social que os indivíduos estabelecem, nas diferentes posições que ocupam no sistema profissional. O olhar do profissional para o mundo do trabalho que o cerca parte de um lugar específico e das relações que ele ali estabelece. Esses fatores atuam como condicionantes. Se este lugar e estas relações mudam, sua forma de olhar e se identificar profissionalmente também se modifica.

. A identidade pela ocupação secundária

Das entrevistas que realizamos, Souza foi o único que referiu-se à sua identidade com as Ciências Sociais a partir de suas ocupações e atividades profissionais secundárias. Ele tipifica uma relação com a profissão centrada no modelo acadêmico. É olhando para este segmento que ele diferenciou sua identidade.

Souza formou-se em 72, na USP. Em 73, prestou um concurso para trabalhar num dos estabelecimentos que classificamos como do setor não-governamental sem fins lucrativos, voltados para as atividades de beneficiência e assistência comunitária e social. Junto com ele ingressaram nesse concurso 3 sociólogos, além de pessoas formadas em outras áreas como comunicação e matemática. Segundo ele, lá se emprega pouco assistente social.

Quando Souza entrou, ele foi para o cargo de orientador social. Fazia serviços de comunidade, como a articulação das forças da comunidade junto à prefeitura.

"Fiquei nisso dois anos. Depois assumi um cargo de assistente-técnico na área de pesquisa. De 76 até 87, pesquisei hábitos culturais e de lazer."

"A partir de 81, houve um refluxo na contratação de sociólogos. Hoje o quadro de pessoal é menor e o recurso financeiro é maior. A política dos empresários de redistribuição das finanças diminuiu."

Souza foi chefe do setor de pesquisa e quando concedeu a entrevista, fazia a supervisão de programação cultural.

"Essa área expandiu mais. A tomada de decisão é imediata. Você influi mais do que na outra área. Em 73, eram 130 orientadores sociais, cada um ganhando uns 1.500 dólares. Hoje são 60 animadores culturais, ganhando uns 500 dólares. É mais pessoal de Pedagogia e Educação Física."

"Minha satisfação profissional está se dando por dois motivos: 1) sempre exerci um papel teórico, fora das funções; escrever textos, dar opiniões, dar o fundamento teórico. 2) Com a Sociologia, eu mantive atividades fora da empresa. Eu dou aulas no curso de Psicologia da ***. Comecei em 86."

"Antes de eu cursar Ciências Sociais, fiz graduação em Filosofia. Fiz um mestrado em Metodologia Científica, em Buenos Aires, por 1 ano."

"Pessoalmente, tive aspiração de trabalhar na área de planejamento. Em 73, era difícil entrar nessa área. Na forma que se dava o recrutamento, contava o fator pessoal, a amizade. A pesquisa de mercado tinha menos prestígio. Eu acho que isso ainda não mudou e era mal pago."

"O curso de Sociologia não foi importante para a minha trajetória profissional. O curso foi útil para o que eu exerci por fora."

Souza não atribui à Sociologia o fato de ter sido bem sucedido profissionalmente. Ele relaciona isto às suas características pessoais, incluindo nisto o fato de ter feito Filosofia.

"Eu me tornei sociólogo depois, e não quando entrei lá. (...) Eu defino esta área como cultural. Só conheço no *** (local onde trabalha) e no *** (instituição semelhante a que está trabalhando)."

"Eu nasci no Paraná. Vim para São Paulo em 68, para estudar. Meus pais eram agricultores. Não tinham o primário completo. Tenho dez irmãos e estou melhor do que todos eles. Oito ficaram na agricultura. Eu não passei direto da roça para São Paulo. Passei pelo seminário em *** (cidade do interior). (...)"

A atividade que está sendo desempenhada é decisiva para delimitar a sua identificação profissional. Ele não se considerava sociólogo quando estava no cargo de orientador social. Depois que foi para a área de pesquisa é que se incluiu na profissão. Mas o fato de mudar para a área cultural 'onde influi mais', altera essa identidade.

Para ser sociólogo, na concepção que ele transmite no seu relato, é preciso fazer pesquisa, dar aula e/ou exercer um papel teórico. Portanto, sociólogos são principalmente os acadêmicos. De novo, a classificação se torna objeto de disputa. Na visão de Souza, nem ele nem muita gente que se inclui no palco da profissão são, de fato, sociólogos. Mas, ao contrário de outros entrevistados que mostram uma proximidade maior com o centro do palco, atacando-o, Souza tem as atividades típicas do segmento acadêmico em alta consideração. É delas que ele extrai sua satisfação profissional.

. A Invasão

A entrevista abaixo foi feita com um profissional que não frequentou nenhum curso formal nas Ciências Sociais. Sua posição no palco da profissão tipifica o que classificamos como pertencimento pela invasão. Ao contrário de Nilton, outro executivo que procurava se excluir da profissão de sociólogo, Ivo buscava alguma inclusão.

O mundo profissional das Ciências Sociais vive a competição de ambos os lados. Tanto os sociólogos graduados disputam atividades com outras formações superiores, quanto sofrem essas concorrências no mercado de trabalho. Ivo concluiu seu curso de Pedagogia em meados da década de 70. Ele começou a desenvolver as atividades que considera de sociólogo, depois de 8 anos de carreira numa indústria do setor privado. Quando concedeu a entrevista, estava com 40 anos de idade e ocupava um cargo de executivo numa empresa multinacional. Seu depoimento revela uma forma diferenciada de ver a profissão de sociólogo e de fazer parte dela. Ivo foi o único entrevistado que não viveu algum tipo de socialização, num curso de ciências sociais. Todos os demais passaram, pelo menos, por uma das duas etapas escolares: ou a graduação ou a pós-graduação na área.

Foi no mercado de trabalho que Ivo começou a desenvolver as atividades profissionais dos sociólogos. Ele é filiado ao sindicato, o que lhe garante o direito legal de exercer a profissão, caso algum dia isto se torne uma exigência real, ao modelo do que vem ocorrendo com a profissão de jornalista.

"Na verdade, a minha primeira ligação com a empresa na área de recursos humanos foi uma ligação via Educação, que é a minha formação inicial. Eu trabalhei durante 15 anos como profissional de treinamento e desenvolvimento, inicialmente como instrutor de treinamento, coordenador de treinamento e desenvolvimento e finalmente como gerente de treinamento durante muitos anos, aproximadamente 15."

"A partir de um determinado momento, isso já em 82/83 a empresa percebeu que as estruturas que ela tinha de recursos humanos, apesar de serem modernas, adequadas e tudo mais, elas não conseguiam resolver, tanto as estruturas quanto os processos de tecnologia disponíveis. Elas não conseguiriam resolver algo que a empresa começava a perceber como uma tendência forte, que era uma mudança social, uma mudança política.(...)"

Ivo ingressou nesta área em 84. Na prática, sua aproximação profissional com as Ciências Sociais se deu nesta empresa.

A partir de 86, foi criada uma área aqui na empresa, um departamento de desenvolvimento social. Na verdade, era um departamento criado para mapear ou para monitorar a realidade social, e trazer informações para a empresa, do que estava se passando no lado social do país, os reflexos da economia, da tecnologia, sobre o social. O social inclui a política. Você não tem como separar."

"Nós conseguimos acertar aqui com razoável precisão quais seriam os direitos sociais na Constituinte. (...) A rapidez que a gente tem que ter é um pouco diferente. Quer dizer, ao contrário de uma pesquisa que é feita na universidade onde você tem um determinado período de tempo, onde você controla o seu tempo, a empresa precisa da informação num prazo suficiente para que ela possa tomar decisões. (...)"

"Essa preocupação toda com o social eu acho que ela gera uma abertura muito grande para todas as carreiras que cuidam do social. Acontece o seguinte: de uma maneira geral as outras carreiras que cuidam do social, como a Pedagogia e a Psicologia, já estavam muito bem instaladas dentro das organizações. A carreira que não estava era a carreira do sociólogo.

O sociólogo, a rigor, ele trata de procurar examinar bem a questão do conflito. Uma das questões que o sociólogo pode tomar é presente na tentativa de explicar os conflitos sociais, sejam conflitos mais a nível do comportamento do dia-a-dia, nas relações chefe-subordinado, sejam nos conflitos sociais mais claros, mais nítidos como as greves, os movimentos sociais de uma maneira geral. Eu acho que os sociólogos vão ter um espaço cada vez mais aberto nas empresas." (...)

Perguntado sobre as suas perspectivas de carreira e seu projeto, Ivo respondeu:

"Quando você fala na questão da carreira pessoal, você pode tomar dois sentidos. Se eu for tomar uma decisão a nível de especialização, eu diria que um departamento de desenvolvimento social numa empresa como a *** vai ter sempre um certo limite. Eu acho que a estrutura que nós temos hoje tem que ser mais ou menos desse tamanho. Nesse caso, se eu tivesse interesse em ter uma vida profissional voltada para essa especialização eu não poderia ficar restrito só à *** (empresa). Aqui a minha carreira estaria no patamar dela. (...) Eu teria que pensar em ter uma atividade fora, fazer um estudo teórico e tudo mais. "

"A outra questão é a seguinte: nós participamos das decisões relativas à negociação com os sindicatos. Numa negociação você tem o lado jurídico-legal e tem o lado social-político. Nós temos o lado social-político das negociações. Nós opinamos e em alguns casos participamos das negociações. Nesse caso você já tem uma outra abertura. Eu poderia dizer que uma carreira de 'negociador' é uma outra forma. Juntando com o conjunto de coisas que eu faço hoje, com o conjunto de coisas que eu já fiz no passado, em recursos humanos, eu poderia imaginar que eu seria um candidato a ser, pela posição que eu tenho hoje na empresa, que é segundo escalão na área de recursos humanos, eu poderia pensar que eu posso ser um sucessor do diretor de recursos humanos."

Perguntado sobre quem eram os profissionais que ele considerava seus pares e competidores para a diretoria de recursos humanos da empresa, Ivo apontou 4 pessoas que gerenciam outros setores na área de RH: um administrador, um economista, uma advogada e um advogado.

"Esses são os meus pares. A impressão que eu tenho é a seguinte: as pessoas constroem uma ideologia profissional independente da ideologia política. Eu diria que essas pessoas que são os meus pares têm a mesma ideologia política, que não é a minha. Mas se eu pegar a ideologia profissional aí é um pouco diferente. Essa questão é

imbricada de qualquer maneira. As duas coisas se confundem. Eu diria que as pessoas podem ser mais liberais na ideologia profissional do que na ideologia política. Eu acho, na verdade, que as pessoas constroem ideologias profissionais que estão calcadas na profissão. Elas tentam fazer que a empresa se conforme à sua profissão."

"Ele tenta isso e mais do que isso: ele tenta fazer com que a empresa se conforme à sua profissão. O sonho dourado de um advogado é que a empresa seja absolutamente legal e muitas vezes se consegue isso. Se você for imaginar um economista ele vai procurar tratar a empresa sob a ótica do aspecto econômico."

Quando Ivo precisa declarar qual é a profissão que tem, dependendo da situação, ele se apresenta como pedagogo ou como gerente do departamento de desenvolvimento social. Ele tem uma opinião sobre o fato de o curso de Sociologia fazer ou não diferença para o desempenho de suas funções:

"Certamente, se eu tivesse feito uma faculdade específica eu teria um arcabouço teórico, não sei se maior, mas pelo menos mais organizado do ponto de vista do tipo do trabalho que um sociólogo faz. Agora, em nenhum momento eu me sinto tolhido para definir o que é necessário para a empresa, que tipo de informação a empresa precisa. Ai eu acho que o fato de não ter uma formação específica me tira o viés. Aquela viés que eu disse da ideologia. Eu não quero conformar a empresa à sociologia, desse ponto de vista."

"Desde 82 eu venho continuamente me envolvendo com a questão social da empresa. Em 86 eu tenho uma oficialização desse quadro, mas antes disso eu já estava no campo social (...). Eu tenho relacionamento muito próximo com o pessoal do Sindicato e da Associação dos Sociólogos. No sindicato, a partir do momento em que eu me sindicalizei, achei importante me sindicalizar porque eu acredito no sindicalismo e não faria sentido que eu estivesse fora do sindicato, eu procurei participar. Não só estar lá como

associado mas ver onde poderia ajudar, até procurar criar um espaço dentro da empresa."

"Eu acho que existe uma dificuldade. A profissão do sociólogo, até pelas leituras que fazem, o sociólogo analisa a sociedade e a análise que os sociólogos fazem da sociedade nem sempre é a mais lisonjeira. Nem sempre é a análise que interessa mais as pessoas que estão no poder. Então, houve uma identificação dos sociólogos. A Sociologia é uma profissão das pessoas de esquerda desse país. O país continua muito preconceituoso em todos os setores: político, social, todos os setores. Durante um certo tempo os sociólogos foram identificados como pessoas de esquerda. Pessoas que professam que militam na esquerda. Em função disso, as empresas sempre olharam para os sociólogos como militantes de esquerda. A Sociologia só poderia referendar alguma coisa contra as empresas e não a favor delas."

"Por outro lado, o pessoal de Ciências Sociais, no habitat que são os centros de pesquisa e as universidades, a tendência mais imediata é de julgar que as empresas, na medida que se faz uma análise do lucro, a empresa então explora o trabalho para fazer lucro. De qualquer maneira, de lá da universidade e dos centros de pesquisa, as empresas sempre foram enxergadas como sendo instituições que estavam numa posição não muito ética de tomar parte, sem retribuição, do trabalho das pessoas. No caso de escolha entre os empresários e os trabalhadores os sociólogos preferiram os trabalhadores e as instituições que apóiam os trabalhadores."

"Aí você cria um mecanismo voltado para um certo maniqueísmo: 'somos nós e eles'. Se formam dois grupos. Esse maniqueísmo está presente numa série de outras coisas. Não é só nessa relação. Você imagina que quem trabalha na empresa é o 'eles' e nós somos o 'nós'. Há um lado a lado nessa questão. Quando você toma o pessoal da universidade a primeira tendência é eles acharem que quem trabalha na

empresa ou para empresa, no mínimo se tem que desconfiar dele."

"Eu vivi isso. Eu vou te dar exemplos concretos disso: é muito mais fácil eu trazer aqui dentro os sindicalistas para falar, para conversar, trocar idéias e tudo mais do que trazer o pessoal da universidade. O pessoal da universidade que se aproxima da empresa por uma razão ou por outra é visto com desconfiança. Ele acaba visto com desconfiança. No primeiro momento ele é um sociólogo também. Ele é visto com desconfiança dos dois lados. Essa é a primeira tendência. A partir do momento que ele vem, aí a tendência é mais engraçada. 'Ah! os caras não gostam dele então ele deve ser bom. Deve ser interessante porque o outro lado está vendo com desconfiança. Esse sentimento eu já tive em vários momentos. Quando eu tive que contratar serviços: '- Ah! mais a sua empresa é multinacional, então não dá para eu fazer, ok?' Ou então quando eu tenho que contratar estagiários aqui eu tenho dificuldade. '- Ah! *** (nome da empresa), multinacional, quero não. Esse é um lado. Outro é quando eu circulo pelo meio. Eu vejo que é uma preocupação consistente porque a própria direção do sindicato está preocupada em mostrar que há um mercado, um campo de trabalho."

Ao expor a sua visão das diversas áreas de atuação dos sociólogos, Ivo posicionou-se na competição intraprofissional. Os docentes universitários são os únicos a receberem críticas, embora elas sejam formuladas sob um prisma diferente daquelas apontadas pelos que cursaram Ciências Sociais. Ele detecta um certo elitismo na forma desse grupo falar e na maneira como se apresenta para uma audiência. Os docentes teriam uma preocupação de dirigir seu discurso apenas para o seu próprio grupo. Além disso, agiriam se distinguindo daqueles que aceitaram trabalhar para as empresas, particularmente as multinacionais. O altruísmo e o egoísmo seriam motivações divisoras de campos. De um lado, estão os que optam pela sociedade, do outro os individualistas. O 'hábitat' dos centros de pesquisa e das

universidades ficam do lado dos trabalhadores. Os executivos ficam do lado das empresas.

É a estrutura dessa divisão que Ivo procura quebrar, mostrando-a como não sendo expressão da sua realidade pessoal. Há professores que ele identifica no campo das motivações egoístas. São os que se aproximam das empresas e, segundo ele, acabam não obtendo a confiança de nenhum dos dois lados. Já sua preferência pelo ensino secundário o coloca no lado do altruísmo. A competição intraprofissional está voltada para o segmento docente. Na entrevista de Ivo, eles também estão no centro do palco.

"Eu certamente gostaria muito de estar na escola, ensinando. Ai talvez seja até uma questão que está ligada à minha outra formação, à minha formação acadêmica, ensinando no segundo grau. Eu diria que é um momento em que as pessoas estão mais agudas (os adolescentes), com maior abertura, com maior vontade de testar as coisas, de entender as coisas. É mais uma relação social. Eu acho que eu seria muito mais útil aí, do ponto de vista social, do que na universidade. A relação que me interessa com a universidade seria a pesquisa. Pesquisar alguns temas específicos à área de Sociologia do Trabalho. De uma certa forma, eu estou colocando as duas áreas que eu teria mais interesse além da área que eu milito hoje de recursos humanos. (...)"

"A docência universitária, da forma como eu tenho contato com ela, ela pressupõe um certo tipo de carreira universitária que eu não gostaria. Fazer mestrado, fazer doutorado e ter toda uma preocupação com esse tipo de coisa. Não faz parte do meu projeto. Isso não é uma questão de Ciências Sociais. É uma questão de todas as carreiras universitárias. A forma de fazer a coisa, eu acho que exige um certo aparato que eu chamaria de aparato de 'environment'. Não é nem o aparato técnico, é o aparato de 'environment'. É a forma como a coisa é tratada. Não acho que no momento eu vou me reaparelhar emocionalmente para isso."

"A impressão, vista do lado de cá, é que existe um excesso de cultura, um excesso de refinamento intelectual. Vou lhe dar um exemplo concreto. Nós estávamos lá assistindo a um seminário, 'Novas tendências da economia e do sindicalismo'. Então sobe à tribuna um professor que vai falar sobre automação. Ele admite que está falando para uma platéia que é de 90% de sindicalistas e 10% de professores, sendo que desses 10%, 90% já tinham tido contato com o trabalho dele de uma forma ou de outra. Toda a fala dele, 95% da fala dele se volta para os 10%. A forma da fala dele é uma linguagem da universidade. Tem toda uma preocupação com esse tipo de linguagem, com essa forma, que ganha uma dimensão maior. Eu não estou dizendo que é bom nem que é ruim. É a linguagem. Eu, depois de 20 anos de linguagem empresarial, me desaparelei disso."

A forma de Ivo olhar para a sua escolha pelo curso de Pedagogia, quando jovem, não se diferencia muito das motivações que levaram vários entrevistados a optar pelas ciências sociais, na mesma faixa etária. Isto chama a atenção para o fato de que a vontade de mudar ou intervir na sociedade - argumento usado por uma parte dos entrevistados para escolher o curso de ciências sociais e se identificar com ele - tipifiquem mais um perfil de jovem, com uma determinada trajetória e posição social, do que uma opção por uma formação profissional.

"Talvez porque a atividade de educação fosse uma coisa que me interessasse, que eu gostasse de intervir socialmente. Eu tenho a impressão, a minha visão hoje, olhando de fora esse negócio, é que quando as pessoas escolhem a universidade, naquele tipo de idade que vai dos 17 aos, sei lá, 22 anos, como uma escolha adolescente que é, é uma tentativa de conformar o mundo. Ou seja, do alto de toda a prepotência que tem nos adolescentes e que é muito saudável, eles querem, na verdade, escolher a forma pela qual eles vão reformar o mundo. Vão curar o mundo dos males. Cada um escolhe um caminho, um vai ser engenheiro o outro é

arquiteto, o outro vai ser assistente social. É a minha visão dessa questão. Quer dizer, no meu caso talvez eu quisesse mudar via educação."

"Minha experiência na faculdade foi abaixo das minhas expectativas. Eu imaginava que houvesse alguma coisa de mais consistência, mais vida. As instituições educacionais estão muito mais voltadas para a Filosofia, para o lado teórico do que para o lado da prática." (...)

A identidade profissional de Ivo é mais claramente captada quando ele comenta a sua auto-classificação como um executivo.

"Eu me identifico como um executivo. É uma função executiva e eu me comparo no mercado dessa maneira. Aí não existe essa questão de ser de uma profissão ou de outra."

Perguntado sobre o que caracterizava o grupo de executivos considerados yuppies, Ivo procurou se diferenciar também. Sua maneira de ver a questão mostra como ele se situa entre os executivos. Ela complementa seu perfil, onde se distingue dos executivos oriundos das profissões não sociais. Embora ele tenha dito que a formação superior era irrelevante no universo das carreiras executivas, ela aparece sempre como um diferencial em seu discurso. Ivo distingue as decisões dos engenheiros daquelas dos advogados. Pela profissão, ele classifica quem consegue se adaptar rapidamente às mudanças e quem fica aferrado às velhas formas. Na entrevista, a competição interprofissional entre os executivos se manifesta como uma 'união' ou uma 'aliança' das profissões sociais na disputa com aquelas predominantes na área.

"Eu não sou um yuppie. O chamado yuppie é uma pessoa que está absolutamente afinada, orienta seus padrões de comportamento por um determinado padrão compulsório de consumo. Padrões de consumo de videocassete, padrões de consumo de ternos, de gravata, de camisas, de restaurantes, de automóvel. Eu não estou absolutamente padronizado nessa questão. Se você falar em padrões de consumo de teatro,

cinema, de literatura, de jornal, ok! Eu tenho um determinado padrão que me preocupa. Se você falar em padrões de consumo de restaurante, ok! Mas não de carros, de roupas. Essa parte mais de consumo específica, eu diria que aonde eu tenho alguma coisa nessa área, com algum requinte é muito mais uma concessão ao meu filho do que mesmo uma preocupação minha. Minhas preocupações estão voltadas para essas outras áreas que eu citei."

"Aqui dentro, é claro que há esse tipo. Isso muitas vezes é até um condicionamento de carreira, onde as pessoas estão medindo tudo, onde se faz o óculos, quais restaurantes você frequenta. Existem pessoas que sacrificam muito da mesada pra demonstrar solidez patrimonial. Eu não tenho muita preocupação com construção patrimonial. Eu diria que os investimentos que eu faço são na educação do meu filho. Nessa área de educação, eu corro o risco de cometer algum padrão de yuppismo, em função de que você não encontra educação fora desses padrões. Mas meus hábitos, eu faço investimentos na área educacional, cultural muito maior do que na área do patrimônio."

"(...) Eu me considero muito bem sucedido. E eu esperava isso, mesmo sendo desviante. Pelo seguinte: eu não conheci na minha vida pessoal ser mal sucedido em nada onde andei. Na escola, na vida artística da minha cidade, no teatro, no jornalzinho, na minha primeira profissão - eu trabalhei como guia turístico desde os 11 anos - eu sempre fui muito bem sucedido. (...)"

Ivo é um executivo. Esta é a sua principal identidade. Mas ele é um executivo das profissões sociais. O relato detalhado das atividades que desempenha exemplifica o que há de comum entre as suas funções e a capacitação profissional dos sociólogos. O instrumental das Ciências Sociais e as relações que ele estabeleceu nesta área tem favorecido a etapa atual de sua carreira na empresa. É assim que ele ingressa no palco da profissão e procura nele se preservar.

A forma como enfatiza a sua relação com o Sindicato dos Sociólogos e a preocupação em construir uma perspectiva profissional atraente para os cientistas sociais, na área em que atua, são evidências de que quer procura amenizar a sua percepção de que possa ser considerado um invasor. É a maneira dele falar da área, ligando-a aos sociólogos que dá o tom da invasão. De todas as entrevistas realizadas, a dele é a que mais transmite a imagem de um uso instrumental da identidade com a Sociologia, o que reforça seus sentimentos de invasão.

Ivo identificou um espaço profissional para ele, nas atividades que a profissão reivindica para si, num momento de redefinição na empresa onde já trabalhava. Seu ingresso nesta área acompanhou uma brecha na estrutura ocupacional da empresa onde trabalhava, motivada por uma guinada no contexto nacional.

Toda a sua visualização das perspectivas nesse campo de atuação centra-se numa nova dinâmica política do país. Este caso ilustra uma situação onde o sistema profissional vive algumas mudanças internas, originadas externamente, em decorrência de seu vínculo com uma dada realidade nacional. Como o sistema profissional processa tais mudanças é que é resultado das interações que se estabelecem dentro dele.

O sistema profissional tem uma autonomia interna, mas ele não flutua solto no ar, desvinculado da sociedade ou das mudanças que as profissões possam viver ao nível internacional. Os avanços científicos e tecnológicos conquistados por uma disciplina, num determinado país, repercutem na posição da profissão em muitas outras nações.

. A Área de Pesquisa de Mercado

Os depoimentos das pessoas agrupadas no segmento da pesquisa de mercado, que também se inserem no setor privado, contrasta com a posição da qual Ivo olha a profissão. Reuni 4 relatos desse grupo, mas apenas um deles faz parte da

amostra selecionada entre os formados. Os demais foram coletados a partir de eventos públicos.

Mônica concluiu o curso da FESP em 72. Quando concedeu a entrevista, em 1990, estava com 39 anos e trabalhava numa empresa de pesquisa de mercado e de opinião, como gerente de produção.

Ela começou a trabalhar quando estudante fazendo pesquisas. Tinha vindo do interior para São Paulo, em 68.

"Eu fazia pesquisas para pagar a escola e a pensão. Comecei na Secretaria de Bem-Estar Social. Fazia o recadastramento das favelas, em 1970. Tomei gosto. Isso virou uma forma de sobreviver. Eu dava aulas. Minha carreira ia ser através da escola. Ia ser magistério superior. Fiz monitoramento e dei aula em cursinho. Aí fiquei grávida. Em 73, tive um convite para ir para *** (empresa onde trabalha). Já entrei como analista."

"Fiz pós-graduação na PUC e cursos na Fundação Carlos Chagas. Eu levanto às 7 horas e saio do trabalho às 8 horas da noite."

Mônica identificava uma resistência à atividade de pesquisa de mercado. As pessoas eram vistas como se estivessem se vendendo ao sistema.

"A universidade forma cabeças mais críticas, mas também forma cabeças para o sistema."

"Eu nunca mais pensei em retomar a carreira acadêmica. O trabalho de Pedagogia eu faço no lugar onde trabalho."

"Estou muito satisfeita com o que eu faço. Acho que eu trabalho muito, muito. Talvez se estivesse no ensino acadêmico, eu trabalharia menos. Este é o único ponto. Profissionalmente, eu gosto do que eu faço. Me considero bem-sucedida. Mas depende da meta para chegar lá."

"Não acho que há hierarquia entre os segmentos das Ciências Sociais. Eles só são mal integrados. Mas não há diferenças."

"O magistério de 2º grau foi uma experiência infantil para mim. Eu não faria disso uma profissão. É uma

resistência pessoal a ser professor. Eu acho que é como ser padre ou psiquiatra. Ser professor é pretencioso."

"O mercado está congestionado em São Paulo, mas está em expansão em outros lugares. Abrir uma empresinha normalmente dá certo e não errado. É quase natural. O conhecimento não é sistematizado na escola. Quando você sabe, você tem esse conhecimento. É natural abrir empresa."

"O conhecimento tinha que ir para a escola, mas eu não sei como. A universidade bota sonhos na cabeça das pessoas e o mercado não é assim. Quando você sai da escola, você pode entrar em qualquer bobagem. A escola não prepara para o mercado. A escola está defasada. A universidade está fora da realidade. Ela não tem consciência do que está fazendo. As pessoas que estão lá não refletem sobre isso, e as que saem de lá também não. A diversidade dos formados no mercado é enorme. Cada um vai fazer uma coisa. Tem dona-de-casa, artista, bibliotecária."

"O Fernando Henrique foi o professor que deu a primeira aula. Ele estava lindo num terno branco. Falou que dali há oito anos ia se ter carteiro-sociólogo, telefonista-socióloga. O curso não sistematiza o conhecimento. Isto é uma fraqueza pessoal do curso, e uma força do ponto de vista da sociedade. Pessoalmente, esse fato é sentido como uma fraqueza do curso. Ele precisa de um campo definido. Ninguém procura dominar um campo nas Ciências Sociais. São poucos entrando de cabeça na profissão. É muito frágil. A SBPM e a ASESP também são frágeis. São sempre os mesmos."

"Eu fiquei maravilhada com o Fernando Henrique. Ele era lindo e inteligente. Essa foi uma geração competente. Tem o Weffort. No segmento da pesquisa de mercado, os reconhecidos são a Clarice Herzog, a Eugenia Paesani. Talvez tenha uma disputa com o pessoal de publicidade. Há uma busca de conceitos, de esclarecer. Eles jogam no lixo o que a pesquisa levantou. Buscam a criatividade. O problema é a integração e não a disputa."

Embora Mônica não identifique a competição intraprofissional em seu cotidiano, a forma como ela se refere ao segmento acadêmico evidencia que, na sua classificação, ela lida com 2 concepções dele. Em uma delas, eles são competidores e aparecem negativamente em seu discurso, sendo atacados. Na outra, eles representam um distinção para ela. A admiração que ela revela por seus professores qualifica a ela mesma.

A sua posição no palco da profissão mostra-se próxima da área acadêmica no que diz respeito às críticas que faz as escolas, e na negação da existência de uma hierarquia profissional entre os segmentos. Seu depoimento distingue os formados de sua geração daqueles que foram seus professores. Essa maneira de construir a classificação revela como Mônica se vê distante de seus professores, mas ela inclui a academia de hoje na mesma situação dela. Assim, manifesta a competição intraprofissional com os pares de sua geração e da subsequente.

A entrevista abaixo foi feita com Mirna. Ela se formou em 68, na PUC. Quando relatou sua experiência, estava trabalhando por conta própria, fazendo pesquisas de mercado para clientes. Ela estava nesta área há mais de 20 anos. Havia trabalhado por dez anos, numa empresa multinacional, onde impulsionou sua carreira. Ao sair de lá, era superintendente de uma das áreas da empresa.

Mirna foi para área de pesquisa de mercado, num momento em que considerava não haver espaço político para se atuar na sociedade, ao mesmo tempo em que a área empresarial estava tendo muita oferta de trabalho.

"Houve essa coincidência, que levou o profissional com o nosso tipo de formação para trabalhar na área de pesquisa de mercado. Antes tinha muito jornalista, psicólogo. Mas acho que houve esta conjugação de coisas. Eu comecei como auxiliar de análise. Tinha uma bagagem teórica e a prática da coisa no dia-a-dia. A antiga geração começava assim.

Fazia um pouco de campo, de tabulação, de codificação e chegava a analista. Hoje as pessoas já entram fazendo só um tipo de coisa. Há um choque de gerações. Entram sem um noção de todo o procedimento."

"(...) Meu desejo, quando comecei a trabalhar, era fazer planejamento, planos diretores das cidades. Mas é como sempre. Existe um grupo mais ou menos fechado. É muito difícil você entrar. Pelo menos, eu senti naquele período. Ai me surgiu essa oportunidade. A gente ia procurando em planejamento, esse tipo de coisa. Acabava só conseguindo a parte de campo do planejamento."

"Apareceu a oportunidade de pesquisa comercial e eu entrei por aí. A gente entra, gosta, se desenvolve. Agora, uma das coisas é como isso interfere do outro lado. Sempre existe uma preocupação das pessoas, e eu me lembro num congresso de sociólogos que teve aqui, há uns 8 anos, em que a grande discussão foi essa. E sempre volta quando há possibilidade dos sociólogos estarem juntos, sociólogos teóricos com pesquisadores de mercado. É um certo sentimento de culpa por parte dos pesquisadores de mercado e uma certa acusação, do lado do sociólogo teórico, do acadêmico. Aquela preocupação que ele está fazendo uma coisa comercial. Me lembro que, na minha época, se dizia 'se prostituiu no mercado'. Acho que existe essa dicotomia."

"(...) Eu me encaminhei mais para o privado. Na hora que você se encaminha para uma, não dá para ficar em duas ou três áreas. Você precisa se aprofundar numa. Eu tentei fazer pós. Comecei na USP e na PUC, mas nunca tive vontade de ficar me dedicando à atividade acadêmica. Isso é uma vertente minha. Fiz os cursos, mas não me aprofundei em termos de tese. Acho que fica meio contraditório. Se você quer se desenvolver teoricamente, não dá para trabalhar numa empresa privada."

"Pessoalmente, admiro o fato de se estar estudando, escrevendo, mas estar com a mão na massa é mais interessante do meu ponto de vista. Admiro esse trabalho, mas me preocupo

com a capacidade produtiva dos acadêmicos quando estão em outra área. Nós temos pouco tempo para entregar os resultados, os relatórios para os clientes e as empresas."

"Acho que o curso dá todo o embasamento teórico e estatístico para trabalhar em pesquisa de mercado. Agora, saindo da universidade você tem que passar por um aprendizado prático, como em qualquer profissão. Se não tivesse esse embasamento, não adiantaria nada a prática. Acho que deveria ter um curso específico para pesquisa de mercado, mas não substituiria de jeito nenhum o que a faculdade dá."

"Hoje em dia, o pessoal que quer fazer pesquisa, atuar nessa área, não faz mais Ciências Sociais. Preferem estudar mercado mesmo, Administração de Empresas. (...)"

Indagada sobre os conflitos e as competições no interior da área de pesquisa de mercado, Mirna não identificou essas disputas num primeiro momento. Ela frisou que não havia vivido essas experiências e que, na área, há espaço para todos os profissionais. No decorrer de seu relato, é que ela começou a citar exemplos que associava com a competição profissional.

"(...) Existe muita competição em termos de preço do trabalho, entre os institutos e os free-lancers. Os institutos estão sempre reclamando que tem gente cobrando muito mais barato. Eu tenho contato com 'n' free-lancers. A gente se consulta sobre preços. Há um troca-troca até com institutos, se tem havido trabalho ou não. Tem muito de conhecimento pessoal. Você tem amizade com as pessoas."

"Existe competitividade em termos de prestígio. O nome que se faz é uma coisa importante. Como as pessoas aparecem em público? São em seminários, apresentações, aparecer no jornal. São escolhidos na própria empresa ou pela SBPM. Agora, existe muita competitividade pelos recursos para pesquisas de opinião pública e eleitorais. Entra muito dinheiro. Os outros institutos não costumam ter uma atitude de marketing, mais pública, como o Gallup e o Ibope. É mais

de cliente a cliente, de boca a boca. Existem grupinhos de amizades. É mais isso do que competitividade. Existem os estrelas, que fazem parte desses grupos de amizade ou até do nível de aparição pública. Pessoas com perfil mais para fora ou mais para dentro."

"A gente nota, sem saber muito o porquê, grupos disputando a SBPM. Ai fica um pouco difícil até de se votar, por que as propostas são as mesmas. A SBPM fica dominada e gira em torno de um grupo pequeno, dos estrelas. Isso é uma coisa mais de chapa do que de realidade. A diferença era um pouco aí. A gente achava que precisava espalhar um pouco e dar espaço para todos os segmentos. Dos mais estrelas aos menos estrelas, do planejamento ou não do planejamento. (...) No meio, a sociedade tem prestígio. Se dizia que um grupo era de campo e o outro de instituto, de agência contra grupo de entrevistador. Era uma coisa de ficar fechado num grupo de elite ou não ficar fechado."

"Outra briga que existe é entre criação e planejamento. A criação produz uma peça e a pesquisa avalia. Existe essa briga, tipo avaliou mal ou uma criação não tem que ser avaliada. Conceitualmente, existe essa briga. O fundo da briga é que o trabalho vai ser avaliado. A pesquisa também é muito usada politicamente, quando há tensão entre a empresa e o cliente. Quando ele não está aceitando bem a proposta da empresa, a pesquisa acaba sendo acionada e jogada nesse meio. Outra coisa que acaba ocorrendo é a disputa do pessoal de marketing e produtos com o pessoal de pesquisa. Às vezes, quem te contrata é um e você apresenta para o outro. Fica um relacionamento complicado. O pessoal de produto não passa pelo setor de pesquisa e este se sente jogado de lado, podendo criar problemas. Essas competições internas, eu nunca senti na pele. Eu não pretendia ir para a área de produto. (...) Produto é a área que tem mais prestígio nas empresas. Em agências de publicidade é a criação."

"Na área de criação, predomina o pessoal de Propaganda e Marketing ou gente sem uma formação específica. Na área de

produto é o pessoal de Administração de Empresas e Economia. É basicamente isso."

"No início da SBPM havia uma forte preocupação em não deixar entrevistador entrar. Entrevistador é visto como uma atividade de passagem, enquanto estudante. Se tinha medo da associação cair na mão dos entrevistadores, que não tem a ligação com a profissão. Por outro lado, existe um preconceito em considerar o entrevistador como não pesquisador, mesmo que ele passe toda a vida fazendo entrevista. O entrevistador não tem vínculo com a empresa. Ele trabalha como free-lancer. O estatuto todo está voltado para isso. Para entrar na sociedade, precisa estar na área há dois anos."

Mirna se posicionava no mercado de trabalho de uma forma diferenciada do relato anterior. Ela possuía uma participação em algumas gestões na SBPM, o que lhe permitia contar sua experiência também na área de representação do segmento.

Tal como Mônica, sua primeira tendência ao comentar a questão da competição profissional foi negar sua existência. Mônica via um problema de falta de integração e não de disputa. Mirna identificava espaço para todos os profissionais na área de pesquisa de mercado. O problema dos 'grupos fechados' acabavam sendo associadas às atividades acadêmicas. A competição aparecia como uma característica do meio acadêmico. Em contraposição à sua visão da pesquisa de mercado como um campo aberto, o planejamento urbano e os centros acadêmicos foram apresentados como muito fechados. Em períodos distintos, ambas as atividades estiveram muito associadas ao segmento acadêmico.

As disputas entre pesquisa de mercado e academia se manifestaram em termos de estereótipos construídos sobre os dois lados. Os pesquisadores de mercado ganharam o rótulo de prostituídos. Os acadêmicos ficaram com o da lerdeza no ritmo de trabalho e produção.

No decorrer da entrevista é que o termo 'competição profissional' começou a se materializar fora desse meio. A competição interprofissional apareceu nos conflitos entre as áreas de planejamento, pesquisa, criação e produção. Outra forma de competição intraprofissional que extrapola a área acadêmica materializou-se nas eleições para a SBPM. As chapas em disputa refletiam diferentes concepções da entidade e de quem fazia parte do grupo profissional. O embate se deu em torno de quem teria o direito de se identificar como pesquisador de mercado.

Uma questão fica transparente nos depoimentos do grupo. No momento em que foram contados, todos se incluíam no palco da profissão e ninguém questionava esta participação. O segmento não está sujeito à luta por uma posição no campo profissional. Também não estão brigando para dele ser excluído. Embora, algumas entrevistas façam distinção entre ser sociólogo teórico ou pesquisador de mercado todos estão no campo da profissão. Participam do palco das Ciências Sociais com uma identidade de profissionais da pesquisa de mercado. Foi nesta área que tiveram suas carreiras impulsionadas. É por esta proximidade na identidade manifesta nos relatos que ele foram agrupados como um segmento. O tipo de identidade detectada na entrevista de Ivo contrasta com essa.

. As Atividades nos Órgão Governamentais

Um outra forma de fazer parte do palco da profissão é através das atividades profissionais em órgãos governamentais ou em instituições vinculadas ao setor público.

Foram selecionados na amostra de formados 4 entrevistados que atuavam profissionalmente em órgãos públicos. Além desses, por uma coincidência, obtive mais um relato entre os formados na turma da USP/72. Os 4 restantes

classificados neste grupo deram depoimentos em eventos públicos ou foram entrevistados a partir deste contato.

Nesta área, há uma intensa mobilidade entre os tipos de atividades que um profissional desenvolve no decorrer de sua trajetória. Conforme ele muda de órgão, suas funções se redesenham. A divisão rígida entre áreas de atuação, como planejamento, intervenção social, administração ou cargos políticos não refletem a maioria das experiências de carreira aqui relatadas. Há áreas mais estruturadas do ponto de vista do desenvolvimento de uma carreira, mas isto está relacionado ao perfil do órgão e a forma de ingresso nele.

Quando Guita relatou sua experiência profissional, ela estava na direção de um órgão estadual. Ela se formou na USP, em 72. Estava com 40 anos.

"Eu fiz graduação em Ciências Sociais e História junto. Fiz mestrado e doutorado em Política. Tudo na USP. Lecionei logo no 1º ano e ajudei a criar o *** (um colégio). Era magistério de 2º grau. Cheguei a dar aula de Ciências Sociais para a Saúde Pública e a Economia, a nível superior. Eu dei essas aulas em 79 e 80. Trabalhei a vida inteira no *** (colégio). Em 83, fui convidada para trabalhar na *** (um órgão municipal). Era a gestão do Mario Covas. O peso para receber o convite foi a minha experiência com o trabalho em Educação e com a periferia. Minha formação pessoal pesou mais do que a questão política."

"Ingressei na ***, fazendo o cadastro de referências urbanas, do ponto de vista cultural. Eu coordenei esse trabalho. Minha formação acadêmica havia se centrado no estudo de movimentos alternativos de geração de emprego e renda. A ocasião (83) era de uma bruta crise e surgiu a idéia de fazer um programa de geração de emprego e renda, baseado na produção informal. O nome do programa era 'Feito em casa'. Esse programa foi muito bem-sucedido. Essa experiência aumentou a minha proximidade com o *** (nome do secretário). E a minha profissão se aproximou da militância.

Sai da prefeitura no final da gestão de Covas e voltei a dar aulas no *** (colégio). Dei consultoria na Fundação Faria Lima para os prefeitos interessados no programa "Feito em casa".

"Em 87, o *** (secretário acima) foi convidado (para o governo estadual) e ele me convidou."

Guita relacionou alguns fatores que pesaram para ela ser convidada. 1) Ela tinha experiência com Educação; 2) tinha uma experiência prática no lidar com a população em movimentos alternativos; 3) tinha formação acadêmica e tinha feito um curso na França sobre ecossistema.

"Ele me convocou para trabalhar na área do meio-ambiente, para cuidar do setor de educação ambiental. Depois de 1 ano virou outra coisa. Sou diretora de uma das 5 diretorias da *** (órgão estadual). (...) Trabalho na Diretoria de Desenvolvimento de Programas e Mobilização. (...) Foi fundamental eu ter uma visão humanista na empresa. A visão da empresa antes era, principalmente, mais da técnica de Engenharia. Todos ficavam procurando refinar as técnicas. Agora, envolvem a população. Há todo um trabalho de corpo a corpo para mobilizar a população, para tomar conhecimento, se proteger e atuar no meio-ambiente."

"Essa visão eu adquiri na vida. Meu grande aprendizado foi o exercício de dirigir uma escola, e lidar com uma gama de problemas em conflito. Aprendi o jogo de cintura."

"Minha geração teve o privilégio de conviver com pessoas do circuito acadêmico, como o Carlos Estevam e o Oliveiros. Se já não eram o grande filé mignon, conseguiram passar uma visão das Ciências Sociais. O curso era ilógico, nada seqüencial. A convivência com pessoas controvertidas como o Oliveiros foi muito positiva. Aprendi o relativismo das coisas. O curso não passou despercebido. Não fui do tipo de aluno 'exclusivo'. O curso de Ciências Sociais foi marcante e o da História, nem me lembro o nome dos professores. O curso ajudou a fazer a cabeça. Relativizei as idéias. Ponderei as coisas. Foi uma formação estrutural

importante, até pelo momento (68/69). O pessoal era muito duro e havia crenças na salvação da humanidade. Quem teve ouvidos para ouvir, relativizou as coisas."

"Eu não escolhi Ciências Sociais. Prestei para ECA (Escola de Comunicação e Arte). Cinema foi a minha 1ª opção. As Ciências Sociais eram um charme e prestei. Prestei História porque curti, tinha interesse quando estava no 2º grau. Quando entrei, eu queria fazer cinema. Tranquei 6 meses depois porque a diferença da ECA para as Ciências Sociais era enorme. A ECA era do capeta."

"(...) Nesta área onde estou, que tem uma tradição de engenheiros com uma linguagem tecnicista, há um certo preconceito inicial de aceitar as pessoas das Ciências Humanas. Você precisa dar provas de que entende de Metodologia Científica. Por razões históricas, o meio-ambiente foi direcionado para a área de Engenharia. Não deverá mais ser assim. A questão ambiental não é só técnica. É também uma questão de planejamento típica das Ciências Sociais. Minha participação ajudou nisso. Mas há um fator conjuntural. É uma moda internacional. Tem charme. Outro exemplo é eu coordenar 600 engenheiros, todos rigorosamente da área técnica. Priorizaram colocar alguém com experiência no social. O espaço foi aberto para as pessoas da área de planejamento social. A questão do meio-ambiente é novidade no país. Esse tipo de estrutura só se encontra no Canadá ou nos Estados Unidos. O fato do órgão ser bem-sucedido só fortalece a vertente humana na questão. Eu sinto como irreversível a participação da comunidade na questão ambiental."

Ao contrário, das experiências de Durval e Daniel, que também estavam ocupando cargos de confiança em órgãos públicos, Guita vinculou os convites que recebeu para trabalhar no governo à sua trajetória profissional, ao conhecimento que havia adquirido e à sua formação acadêmica. O ponto de partida da construção de seu depoimento é que a sua 'profissão se aproximou da militância'. Todo o tempo ela

fala desta perspectiva. Ela se refere à sua atuação na área de Educação e na área de meio-ambiente, como tentativas de ampliar e consolidar espaços para o enfoque das Ciências Sociais. Destaca também os fatores conjunturais que a ajudaram a obter bons resultados nisso. Ela entrava na competição interprofissional partindo desta posição. Ela disputava com a 'visão tecnicista dos engenheiros'.

A socialização de Guita nas Ciências Sociais é bem extensa. Ela percorreu um caminho muito mais longo e constante nesta área, do que o percorrido nos órgãos governamentais. Guita fez graduação, mestrado e doutorado no campo das Ciências Sociais. Ela relaciona uma de suas teses com o sucesso de um projeto que desenvolveu, e que gerou um novo convite para um outro cargo de confiança no setor público.

Se há uma profissão que aparece em seu depoimento atuando conjuntamente sobre sua identidade profissional, é a da Educação. Nesta área, ela também interage no sistema profissional há muito tempo. A forma como Guita apresenta ambas as experiências de trabalho, transmitem um sentimento de integração entre as Ciências Sociais e a Educação na sua trajetória profissional. Entretanto, no momento em que concedeu a entrevista, ela não estava desempenhando as atividades de educadora, o que distensionava os conflitos vivenciados no trabalho cotidiano.

A forma como Guita se refere à sua vida de estudante e a alguns de seus professores coloca o segmento acadêmico no centro do palco da profissão.

George e Goreti também fazem isso quando se referem à pós-graduação em Sociologia Rural, como o seu diferencial positivo em relação aos agrônomos. Ambos terminaram a graduação em 72, na USP e estavam trabalhando em órgãos públicos ligados à área da agricultura.

George ingressou no órgão que estava trabalhando em 74. Quando concedeu a entrevista tinha 46 anos.

"Sou assistente-agropecuário. Faço doutorado em política agrícola. No *** (nome do instituto) tem 8 sociólogos. Eu assessoro cooperativas. Esse órgão é isolado. Lá tem corporativismo, mas o sociólogo é respeitado. O posto de diretoria vai sempre para os agrônomos. Eles acabam fazendo curso de pós-graduação na UNICAMP para ter uma visão mais geral. Fazer a leitura dos clássicos."

Goreti estava trabalhando na mesma área, mas em outra instituição. No momento em que foi contatada, estava fazendo um curso de mestrado e tinha 44 anos.

"Eu trabalho com pesquisa na área rural. Agora, estou lidando com a questão do assentamento de terra. Escrevo artigos para revistas."

Goreti acha que o local onde trabalha deve ser o que tem mais sociólogo trabalhando na área da agricultura, em São Paulo.

"Os sociólogos tem a entrada um pouco dificultada. (...) Tive sorte de aparecer um concurso na hora que me formei. Esse foi o concurso que entrou mais sociólogos, em função do estudo anterior que possuíam. Nós derrotamos outros profissionais, como os advogados."

"No início, nós éramos discriminados. Éramos vistos como subversivos. Eles evitavam nos dar postos de chefia. Hoje não. Fui chefe da Seção de Sociologia Rural e fui diretora da Divisão de Política e Desenvolvimento."

"O sociólogo que está na instituição pública é muito mal colocado no mercado, tanto financeiramente quanto em status, com exceção dos professores. A gente tem autonomia de trabalho, o que é mais satisfatório que o pessoal que foi para o marketing."

"Eu estou numa fase mais satisfeita agora, com a redemocratização. Na época do fechamento a minha tendência era negar a Sociologia. Com o passar do tempo a sua respeitabilidade aumenta, por causa do conhecimento adquirido."

A competição interprofissional é muito forte na experiência de trabalho de George e Goreti. Os sociólogos aparecem numa posição desfavorecida. Os agrônomos são relatados como os donos da área, principalmente na instituição onde George trabalha. Apesar disso, precisam do enfoque das Ciências Sociais e frequentam programas de pós-graduação nesta área. Esse é o aspecto distintivo que os dois relatam em seus depoimentos. Os sociólogos conseguiram derrotar advogados no concurso que Goreti prestou. A visão geral e o conhecimento são apontados como propriedades que diferencia os sociólogos, em áreas onde eles entram como minoria, ou como 'invasores', na ótica da profissão de agrônomo.

Apesar de mais distante, a competição intraprofissional também aparece na comparação que Goreti faz de sua atividade com a de marketing. Embora ela esteja se referindo aos problemas e as desvantagens da posição de sociólogo no setor público, o marketing, que é o maior exemplo do trabalho do sociólogo no setor privado, lhe parece mais insatisfatório ainda.

Na entrevista de Graça, se destaca a fronteira de sua atividade com a dos advogados. Ela se formou-se na PUC, em 72, e estava em um cargo técnico, numa instituição ligada ao governo estadual. Tinha 40 anos.

"Minha tendência para a área de Exatas. Eu queria fazer Física. Fui fazer o normal por questões de família. Eu gostei do normal. Me dei bem. Enquanto opção de vestibular, me sobrou a área de Humanas. Minha escolha se deu em cima de livrinhos explicando cada um dos cursos. Eu preferi Psicologia, mas precisava de média maior para aprovação. Pensei que não teria condições. Passei nas Ciências Sociais da PUC e decidi nem prestar a USP."

"Comecei a trabalhar no 1º ano do curso. Custeei todo o meu estudo. Meu pai era falecido."

"Tive uma certa dificuldade no início do curso. Foi uma mudança muito grande entre a formação em escola de freira e o clima na faculdade. Pensei em desistir. Na faculdade, perdi toda a segurança que eu tive durante todo o período da minha estada na escola das freiras. Lá, eu era muito boa aluna. No esquema da faculdade eu não conseguia produzir o que eu achava que devia. Não tinha as mesmas notas. Fiquei baratinada. Exigia-se uma outra forma de raciocínio. O 1º ano de Filosofia foi uma coisa terrível. Passada essa fase de 1º ano, eu consegui me integrar, formar uma turminha que ficou até o fim."

"O curso era cheio de mulher, uns 80%. Passada a fase da integração, o curso representou a melhor fase da minha vida, em termos de convívio com pessoas, enquanto abertura de cabeça. Foi uma outra forma de me colocar no mundo. O convívio e o meio universitário foram muito bons. Não tive bons professores e acho que a minha formação não foi boa. A maioria dos professores já estavam afastados."

"Durante o curso, eu estava trabalhando numa clínica de Psicologia, com seleção e atendimento de pessoal. Fazia pesquisa de desempenho com os aprovados nos testes psicológicos, depois de empregados. Consegui esse emprego através de uma amiga que saiu e me ofereceu a posição dela. Enquanto eu estudava, fiquei como estagiária. Passei no concurso do SESI em 1º lugar, mas o salário era baixo e tinha que ir para a Mooca. Fiquei na clínica mais uns 2 anos."

"Depois parei de trabalhar. Queria ter um filho. (...) Comecei um curso de Inglês, comecei a tocar violão. Fiquei parada de 76 a 80. Começou a me dar uma crise horrorosa. Não pensei que fosse ficar parada tanto tempo. Não tive filhos. (...) Uma amiga que estava no CENAFOR me conseguiu um emprego como autônoma, como temporária, lá. Era apoio de pesquisa. Foi super-interessante. Comecei a me valorizar de novo."

"Quando acabei esse trabalho, meu marido tinha um amigo aqui no *** (local onde trabalha). Entrei aqui bem por baixo, em 81, na área de recursos humanos voltada para os servidores. Eu trabalhava com formação para os servidores, com cursos por correspondência, com levantamento do perfil da clientela desses cursos. Fazia a avaliação da eficácia desses cursos."

"Depois, em 83, passei para uma área mais política. Fiz o perfil dos prefeitos eleitos em 82. Apliquei questionários. Foi o maior sucesso. Meu cargo hoje é de técnico master II. Entrei como auxiliar administrativo. Tive cargo de chefia, mas tive problemas e sai. Não foram problemas políticos, os cargos aqui são principalmente técnicos. Eu tive problemas com a chefia interna."

"No momento, estou cedida à *** (outra instituição do governo estadual). Estou envolvida num projeto de municipalização da educação."

Além deste trabalho, Graça faz consultorias para escritórios de planejamento. Quando tem procura, ela chega a triplicar seu ganho mensal.

"No momento, estou desestimulada com a área pública. Não vejo perspectiva de aproveitamento ou aprofundamento do conhecimento. Eu esperava poder intervir mais na área pública. O que se produz é apenas uma publicação. Fica nisso. No primeiro passo. O processo está deteriorado. Querem eliminar justo o capítulo metodológico do texto, que é a inovação. Açam que é muito longo. Todo o contexto que a gente vive está desmotivando."

"Estou tentando entrar na área de marketing. Estou participando de cursos e seminários. A idéia é experimentar e ver como me sinto."

"Quando me formei, eu não sabia o que eu esperava fazer. O contato com as pessoas é uma coisa importante. Botar a mão na massa. Uso a teoria para isso. Nunca desprezei isso. O que eu não gosto é de ficar só nas elucubrações. Tento sempre fazer o vínculo entre o teórico e

o prático. Nunca tive nenhuma vontade de ficar na área acadêmica. A primeira vez que eu fui ao campo aqui na ***, me dei conta disso. Preparei, construí e quando cheguei lá e vi a realidade, eu joguei tudo fora. Não era nada disso. Tinha que retrabalhar tudo. A academia peca nisso. Está muito distanciada. Sempre me passou esta sensação."

"Não consigo dizer qual é a área mais cobiçada na profissão. Vejo algumas pessoas valorizando a área acadêmica. Vejo ainda muita discriminação com a área de pesquisa de mercado. Isso depende muito do grupo com quem você está interagindo. O pessoal aqui valoriza muito a área acadêmica, mas não é o que eu valorizo. Eu gosto do meu trabalho como pesquisadora, mas trazendo alguma coisa a mais e atuando junto. A pesquisa não é a chegada, mas a partida para alguma coisa."

"(...) Eu não vivencio nenhuma crise nas Ciências Sociais. Eu não estou em crise com a profissão, mas estou afastada do contato com a classe. Aqui tem poucos sociólogos que atuam como tal. Aqui tem um campo imenso para os sociólogos. O que mais tem aqui é advogado. A briga que tenho também passa pelas diferentes formas de cada profissão ver o mundo. Aqui, a imagem é muito legalista. Meus aliados nessa briga com a visão legalista não passam pela formação profissional, mas pela cabeça. Tenho aliados entre os advogados, os administradores, os físicos. Sem dúvida, os advogados são os piores. São os mais enquadrados e conservadores. Passa por uma postura e uma visão política."

"(...) Eu gostaria de não ter um vínculo com uma instituição. Acho que dá para entrar na área de marketing. Tenho coisas diferenciadas a oferecer, mas não estou sozinha nisso. Os municípios precisam de consultoria. Quero entrar na área privada, com pesquisa de mercado. Preciso ver se vai dar para desvincular da área pública. Estou mudando tudo. Estou apaixonada por telemarketing. É uma área que tem muito a crescer no Brasil. Trabalha com telefone, vendas, promoções. É um trabalho interessante e de baixo custo. Eu

entro com a mão-de-obra. Nosso empresariado é extremamente arcaico e dá para tentar algo aí. Não tenho ambições de muita grana, mas a área pública não está me satisfazendo."

O relato de Graça sobre sua experiência no primeiro ano de curso e a transformação nessas relações a partir de então, foram vividos com alguma semelhança na fase inicial e na fase posterior de sua profissionalização. Todo o processo de descoberta das normas e dos códigos operantes no ambiente da faculdade levaram à interação do grupo de estudantes entre si e com a vida universitária. Ela aprendeu a selecionar o que era preciso fazer para melhorar seu desempenho escolar e descobriu um 'outro mundo' no convívio universitário.

No mercado de trabalho, o período de integração na profissão também teve essas duas etapas. No início, quando ela se formou "não sabia o que esperava fazer". Conforme foram surgindo as oportunidades de inserção no mercado de trabalho, Graça foi transitando de uma situação de estranhamento para uma de maior familiaridade com os procedimentos e os caminhos profissionais possíveis.

É de uma posição interna ao palco da profissão que ela fala sobre sua carreira no setor público, sua colaboração, suas dificuldades e suas perspectivas de mudança. Ao contrário daquele olhar externo, com dificuldade de identificar alternativas e formas de ingressar na profissão, no final da entrevista ela mostra ser parte integrante do mundo das Ciências Sociais. Graça visualiza novos caminhos profissionais, posiciona-se na competição com outras profissões, distingue-se do meio acadêmico e critica-o interagindo na competição intraprofissional.

A história de Graça ilustra como ela vivenciou a interação social em duas situações diferentes: na faculdade e no mercado de trabalho. A mudança na forma dela perceber o mundo a sua volta e de nele atuar reflete como se processa a experiência de se viver em grupo. Sua história também mostra como as pessoas estão sujeitas a eventos não previstos na

sua vida profissional, controlando apenas as suas reações a eles, em função das perspectivas que vislumbram.

A entrevista de Gustavo ilustra como ele procura configurar um 'campo neutro' na região de fronteira onde atua, tentando distensionar as disputas aí. Ele ingressou na USP em 78. Coursou ao mesmo tempo Administração Pública. Ele é administrador público concursado. Quando concedeu a entrevista estava exercendo um cargo de confiança, como chefe de gabinete num órgão da prefeitura.

Contando como foi o processo de escolha pelo curso de Ciências Sociais, ele aponta alguns condicionantes.

"Eu fiz o colegial no Santa Cruz. Havia uma inclinação pessoal e eu fiz um curso no colégio chamado 'auxiliar de desenvolvimento de comunidade'. Esse curso foi quase 100% em Ciências Sociais. Esse era o clima de todo mundo. Minha intenção era fazer Filosofia. Depois mudei para Antropologia. Quando entrei no curso, lá dentro, é que fui mudando para política. Minha opção misturou a preocupação pessoal com o clima. A opção por política já foi mais politizada, mais engajada. Esse curso profissionalizante, o 'ADC', acabou. Dois professores influenciaram demais. Marcaram quase todas as gerações do Santa Cruz."

Comecei a trabalhar fazendo uns bicos no colegial. Quando comecei a GV, que entrei antes da USP, trabalhei num escritório de advocacia, meio como estagiário de Direito. Depois desse estágio, trabalhei com um professor (da GV), numa tese dele de Sociologia. Eu fiquei trabalhando no Arquivo do Estado. Era uma tese sobre cinema."

"Depois fiz um estágio obrigatório na prefeitura. Era necessário para formar na Administração Pública. Eu pretendia acabar o estágio, concluir a USP e ir trabalhar. Entrei na GV em 77 e na USP em 78. Consegui a proeza de não passar no vestibular da USP, em 77. Como entrei na outra resolvi começar, embora não fosse a minha opção. Quando terminei o estágio na prefeitura, a diretora me convidou

para ficar como administrador. Fiquei mais 1 ano. Fiz o concurso e me efetivei como administrador. Na época, eu trabalhava cuidando de treinamento de pessoal, avaliação de desempenho, concursos dos servidores."

"Eu fui para a divisão de treinamento, especificamente nesta área. Ai, começou a fazer um casamento interessante entre a Administração Pública e a Política. Na divisão de treinamento, eu fiquei trabalhando em sala de aula. Acabei fazendo um módulo sobre a administração pública. Eu discutia com os servidores o que era o Estado, a prefeitura, o papel do servidor. Era uma discussão política com as pessoas. Meu lado de Ciência Política estava inteiramente por trás do meu trabalho."

"De 1980 até 1986 fiquei nesse departamento. Eu estava começando o mestrado e o Jânio virou prefeito. Comecei a ter problemas com o horário para fazer o mestrado. Eu perdia um dia por semana. Ai, o *** (um candidato às eleições) me convidou para coordenar a campanha dele. Mandeí a prefeitura às favas. Trabalhei como assessor dele. Ai é que veio o vínculo maior com a política e com o partido. Fiquei fora da prefeitura 3 anos, depois fui convidado para voltar. "

Ele considera os trabalhos de assessoria como uma atividade profissional ligada às Ciências Sociais, mas não as configura como um campo a ser monopolizado.

"Tanto há uma vertente para a pesquisa como para o trabalho político. Se a idéia é fazer política a sério, estudar é fundamental. Há muita gente fazendo trabalho nessa área, vindo das Ciências Sociais. O fato de estar formado em Ciências Sociais não qualifica a pessoa, em termos de mercado de trabalho, para fazer política. Não foi por isso que entrei ai. Acho que tem bastante gente de Ciências Sociais nessa área, mas isso não é um pré-requisito, nem uma preocupação de quem chama. Não se começa a fazer política depois de formado."

"Eu não sou uma pessoa que fez opção para fazer trabalho político. Isso é até um problema. Eu convivo no

meio de campo de três coisas, que num aspecto se complementam muito bem, mas que podem ser contraditórios, porque uma ocupa o espaço da outra. Uma é o mestrado. Provavelmente farei doutorado depois. A outra é a prefeitura, o cargo de chefe de gabinete da *** (órgão onde estava trabalhando). Esse cargo é político, mas sou funcionário de carreira ao mesmo tempo. Tenho um viés psicológico burocrata. Gosto de fazer essas coisas. Faço o trabalho de administrador público. Também gosto muito. É um tripé ideal e complicado ao mesmo tempo. Não há tempo para fazer as três coisas. Tenho que escrever a tese até o final do ano. Mas como ela é sobre o partido, isso é fantástico."

"Tenho uma preocupação intelectual com a política. Tenho um projeto profissional ideal a realizar. Dificilmente eu faria outra coisa. É um momento muito especial, onde consigo casar as três coisas."

"Quero fazer doutoramento por três razões: 1) para me disciplinar e me obrigar a ler, 2) para ler com orientação e 3) para estar em contato com o meio universitário. Há um investimento para eu vir a dar aula na faculdade. Eu imagino fazer um concurso para professor. Só falta estar dando aula para casar isso tudo."

"Não penso em largar a prefeitura. Penso que sentiria falta do trabalho de lá. Posso me engajar mais brandamente. Eu não me sentiria bem estudando o dia inteiro. Eu sou um funcionário estável na prefeitura. A estabilidade de lá é psicologicamente importante."

Perguntado se sentia alguma disputa entre essas áreas que atuava, Gustavo negou isso, dizendo que elas se articulavam bem.

"Na minha classe da GV tem mais 4 ou 5 pessoas que também se formaram em Ciências Sociais. É um espaço que foi compartilhado com outros grupos. Também não sinto competição entre as áreas das Ciências Sociais, como com a pesquisa de mercado. Há comentários sim, mas eu não me envolvo pessoalmente. Eu botei o pé nas duas canoas. As pessoas não

comentam isso comigo. Não sou 'confiável'. Mas tem isso sim. Tem um pouco. Não é um preconceito, é um dado da realidade."

"Talvez a faculdade não tenha claro para que ela está formando as pessoas. Eu acho que é para fazer carreira na área. Fazer mestrado. Trabalhar com pesquisa. Acho que isso é fundamental. Uma das perguntas que me fizeram quando eu me candidatei no mestrado foi essa. Se eu pretendia prosseguir, dar aula. Eu respondi que sim, mas senti que era uma expectativa. Acho que as Ciências Sociais ajudam independente das pessoas trabalharem na área acadêmica. Ajuda em termos de postura pessoal e política."

"Na prefeitura, há muita competição entre as áreas. É infernal. É entre todos. As pessoas não têm o que fazer e fazem fofoca o tempo todo."

Gustavo distinguiu três tipos de competição onde trabalha: a pessoal, a profissional e a política.

"As chances de ascensão são poucas, logo, a competição é enorme. Neste sentido ela é profissional e por cargos. Ter poder de mandar nos outros. É uma questão de mando mesmo. Também tem uma competição pesada entre os partidos e entre grupos internos dos partidos. Briga-se mais dentro do que fora. Isso acaba virando uma briga entre áreas. Os grupos se instalam em áreas. Tem o grupo da saúde, o da educação. As áreas acabam sendo homogeneizadas por grupos. Há uma superposição da área e do grupo político. A formação profissional entra como corporativa. Tem o lobby dos procuradores, dos assistentes sociais, dos médicos."

"(...) O grosso dos sociólogos na área são xiitas, radicalizados demais. O trabalho fica difícil. Esse é o perfil do sociólogo na prefeitura, mas não sei se é só o da prefeitura. Talvez seja o do sociólogo que está fazendo política. Alguns deles poderiam conseguir uma opção profissional melhor, mas estão fazendo política partidária. Pelo menos, agora. O perfil do assistente social da prefeitura é muito semelhante ao do sociólogo. Acho que estão lá por opção política e não por falta de alternativa

profissional. É fazer política remunerada. A maioria quer fazer política."

Embora, no início da entrevista, Gustavo tenha tido alguma dificuldade em identificar competições entre as áreas das Ciências Sociais e entre as atividades que desenvolvia, quando começou a relatar sua experiência concreta de trabalho essas disputas se materializaram.

O modelo abstrato da competição no sistema profissional só ganha vida real no trabalho desenvolvido cotidianamente. Ele aparece quando a pessoa é parte integrante do grupo profissional no mercado de trabalho. Quando seu relato parte de uma posição interna, onde enfrenta a disputa e vivencia os conflitos.

As três atividades que ele desenvolve se casam muito bem sob o seu olhar, mas não necessariamente sob o olhar das pessoas que estão no centro de cada uma dessas áreas. Os professores de sua banca de seleção para o mestrado tinham expectativas que ele desejasse seguir a carreira acadêmica. O seu interesse pela política como uma atividade intelectual gera tensão nas suas relações com os grupos que trabalham na prefeitura e concebem a política como militância. Há entre esses, vários sociólogos que entram em conflito com o administrador da área de treinamento e com o cientista político.

Sua inserção nas Ciências Sociais é menos tranqüila no seu relato do que na sua afirmação. Ele se vê numa posição não confiável por ter seu pé em duas canoas. Mas acha que curso de Ciências Sociais tem que ser voltado principalmente para a área acadêmica. É isso que valoriza e que representou um diferencial para ele. Para Gustavo, a postura pessoal e política que o curso ajuda a formar é uma característica relevante. Entretanto, esta visão é uma questão que gera tensão nas os profissionais que trabalham nas empresas e indústrias. Ela dá transparência à competição entre a atividade administrativa no setor público e no privado.

. A Participação em Entidade

Quando Patrícia foi entrevistada, já estava formada há cerca de 30 anos. Trabalhava num órgão público e participava da diretoria de uma das entidades que representa os sociólogos. Ela foi convidada a contar sua trajetória pessoal e não a falar em nome de uma entidade.

"Quando eu comecei a trabalhar, eu fazia pesquisa de mercado. Eu fazia o que pintava. Eu fiz a USP e ela não te dá uma formação profissional. Ela te dá uma boa formação teórica, mas não dá uma profissão... Não existe uma área específica de atuação do sociólogo. É pesquisa. Você não tem uma especialização numa área de pesquisa. Não se tem esse tipo de formação na USP. Acho que na Sociologia e Política isso era uma coisa mais clara. Na USP não. Pelo menos, na época que eu fiz, entre 68 e 72."

"Quando eu fui procurar emprego as pessoas me perguntavam o que eu sabia fazer. - 'Eu sou socióloga. Sou formada em Ciências Sociais.' - 'Mas o que é que você sabe fazer?' Aí é que eu fui descobrir que, especificamente, eu não sabia fazer nada. Nada. Eu comecei fazendo tabulação de pesquisa de mercado e trabalhando de entrevistadora para teses de doutoramento na Faculdade de Saúde Pública. A área de Saúde Pública foi me interessando. Eu fiz o curso de Saúde Pública, ligado mais a área de Estatística e Demografia, que me interessava mais. Esse curso te dá um título de bacharel em Saúde Pública. Dura um ano, em período integral. Te dá o título de sanitarista. Para médico, vira médico sanitarista. Para sociólogo, eu não sei. Eles põem bacharel em Ciências Sociais e Saúde Pública. É um sociólogo especializado em saúde."

"Só que eu não fui trabalhar na área de Saúde. Eu fui trabalhar na FAU-USP, na área de Demografia e Urbanização. Sem eu querer, eu fui entrando numa área, por força das contingências do mercado de trabalho. Não que eu tivesse escolhido. Mas é uma área interessante, que eu gostei. Por

mim, eu teria escolhido a área de Saúde Pública, tipo planejamento na área de saúde. Eu fui trabalhar na FAU, me especializei nessa área e fui trabalhar na Secretaria de Planejamento de ***. Lá, eu me especializei num outro tipo de trabalho que é mais empírico. Você mexe com a realidade e é uma coisa que exige maior responsabilidade. Você não está mais brincando de acadêmico. Você não está fazendo um trabalho para as pessoas lerem. É um trabalho que vai ser executado de fato. É mais complicado."

"Eu fui trabalhar numa área que é bem diferente de você estar fazendo Demografia e Urbanização na área acadêmica. Quando você faz projeções, precisa determinar a demanda de equipamentos sociais, como as creches, as escolas, os hospitais, os postos de saúde, a rede de água e esgoto. Por causa da minha formação em Demografia, eu trabalhei em várias atividades. Até em solução de áreas de enchente. Você acaba fazendo coisas que jamais imaginou que faria. Eu não entendo nada de mapas, mas fui obrigada a entender mapa, a pintar mapa, a mapear as coisas, mapear os equipamentos sociais, as condições sócio-econômicas da determinada população dentro do município. Aprender a espacializar de acordo com critérios e indicadores semelhantes. Na academia você não faz essas coisas. Isso a gente faz trabalhando."

Perguntada sobre a importância que via no curso que frequentara, Patrícia distinguiu o que atribuía ao aprendizado do próprio profissional no mercado e o que relacionava com o aprendizado no curso de Sociologia.

"Eu acho que quando você vai trabalhar numa instituição pública, na área de planejamento, o sociólogo tem uma visão de conjunto. Ele não tem a visão fragmentada de um tecnocrata qualquer. Você tem uma visão de conjunto. Você vai fazer um planejamento de escolas, você vai ver o conjunto da população do município, você vai ver outros equipamentos, vai determinar quais são as prioridades de acordo com os recursos que você dispõe. Se o prefeito solicita para você o planejamento de pontes, túneis ou

passarelas, você não vai fazer sem critério, uma aqui e outra lá. Você vai fazer um estudo, uma pesquisa primeiro. O sociólogo tem essa capacidade. Fazer uma pesquisa de tráfego, para ver os pontos de ocorrência de atropelamentos para ver aonde tem necessidade de fazer a passarela. O sociólogo tem essa visão. O curso de Sociologia que eu fiz me dá essa capacidade que outro técnico não teria. Se o prefeito falar para o engenheiro que quer uma passarela, não sei como ele faria, mas ele jamais faria uma pesquisa para ver aonde são os pontos que tem atropelamento. O sociólogo tem essa visão de prioridades. A Sociologia me deu esse respaldo."

"Eu fui fazer Sociologia porque, na minha época, a coisa mais importante era você estar participando da realidade brasileira. Foi uma época conturbada de contestação da ditadura e as Ciências Sociais me fascinavam. Me davam uma visão política e um conhecimento teórico. Eu achava que com isso eu teria melhores condições de mudar a sociedade. Eu era garotinha na época. Na realidade, para mudar a sociedade, na época, era fazer a revolução. Bela ilusão essa, mas na época era. Meu grande sonho era fazer a revolução e para isso eu tinha que fazer Sociologia."

"Quando eu formei eu não sabia fazer nada no campo profissional, a não ser fazer carreira acadêmica, mas isso eu não queria. Essa área não me atrai. Eu sou muito empirista. Eu gosto de estar mexendo com a realidade. Tem gente que gosta de estar fazendo pesquisa na área teórica. Fazer reformulações teóricas. Tem gente muito boa nisso. Eu não sou boa nisso. Eu gosto de botar a mão na massa. Eu gosto de estar fazendo pesquisa que esteja servindo para uma determinada realidade e não pesquisa que... Eu acho importante, acho que tem que ter gente que faça isso. Acho que tem gente muito competente que faz essas coisas. Então, deixa para eles. Eu faço um outra área que eu gosto."

"Eu sempre critiquei a associação porque ela sempre foi um instrumento acadêmico. Era uma extensão da universidade.

Eu sempre achei que não, que ela congrega todos os sociólogos, inclusive os bancários. Eu achava que ela tinha que fazer a ponte entre a academia e as áreas de atuação dos sociólogos, sejam elas quais forem. Eu lembro que quando eu trabalhava na FAU, eu ficava reclamando: -'Essas pesquisas acadêmicas servem para quê? Para meia dúzia de intelectuais lerem e ficar por isso mesmo. Aumentar a metragem do currículo de cada pesquisador e ponto.' Eu acho que não é isso. Como na universidade tem pessoas com cabeças ótimas, em termos teóricos, eu acho que deve haver um entrosamento com a área de atuação prática dos sociólogos que carecem desse respaldo teórico. Quando você está na área prática como eu, você percebe como as pessoas ficam fazendo muita besteira por falta do respaldo teórico. Eu acho que tem que haver esse entrosamento entre a área teórica e a área prática."

"Eu acho que tem que ter sociólogo em todas as áreas onde se faz pesquisa social. Senão, você vê médicos fazendo pesquisa social sem ter um embasamento teórico para isso, você tem psicólogos fazendo pesquisa, tem pessoal de marketing fazendo pesquisa, tem engenheiro fazendo pesquisa, tem pedagogo fazendo pesquisa. Isso não é uma questão de corporativismo não. Eu acho que cada vez mais a gente tem que estar pensando em montar equipes multi-profissionais. Se somar e pensar a realidade juntos, cada um com a sua especialidade. O sociólogo não dá conta de tudo, mas na área de pesquisa ele dá conta. O sociólogo elabora projetos, questionários, seleciona amostra para qualquer área. Ele dá conta disso. Faz análise de pesquisa em qualquer área até onde chega o diagnóstico. A solução é que você vai ter que entregar na mão de especialistas."

"... Eu fui para (prefeitura na Grande São Paulo) porque queria ver o outro lado. Estava enjoada das pesquisas acadêmicas. Fui voluntariamente. Para fazer carreira nos órgãos públicos depende muito da sua atuação e de quem está

na chefia. Hoje em dia, eu estou praticamente encostada. O prefeito está pouco se lixando para planejamento. (...)"

"Em geral, os sociólogos ocupam posições sempre inferiores inclusive salarialmente. Um arquiteto na mesma posição que a minha tem um salário maior. Ele exerce a função dele, de prancheteiro, desenhando rua, desenhando calçada. Nesse aspecto, o sociólogo é um personagem muito mais importante na área de planejamento. Agora, o urbanista é um personagem importante."

"Em geral, a gente se identifica mais com os profissionais que estão preocupados com o planejamento como tal mesmo, visando a melhoria da qualidade de vida da população. Pode ser tanto da área de Saúde, quanto da Economia ou da Engenharia. Tem vários arquitetos que só executam. Não tem visão de planejamento. Executam uma avenida aqui, uma ponte ali, conforme o prefeito solicite, sem uma visão global. O atrito é com os que apenas executam. Estão mais entre os arquitetos, os engenheiros e os médicos que não são sanitaristas."

Como Gabriela tem experiência na atuação em entidades da profissão, ela transmitiu a visão mais geral que tem sobre os sociólogos.

"... É muito difícil mobilizar sociólogo para determinado tipo de luta, para conquistar melhores salários. Tanto é que estamos fazendo um pool com vários sindicatos, como o dos assistentes sociais, dos psicólogos, dos economistas, dos engenheiros, para tentar padronizar o salário no Estado. Os sociólogos sozinhos não tem força suficiente para elevar seu salário. Os médicos e os procuradores são os que tem os maiores salários. Essa é uma tentativa de padronizar os salários com o dos médicos. A luta tem sido feita em conjunto, para tentar conseguir um aumento mais homogêneo com outras profissões. Os médicos estão pouco se lixando para isso. Não são nem contra nem a favor dessa equiparação. Eles vivem em greve, mas ganham o

dobro do que a gente ganha. Eles são uma categoria muito forte."

"A gente tem conseguido alguma coisa de aumento, para nivelar com engenheiro, com economista. Os sociólogos são os mais mal pagos em quase todas as instituições públicas. Na FUNDAP é um pouco diferente. É melhor."

"(...) Eu acho que o sociólogo é um profissional sujeito à extinção. Ninguém mais procura as Ciências Sociais porque ela não dá uma profissão. O que faz um sociólogo? No outro dia vieram me perguntar. Ninguém sabe. Pela regulamentação da profissão, ela é tão genérica que você faz tudo e não faz nada. Você também invade o espaço de outras profissões. Ao mesmo tempo que não se quis corporativizar a profissão, a coisa se embananou mais ainda. Você está em tudo e não está em lugar nenhum. É complicado. Eu acho que a profissão tinha que ser algo mais bem definido. Se você disser que a profissão de sociólogo foi criada para diagnosticar os problemas em diversas áreas, fica mais definido. Estudar a sociedade é muito vago."

"Eu acho que tem muito pouco campo para a profissão e os profissionais que trabalham numa área, detém o monopólio sobre ela. É assim na pesquisa de mercado, na área de saúde, e nas outras. Os especialistas nas áreas detém o monopólio sobre ela. (...) Eu acho que ao lado da visão global e crítica que o sociólogo deve ter, ele tem que receber uma formação profissional específica para enfrentar o mercado de trabalho. Ou então o sociólogo sai da faculdade e fica por aí quebrando a cara. Precisa conciliar as duas coisas."

Como membro da diretoria de uma das entidades dos sociólogos, Gabriela procura se esquivar dos atritos inerentes à profissão. Ela tenta construir uma fala acima desses conflitos. Entretanto, essa posição vive ameaçada pela realidade da competição intraprofissional que suas declarações deixam transparecer. O maior ponto de tensão é com o segmento acadêmico. A profissional de planejamento voltada para atividades práticas fala mais forte, inclusive

como liderança da categoria. Ela se empenha em construir uma associação mais aberta à prática.

Intuitivamente ou não, Gabriela sabe que é impossível representar a todos os diferentes interesses que dão corpo à competição intraprofissional. Embora as associações e os sindicatos procurem construir essas identidades para si, elas vivem o problema de conseguir aglutinar os segmentos vivenciam as disputas, função das diferentes posições que ocupam no sistema das profissões. A diversificação das entidades reflete o surgimento dos novos lugares que os sociólogos ocupam em tal sistema.

Como uma profissional de planejamento, Gabriela procura ampliar os espaços de sua atividade dentro da associação. A tensão com os acadêmicos se aguça pela sobre-representação e pela força que ela identifica na capacidade deste grupo se representar.

A competição interprofissional se manifesta principalmente no corte entre os que apenas executam e aqueles que planejam. Embora ela registre que ambos os tipos são achados em todas as profissões, aqueles que apenas executam sem uma preocupação social estão mais concentrados nas profissões mais fortes, como a Medicina e a Engenharia. Essa competição perpassa um esquema de aliança entre as mais fracas, para tentar equiparar-se com as mais fortes.

A visão de conjunto que Gabriela demonstrar ter da profissão é mais ampla do que aquela manifestada pelos entrevistados classificados em outros grupos. Neste aspecto, seu relato ganha uma dimensão mais generalizadora, que o aproxima do estilo acadêmico. O que há de comum nesses dois estilos - o acadêmico e o de liderança associativa - se tornará mais paupável no próximo capítulo.

10) O SEGMENTO ACADÊMICO

Dos segmentos que estão no palco das Ciências Sociais, é o grupo que desempenha as atividades acadêmicas que se posiciona no centro. É desta posição dentro do mundo da profissão que este grupo fala.

Nos eventos onde foram registrados alguns depoimentos, a postura que predominou entre os membros classificados nesse grupo foi a da análise da disciplina e da profissão como um todo. Raros foram os que contaram a sua própria trajetória profissional. O discurso não se limitava a um caso, a uma história pessoal. Era uma fala analítica, globalizante. Localizava-se os problemas com a intenção de esclarecê-los. As Ciências Sociais não apareciam só sob o ângulo do mercado de trabalho ou da estrutura e experiência no curso. As questões vinculadas à disciplina e ao seu corpo teórico ganhavam destaque.

Esta perspectiva foi claramente detectada no seminário 'Cientistas sociais: onde estão e o que fazem', organizado pelo Departamento de Ciências Sociais da PUC/SP, em 1990. O seminário era composto de seis mesas-redondas, com a participação de 27 cientistas sociais. O tom das mesas-redondas foi o relato das experiências individuais no mercado de trabalho, com exceção de uma delas, onde três membros do segmento acadêmico e um do Sindicato dos Sociólogos falaram sobre as Ciências Sociais, como disciplina e como profissão.

Os três professores, Alice, Alberto e Acácio, resgataram aspectos históricos do desenvolvimento das Ciências Sociais. Paulo enfocou as questões organizativas e a pauta de reivindicações da categoria.

A intervenção de Alice analisou a profissão sob o impacto das transformações nas condições de trabalho e na mudança de valores entre as gerações de profissionais. Alberto e Acácio seguiram no padrão acadêmico, com um discurso analítico e globalizante sobre a existência ou não

de uma crise teórica, institucional e profissional nas Ciências Sociais.

Embora, Alice tenha se concentrado principalmente na análise da profissão, Alberto na disciplina e Acácio tenha procurado fazer o elo entre as duas, os três abordaram a problemática sob um olhar diferente do de Paulo. Para ele, escrever livro e dar aula resume-se 'a 'tradição'. Não é isso que faz a maioria das pessoas a quem ele representa. Elas são enfocadas em sua fala como uma categoria desfavorecida, que precisa se organizar e lutar por suas reivindicações sindicais. Esta é uma outra forma de participar do palco da profissão. Mas bastante diferenciada da visão interna ao segmento acadêmico.

A inclusão de Paulo numa posição de destaque no palco da profissão é garantida pelo seu papel de liderança da categoria. Entretanto, muitos dos seus representados estão na audiência da profissão. Apesar de sua intervenção ter um conteúdo muito diferente daqueles registrados entre os três professores universitários, ela possui uma semelhança já detectada na entrevista de Patrícia. Todos constroem discursos analíticos e abrangentes sobre as Ciências Sociais e freqüentemente possuem audiências para ouvi-los. É pelo fato de se apresentar para um público e ser assistido por ele que classifiquei o segmento acadêmico no centro do palco. É porque estão próximos da posição deste segmento que as lideranças sindicais demarcam seu campo e suas perspectivas com vigor.

As entrevistas em profundidade realizadas com pessoas que se identificam como membros do segmento acadêmico, nos permite verificar como elas se posicionam dentro deste grupo e como vivem a competição profissional.

Se observamos que quanto mais perto do palco, maior era a tensão e o conflito manifestado pelo entrevistado com a profissão, podemos agora verificar como isto aparece entre os que estão no centro do palco. Se a proximidade é uma variável que aguça a competição profissional, o conflito no

interior da profissão não se limita aqueles entre os diferentes segmentos.

Estar no centro do palco, identificar-se como membro do segmento acadêmico, modifica a noção de competição intraprofissional. Apesar de este segmento ser citado constantemente nas críticas que materializam a competição dos outros grupos classificados no palco da profissão ou na sua fronteira, não se verifica o caminho inverso, o rebate. Entre a grande maioria das entrevistas que realizei há uma ausência de interesse em relação a essas críticas. Elas não mobilizam. Não tem impacto e ressonância. A competição intraprofissional no segmento acadêmico não se dá em relação aos outros segmentos da profissão, mas aos pares internos, membros do próprio corpo docente e de pesquisadores. Esse é um outro indicador que a academia ocupa o centro do palco da profissão.

A auto-imagem manifestada por entrevistados classificados no segmento acadêmico também ratifica a centralidade desta posição. As passagens abaixo, extraídas desse material, ilustram esta identidade.

" (...) Nossa profissão, mais do que qualquer outra, é uma vocação. Eu acho isso mesmo. Tem uma coisa de talento mesmo, sem falsa modéstia. É preciso capacidade de raciocínio abstrato, de processar teorias, para trabalhar com pesquisa. Para trabalhar com recursos humanos você não precisa de nada disso, ou pelo menos, num certo nível. Pelo menos aqui, que tem a pretensão de fazer teoria. Teoria social mesmo. Pensar sobre as coisas da realidade brasileira."

" (...) As Ciências Sociais só têm sentido se for para a trajetória acadêmica."

Outro entrevistado, comentando as críticas feitas às universidades, disse:

" (...) Quando eu entrei aqui, eu tinha esse negócio na minha cabeça. ' - A universidade é uma fria. Você não tem

tempo de fazer pesquisa, você não tem grana. É burocratizada. É muito lenta. Ela não acompanha o ritmo de um trabalho de pesquisa.' Esse aspecto é verdade. Ela limita a pesquisa a essa coisa de cada um se virar como pode."

"Muitas críticas me pareciam uma má interpretação. Por mais que tivesse crise na universidade, ela não podia ser tão pior quanto a que estavam passando os institutos de pesquisa. Problema de financiamento, não poder prever como vai ser daqui a 3 ou 4 meses. Eu dimensio a coisa de outra forma. Tenho a dimensão de que a crise não é bem assim. O fato de ser USP não precisa fazer força para as pessoas virem para cá. Há uma coisa matricial, um status uspiano que se mantém. É a melhor universidade do Brasil. E vir para USP, para você vai ser muito bom. Vai ser bom para a USP, se você for muito auto-confiante, mas vai ser bom para você. Afinal de contas, você vai estar na USP. Esse negócio acaba fazendo com que os intelectuais fiquem um pouco enciumados, mas ao mesmo tempo com vontade de estar na USP. É um falar mal de quem está querendo estar dentro."

"Os comentários de que o curso forma para o sonho intelectual e não para a realidade não é crítica, é uma constatação. Esse é o padrão de cabeças que a USP forma. Não sei como fazer de uma outra forma. A USP faz do cara um intelectual, no velho sentido da palavra. Ele gosta de ficar conversando em mesa de bar, falando sobre a vida, o século, o fim do século. Você atrai para cá uma geração assim, sobretudo a Faculdade de Filosofia. Com o peso que ela tem de seu passado de Maria Antonia, ir fazer Ciências Sociais significa frequentar a Faculdade de Filosofia. Isso, você queira ou não queira, já te dá uma postura corporal, um jeito de ser, que cinema frequenta, que biblioteca frequenta, que cineclube frequenta. Isso é verdade. A crítica é assim. Ela forma como se fosse uma elite que não precisasse muito do mercado de trabalho."

"Ser da elite da profissão é ser um pesquisador, produzir ciência, ter autonomia, ser suficiente. Ser

autônomo é assim: eu proponho um projeto, eu vou coordenar a pesquisa. Isso não precisa ser feito só na academia. Você pode fazer isso em algumas posições no planejamento, por exemplo, na prefeitura. Mas não são todos. É um ou outro. Geralmente, já fizeram carreira docente. Foram treinados cientificamente (...)"

O relato de outra entrevistada também transmite esta avaliação da atividade de pesquisa e do estudo no exterior.

"Em 72, eu fazia um curso na Aliança Francesa. A livraria Hachette-Larouse fez um concurso de bolsa de estudos. Eu concorri porque estudar fora era um dos sonhos da minha vida. Meu interesse era em Sociologia Rural/Urba. O limite de idade para este concurso era de 35 anos. Eu ganhei a bolsa com 21. Fui bem sucedida. Lá, estudei com 1 ano na Sorbonne - Paris V. Foi muito produtivo. Era um grupo misto, de vários países. Fiquei lá o ano de 73. Quando voltei, passei a lecionar na Faculdade São Marcos. Dei aula nas Ciências Sociais, na Pedagogia e na Psicologia. Sou titular da cadeira de ***. Entrei como auxiliar e dois anos depois, recebi parecer do MEC autorizando a disciplina."

"Eu saí da São Marcos em 88. Fui fazer doutoramento com o prof. ***. Eu pedi afastamento da São Marcos por ordem prática e intelectual. A faculdade não saía do lugar. O meu nível de aspiração era maior do que o oferecido pela escola. A gente pediu coisas por quatorze anos. Eu estava insatisfeita. Não dava para crescer nem para melhorar. Também não estava dando conta de fazer tudo. As turmas tinham de 80 a 120 alunos. Escolhi fazer pesquisa. Tenho uma bolsa de doutoramento do CNPq. A balança tendeu mais para a pesquisa. Não me arrependo. A pesquisa é muito mais gratificante, embora não seja melhor financeiramente."

"Minha aspiração é estar vinculada a área de pesquisa. Tento entrar em algum departamento da USP, ou em um órgão. Só volto para a sala de aula em último caso. Eu pretendo entrar na USP. Não prestei concurso, por falta de

oportunidade e não por falta de vontade. Minha vida particular ficou complicada quando eu fazia o mestrado e não fiz concurso. Não sei se terei facilidade ou dificuldade de ingressar por concurso na USP. Eu soube, no início do ano, que havia 5 vagas. Não sei o que aconteceu com elas. Minha intenção é tentar."

"O curso de graduação que fiz foi decisivo para a minha profissionalização. Sempre gostei de ler. Gostei de Sociologia desde o colégio. Fui fazer o curso porque gostava. Faço com paixão. A caminhada é árdua e você só vence se gostar. Nunca tive recaídas. Me arrependo de ter perdido algum tempo entre o fim do mestrado e o início do doutorado. Eu já poderia estar com o doutorado concluído."

"Considerando o que me propus a fazer, acho que venci. Viajei para fora, trabalho com pesquisa. Meu balanço é positivo. (...) Não cheguei no fim da linha, se a meta é melhorar e crescer."

"No meio existe hierarquização e a competição é muito presente. Você nunca conversa abertamente sobre a pesquisa que está fazendo. Existe pirataria. Existe diferenciação na seleção, protecionismo e apadrinhamento. Diretamente, nunca senti na pele. Acho que o mérito conta também. Contou na minha trajetória."

(...) "Eu nunca pensei sobre a situação da pesquisa de mercado. Acho que a pesquisa acadêmica pode ajudar. Eu não vivenciei hostilidades."

Outra forma de manifestar a ausência de tensão com os demais segmentos das Ciências Sociais é relatada nos trechos abaixo, por um profissional com atividades na docência superior:

"Professor de 2º grau é muito, muito menos gratificante de se trabalhar. Pelo tipo de salário e pelo tipo de trabalho que se tem. Eu vejo colegas meus na área de Português, Biologia que se matam de trabalhar, dão 40 horas

em dois períodos, e só estão contando o tempo para a sua aposentadoria."

"Eu tenho muito contado com pessoas que trabalham em órgãos públicos, em assessorias. O que eu vejo é que eles valorizam muito a área acadêmica porque você continua estudando, continua pesquisando, enquanto que eles não. Eles se sentem muito limitados no próprio trabalho, na rotina do trabalho, enquanto que a área acadêmica é valorizada por eles por ser a única área onde você continua estudando. Para quem gosta de estudar, essa é a única área que possibilita isso. Se você entrar num emprego público você se limita. São raros os colegas que entraram e continuaram a fazer mestrado, por exemplo. Eu conheço muita gente que desistiu no meio. São duas coisas incompatíveis, são paralelas e muito difíceis de conciliar. As pessoas se desacostumam de estudar. Eu vejo uma valorização na parte da atualização que a gente tem e eles não têm."

"A área de pesquisa de mercado foi a que demorou mais para ser valorizada. Ela tem boa posição financeira, mas pelo relato dos profissionais, ela te desgasta muito. Não vejo competição entre a área de pesquisa de mercado e a acadêmica. No congresso de sociólogos, que é de dois em dois anos, eu vejo que são áreas completamente diferentes. Eles não vão assistir a sua conferência, nem você vai nas voltadas para a pesquisa de mercado. São áreas bastante delimitadas mesmo, como engenheiro civil, engenheiro químico e engenheiro eletrônico. São segmentos bem compartimentalizados. Até o jeito de ser já caracteriza as pessoas. As pessoas que trabalham em órgãos públicos vão mais bem vestidas, tem uma caracterização diferente de um professor universitário, que já é mais relaxado ou de um pesquisador que trabalhe num órgão privado."

Na prática, o meio acadêmico não demonstra sentir-se ameaçado por outro segmento profissional das Ciências Sociais. Essas ameaças são percebidas partindo de outras

profissões - da competição interprofissional - ou das competições internas ao próprio meio acadêmico.

O meio acadêmico não compete com os demais segmentos das Ciências Sociais. Ele compete internamente e com as profissões fronteiriças. A competição tem seguido uma direção, onde os mais fracos procuram conquistar terreno dos mais fortes. Os ataques têm sempre está direcionalidade e as defesas se manifestam quando as posições são ameaçadas.

Do ponto de vista da competição interprofissional, ela aparece como uma preocupação maior entre os profissionais que ensinam na USP. A tensão que ela gera entre esses entrevistados se materializa nas seguintes passagens:

"Acho que naquela época (quando o informante cursou a graduação) havia muito mais aluno de classe média e alta do que hoje. Isso mostra que a profissão perdeu status e não atrai mais tanta gente. Boa parte do pessoal que estudou nas Sociais comigo trocou de carreira. Não foram dar aula. Foram para o Jornalismo. Ser professor universitário não é a coisa mais disputada não. Ser funcionário público tem seu lado bom, não é? Ser professor da USP, com 2/3 do salário de um jornalista, no final vale a pena. Você tem aposentadoria integral."

"Todos os bons alunos que ensinei foram trabalhar como repórter na Folha. A profissão não é mais competitiva. Quando prestei exame para professor, praticamente não tinha candidato."

"As Ciências Sociais podiam cobrir a lacuna do Jornalismo, que não forma bem as pessoas. O curso tem que oferecer coisa técnica. Precisa saber escrever. Fazer pesquisa tanto quantitativa quanto qualitativa. O pessoal de pesquisa de mercado vai babar em cima. O curso pode criar a sua demanda. Há várias profissões para quais as Ciências Sociais podem formar gente. A Filosofia era que estava preenchendo este buraco. Os departamentos nas Ciências Sociais viraram inimigos. Se um propõe algo o outro veta. (...) Tudo isso vai depender da taxa de renovação. Se só

entrar gente com os vícios antigos vai ser um horror. Tudo vai depender também de quem assumir o poder lá."

Segundo outro entrevistado:

"O curso de Jornalismo rouba os alunos de Ciências Sociais. São áreas competitivas, mas as Ciências Sociais não entram na competição. Ela não se coloca porque a desproporção é enorme. Prevalece a idéia de que a área é para pouca gente. No Jornalismo você pode ir de peito aberto. O piso salarial está garantido."

Uma outra forma de se viver a competição interprofissional aparece nessa passagem:

"Eu acho que as Ciências Sociais não disputam terreno com outras profissões. Os sociólogos não são nenhuma ameaça a nenhuma outra profissão. Muito pelo contrário. Acho até que temos um espaço muito pouco ocupado. É uma profissão que, em termos de ocupar espaço, é muito pouco agressiva. Eu acho que é exatamente porque ela se concentrou muito na universidade. No espaço universitário você tem esse arranca-rabo, tanto na universidade mesmo como nos centros de pesquisa de caráter universitário. O arranca-rabo é nesse pedaço porque não se partiu para atacar outros. Mas eu acho que você já tem a formação de uma camada, de uma massa, que se profissionaliza em planejamento urbano, em recursos humanos, que também vai criando know-how e vai criando uma pressão por novos postos. A prefeitura agora vai abrir concurso para sociólogos."

(...) O sociólogo é um 'organizer'. Eles afinam uma percepção sobre como a sociedade funciona e, sem querer, se tornam um 'organizer'. Você pode dar assessoria de como organizar sem nunca ter feito. Como organizar um quarteirão para fazer um movimento de pressão para não deixar derrubar um sobradinho. (...) Para os outros, você passa a ter clareza, e de graça. Eles te consultam de graça. Se você vai ao médico, ele te cobra uma consulta. Com o sociólogo é de

graça. Te telefonam. Você fala com o jornalista. O cara faz uma matéria conversando dez minutos com você. A imprensa hoje no Brasil chupa muito as Ciências Sociais."

Nas entrevistas com profissionais que lecionavam em universidades privadas e com os que trabalhavam em centros de pesquisa sem exercer a atividade docente, a principal forma de competição direcionava-se para a USP e para as universidades que eles consideravam como as melhores. As perspectivas de carreira em outras profissões fronteiriças apareciam como um contraponto concreto à valorização da atividade docente uspiana. A existência de espaços em outras profissões deixa de ser uma ameaça, e passa a ser uma alternativa profissional que pode ser usada como freio na competição interna. Nesta construção, outras profissões tornam-se aliadas na desqualificação da exclusividade, do status e do monopólio da excelência dessas instituições.

"O espaço acadêmico é muito competitivo, mas em termos. A universidade pode ser competitiva, mas em termos. A abertura de vagas é vitalícia. A USP, o IUPERJ, a UFMG são as que têm critérios de excelência muito rígidos. Quem entra fica até morrer. Tinha que ser mais competitivo lá. Ela é competitiva na entrada. É competição 'à la funcionário público'. Você não tem avaliação. Então a competição não tem caráter. Fica fofoca de corredor. Nos centros, a competição é bem maior. Há sistema de avaliação, embora não seja explícito. Há o vínculo com as agências financiadoras. A gente tem prazos e a qualidade do que se produz. A gente está num debate acadêmico que vai dos artigos para jornais até as revistas especializadas. Nesse aspecto tem competição, mas é saudável. Não é do tipo industrial, onde você quer destruir seu concorrente. Aqui você quer ocupar o lugar dele, num lugar específico. E ele pode ir ocupar outro lugar, aonde a capacidade dele permite. É uma competição mais civilizada. A gente compete por excelência, por

qualidade. É quase esportiva, para ver quem dá mais, quem consegue mais."

"(...) Estou ficando cada vez menos certo das coisas. Como a gente consegue? Para onde a pesquisa está indo? Não tenho dúvidas de onde vou investir prioritariamente. Já tive essa dúvida, em 83. Eu queria abandonar as Ciências Sociais. Cai fora da pós. (O entrevistado exerce outra atividade, fora das Ciências Sociais)."

"Por gosto, eu não escolheria nenhuma, mas vou tentar levar as duas coisas. Já pensei em ir trabalhar em pesquisa de mercado. O pai do meu amigo que é gerente de vendas, foi por muito tempo gerente de marketing da ***. Ele é muito respeitado. Ele já me convidou para ir trabalhar com ele. Ai, sim, é para ganhar dinheiro, mas para ficar doido também."

"Acho que há preconceito do meio acadêmico em relação ao mercado, mas é problema de megalomania acadêmica. Achar que é uma atividade menor, que não reverte muito. O que contribuiu para melhorar isso foi a pesquisa de opinião. Você tem institutos que ganharam muita legitimidade fora dessas Thompson e Salles da vida."

Uma outra entrevistada, quando perguntada se alguma vez pensou em mudar seu caminho profissional, respondeu:

"Eu gosto muito de dar aula. Gosto de pesquisa. Até o período em que meus filhos estavam precisando de mim constantemente, levando em aulas, com problemas em casa para resolver, que precisavam da minha presença, até ai não. Mas, atualmente, eu penso em diversificar um pouquinho. Procurar outra coisa, principalmente por problemas financeiros. A profissão de professor realmente não dá nada. Seu trabalho não é valorizado. Eu vou continuar dando aula. Eu gosto. Só não gosto quando temos que fazer greve, e lá é uma constante. Duas vezes por ano a gente para. Eu pensei em mudar a partir deste ano, principalmente para complementar o salário. Não tenho idéia do que, mas seria fora da

Sociologia. Na Sociologia não tem chance. Existem problemas para você entrar nos institutos de pesquisa. Ou são problemas de ordem financeira ou são centros muito fechados. Você tem que ser do grupo e se envolver com aquele grupo e eu não tenho esse envolvimento. São muito fechados lá dentro. Então, não existem caminhos alternativos. Eu percebo que são grupos muito fechados, e uma pessoa de fora, fora do circuito, não entra. Eu não vejo um caminho por aí."

"Em todas as áreas da profissão os grupos são muito fechados. Cada um defende o seu. Coloca o seu amigo. Os concursos públicos não são tão públicos assim. Eu estou falando francamente. Eu nunca prestei concurso público exatamente porque você sabe que algumas cartas já são marcadas, embora aparentemente não sejam. Nas universidades privadas são os amigos dos amigos indicados que vão entrar, ou alguém que você tenha referência. É uma coisa normal. Você não vai trabalhar com uma pessoa que você já sabe que não é um bom profissional. Que pode ser uma pessoa boa do ponto de vista da produção científica, mas não é um bom colega. Existem muitos problemas desse tipo. Por isso não acredito muito em concurso público. Eu nunca cogitei de fazer concurso também porque eu gosto muito da PUC. Eu investi muito lá e recebi também. Eu dei muito mais do que recebi, mas é um grupo muito gostoso de se trabalhar, a equipe é boa. Nós fomos vencendo obstáculos juntos. Esse é um problema. É uma identificação com o lugar mesmo. Os alunos são muito bons também. Claro que existem as exceções, mas o trabalho é gostoso. Não existe o nível de competitividade que existe em outras instituições. Existe um respeito. Há pessoas com as posições mais disparens possíveis, com posições políticas completamente diferentes, com posições acadêmicas, metodologias diferentes, propostas de curso diferentes, mas isto é respeito. Eu acho que isso vale mais do que qualquer outra coisa. Em primeiro, pela identificação. Em segundo, porque muitos concursos que eu presenciei, eu vi que eram com cartas marcadas e que não

valiam a pena. É queimar seu nome não tendo chance de entrar."

"Comecei a pensar numa nova alternativa este ano, pela defasagem de salário. Eu continuei ganhando durante todo esse ano o que eu estava ganhando em março. Com todos os problemas de universidade privada, onde você só recebe aumento salarial se a mensalidade dos alunos aumentar. Os alunos brigam para que suas mensalidades não sejam aumentadas. Existem problemas. Não é como uma universidade pública, que você tem um aumento, os alunos estão lá. Se você tem cinco alunos na sala de aula, seu curso está garantido. Numa universidade privada, se você tiver cinco alunos em sala de aula, aquela turma é extinta e os alunos são convidados a mudar de período. Existe um problema muito sério. É a questão da insegurança. Eu não quero a estabilidade de funcionário público, quero estabilidade emocional para trabalhar. Uma universidade privada como a PUC não está me dando. Vou continuar trabalhando lá, mas vou tentar conseguir outra coisa, em outro ramo de atividade. Já que, como falei para você, é muito difícil trabalhar em institutos. Estão fechados e estão com falta de dinheiro também. A alternativa é procurar outro tipo de atividade. Qual, por enquanto eu não sei."

"Acho que existe um preconceito. Muitas barreiras a serem ultrapassadas porque você é um profissional que não está dentro de uma universidade pública, por exemplo. Na cabeça dessas pessoas, você tem que provar que, 'apesar de você estar dando aula na PUC você é um bom profissional'. Existem esses problemas, como nós temos. Nós professores da PUC falamos: - 'Pô, essas faculdades de esquina, que formam sociólogos. Que professores são esses?' Então a mesma diferenciação é feita em relação a essas faculdades de esquina. Existe sempre uma estratificação e o efeito disso na profissão é ruim. Existem pessoas que se formaram na Faculdade de São Marcos, por exemplo, que sofrem esse preconceito. Eu não conheço a faculdade mas imagino que não

soja tão boa quanto a nossa, que temos mestrado, temos doutorado, trabalhamos, pesquisamos, publicamos artigos. Mas, de repente, aparece uma pessoa com grande destaque que não tem muita chance de aparecer exatamente por causa desses vieses de grupos que vão limitando a profissão. Vão limitando a sua entrada. Dependendo do curso que você fizer e aonde você fizer, existe uma discriminação neste sentido."

"Uma vez eu ouvi um colega da USP dizer, numa época em que o salário da USP ficou muito defasado em relação ao nosso, sendo que nós damos o dobro das aulas, num contrato de 40 horas, 16 horas têm que ser em sala de aula. Nós temos que dar 4 turmas, com no mínimo 30 alunos na sala. Esse colega, eu ouvi ele falando o seguinte: - 'Não menosprezando a PUC, mas eles estão ganhando mais do que a gente.' Existe um preconceito em relação a PUC nesse sentido. Existe uma diferenciação das universidades. Isto não dá para negar. Existe uma discriminação nesse sentido. Você olha de lado um médico formado na conchinchina. Você olha com bons olhos um médico formado na Escola Paulista ou pela USP. Embora a PUC seja conceituada no ranking da Playboy que sai todo ano. O curso de Ciências Sociais daqui estava avaliado em segundo lugar. No primeiro lugar havia um empate entre a USP e a UNICAMP. São condições de trabalho que você não tem. São horas de pesquisa que você não tem. Alguns professores se destacam porque gostam daquilo. Outros estão acomodados. Isto existe em todas as universidades, mas principalmente nas federais."

"As federais que conheço e que fogem ao padrão de mediocridade são as do Rio Grande do Sul e a de Minas. A do Rio de Janeiro eu não conheço, mas o resto do Nordeste, eu já fui. Em termos de condições de trabalho, que é fundamental para você melhorar o nível de ensino e o dos docentes a UFRS e a UFMG são lugares melhores do que aqui. Você tem condições de se licenciar por 4 anos para fazer pós, ganhando um salário e uma bolsa. Você quer condições melhores do que isso? Eu fiz mestrado trabalhando 40 horas

direto. Se eu pedisse licença, seria uma não-remunerada. As condições de trabalho são fundamentais para você formar uma profissional melhor ou pior. Só se você tiver muito boa vontade mesmo para você conseguir superar essas barreiras."

"Eu não prestei esses concursos porque ou eram de carta marcada ou eram para substituição. Substituição por substituição, eu prefiro ficar numa coisa que seja efetiva. A oportunidade eu tive. Eu até pensei em prestar na UNESP e em São Carlos. Mas eu vi a questão da distância, a questão da família, vi colegas meus que toda semana iam para a rodoviária, sofriam, davam aula, voltavam e muitas vezes o salário não compensava, pelos gastos que se tinha, gastos emocionais, de dinheiro, com hospedagem, os estragos na família que ficava aqui. Então eu optei por ficar."

"Eu acho que o principal critério de seleção num concurso é a identificação com o grupo ou com algumas pessoas chaves. Não sei se é uma coisa de currículo. Eu conhecia um colega meu, com um currículo excelente, livros publicados e ele não entrou num concurso público exatamente pelo tipo de temperamento que ele tinha. Um temperamento explosivo. Eu acho que o currículo não é tudo. Existe essa coisa da empatia mesmo e da identificação com o grupo. Isso é o que é fundamental."

Uma outra entrevista, estabelece comparações entre a experiência de estudar no exterior e a vivência na USP. As distinções feitas neste relato fazem um outro tipo de contraponto ao padrão uspiano.

"Eu acho que é o extremo oposto do sistema brasileiro. Para mim, o ideal seria um meio termo. Lá, tem uma série de ritualizações e dramatizações completamente dispensáveis. Na nação inteira a pós-graduação tem um significado de que é difícilíssima, que você vai pastar um ano inteiro. Você vai ser selecionado no primeiro ano e precisa provar que é capaz de passar por aquilo. A quantidade de informação e de leitura que eles te derrubam no primeiro ano é monstruosa. A gente

nunca viu isso no Brasil. Você tem que mostrar que é capaz de se virar e de selecionar informação. Há um aspecto aterrorizante. Os alunos ficam infantilizados por causa disso."

"O sistema é bom porque é mais profissional. As pessoas produzem mais. Nada é tão demorado como no Brasil. Tudo que você começa a escrever é uma grande obra. Nunca está pronto. Esta é a minha experiência na USP."

"A relação entre professor e aluno é totalmente diferente nos Estados Unidos e no Brasil. A profissão de professor é diferente também. É exagerado porque ele acaba escrevendo três artigos iguais, só para produzir. Quando eu estudei na USP, não havia pressão sobre os professores no que diz respeito a prazos. Todos os prazos eram negociáveis."

"Tenho amigos que estudaram muito mais na graduação e aproveitaram o curso da USP muito mais que eu." (...)

"O doutorado nos Estados Unidos tem a função do mestrado no Brasil. Ele é o seu primeiro trabalho de pesquisa. Não existe trabalho de equipe e a relação não é de trabalhar na equipe do professor. É, no máximo, na área dele. O treinamento no Brasil é muito melhor do que aqui. Você tem mais reflexão sobre técnicas de pesquisa porque tem mais experiência. Eu sou profissional de pesquisa e acho que poderia até dar aula lá. Isso, eu tenho da minha experiência de trabalho no Brasil."

"Nos Estados Unidos aprendi teoria, aprendi essa coisa de ser mais profissional e aprendi sobre mim mesma. Talvez seja uma coisa de amadurecimento. Meus 'papers' de final de curso foram mais escolares do que os do Brasil, mas eu me senti mais profissional fazendo-os."

(...) "A profissionalização está cada vez mais postergada. As pessoas terminam o doutorado nos Estados Unidos, com 33, 34 anos. Não tem pressa de acabar. Eu tenho um amigo que, antes de acabar a tese, já fez de tudo. Foi ombudsman da universidade, foi para a (ex) União Soviética,

deu aula, foi T.A. (teacher assistant) e o orientador dele queria que ele fosse fazer um estágio em outro centro antes. Esse adiamento da profissionalização não é só no Brasil. Minha ansiedade em relação a essas escolhas diminuiu. Eu consigo até pensar em ficar na universidade. O que me insatisfaz é essa coisa da universidade ser tão isolada de tudo. É engraçado porque os professores aqui são muito mais ligados no que está acontecendo do que lá. Mas é por caminhos individuais e não pela instituição. Ela está quase que abandonada. Esta é a imagem que tenho de quando estudei. É um ficar a parte do mundo, até das discussões que estão acontecendo. É letárgico."

"É até uma questão de resistência. Quem aguenta ficar lá chega ao final. Não é uma questão de mérito. (...) Acho que é uma questão de resistência mesmo. Acho que muita tese é defendida e pouco discutida. Umas são boas, mas as ruins também passam."

(...) "A titulação no exterior me parece que conta mais fora do meio universitário do que nele, no Brasil. A sociedade é que valoriza isso. Na universidade costuma acontecer da pessoa ir estudar fora e perder o lugar."

(...) "Do ponto de vista da discussão teórica, lá é muito mais rigoroso. Você tem que ler mais, se preocupar com o desdobramento teórico do que você está fazendo. Em pesquisa é mais desenvolvido no Brasil e, em termos teóricos é mais rigoroso nos Estados Unidos."

"A universidade americana é muito mais isolada do resto da sociedade do que a brasileira. É raro você ver um artigo assinado no jornal, por um professor universitário. No Brasil, ele é muito mais requisitado. Ele também tem menos tempo para refletir sobre o que está fazendo."

"O modelo francês é mais parecido com o do Brasil. O mercado universitário nos Estados Unidos é tão grande que ele se basta. Um livro não precisa ser um sucesso fora desse mercado para se bastar. No Brasil não. (...)"

Além das formas de competição interna ao segmento acadêmico apresentadas acima, há um outro tipo de disputa que é perpassada pelo corte geracional. Este aspecto foi identificado entre os entrevistados com menos de 40 anos, que estão se dedicando a sua formação tanto ao nível do mestrado quanto do doutorado. Além das entrevistas acima, este embate por espaços também pode ser visualizado nos trechos abaixo, extraídos de outros depoimentos.

"Eu fiquei decepcionado com as Sociais. Era tudo muito desconjuntado. Cada professor era a sua própria escola. Não tinha um projeto a se passar. O que a gente aprendia a fazer era exegese de texto. Mas, nem isso era bem feito. Na Filosofia se aprende essa técnica para valer. Mas o que a gente aprendia era crítica interna de texto. Era reler Marx, pós-Poulantzas e Althusser. Era criticar Poulantzas e Althusser até não poder mais.(...)"

"Acho que o grande problema das Ciências Sociais no Brasil é ser diletante demais. Você não é forçado a produzir nada. Você nunca está pronto. Sempre tem que amadurecer mais. Não é forçado a escrever. Você sempre precisa estudar mais para emitir uma opinião. Precisa de 5 anos de estudo de cada ponto, para ter uma opinião. Acho que é muito escolástico, altos pensamentos. Isso tem a ver com a forma como a USP foi criada. Nada de empírico, só pensador. Bagrinho não pode abrir a boca. Nos Estados Unidos é o contrário. Primeiro você fala, depois você estuda. Se aprende a ter opinião sobre tudo e sair mandando bala. Você não precisa ler no original. É pragmático. O aluno não é voltado para fazer abstração e só falar quando tiver uma grande obra."

"Não tive nenhuma experiência repulsiva com a universidade. Não partilho das desqualificações em relação à universidade (burocrata, improdutiva). A competitividade, o elitismo, a patota, os cometários, isso é igualzinho em todo lugar. Não vejo diferença. Gosto muito de dar aula e do

contato com os alunos. Acho que os alunos gostam de mim e eu gosto deles. Tem o atrativo da paz e da tranquilidade da vida universitária. Há menos imposição e a administração do tempo é mais calma. O que me chama a atenção é uma certa falta de vitalidade nos debates. O que veio fazer a nossa corporação? Sinto falta de garra."

As críticas ao tipo de formação recebida na graduação são mais agudas quando o profissional ocupa uma posição interna ao meio acadêmico. É também entre estes que se obtém o menor reconhecimento para a importância do curso na sua trajetória de profissionalização. Portanto, é entre os formados em Ciências Sociais que ingressaram nas cobiçadas atividades de pesquisa e ensino universitário que se registra a maior insatisfação com a sua experiência na graduação. A oportunidade de estabelecer comparações com os programas de mestrado e doutorado aguça este sentimento, que é bem menor entre os formados que estabelecem comparações com os outros cursos superiores que frequentaram.

A proximidade com as posições mais cobiçadas aguça a tensão. A competição é o maior sintoma da inclusão. Ela se manifesta quando as pessoas são partes integrantes de um grupo. Quando estão distantes ou excluídas dele, elas apresentam uma visão externa, com um grau de tensão muito menor.

Há, entretanto, diferentes graus de participação nesta situação de inclusão. É em relação aos diferentes níveis de poder profissional que se estabelece a disputa entre as gerações. Para as gerações mais novas, a possibilidade de se compor com outras profissões, como é o caso da atividade jornalística, acaba sendo utilizadas nesta disputa geracional. A aliança com uma profissão mais forte do que a de cientista social se torna, na prática, um contraponto ao poder detido pelos acadêmicos ligados à pesquisa e ao ensino da pós-graduação, geralmente membros de gerações profissionais mais velhas.

Também nas entrevistas realizadas no segmento acadêmico detectou-se o mesmo tipo de argumento distintivo, com entrevistados procurando se diferenciar do que foi pejorativamente chamado por outros segmentos da profissão, da 'panelinha' da academia.

Freqüentemente atribui-se a esses profissionais a decisão de seguir a carreira acadêmica já no início ou durante o curso da graduação. Os trechos transcritos abaixo não ratificam essa imagem. A trajetória profissional daqueles que ingressaram no meio acadêmico seguiu o mesmo padrão de ocupação dos espaços visualizados por eles, com uma aleatoriedade semelhante ao dos que seguiram outras vias de profissionalização. A imagem da pré-definição pela academia não se configura nem entre os que eram vistos como possuindo uma opção clara por esta trajetória profissional.

"Não sei porque resolvi fazer Ciências Sociais. Comecei a pensar nisso no final do ginásio. Foi influência de professor. Também foi uma coisa meio política, eu me achava socialista. Ter uma profissão para ganhar dinheiro era mal visto por mim e meus amigos. Antes de entrar nas Sociais eu pensava que ia ser intelectual, escrever livro. Depois que entrei no curso, nunca pensei que poderia ser um grande intelectual, um professor universitário. Eu tinha metido na cabeça que seria professor secundário, em colégios ou ginásios particulares. Isto dava algum dinheiro na época e eu me via podendo estudar sem a pressão da vida acadêmica. Mas na verdade, eu não tinha lá muitos planos. Eu achava que ia dar sempre para me virar de algum jeito. Se eu tinha alguma carreira em mente, era a de professor secundário. Fazer pós-graduação nem passava pela minha cabeça."

"Só fui fazer pós quando as coisas ficaram 'pretas'. Fiquei desempregado por um tempo. Não consegui aulas no começo do ano. Peguei aulas apenas em abril. Minhas economias já estavam no fim. Mas fim mesmo era o colégio em que eu consegui turmas. Além disto, eu consegui as aulas mentindo, dizendo que era professor de Geografia. Conclusão,

eu vi que a profissão que eu estava seguindo era terrível. Eu tinha que tentar algo diferente! Sair da enrascada que havia me metido. Só aí é que eu fui fazer pós. Foi meio que a única saída profissional que eu vi na minha frente naquela hora."

(...) "Eu dei uma sondada sobre a possibilidade de fazer na USP. Mas na USP tudo era muito vago. As vagas ainda eram administradas pelos professores. Para entrar você tinha que ter seguido uma estratégia completamente diferente do que a que eu tinha seguido. Eu não era próximo de nenhum professor. Eu ainda tentei falar com um professor, com quem estava fazendo um último curso na USP. Ele estava sem vaga naquele ano. Eu entendi que se eu ficasse por perto, o procurasse no próximo ano, talvez eu tivesse alguma chance, se ele abrisse uma vaga. Eu não tentei conversar com nenhum outro professor. De fato, acho que só tinha um outro professor que eu conhecia e poderia procurar."

"A entrada na pós da USP me parecia um projeto de longo prazo. Algo que eu teria que ter resolvido antes. Eu deveria ter me aproximado de professores, estabelecido vínculos. Na minha cabeça, as pessoas que iriam fazer pós-graduação deveriam se definir logo no começo da graduação, formar círculos junto a professores. Eu fiz tudo ao contrário. Eu dei aula durante toda a graduação. Fazia faculdade à noite. O clássico estudante do noturno: chegava atrasado e saía antes. Faltava bastante. Alguns cursos faltava mais do que ia. Uma época eu quase abandonei o curso. Acho que se a faculdade fosse mais difícil, eu teria abandonado. "

"Eu não me via como um membro dos pós-graduáveis da USP. No meu mapa dos alunos havia, mais ou menos, três grupos. As fronteiras não eram necessariamente claras, mas um dos grupos era o dos pós-graduáveis. Esses eram os que levavam o curso mais a sério, ou, pelo menos, faziam questão de mostrar que assim faziam, para ser irônico. Encomendavam livros no Raul, coisas do tipo. Gramsci era o must da época. O segundo grupo era ligado ao movimento estudantil. Eu não

tinha muita simpatia pelo movimento estudantil, nem pelo tipo de vida que as pessoas acabavam levando, quando entravam no ME. No ME e nos pós-graduáveis tinha muito filho de intelectual, de professores da USP. O terceiro grupo, o grande resto, para mim o que os definia era o fato de terem chegado às sociais por algum tipo de engano. Eu não fiz muitos amigos nas Sociais. Eu não 'vivia' a faculdade."

Em outra entrevista, a diferenciação aparece pautada pela origem social.

"Metade da minha turma tinha grana. Era bem nascida. Se desse na telha de não levar isso adiante, por qualquer razão, podiam fazer outras coisas. Eu não sou bem nascido. Meu pai, hoje, trabalha beneficiando arroz. Minha mãe é costureira. Eles tem até a 4ª série primária. Eu vim prestar vestibular para Sociologia. Vim direto para cá, para isso. A gente tinha uma turma de ginásio e colegial muito coesa. Eu fazia trabalho de bairro com 14, 15 anos. Imagina! Mas era isso. Não era uma participação política. Eu não era ligado a nada politicamente. O grupo era liderado por professores. Era uma escola estadual experimental. Todos os professores eram de nível universitário. Essa escola dançou, mas na época era super-boa. A gente lia muito, fazia jornal. Não sei como fiz a opção por Ciências Sociais, mas não vacilei em nenhum momento. Eu não pensava nisso como profissão, mas como a única alternativa possível. Não foi por eliminação, mas não me via fazendo outra coisa. Podia fazer História, mas não tinha o apelo que a Sociologia tinha sobre mim. Eu lia muito. Estava claro que eu queria pensar sobre o que estava acontecendo. Não tinha a pretensão de mudar o mundo, mas tinha a pretensão de entender."

(...)" Ninguém bem nascido seguiu a carreira na minha turma, a não ser filho de intelectual. Mudaram, desistiram."

Já em outra entrevista, a questão da existência de um espaço a ser ocupado aparece tanto no vestibular quanto na profissionalização.

"Minha opção pelas Ciências Sociais começou a aparecer quando eu estava fazendo o normal. Foi quando tive contato com a disciplina de Sociologia, que era pessimamente dada, com um livro, um manual. Existia um grupo na escola que começou a se identificar com o curso. A *** e a *** eram desse grupo. Isso foi em 68, no auge da ditadura. Nós formamos um grupo de estudo. Começamos a discutir, a estudar. Foi o período da fermentação estudantil e a Sociologia era um tema que me fascinava. Naquele momento, foi uma disciplina que eu me motivei. (...)

"Eu queria fazer Jornalismo também. Queria complementar um com o outro. Prestei a ECA e a Ciências Sociais na PUC em 69. Na ECA eu fui excedente. Tinha média mas não tinha vaga. Eu comecei a freqüentar as Ciências Sociais na PUC e gostei. O primeiro ano eu gostei, tanto que nem prestei de novo. Os professores do curso em si não foram marcantes, mas sim o que girou em torno do curso. As amizades, os grupos de trabalho, a gente estudava fora. Eu fiz o curso num período muito difícil, 69/72. A gente tinha que encapar livro de Marx. Não se dava Marx na faculdade. A gente fazia grupo de estudo para estudar o Manifesto, o Capital fora. A gente tinha Marta Harneck, tinha Althusser, tinha Poulantzas e não tinha Marx. O que foi positivo, além das disciplinas de Política, que vendo hoje me parecem ter sido limitadas, mas foi um campo que se abriu para mim dentro da faculdade. Principalmente, um trabalho com amigos que se identificavam. Formamos grupos para estudar fora. (...)"

"Na faculdade eu fui monitora dos professores da área de Política. Eram três professores na área. Eu era monitora do *** e ***. Logo que me formei, já entrei na carreira. Estou há dezessete anos na carreira. Entrei como auxiliar de ensino. O caminho da monitoria era fundamental para conseguir ingressar como professor. Os monitores da área de

Sociologia e de Antropologia também entraram. Era um caminho aberto. Você se destacava, era um excelente aluno dentro da área, era convidado pelo professor, você trabalhava diretamente com o professor, fazia trabalhos com ele fora, ajudava nos seminários, orientando alunos de anos anteriores ao seu. Isto já era um teste se você teria condições de assumir o magistério. Foi uma oportunidade de ouro. Atualmente, é muito mais difícil. Na minha turma, eu e o *** entramos como monitores na Política. Na Sociologia, na turma anterior entraram 2. A Antropologia foi a que teve mais gente incorporada. Eles abriram o básico e tinha uma disciplina denominada 'Antropologia e os problemas do homem contemporânea. Era alguma coisa assim. Entraram muitos. Uns 10 ou 15 antropólogos formaram e entraram direto."

Mesmo entre aqueles que foram apontados como sendo do grupo que havia se definido pela atividade acadêmica desde o ingresso na graduação, a trajetória mapeada na entrevista abaixo não confirma essa pré-disposição à vida intelectual. Essas definições aparecem bem mais tarde, também sujeita à experiência no mercado de trabalho.

"O primeiro drama da minha vida foi decidir o vestibular. Eu escolhi na última hora, preenchendo a ficha. A dúvida era entre Medicina, Arquitetura, Ciências Sociais e Jornalismo. Fui com o meu pai fazer a inscrição. Ele me pagou um sorvete, dando a volta no quarteirão, e eu preenchi a ficha. Escolhi na hora, não sei muito bem porque."

"No ano seguinte, fiz vestibular para enfermagem. Cursei 15 dias e larguei. A decisão não foi tranqüila. Eu fui conversar com pessoas das mais diversas profissões. Minha mãe me levou. Eu queria fazer algo que fosse mais prático. Mas, no fundo, não era enfermagem."

"Eu não queria largar as Ciências Sociais de cara, e a Enfermagem era período integral. Eu também trabalhava meio período. Houve uma época que trabalhei na FAU, fazendo fotolito. Eu trabalhava porque queria ter minha grana. Não

me sentia bem com tanta negociação por grana na família. Eu sou a filha mais velha e tenho mais 4 irmãos."

"Logo depois me envolvi na política estudantil, o que me tomou muito tempo. A Turma da Enfermagem também não tinha nada a ver comigo. Na verdade, a profissão é muito desvalorizada. É vista como coisa de mulher mesmo e de assistente. Eu achei que não estava afim. (...)"

"Eu nunca senti esse corte de ser do 'grupo dos filhos'. Eu consigo ver que as pessoas enxerguem assim, mas eu não percebia na época. Quem tem pai professor universitário pode ver essa familiaridade de uma forma problemática. Se teu pai está numa situação ruim isto te desfavorece também. Não creio que isso tenha me facilitado arrumar qualquer posição. Não existia um grupo dos filhos de intelectuais."

"Eu me formei no meio de 82. Fiquei 6 meses trabalhando numa pesquisa sobre os metalúrgicos de Santos. Depois é que entrei na pós. Ainda não havia exame lá. Era embaraçoso pedir aos professores que te aceitasse. Eu havia sido representante dos alunos na Congregação. Aí conheci o *** (um professor) e ele tinha me convidado. Fiz com ele por isso. Não me sentiria bem de pedir. Achei que ia trabalhar com sindicalismo. Fui trabalhar na prefeitura, no início do Covas. Era um clima de muitas mudanças. Fui para a Secretaria do Planejamento, numa equipe que se chamava Unidade Institucional. Eu sempre quis fazer alguma coisa que envolvesse prática. Nunca tive projeto de ser docente. Nem via a pesquisa aí, como acadêmica."

"Nesse local é que comecei a querer fazer pós. A intervenção e a relação com o Estado colocaram questões para mim, que mudaram a minha área de interesse. Me desiludi de poder fazer alguma coisa ali, da capacidade de atuação política. Achava que precisava de questionamentos mais estruturais e menos apaixonados. Foi uma desilusão com a ação política. Saí da prefeitura. Pedi demissão. Eu não

conseguia mais pensar em ir lá. Fiquei lá dois anos, enquanto estava na pós."

"Ir para a pós talvez tenha tido influência do caminho natural da família. Mas isso também não me exigia definições. Eu podia adiar as definições. Eu não tinha a idéia de que a pós era necessária para uma profissionalização. Eu sabia que só com o diploma de Ciências Sociais, não tinha uma profissão, um emprego para mim. A pós era a opção mais fácil. Podia ganhar uma bolsa."

"Eu aprendi muito pouco na graduação. Fiz o curso muito pouco a sério. Teve muita greve também. Entrei em 78 e saí em 82. Teve semestre que perdemos quase a metade dele. Eu fiz mais ME do que estudei. Penso que talvez tenhamos pego a pior época do curso. Com a abertura política, os professores viram oportunidades de atuação fora e foram requisitados. O curso ficou abandonado. Não aprendi nada de metodologia nem qualitativa nem quantitativa. Tinha um grupinho do *** (um professor), mas eu fiquei pouco. Quem ficou aprendeu. Esse grupo era diferente do ponto de vista social e de idade."

Um outro entrevistado que também foi citado como ligado à panelinha da meio intelectual relatou sua experiência com o curso e a profissão.

"Eu fui fazer Ciências Sociais por dois motivos: 1) tinha muito interesse por política e tinha disposição para fazer política. O curso poderia ajudar nisso. 2) Razões familiares me aproximavam da área."

"Eu exitei entre fazer Ciências Sociais e Medicina e optei pela primeira, pelas razões que te dei. Sempre gostei muito de Medicina. Sempre me interessei, mas nunca fiz. Como imagem é uma coisa que me atrai. Acabei decidindo depois de pesar bastante. O 3º colegial eu fiz na Biomédicas, me preparando para prestar. (...)"

"Prestei o vestibular para as Ciências Sociais em 75. Comecei em 76. Coincidu que esse lado de querer fazer política cresceu muito. Ressurgiu o ME e eu me apliquei

muito nisso. Tive mais envolvimento político do que acadêmico. Se um projeto se desenvolveu desde o colégio até o final da faculdade, foi o de fazer o curso para fazer política."

"No final do curso eu comecei a mudar. Comecei a achar que fazer política concretamente não era a minha coisa. Acabei o curso e comecei a procurar emprego. A questão profissional aí começou a se colocar. Eu comecei a trabalhar no 1º ano, como estagiário no SEADE. Antes, tinha trabalhado por pouco tempo na Brasiliense, organizando catálogos. Fiquei no SEADE até o final do curso."

"Na opção por Ciências Sociais teve uma coisa importante. Eu havia decidido fazer uma faculdade pública. Eu não queria pagar e não queria que meus pais pagassem. Eu avaliei o que eu tinha certeza que entraria, na época. Tinha dúvidas se passaria para a Medicina. Minha formação nas Exatas era fraca. Eu não fiz cursinho. Só fiz o colegial e, na época, Medicina era a mais difícil."

"Trabalhar durante a faculdade era importante para o meu projeto de independência pessoal. Eu me empenhei bastante para conseguir emprego. Não tive muita dificuldade, mas não choveu convite. O fato de entrar numa área onde meu pai era conhecido me ajudou nesses dois empregos. Eu nunca fui um aluno gênio. Tive uma escolaridade muito irregular, em vários lugares. Meu desempenho nunca foi fantástico. No SEADE, acho que o peso (do sobrenome) já foi um pouco menor. Havia 30/40 estagiários lá. Além disso, estagiário não é lá essas coisas."

"No final da faculdade, que eu fiz em 5 anos em vez de 4 por causa da dedicação ao ME, a questão do que eu vou fazer pegou. Eu não tinha claro o que fazer. Eu prestei pós e vestibular para Letras. Não tinha mais a militância. O movimento tinha se esvaziado. Eu entrei na Letras porque gostava. Meu projeto era seguir a vida acadêmica."

Embora o informante acima tivesse este projeto em mente, acabou modificando-o em função de oportunidades de

emprego e, posteriormente, de carreira que vislumbrou em outra profissão.

(...) "Quando eu formei na faculdade, eu tentei dar aula. Prestei concurso, entreguei currículo em várias faculdades. Não entrei e não pintou nada. (...)

"A perspectiva profissional se esvaziou quando decidi que não ia seguir política. Não ia ser assessor de deputado nem candidato. Vou trabalhar no quê? (...) Na hora de decidir com o que trabalhar, eu escolhi a pós, mas aí não rolou nada enquanto que na *** (outra profissão) rolou muito. Eu estive empenhado mesmo em conseguir dar aula. Fui na Faculdade São Luiz, na Objetivo. Eu sabia que tinha que começar e que não dava para ser por cima. Não tive nenhuma resposta. Fiquei assustado com o que ia fazer. O que faço com esse diploma na mão?"

"Comecei a pensar em fazer mestrado fora. Não dava. Tinha que fazer aqui. Decidi fazer o mestrado junto (com o emprego na outra profissão). O atrativo era grande. Dava projeção. (...) Tinha a ver com o meu destino militante. Entrava numa trajetória política que tinha se esgotado no ME."

"De um lado abriu-se uma estrada e do outro não tinha convite. Além disso, minha tese estava complicada. É triste vida de aluno fazendo tese em casa, sozinho e ganhando pouquíssimo. Precisa gostar muito e ser uma espécie de monge. Fui parando e isso me consumiu 6 anos."

Passado este período e devido a várias circunstâncias, ele acabou retomando seu projeto acadêmico e sua profissionalização neste segmento.

Os trechos acima ilustram como a trajetória profissional não segue necessariamente o rumo previsto ou desejado pelas pessoas, na área das Ciências Sociais. Esta situação é semelhante a dos outros campos de atuação da profissão. Trajetórias claramente definidas são alteradas,

seja em função dos espaços existentes no mercado de trabalho, seja em função de redefinições de ordem pessoal.

Os estereótipos construídos sobre os alunos 'da panelinha', que acabaram ingressando no segmento acadêmico é - mais do que uma situação concreta - um meio daqueles que se achavam desfavorecidos, demarcar sua diferença com o que atribuíam ser um padrão de comportamento negativo. A 'panelinha' existe na construção de quem quer dela se diferenciar. Ela dá uma identidade a essas pessoas. Ninguém se diz da 'panelinha'. Ao contrário, quando alguém comenta o assunto, o que diz é que não é da 'panelinha'.

Alguns dos alunos que receberam este rótulo, de fato, tornaram-se membros da academia. Mas o caminho que percorreram foi, para eles, muito menos objetivo e direto do que a forma como foram percebidos por outros.

Essa demarcação introduz outra forma de competição entre os pares. Distinguir-se da 'panelinha' tem o efeito de sobrevalorizar o esforço feito para alcançar a posição profissional ocupada. As diferenças nas origens sociais tem um efeito semelhante. Os profissionais de origens menos favorecidas socialmente acabam transformando um fator visto por ele como negativo, em mais uma de suas realizações pessoais.

Há, entre os que ingressam na atividade acadêmica provenientes de melhores posições sociais - incluindo entre estes os filhos de professores universitários - uma visão da profissionalização na academia oposta a imagem do tipo 'vim, vi, venci', embutida no discurso daqueles que enfatizam a trajetória de ascensão ligada ao esforço e a realização. Quem ganha o rótulo de 'panelinha', participa da competição profissional procurando desmerecer as realizações de quem os rotulou. Assim, enfatiza a construção da carreira não como uma questão principalmente de mérito, mas sim de resistência. O aspecto central deixa de ser um diferencial positivo, como a competência ou o empenho, reduzindo-se a constatar quem aguenta mais tempo os aspectos negativos da

vida universitária. A imagem que se passa da atividade e do segmento atinge em cheio o discurso e as expectativas de quem ingressou nela via ascensão social. Desvaloriza-se a lógica do esforço, ao mesmo tempo que se demonstra 'conhecer por dentro', com um olhar familiar, os problemas da carreira acadêmica.

Cada uma dessas duas visões correspondem a diferentes trajetórias percorridas na estrutura social. Elas aparecem tanto entre os formados nas turmas de 1972 quanto nas turmas 1982. Em ambos os períodos, detectamos entre os entrevistados, pessoas que fizeram uma trajetória de mobilidade social ascendente e pessoas provenientes de uma origem social semelhante a atual.

A forma como elas percebem a posição que ocupam é decorrente das distintas interações sociais que vivenciaram nesse caminho. A competição que se manifesta entre elas é resultado de sua interação no centro do palco da profissão.

Esse tipo de competição intrageracional enfatiza a importância da trajetória percorrida até se chegar a posição ocupada. Profissionais em situações de carreira muito semelhantes têm avaliações e opiniões distintas sobre elas. Uma análise sociológica atemporal que se restrinja a abordar o momento presente das relações que se estabelecem no sistema profissional, acaba identificando harmonia e coesão onde predomina o conflito e a disputa.

11) CONCLUSÕES

No decorrer desta tese procurei expor a importância de se focalizar a história de uma profissão dentro do sistema profissional.

Há necessidade de se olhar as relações que se estabelecem neste universo para que possamos compreender, inclusive, o desenvolvimento interno de uma profissão. Estudar uma delas, isoladamente, sem examinar seus parceiros competidores limita a capacidade analítica. Muitos dos caminhos seguidos por uma profissão decorrem desses condicionantes.

Para se captar o processo de construção profissional é preciso integrar as perspectivas micro e macro com a dimensão histórica. Desta forma, podemos observar como as interações sociais vivenciadas no interior da profissão somaram-se às interações com as suas competidoras para delimitar os campos de atuação e as suas respectivas atividades.

O modelo analítico utilizado neste trabalho focalizou as Ciências Sociais no sistema profissional, através das competições intra e interprofissionais.

O ponto de partida da investigação resumiu-se a um perfil dos sociólogos filiados à Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo - ASESP.

De posse de uma 'fotografia da categoria', procurei descongelar esta imagem e desmembrar sua classificação. A primeira impressão que o retrato transmite é a da existência de caos no mercado de trabalho dos sociólogos.

A análise da trajetória da Sociologia nos Estados Unidos deu maior transparência à lógica da profissão e facilitou a compreensão do caso brasileiro. Metodologicamente, esta perspectiva facilitou que o olhar familiar sobre o objeto ganhasse o estranhamento indispensável para a realização do estudo. Esse parâmetro acabou descartando os diagnósticos que preponderam na

análise sobre a crise das Ciências Sociais no Brasil. Além disso, foi um instrumental importante para dimensionar o sistema das profissões com uma dinâmica própria, em vez de atribuir todas as suas características às condições econômicas do país.

A investigação histórica, munida de um modelo teórico que articula a visão macro e micro das profissões, permitiu redimensionar os eventos que marcaram o desenvolvimento do das Ciências Sociais no sistema profissional.

Na segunda parte da tese procurei desenvolver duas hipóteses. A primeira relacionava as opiniões dos informantes sobre o curso de Ciências Sociais, com a trajetória profissional percorrida depois. O material analisado indica que quanto mais distante se está do segmento acadêmico mais se tende a avaliar positivamente experiência de formação. Já aqueles que potencializaram ao máximo a conclusão do curso de Ciências Sociais, conseguindo profissionalizar-se neste segmento, são os mais críticos a respeito da qualidade de tal formação.

A outra hipótese refere-se à dinâmica da profissão, nas suas conexões internas e externas. Ela associa a percepção que o informante tem de seu universo profissional com a posição que ocupa no sistema das profissões. A tensão e o conflito visíveis nos discursos foram tomados como indicadores de proximidade, para definir a competição intra e inteprofissionais.

Os depoimentos e as entrevistas qualitativas viabilizaram compreender como os formados em Ciências Sociais interagem e dão vida ao mundo da profissão. Eles foram analisados tomando como base um tipologia que construí. O corte principal da classificação estruturou o mundo das Ciências Sociais em dois lados básicos, que se complementam. Chamei-os de 'palco' e de 'audiência' da profissão. A principal diferença para definir quem iria ser alocado em um ou outro lado da tipologia foi a auto-imagem dos informantes, sobre sua atividade profissional. No palco,

inclui todos aqueles que, de alguma forma, se identificavam como sociólogos. Na audiência ficaram aqueles que não revelaram esta identificação. O critério da classificação baseou-se nas opiniões e sentimentos dos entrevistados e não na atividade desenvolvida por eles. A análise dessas experiências profissionais ajudou a captar a lógica das Ciências Sociais.

Além disso, as entrevistas desmistificam o processo de construção de carreiras, como uma série de procedimentos centrados em 'regrinhas' a serem seguidas. Na estrutura ocupacional há uma regra que tem resistido ao teste empírico. Olhando-se a pirâmide ocupacional de sua base ao topo identifica-se uma sólida barreira. Trata-se das dificuldades em transpor a linha que separa o trabalho manual e não-manual. Esse é um divisor que tem resistido ao tempo e que permite algum exercício de previsibilidade à análise sociológica.

Já quando se chega no trabalho qualificado ao nível do ensino de 3º grau, os limites e as fronteiras são mais tênues. Para tentar garanti-los, as profissões mais fortes recorrem ao corporativismo e ao monopólio de mercado. Esta é a maior evidência de que não há uma barreira poderosa entre elas. O estabelecimento de regras encontram maiores dificuldades de resistir ao teste empírico. Mas mesmo assim, elas sobrevivem.

Um exemplo é a regra que fixa a necessidade de se optar pela carreira acadêmica desde o início da graduação, para se ter chance real de se tornar um profissional deste segmento. As trajetórias profissionais ilustram que isto não é um fato. Do ponto de vista da análise sociológica, esta relação não se sustenta.

Entretanto, a sobrevivência dessa regra não está vinculada ao seu conteúdo científico, mas ao seu significado social. Ela existe porque organiza uma explicação para uma parte relevante das pessoas que dão vida ao mundo das Ciências Sociais. Ela pontua a forma de interação que se

estabelece aí. Quem aponta a existência da regra, o faz para se diferenciar desta conduta. Ela serve como um referencial negativo para a construção de identidades distintas. A regra é utilizada para se frisar a capacidade de realização individual, explicando o ingresso no segmento acadêmico por méritos que ultrapassam tais limitações, ou para desmerecer o ingresso de outros neste segmento. Ela é parte integrante da competição no sistema profissional.

As trajetórias profissionais seguidas pelos entrevistados a partir da conclusão do curso de Ciências Sociais estiveram sujeitas a uma variedade de eventos, todos decorrentes das diferentes interações sociais que eles foram estabelecendo nesses caminhos. As mudanças de percurso que parecem drásticas e radicais aos olhos de quem não está participando da interação, são vivenciadas de uma maneira mais tranqüila pelas pessoas que estão tomando parte nela. No lugar de uma concepção que procura enfatizar a capacidade individual de direcionar carreiras e trajetórias, eu priorizo um olhar que as identificam como decorrência das interações sociais que se estabelecem nesses percursos.

Esta tese apresenta dois diagnósticos diferentes daqueles que predominam nas Ciências Sociais sobre a profissão: um deles aponta a fraqueza das Ciências Sociais diante da competição interprofissional; o outro evidencia a competição intraprofissional, questionando a idéia de ela possa ser considerada como uma categoria unitária. A articulação dessas duas dimensões dá transparência ao dilema que a profissão vive e que convém enfrentar: como viabilizar uma composição interna de interesses diferentes, para enfrentar um situação externa adversa?

Ao analisar as Ciências Sociais dentro do sistema das profissões visualizei duas questões que me pareceram específicas da história deste sistema no Brasil. Elas referem-se à Arquitetura e ao Jornalismo.

O peso que o planejamento urbano adquiriu na política nacional entre os anos 50 e 70 deu à profissão um força

superior àquela experimentada em outros países. A conquista da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista também é uma novidade nacional se comparada com o mundo anglo-saxão, aonde se desenvolveu os estudos sobre profissões.

Esses dois exemplos colocam a possibilidade de analisarmos a problemática profissional por uma posição distinta daquela que nos habituamos a fazer. Em vez de olharmos o que não possuímos, quando nos referimos à condição profissional no Primeiro Mundo, podemos examinar qual a força das novidades locais na configuração do sistema profissional brasileiro. Essas mudanças introduzidas aqui são capazes de alterar a posição de uma profissão específica dentro deste sistema no Brasil? A Arquitetura ou o Jornalismo brasileiros podem ocupar uma posição mais forte e de mais prestígio no sistema profissional local, do que aquela ocupada pela mesma profissão nos países anglo-saxões? Como essas mudanças interagem com as conexões internacionais das profissões?

Essas são algumas das questões cuja investigação traria respostas decisivas para conhecermos o que há de força e de fraqueza no sistema profissional nacional.

ANEXOS

E

BIBLIOGRAFIA

ANEXO I

FREQUÊNCIAS ENCONTRADAS PARA A AMOSTRA DOS SOCIÓLOGOS
FILIADOS À APSERJ

Os dados abaixo foram coletados em 1990, com o objetivo de ajudar a compor o perfil dos sociólogos no Brasil. Como a associação era relativamente nova, com um número de filiados inferior a 10% do total de membros da associação paulista - a ASESP, optei por restringir a abrangência de minha pesquisa a São Paulo. Os dados coletados e processados com o apoio do Núcleo de Projetos e Pesquisas da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas, são divulgados abaixo.

Dos 140 filiados na APSERJ, uma ligeira maioria é do sexo feminino (56.4% de mulheres contra 43.6% de homens). A maior parte dos membros da associação se concentra nas faixas etárias intermediárias. Entre 35 e 44 anos de idade têm-se 44.3% da amostra e entre 45 e 54 anos têm-se 30.7%. A primeira e a última faixas etárias contam com uma participação menor de filiados. Com 34 anos ou menos encontramos 14% da amostra e com 55 anos ou mais apenas 7.8% do total.

Como indicador da mobilidade geográfica efetuada por esta população, procuramos utilizar a comparação entre o local de origem do associado e a migração para a região onde estava trabalhando. Entretanto, os dados disponíveis não são muito ilustrativos. Sabemos que do total da amostra 23.6% são brasileiros, mas não foi possível localizar qual a cidade de nascimento. Dos 52.1% que nasceram no Rio de Janeiro, 15.7% são da capital, 7.1% vieram do interior do Estado e para os demais 29.3% não há informação se nasceram na cidade do Rio de Janeiro ou no Estado do Rio. Do Nordeste vieram 10% da amostra. De São Paulo e de Minas Gerais vieram 8.6% do total de filiados. Nascidos em outros Estados têm-se 4.3% e no exterior 1.4%. A conclusão que podemos tirar

desses dados é que, pelo menos, 31.4% dos filiados da APSERJ são migrantes, tendo feito alguma mobilidade geográfica.

Quanto à faculdade onde a amostra se formou, classificamos as informações disponíveis em 4 tipos: 1) faculdades públicas no Rio de Janeiro, 2) faculdades particulares no Rio de Janeiro, 3) faculdades em outros Estados e 4) faculdades no exterior. A primeira delas concentra 70.0% do total, sendo liderada pela UFRJ com 41.8%. As privadas somam 15.0%. Os que se formaram em outros Estados são 7.9% e em outros países são 2.1%.

Quanto ao período em que os filiados se titularam sobressai a década de 70, com uma incidência maior para o segundo quinquênio. De 1971 a 1980, o curso foi concluído por 42.1% da amostra. A década de 60 formou 19.3% dos associados e anterior a esse período têm-se apenas 2.8%. A geração mais nova, que se titulou nos anos 80 colabora com 20% dos sócios da APSERJ.

O perfil dos membros da APSERJ diferencia-se do perfil dos formados em ciências sociais, onde a maioria é proveniente das faculdades particulares, com uma concentração maior no sexo feminino e com uma pirâmide etária menos inflada nas faixas intermediárias.

As informações que dispomos sobre o local de trabalho da amostra retratam a situação no mercado à época do ingresso na associação. Como a APSERJ é de criação recente, a maioria filiou-se entre 1981 e 1985 (67.1%). A partir de 1986, têm-se 20.7% das filiações. Os dados sobre mercado de trabalho falam, portanto, da década de 80.

Criamos dois tipos de classificação sobre o local de trabalho: uma segundo o setor de atividade e outra segundo o ramo e a classe de atividade. Para a primeira delas obteve-se o seguinte resultado: 62.9% da amostra trabalham no setor público, 10.7% no privado, 15.7% em instituições não-governamentais sem fins lucrativos e 0.7% no exterior. Para 10% dos filiados não há informação de trabalho, o que nos

leva a crer que não possuíam atividade profissional à época que se associaram à APSERJ.

Quanto ao ramo e classe de atividade do estabelecimento as maiores frequências encontradas foram: 25% no ensino superior, 15.7% nos órgãos da administração federal indireta, 11.4% na área de assistência e beneficiência dos serviços comunitários e sociais e 7.9% em previdência social. Nos estabelecimentos de ensino de primeiro e segundo grau têm-se 5% dos filiados.

Com frequências de 2.1% cada, temos os que trabalham no sub-grupo que aglutina imprensa rádio, TV, difusão bibliográfica, editora e gráfica; os que atuam na administração direta estadual (governo e secretarias estaduais) e na administração direta municipal (prefeitura e secretarias). Já com frequências de 1.4% temos os alocados em estabelecimentos que prestam serviços técnicos-profissionais na área de consultoria, assessoria, pesquisa, análise e processamento de dados, os que trabalham em bancos e instituições de crédito, seguros e capitalização, os vinculados à administração federal direta, os do sub-grupo da administração estadual indireta, os dos órgãos da administração municipal indireta, os das organizações internacionais ou representações estrangeiras e aqueles que atuam em indústrias de extração mineral.

Nos ramos e classes de atividades que se seguem achou-se apenas 1 filiado da APSERJ atuando, o que representa uma porcentagem de 0.7% para cada sub-grupo. Estes são: sindicatos e associações de classe, b) instituições científicas e tecnológicas, c) instituições filosóficas e culturais, d) culto e afins, e) poder legislativo, f) poder judiciário, g) serviços industriais de utilidade pública (energia elétrica e gás) e h) serviços médicos, odontológicos e psicológicos. Não há informação para 12.1% da amostra e um filiado (0.7%) trabalha no exterior, deixando de ser classificado.

Os dados sobre a ocupação que os membros da APSERJ desempenham nesses estabelecimentos demonstram que os professores universitários são o valor modal, com 20.7% do total. Classificados como assistentes, analistas e técnicos em atividades de pesquisa têm-se 13.6% que empata com os que declararam ser sociólogo sem acrescentar outra especificação (13.6%). Empatados também com 7.1% das frequências estão o sub-grupo dos professores de 1º e 2º grau (respectivamente 2.1% e 5.9%) e os que exercem funções de chefia intermediária em atividades técnicas das ciências sociais (assessores técnicos, consultores, coordenadores de pesquisa, etc.).

O restante da distribuição encontrada é a seguinte: funções burocráticas e de escritório (5.7%); pesquisadores e pós-graduandos (5.0%); ocupações auxiliares das ciências sociais - codificação, tabulação, auxiliar de pesquisa, etc. (3.6%); diretores, chefes superiores e assessores de diretoria na administração pública (2.1%); treinadores e instrutores (1.4%); escritores, jornalistas, assessores de imprensa, etc. (1.4%); administradores, gerentes e diretores em empresas (0.7%); chefes intermediários e encarregados de seção de serviços administrativos (0.7%); ocupações da medicina, como psiquiatria (0.7%); ocupações do sub-grupo dos técnicos em administração e contadores - analista de O&M, analista de pessoal, analista de RH (0.7%); sub-grupo dos advogados e procuradores (0.7%); sub-grupo dos vendedores (0.7%). Não há informação disponível para 14.3% da amostra.

As posições ocupadas pelos membros da APSERJ apresentam uma estrutura hierárquica oposta a da pirâmide tradicional, onde a base é mais larga do que o topo. As posições mais valorizadas socialmente totalizam 37% da amostra, empatando com aquelas em situações intermediárias, que somam 36.4%. As posições inferiores são 12.1% e os sem-ocupação declarada são 14.3%.

ANEXO II

AS ENTREVISTAS QUALITATIVAS E OS DEPOIMENTOS DA PARTE II

. A Negação da Identidade

Em seu depoimento, Nora disse não se considerar socióloga.

"Eu tive um desvio profissional anterior a conclusão do curso. Só sou socióloga para votar e pagar anuidade. Trabalho na área de Administração com desvio sociológico. Minha formação me colocou em conflito com a área de Administração. São princípios tayloristas. É um universo regulado pelas normas e regras, consideradas pelos pares profissionais como imutáveis. Sempre trabalhei com administração pública, no poder executivo."

"Hoje assessoro o PT na Assembléia Legislativa. O partido tem dificuldades de conviver com o lado institucional. Meu campo é administração e legislação do funcionalismo. Eu também tive dificuldades com o PT. Eu auxilio a bancada em vários campos. A primeira bancada tinha 3 parlamentares vindos da fábrica e do sindicato. Meu primeiro trabalho foi administrar esse choque de universos. Coisas como a indumentária, a maneira de falar, o regimento interno, a pauta. Eles não queriam usar paletó e gravata. Você pode perder toda uma luta por um subterfúgio regimental. Uma outra função minha é a ligação entre a Assembléia, os movimentos sociais e o partido."

"Essa é uma experiência muito rica e não é folclórica."

Embora já se perceba os conflitos interprofissionais entre a perspectiva da Sociologia e a da Administração, como parte da identidade profissional de Nora, seu depoimento foi colhido num evento público. Isto limitou o âmbito das questões comentadas. Entretanto, no relato de sua trajetória profissional fica evidenciada a forma como essas disputas são sentidas por ela. A competição inerente ao próprio sistema profissional se torna, aos seus olhos,

desvios pessoais tanto da Sociologia quanto da Administração.

. Os que Foram para a Fronteira

Flora também transferiu-se para área de História. Depois que se formou em Ciências Sociais, ingressou no curso de História da USP. Desta forma, ela visualizava melhor uma perspectiva de profissionalização. Foi trabalhar no magistério de 1º e 2º grau, em escolas particulares. Lecionava História.

"Em 87 entrei na pós da USP, em História Social. Entrei direto para o doutorado. No momento, não estou dando aula. Estou fazendo a pesquisa da minha tese e sou bolsista. Pretendo seguir a carreira acadêmica."

"Fiz magistério por uma questão de sobrevivência. Minha origem é de uma família de classe média baixa. Comecei a trabalhar com 15 anos, num escritório. Fiquei 6 anos lá e depois veio a oportunidade de dar aula. Dei 40 aulas por semana, de 82 a 87."

"Fui fazer História porque não sabia o que fazer no mercado de trabalho. A divisão das Ciências Sociais dificultou a situação. Por isso fiz outro curso de graduação, mesmo depois que terminei Ciências Sociais."

"Não sei dizer porque escolhi Ciências Sociais. Eu gostava de Filosofia. Não tinha nenhum grau de politização. Isso eu adquiri no curso. Eu moro na Zona Norte. Entrei muito crua na faculdade. Demorei alguns anos para entender alguma coisa. Acho que as Ciências Sociais não interferiram na minha situação no mercado de trabalho."

"Os filhos de profissionais liberais conseguiam circular muito melhor no curso. As pessoas de origem mais baixa acabavam abandonando. Não conseguiam circular. Fiz o curso como um instrumental para eu entrar no magistério, mas crítica, eu só fui fazer nos últimos anos da década de 80, através da pós de história. As coisas não ficam claras no

curso de Ciências Sociais. A coisa fica perdida. No ar. Não se sabe porque está lendo. Uma colega minha conseguiu um emprego no Dieese e aprendeu a profissão de socióloga ali. Conheço umas três pessoas de Ciências Sociais que estão no magistério. Tem uns que não fizeram nada com o curso."

"Meu primeiro contato com o magistério foi numa escola judaica. Foi uma experiência muito positiva. Dei OSPB."

"Sempre tive como objetivo sair do magistério. No meu horizonte, a academia é uma coisa importante. Vislumbro os institutos de pesquisa como grandes alternativas de trabalho, mas é difícil conseguir vaga. Não sei como entrar, mas a universidade abre as portas."

Flora demarca campo com as Ciências Sociais o tempo todo. Sua experiência mais positiva em História, decorrente dos espaços que encontrou para atuar no mercado de trabalho, materializam a competição interprofissional. Mas em seu discurso, ela fala de dois momentos, com duas posições distintas no campo profissional de História. Ela foi do magistério. Agora ela constrói suas perspectivas na carreira acadêmica. Alguns novos espaços se abriram. Já se capta esta transição em seu depoimento. A competição intraprofissional começa a aparecer sob o novo prisma. O magistério, cobiçado quando estudante de graduação, passa a ser visto no doutorado, como uma atividade da qual ela sempre teve o objetivo de sair.

Quando foi entrevistada, Fernanda estava empenhada em ingressar na área de informática. Era a terceira etapa de sua trajetória profissional. Depois de formada em Ciências Sociais, ela fez um curso de especialização para profissionais não-médicos e ingressou na área de Saúde. Daí dirigiu-se para a análise de sistema. O trabalho que executa tem fronteiras para ambos os lados.

"Quando estava na faculdade fiz estágios no Seade e no Metrô. Hoje estou vinculada a Secretaria de Saúde. Fiquei na área de Epidemiologia e hoje estou na área de planejamento e

informação. Entrei nesta instituição em 82, num concurso como socióloga, mas virei profissional da área de Saúde. Hoje estou trabalhando como analista."

"Faço a definição de sistemas de informação. Essa atividade é muito mais próxima da área de análise de sistema. Fiquei na área de Sociologia até 84. Era metodologia de pesquisa em Epidemiologia. A área de Informática era melhor dentro da instituição. Eu gosto mais. A maioria dos meus colegas são da Medicina e da Informática. Sociólogos são só 3."

"Eu não quero ser da área de Saúde. Meu negócio é Informática. Penso em fazer uma pós em informação."

Há dois estabelecimentos ligados ao órgão onde Fernanda trabalha, para onde ela vislumbra a possibilidade de uma transferência. Em ambos os casos, ela ficaria mais centrada nas atividades de Informática para as pesquisas de Saúde.

"O curso de Ciências Sociais foi importante para me dar uma visão analítica e abrangente. Me deu algumas ferramentas. Se eu tivesse feito economia, não serviria."

"A trajetória no mercado de trabalho é mutável. Minha idéia, quando entrei no curso de Ciências Sociais era idealista. Era escrever livro e fazer a trajetória acadêmica."

. O Distanciamento

Debora relatou sua experiência profissional na área de pesquisa em Saúde Pública para uma audiência de estudantes de Ciências Sociais. Ela se referiu a três tipos de pesquisa: 1) para analisar as condições sociais onde se desenvolvem certos tipos de patologias, 2) para subsidiar o planejamento na área e 3) para contribuir na residência médica.

Em sua opinião, "o conhecimento tem se firmado com tranquilidade."

Resumindo o desenvolvimento da área, Debora apontou as principais mudanças no enfoque disciplinar.

"Num momento passado, não se podia dizer que se trabalhava com Ciências Sociais, mas sim com comportamento. Depois se evoluiu para a Antropologia Cultural, com uma postura preventiva frente à doença." (Na fase seguinte), a Sociologia virou o grande interesse da área. Era a determinação social da doença. Mais recentemente, há um interesse pela Ciência Política. É o estudo maior da política social, da política pública. Há uma preocupação na linha da economia, da história e da filosofia. Espera-se que se conheça um pouco de tudo."

"A gente entra em conflito com o enfoque da explicação biológica, que é a dominante. Esse enfoque centra no indivíduo. O social é visto como atributo do indivíduo ou do meio-ambiente. Eles colocam a área como complementar, como aspectos sociais de (alguma coisa)."

A determinação social da doença foi citada como uma tendência dos anos 70. Relaciona-se com a realização do perfil epidemiológico.

"Há dificuldade de se trabalhar com o biólogo, por ser outra área. A área incorpora o conhecimento, mas não o pessoal. O mercado de trabalho não se alarga. (...)"

Debora informou que na universidade onde dava aulas, havia sido criado um curso de pós-graduação em saúde coletiva, com quatro áreas: 1) Epidemiologia (estudo da distribuição da doença na população), 2) Saúde e trabalho, 3) planejamento e administração na Saúde e 4) Ciências Sociais na Saúde.

Após ouvir alguns comentários sobre os problemas do curso de graduação em Ciências Sociais, onde houve referência a falta de cursos sobre o Brasil, Débora falou como uma professora.

"Teria que ter um currículo de 10 anos para se resolver tudo. Há dificuldade de absorção de profissionais na área. Deveria ter especializações na graduação."

Na conclusão de sua intervenção, ela se distinguiu daqueles que trabalham no centro do palco da profissão.

"A situação é difícil porque você sai um pouco da área das Ciências Sociais e não entra para a área da saúde 'dura'."

O lugar que Debora ocupa no sistema profissional coloca-a em conflito, ora com seus competidores na área da saúde ora com aqueles das Ciências Sociais. Ela é um professora, e a visão global que ela transmitiu do campo da Saúde Pública deixa isto evidente. Ela apresenta seu conhecimento como uma especialização que se afirmou com tranquilidade, mas aponta tensão até nesta definição. Do ponto de vista da maioria que compõe a área de saúde, o conhecimento dos profissionais oriundos das Ciências Sociais não está tão consolidado assim. Eles 'colocam a área como complementar'. Eles também esperam 'que se conheça um pouco de tudo' (economia, história, filosofia), fato que mina a idéia de especialização.

O trabalho de Debora a distancia do centro das Ciências Sociais e a proxima da competição profissional do mundo da saúde.

. A Atividade de Pesquisa de Mercado

Marcia dirige um escritório de pesquisa. Ela se formou em 59, na USP. Na sua opinião, o curso que frequentou tinha um currículo adequado. Tinha uma carga teórica grande e uma parte técnica, de estatística, análise de dados e matemática.

"Eram dois anos de estatística. Faltavam estudos sobre a realidade brasileira. O que se estudava era o período colonial. Tinha poucos estudos sobre a Primeira República, por exemplo. A crise de identidade era muito elementar. Na época, havia uns 3 ou 4 profissionais que podiam usar o título de sociólogo. Só o Fernando Henrique Cardoso, o Florestan Fernandes, o Otavio Ianni. Os bacharéis não se

sentiam no direito de usar o título de sociólogo. Usavam cientista social."

"Quando comecei minhas atividades práticas, eu namorava um arquiteto e me interessei pelo planejamento urbano. Fiz alguns cursos. Participei no Plano Diretor de Goiânia. Trabalhei na FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), na Secretaria de Educação, na Secretaria do Planejamento. Formei um escritório de pesquisa de planejamento."

"Em 68, fui para a propaganda. Eu tinha preconceito. Ri do 'Trim, um produto para os seus cabelos.'"

"(...) O planejamento era gratificante até você entregar o relatório. Depois, era frustrante por ficar na gaveta."

"Fiquei 16 anos na empresa de mercado. Foi uma experiência estimulante. Na pesquisa de propaganda você tem contato direto com o público. O planejamento era uma pesquisa com dado secundário. Hoje nós analisamos a relação dos sujeitos com os objetos. Se faz sociologia do cotidiano. O produto pode ser um produto, um candidato, um prefeito, uma cidade, etc. (...) São estudos de imagens, pesquisas motivacionais."

Este depoimento foi dado numa mesa-redonda sobre o mercado de trabalho dos cientistas sociais. Um professor universitário que tomava parte no mesmo evento, e que pertencia a uma geração mais nova do que a de Marcia, fez uma distinção do tipo de pesquisa que ele fazia. Ele apresentou seu trabalho para a audiência, denominando-o de pesquisa compromissada. Tal adjetivação provocou a reação imediata de Marcia. Ela interrogou-o, ironicamente, perguntando que tipo de metodologia era esta, que não constava entre os métodos e técnicas que fundamentam a profissão.

A competição intraprofissional se manifestou para toda a audiência ver. Se a geração de Marcia não se sentia à altura de identificar-se como socióloga, o referencial tomado como parâmetro não era o conjunto do corpo docente,

mas apenas uns 3 ou 4. Quanto ao planejamento urbano, outra área onde trabalhou, ela aponta as desvantagens que vê, quando comparado à pesquisa de mercado. As pesquisas naquele campo acabavam na gaveta, enquanto que as que ela faz hoje são apresentadas como uma especialização distinta. Trata-se de dominar um conhecimento especializado: a sociologia do cotidiano.

Miguel foi o único depoimento que obtivemos nesta área, para uma geração mais jovem. Ele se formou na PUC, em 81. Quando registramos este relato, ele trabalhava como diretor de um instituto de pesquisas eleitorais, de opinião e de mercado.

Para ele, o período em que frequentou o curso foi marcado pela abertura política e pela contestação.

"Essa conjuntura repercutiu na formação dos estudantes. A sociologia era um instrumental para a mudança da sociedade. Se tinha aversão às questões técnicas e metodológicas. Isso era relegado no currículo e pelos alunos ao 15º plano."

Depois de formado, ele trabalhou num centro de pesquisas acadêmicas. Aí ele aprendeu as técnicas qualitativas e quantitativas, participando das pesquisas das eleições de 82. Ficou neste centro até 85.

Miguel fez pós-graduação na USP e trabalhou numa equipe montada por um professor, para fazer pesquisas que auxiliassem as organizações da população. Participou de um minicenso de Diadema.

"Em 82, fiz pesquisas eleitorais para o PT. O resultado bateu com as pesquisas do Ibope e do Gallup, embora o PT não acreditasse. O resultado dava 10%."

Em 85, ele ingressou na empresa onde trabalha. Também dava aulas de metodologia num curso de sociologia.

*"O *** (instituto que dirige) tem hoje 92 funcionários mais os free-lancers (1º semestre de 90). Desses fixos, 16*

são cientistas sociais. Os outros são, principalmente, de propaganda e marketing, psicologia e administração."

"O perfil do profissional dos institutos tem mais sociólogos, mas é dividido com outras áreas. O trabalho de pesquisa é fragmentado. Há uma divisão do trabalho industrial."

"O volume de informação acumulada é muito grande. A gente tem preocupação com o acúmulo teórico em torno da questão. Há pouco avanço da produção sobre opinião pública. A maior produção está na ECA (Escola de Comunicação e Arte). As ciências sociais não dão atenção a esta questão."

Miguel ressalta a necessidade de se conhecer novas tecnologias. Na sua experiência, a imagem dos institutos como lugares onde não há espaço para a reflexão, não é verdadeira.

"Não é isso o que acontece. Há espaço para se ir além do número, da medida."

Miguel ingressou na área da pesquisa de mercado, vindo de uma experiência profissional na atividade acadêmica. Ao contrário da maioria dos relatos que registramos na pesquisa de mercado, ele fez parte de um grupo que pretendia seguir a trajetória acadêmica. Ele teve ingresso nesta área. Seu depoimento não se refere à questão da academia ser um grupo fechado, como aparece nas experiências de Mirna e Monica.

Além disso, é de uma geração que vivenciou os estereótipos da competição profissional de uma outra forma. Sua atividade já não ganha mais o rótulo de ser feita por quem se vende ou se prostituiu no mercado. A competição intraprofissional se adapta aos novos tempos. Miguel contesta a versão de que os institutos são lugares onde não há espaço para a reflexão. Obviamente, o referencial distintivo para este tipo de classificação é o meio acadêmico. No olhar de Miguel, é de lá que parte esta imagem estereotipada, que usa a reflexão como um campo divisor de águas.

. O Segmento Acadêmico

Resumo das intervenções feitas em uma das mesas-redondas do seminário sobre o mercado de trabalho dos cientistas sociais, realizado na PUC/SP, em 1990. Os nomes dos participantes são fictícios.

Alice coordenou e abriu a mesa. Sua apresentação concentrou-se na crise nas Ciências Sociais. Comentou-a relacionando com a necessidade de se resolver a questão da identidade profissional. Apontou mudanças nos valores e nas condições de inserção desses profissionais no mercado de trabalho, que estariam atuando sobre essa identidade.

De acordo com sua interpretação, antes da crise, "*os cientistas sociais eram pessoas picadas pela mosca da inteligentsia. Para a Sociologia se colocava a discussão se ela deveria ser regulamentada como profissão, ou se deveria ficar a margem da sociedade para estudá-la.*"

Naquele período, segunda ela, predominava o embate entre a Sociologia da ordem e a da mudança. Eram intelectuais orgânicos e hoje são uma categoria de trabalhador como as outras. "*São profissionais de classe média que abandonaram as perspectivas de mudança social.*"

Paulo foi o segundo a intervir. Em sua análise, referiu-se ao magistério e a atividade de escrever livros como a tradição da profissão, algo que havia ficado para trás. "*Na ditadura os sociólogos se entrincheiraram.*"... "*Os cursos se massificaram com a ditadura. O mercado de trabalho se abriu para os profissionais.*"

Ele comentou as perspectivas organizacionais a curto prazo, divulgando a fundação da Federação dos Sociólogos no Pará, na época, prevista para breve. A pauta de reivindicações que ele apresentou fala principalmente da posição desfavorável dos sociólogos no mercado de trabalho. As cinco principais reivindicações eram: piso salarial, equiparação com outras profissões superiores, quadro de

carreira, ensino de Sociologia no 1º e 2º graus, debate da pós-graduação.

Para Paulo, o desafio colocado aos sociólogos era *"aliar o saber, o instrumental técnico, crítico, e a atuação na sociedade. Uma ética direcionada em prol da sociedade."*

Alberto foi o terceiro a intervir. Tal como Paulo, ele também havia sido convidado como representante de uma entidade. Só que esta congregava cientistas sociais com vínculos acadêmicos.

Ele apontou a existência de problemas causados pela diversificação da área tanto ao nível disciplinar quanto ao nível do mercado profissional. Mas em sua intervenção, iria ater-se ao primeiro aspecto. Sua fala foi duplamente acadêmica, refletindo dois papéis nessa área: um como professor universitário e outro como um dos representantes do segmento. Sua análise das Ciências Sociais se contrapunha a dois diagnósticos, também acadêmicos, sobre a crise na disciplina. Um deles falava em crise paradigmática e o outro opunha-se a visões que identificavam uma crise distinta de outras anteriores.

O resumo que fez da primeira parte de sua intervenção ilustra de que posição ele falava para aquela audiência. É uma análise abrangente, que articula uma multiplicidade de fatores, numa linguagem característica de quem ensina, formulando questões, fazendo diagnósticos e propondo respostas.

"As Ciências Sociais hoje estão submetidas a um conjunto muito forte de tensões que derivam desses vários aspectos: dos paradigmáticos, da perda de progressividade dos programas de pesquisa, das transformações do campo epistêmico, das mudanças institucionais e das transformações sociais de grande envergadura."

"Vou falar de dois pontos: dos terremotos ocorridos no campo epistêmico e das transformações sociais."

O primeiro ponto mostrava as Ciências Sociais sacudida pelo terremoto causado pelos avanços na Metodologia da

Ciência, na Filosofia da Ciência e na História da Ciência. Para Alberto, isto abole o caráter normativo do bom comportamento do cientista no que se refere aos métodos. *"Como consequência surgem muitos rigores. Não existe um rigor que hierarquize os outros. Há um enorme dinamismo."*

Outra questão que apontava, era a tensão criada pelas mudanças nos instrumentos de trabalho e pelos avanços no campo das Ciências Naturais, implodindo teorias sociais apoiadas em idéias funcionais. Referia-se também ao impacto da Linguística nas Ciências Sociais.

Sua análise até então refletia a competição ao nível interdisciplinar. A segunda parte fez a transição para as conclusões, onde se registra o falar posicionado de um representante do meio acadêmico das Ciências Sociais, na defesa do núcleo da disciplina com que trabalha.

No segundo ponto, enfocou a crise da modernidade, decorrente da *"mudança de fundo na idéia de tempo, de espaço, de dinheiro. A idéia de tempo e de espaço se modifica com o fax, com o estar 'on line'. A distância desaparece. O dinheiro não é mais uma unidade de medida nem uma reserva de valor."*

Nas conclusões, falou da *"teoria explicada por múltiplos rigores e múltiplas fronteiras, sem totalizações."* *"As Ciências Sociais aparecem fragmentadas, em desordem, espelhando a crise do mundo contemporâneo, a era da pós-modernidade." ... "Essa é a consciência crítica do nosso tempo, de um mundo esquizofrênico."*

"A situação do Brasil é mais dramática. Não terminamos com as tarefas críticas da modernidade e já estamos submetidos às tensões de um mundo novo. A situação é estimulante. Não há estagnação nem rotina nas Ciências Sociais. É um momento fecundo e rico de possibilidades."

A intervenção de Alice analisa a profissão sob o impacto das transformações nas condições de trabalho e na mudança de valores entre as gerações de profissionais. Para ela, esses fatores provocam uma crise de identidade. Sua

fala ataca esta forma de se fazer Ciências Sociais. A questão que aparece como paradigmática na intervenção de Alberto, adquire um conteúdo ideológico na de Alice. Ela entra no ataque aos caminhos escolhidos pela profissão, que teria perdido sua característica de consciência crítica da sociedade. Alberto entra na defesa da disciplina procurando apresentá-la como a consciência crítica de um tempo novo e diferente.

Acácio foi o último professor a expor suas idéias sobre os desafios históricos à profissão na mesa do debate. Sua intervenção segue o padrão acadêmico, do discurso globalizante, analítico e ainda adquire a conotação mediadora para a platéia.

Ele vê uma crise induzida nas Ciências Sociais, puxada de fora. "É uma vulnerabilidade não passiva à crise". Tem relação com os múltiplos papéis dos sociólogos. "Competem a eles exprimir, explicar, estudar, intervir. No texto da regulamentação da profissão compete ao sociólogo 'tudo atinente a realidade social'". Há ambiguidade. "Toda intervenção social gera um conhecimento. Todas as formas de atuação do sociólogo implicam em cientificidade."... "Há uma tensão entre a especialidade da Sociologia e a universalidade do saber e da intervenção."... "Não dá para separar os desafios à ciência e à profissão, nem os desafios institucionais dos desafios teóricos."

TABELA VI
TITULAÇÕES EM CIÊNCIAS SOCIAIS (1), SEGUNDO O GRAU OBTIDO E O SEXO DOS ALUNOS: 1970/71 A 1987/88

ANO	BACHAREIS			MESTRES			DOCTORES		
	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES
1970/71	155.236	98.090	57.146	16.476	11.779	4.697	3.659	3.152	507
1971/72	158.037	100.879	57.158	17.416	12.517	4.899	4.078	3.480	598
1972/73	155.922	99.704	56.218	17.288	12.529	4.759	4.230	3.569	661
1973/74	150.298	95.637	54.661	17.249	12.289	4.960	4.123	3.382	741
1974/75	135.165	84.813	50.352	16.892	11.826	5.066	4.209	3.332	877
1975/76	126.287	78.523	47.664	15.824	10.831	4.993	4.154	3.259	895
1976/77	116.879	71.006	45.873	15.395	10.340	5.055	3.784	2.949	835
1977/78	112.827	67.144	45.683	14.578	9.751	4.827	3.583	2.713	870
1978/79	107.922	62.765	45.157	12.807	8.300	4.507	3.358	2.492	866
1979/80	103.519	58.434	45.085	12.101	7.746	4.355	3.219	2.347	872
1980/81	100.345	56.039	44.306	11.855	7.403	4.452	3.114	2.269	845
1981/82	99.545	55.111	44.434	11.892	7.408	4.484	3.061	2.237	824
1982/83	95.088	52.708	42.380	11.112	6.916	4.196	2.931	2.042	889
1983/84	93.212	52.102	41.110	10.465	6.496	3.969	2.911	2.030	881
1984/85	91.461	51.172	40.289	10.380	6.400	3.980	2.851	1.933	918
1985/86	93.703	52.654	41.049	10.428	6.339	4.089	2.955	1.970	985
1986/87	96.185	53.879	42.306	10.397	6.294	4.103	2.916	2.026	890
1987/88 ²	100.270	56.297	43.973	10.293	6.235	4.058	2.783	1.851	932

1) Inclui graus em Ciências Sociais, Antropologia, Arqueologia, Economia, História, Geografia, Ciência Política, Administração Pública (Government), Sociologia, Criminologia, Relações Internacionais, Estudos Urbanos, Demografia e outras Ciências Sociais.

2) Dados Preliminares.

FONTE: U.S. Department of Education, National Center for Education Statistics
Statistical Abstract of the United States, 1990.

TABELA VII
 TITULAÇÕES CONFERIDAS EM EDUCAÇÃO, SEGUNDO O GRAU OBTIDO E O SEXO DOS ALUNOS: 1949/50 A 1987/88

ANO	BACHAREIS			MESTRES			DOCTORES		
	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES
1949/50	61.472	31.398	30.074	20.069	12.025	8.044	953	797	156
1959/60	89.421	25.838	63.583	33.512	18.126	15.386	1.590	1.281	309
1967/68	134.905	32.492	102.413	63.503	30.798	32.705	4.079	3.249	830
1969/70	165.453	41.347	124.106	79.349	35.451	43.898	5.894	4.698	1.196
1970/71	176.451	45.094	131.357	88.952	38.977	49.975	6.403	5.045	1.358
1971/72	191.220	49.537	141.683	98.143	41.816	56.327	7.044	5.384	1.660
1972/73	194.229	51.441	142.788	105.565	44.128	61.437	7.318	5.504	1.814
1973/74	185.225	49.160	136.065	112.610	45.124	67.486	7.293	5.310	1.977
1974/75	167.015	44.557	122.458	120.169	45.421	74.748	7.446	5.147	2.299
1975/76	154.807	42.070	112.737	128.417	45.796	82.621	7.778	5.179	2.599
1976/77	143.722	39.942	103.781	126.825	43.288	83.537	7.963	5.189	2.774
1977/78	136.141	37.484	98.657	119.038	38.413	80.625	7.595	4.634	2.961
1978/79	126.109	33.819	92.290	111.995	35.143	76.852	7.736	4.472	3.264
1979/80	118.169	30.922	87.247	103.951	31.020	72.931	7.941	4.419	3.522
1980/81	108.309	27.076	81.233	98.938	28.256	70.682	7.900	4.164	3.736
1981/82	101.113	24.402	76.711	93.757	25.953	67.804	7.680	3.950	3.730
1982/83	97.991	23.670	74.321	84.853	23.232	61.621	7.551	3.764	3.787
1983/84	92.382	22.215	70.167	77.187	21.581	55.606	7.473	3.703	3.770
1984/85	88.161	21.264	66.897	76.137	20.945	55.192	7.151	3.419	3.732
1985/86	87.221	20.986	66.235	76.353	20.719	55.634	7.110	3.315	3.795
1986/87	87.115	20.770	66.345	75.501	19.642	55.859	6.909	3.117	3.792
1987/88 *	91.013	21.005	70.008	77.704	19.383	58.321	6.544	2.944	3.600

* Dados preliminares.

FONTE: U.S. Department of Education, National Center for Education Statistics, Statistical Abstract of the United States, 1990.

TABELA VIII

TITULAÇÕES CONFERIDAS EM ADMINISTRAÇÃO, SEGUNDO O GRAU OBTIDO E O SEXO DOS ALUNOS; 1955/56 A 1987/88

ANO	BACHARELS			MESTRES			DOCTORES		
	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES
55/56	42.813	38.706	4.107	3.280	3.118	162	129	127	2
57/58	51.991	48.063	3.928	4.223	4.072	151	110	105	5
59/60	52.110	48.265	3.845	4.814	4.645	169	138	136	2
61/62	52.139	48.236	3.903	5.401	5.221	180	232	227	5
63/64	59.198	54.692	4.506	6.513	6.310	203	281	274	7
65/66	63.639	58.376	5.263	13.142	12.806	336	402	385	17
67/68	80.138	73.147	6.991	19.048	17.431	617	456	442	14
69/70	105.580	96.346	9.234	21.561	20.792	769	620	610	10
70/71	114.865	104.404	10.461	26.481	25.443	1.038	807	784	23
71/72	121.360	109.776	11.584	30.367	29.166	1.201	896	876	20
72/73	126.263	112.897	13.366	31.007	29.481	1.526	923	871	52
73/74	131.766	114.850	16.916	32.644	30.491	2.153	981	931	50
74/75	133.010	111.411	21.599	36.247	33.185	3.062	1.009	968	41
75/76	142.379	114.267	28.112	42.512	37.559	4.953	953	901	52
76/77	150.964	115.526	35.438	46.420	39.766	6.654	863	809	54
77/78	160.187	116.579	43.608	48.326	40.150	8.176	866	794	72
78/79	171.764	119.227	52.537	50.372	40.701	9.671	860	760	100
79/80	185.361	122.897	62.464	55.006	42.722	12.284	792	677	115
80/81	199.338	125.795	73.543	57.898	43.394	14.504	842	717	125
81/82	214.001	129.668	84.333	61.299	44.243	17.056	855	704	151
82/83	226.893	131.718	95.175	65.319	46.457	18.862	809	673	236
83/84	230.031	129.909	100.122	66.653	46.565	20.088	977	775	202
84/85	233.351	128.032	105.319	67.527	46.624	20.903	866	718	148
85/86	238.160	129.271	108.889	67.137	46.288	20.849	969	759	210
86/87	241.156	128.958	112.198	67.496	45.211	22.285	1.098	839	259
87/88 *	243.344	129.764	113.580	69.630	46.282	23.348	1.109	853	256

* Dados Preliminares.

FONTE: U.S. Department of Education, National Center for Education Statistics, Statistical Abstract of the United States, 1990.

TABELA IX
TITULAÇÕES CONFERIDAS EM COMUNICAÇÕES (1), SEGUNDO O GRAU E O SEXO DOS ALUNOS: 1970/71 A 1987/88

ANO	BACHAREIS			MESTRES			DOCTORES		
	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES
1970/71	10.802	6.989	3.813	1.856	1.214	642	145	126	19
1971/72	12.340	7.964	4.376	2.200	1.443	757	111	96	15
1972/73	14.317	9.074	5.243	2.406	1.546	860	139	114	25
1973/74	17.096	10.536	6.560	2.640	1.668	972	175	146	29
1974/75	19.248	11.455	7.793	2.794	1.618	1.176	165	119	46
1975/76	21.282	12.458	8.824	3.126	1.818	1.308	204	154	50
1976/77	23.214	12.932	10.282	3.091	1.719	1.372	171	130	41
1977/78	25.400	13.480	11.920	3.296	1.673	1.623	191	138	53
1978/79	26.457	13.266	13.191	2.882	1.483	1.399	192	138	54
1979/80	28.616	13.656	14.960	3.082	1.527	1.555	193	121	72
1980/81	31.282	14.179	17.103	3.105	1.448	1.657	182	107	75
1981/82	34.222	14.917	19.305	3.327	1.578	1.749	200	136	64
1982/83	38.602	16.185	22.417	3.604	1.661	1.943	214	126	88
1983/84	40.165	16.647	23.518	3.656	1.600	2.056	219	131	88
1984/85	42.083	17.238	24.845	3.669	1.576	2.093	234	143	91
1985/86	43.091	17.647	25.444	3.823	1.610	2.213	223	116	107
1986/87	45.408	18.155	27.253	3.937	1.606	2.331	275	158	117
1987/88 ²	46.705	18.588	28.117	3.932	1.574	2.358	236	128	108

1) Inclui graus em Comunicações em geral, Jornalismo, Radio-Televisão, Propaganda, Mídia e outras Comunicações.

2) Dados preliminares.

FONTE: U.S. Department of Education, national center for education Statistics, Statistical Abstract of the United States, 1990.

TABELA X
EVOLUÇÃO DOS TITULADOS EM SOCIOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA POLÍTICA E ECONOMIA, NOS ESTADOS UNIDOS, SEGUNDO O GRAU DE ESCOLARIDADE

ANO	SOCIOLOGIA		HISTÓRIA		POLÍTICA*		ECONOMIA	
	GRADUAÇÃO MESTRADO	DOCTORADO	GRADUAÇÃO MESTRADO	DOCTORADO	GRADUAÇÃO MESTRADO	DOCTORADO	GRADUAÇÃO MESTRADO	DOCTORADO
49/50	7470	552	13142	1801	6336	710	14268	221
50/51	6648	517	15187	1845	5225	525	14893	227
51/52	5592	440	15187	1845	4911	493	14893	227
52/53	5278	402	14510	1720	5114	534	13718	209
53/54	6558	397	15240	1797	5633	503	14553	223
54/55	7147	448	14737	1794	6596	722	14853	224
55/56	6120	578	17340	2163	8326	839	14853	224
56/57	10943	646	23858	2705	12126	1163	10284	231
57/58	18038	981	28612	3683	15242	1459	12527	232
58/59	21710	1193	33791	4845	20387	1937	15133	1916
59/60	30426	1813	42288	5049	25711	2138	17197	1888
60/61	33293	1808	44663	5257	27482	2338	18178	1895
61/62	35216	1944	48895	5217	28135	2451	18770	2224
62/63	38436	1923	48943	5030	30190	2388	19770	2224
63/64	35491	1836	37549	4833	30744	2448	18205	2141
64/65	31488	1612	34473	4326	25125	2232	14946	2127
65/66	27634	1509	28450	3658	23102	2191	14741	2067
66/67	24710	1330	25433	3393	22411	2222	15290	2184
67/68	27750	1611	27104	3033	26069	2059	15651	1855
68/69	26225	1415	25019	2836	23628	2037	16409	1955
69/70	28821	1541	32101	2267	28457	1930	17863	1821
70/71	17270	1240	18201	2237	23977	1879	14703	1811
71/72	16542	1145	17168	2210	26858	1954	13846	1864
72/73	14105	1112	14565	2040	23791	1829	13846	1864
73/74	13145	1068	15842	1837	25713	1789	20513	1972
74/75	11968	1022	15048	1821	25334	1800	20911	1891
75/76	12271	965	16413	1859	26439	1704	20911	1892
76/77	13231	950	16588	2023	26234	1618	21602	1937
77/78	13500	982	18154	2092	27200	1577	22337	1855
78/79**							22950	1831

* A coluna refere-se aos cursos de Ciência Política e Government, incluindo Administração Pública e Relações Internacionais.
** Dados preliminares.

Fonte: U.S. Department of Education, National Center for Education Statistics, Digest of Education Statistics, 1980.

TABELA IX

RECURSOS FEDERAIS PARA PESQUISA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS,
ESTADOS UNIDOS, 1980/1990 (EM MILHÕES DE DÓLARES)

ANO	SOCIOLOG.	ANTROPOL.	POLÍTICA	ECONOMIA	C.SOCIAIS*
1980	71	17	12	193	524
1981	65	15	11	207	497
1982	52	15	8	157	386
1983	68	13	11	166	435
1984	70	19	11	147	436
1985	66	18	15	160	460
1986	67	14	12	131	416
1987	74	15	11	149	480
1988	71	15	13	158	486
1989 est.	74	16	12	152	495

* Refere-se ao total das Ciências Sociais.

FONTE: Statistical Abstract of the United States, 1990.

TABELA XII

ESTIMATIVA DAS CARACTERÍSTICAS DOS ENGENHEIROS E CIENTISTAS EMPREGADOS: 1986

(Distribuição percentual. Representa o total de empregos em Ciências e Engenharia nos Estados Unidos)

CARACTERÍSTICA	TOTAL ENGENHARIA	BIO-MÉDICA	COMPUTAÇÃO CÍEN.	FÍSICAS	CIÊNCIAS SOCIAIS		PSICOLOGIA	MEIO-AMBIENTE MATERÁTICA	
					TOTAL	ECONOMIA		OUTRAS	
TOTAL(1.000)	4627	2440	412	563	288	428	254	111	131
HOMEIS	84.9	95.9	75.0	71.1	86.4	68.7	54.6	88.4	74.1
MULHERES	15.1	4.1	25.0	28.9	13.6	31.3	45.4	11.6	25.9
TITULAÇÃO									
DOUTORADO	13.3	4.3	39.5	3.4	39.6	23.0	38.5	18.4	30.7
MESTRADO	23.6	23.0	21.4	25.2	20.3	22.1	26.6	31.1	33.7
BACHARELADO	55.1	59.9	44.6	69.9	38.0	51.7	32.4	48.2	34.1
OUTROS	8.0	12.8	4.5	1.5	2.1	3.2	2.6	2.2	1.6
EMPREGADOR									
INDUSTRIA	67.8	79.5	57.2	78.2	56.6	50.4	40.2	58.5	41.9
INST. EDUCAÇÃO	13.6	4.1	35.9	6.7	24.7	26.4	31.3	16.4	44.8
ORG. SEM LUCRO	3.6	1.5	7.0	2.5	3.3	6.4	17.9	1.2	2.1
GOV. FEDERAL	7.7	7.6	10.3	6.8	10.3	5.1	2.7	15.8	8.5
FORÇAS ARMADAS	0.6	0.8	0.4	0.5	0.3	0.3	0.3	1.3	0.4
GOV. EST/LOCAL	5.0	4.9	7.7	3.7	9.9	9.9	5.8	5.3	1.7
OUTROS	1.6	1.7	1.5	1.6	1.5	1.5	1.8	1.5	0.6

FONTE: U.S. National Science Foundation, U.S. Scientists and Engineers: 1986.

TABELA XIII

OCUPAÇÃO DAS BACHARELIS DE 1985/86, 1 ANO APÓS A GRADUAÇÃO, SEGUNDO O CAMPO DE ESTUDO E A ÁREA OCUPACIONAL: 1987
(Em porcentagem)

ÁREA OCUP. EM 6/87	TODOS CAMPOS ADMINISTR. EDUCAÇÃO ENGENHARIA SAÚDE SERV.SOC. CIÊNCIAS MATEMÁT. C.SOCIAIS HUMANAS PSICOLÓG. COMÉRCIO OUTRAS **											
	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	
TOTAL	53	52	75	71	49	28	59	32	39	40	47	100
Prof. Lib. Tec. Mz.	19	46	4	5	9	4	6	18	9	12	19	13
Administrativas	10	1	66	2	4	7	8	6	12	10	2	7
Educadores	6	1	***	57	***	***	6	***	***	***	1	1
Engenheiros	5	***	1	***	1	2	***	***	***	5	***	3
Profissões Saúde	2	***	2	***	1	2	***	4	7	7	1	5
Serv. Soc. e Público	***	***	***	***	***	4	***	***	***	***	***	1
Biólogos e afins	5	3	***	3	***	***	35	1	1	1	1	1
Matem./Comput./Físic	1	***	***	***	***	***	***	1	4	***	20	***
Comunicações	1	***	1	1	1	1	***	***	6	1	1	3
Escritores	3	1	1	4	7	10	4	3	1	4	1	5
Técnicos	31	27	15	18	9	28	25	40	38	40	41	47
Sem Qualif. Superior	4	4	3	4	2	4	4	6	7	5	3	4
Desempregadas	11	6	6	7	10	19	10	21	15	15	3	12

* Além de Matemática, inclui Computação e Ciências Físicas.

** Outras inclui os estudos relacionados à Agricultura, Economia Doméstica, Direito, Biblioteconomia, Recreações, Estudos Sociais, Serviços de Proteção.

*** Menos de 0.5%

Fonte: U.S. Department of Education, National Center for Education Statistics, Statistical Abstract of the United States, 1990.

TABELA XIV
DISTRIBUIÇÃO DOS DOUTORES EM SOCIOLOGIA SEGUNDO O TIPO DE EMPREGADOR

TIPO DE EMPREGADOR	TOTAL	HOMENS	MULHERES	MEDIA DE IDADE	ANOS DE EXPERIENCIA (média)
1981					
EDUCAÇÃO	74.3	75.6	70.5	44.4	14.5
Junior Colleges	2.4	2.5	2.2	47.0	14.7
NEGOCIOS/INDUSTRIA	5.0	5.4	3.8	39.4	12.2
ORG.SEM FINS LUCR.	6.2	4.9	9.8	42.5	12.2
GOVERNO	7.6	7.4	8.1	38.9	21.1
OUTROS	0.3	0.5	--	51.1	29.2
SEM EMPREGO	6.5	6.1	7.7	69.4	
TOTAL (Nº CASOS)	10.578	7.787	2.795		
1975					
EDUCAÇÃO	84.3	85.8	78.7	44.2	14.4
Junior College	1.6	1.2	3.2	43.4	17.5
NEGOCIOS/INDUSTRIA	1.2	1.1	1.8	61.3	22.5
ORG.SEM FINS LUCR.	3.4	2.7	5.9	44.8	14.4
GOVERNO	5.1	5.2	4.7	47.0	16.0
OUTROS	0.2	0.3	--	32.5	7.5
SEM EMPREGO	5.8	4.9	8.9	68.3	30.4
TOTAL (Nº CASOS)	7.092	5.630	1.462		
§ MUDANÇA					
EDUCAÇÃO	31.4	21.9	71.1		
(N)	5.980	4.829	1.151		
Junior College	116.2	174.3	29.7		
(N)	117	70	47		
NEGOCIOS/INDUSTRIA	502.2	582.3	311.5		
(N)	88	62	26		
ORG.SEM FINS LUCR.	176.9	152.0	220.9		
(N)	238	152	86		
GOVERNO	121.5	96.2	229.0		
(N)	362	293	69		
SEM EMPREGO	69.6	71.6	65.4		
(N)	408	278	130		
TOTAL	49.2	38.3	91.2		
(N)	7.092	5.630	1.462		

FONTE: "Employment patterns in Sociology: recent trends and future prospects", Bettina J. Huber, ASA, 1985.

TABELA XV
DISTRIBUIÇÃO DOS DOCTORES EM CIÊNCIAS SOCIAIS SEGUNDO O TIPO DE EMPREGADOR

TIPO DE EMPREGADOR	TOTAL	HOMENS	MULHERES	MEDIA DE IDADE	ANOS EXPERIENCIA (média)
1981					
EDUCAÇÃO	69.5	70.3	65.9	43.8	18.2
Junior College	2.2	2.1	2.8	46.0	14.5
NEGOCIOS/INDUSTRIA	8.5	8.9	6.4	39.9	15.0
ORG.SEM FINS LUCR.	4.1	3.5	7.1	42.2	14.7
GOVERNO	10.4	10.7	8.9	41.2	14.5
OUTROS	1.2	1.3	0.3	39.4	13.0
SEM EMPREGO	6.3	5.3	11.4	66.7	37.0
TOTAL (N° CASOS)	55.717	46.392	9.325		
1975					
EDUCAÇÃO	75.5	75.8	73.4	42.9	13.9
Junior College	1.4	1.3	2.5	46.0	18.9
NEGOCIOS/INDUSTRIA	5.5	5.9	3.0	39.6	16.6
ORG.SEM FINS LUCR.	4.1	3.9	5.5	41.1	14.2
GOVERNO	8.8	9.1	6.3	41.6	13.7
OUTROS	0.1	0.1	0.1	33.5	8.2
SEM EMPREGO	6.0	5.2	11.6	67.8	31.8
TOTAL (N° CASOS)	37.998	33.279	4.711		
% MUDANÇA					
EDUCAÇÃO	35.1	29.3	77.8		
(N)	28.679	25.223	3.456		
Junior College	127.2	130.4	115.8		
(N)	548	428	120		
NEGOCIOS/INDUSTRIA	124.0	109.7	320.3		
(N)	2.108	1.965	143		
ORG.SEM FINS LUCR.	46.4	25.0	153.3		
(N)	1.564	1.303	261		
GOVERNO	73.0	62.6	179.1		
(N)	3.337	3.041	296		
SEM EMPREGO	54.3	42.0	93.2		
(N)	2.286	1.738	548		
TOTAL	46.6	39.4	97.9		
(N)	37.998	33.279	4.711		

FONTE: "Employment patterns in Sociology: recent trends and future prospects",
Bettina J. Huber, American Sociological Association, 1985.

TABELA XVI
EXPANSÃO DO CORPO DISCENTE DE CIÊNCIAS SOCIAIS - BRASIL - 1948/1987

ANO	MATRICULA			CONCLUSOES ANO ANTERIOR		
	TOTAL	MASCULINO	% FEM.	TOTAL	MASCULINO	% FEM.
1948	141	82	42%	12	8	33%
1949	168	92	45%	14	9	36%
1950	130	80	38%	22	11	50%
1951	152	88	42%	24	13	46%
1952	166	92	45%	18	9	50%
1953	268	173	35%	20	16	20%
1954	333	219	34%	54	32	41%
1955	387	233	40%	73		
1956	536	273	49%	68	41	40%
1959	1.154	571	51%	125	52	58%
1960	1.378	641	53%	171	70	59%
1961	1.712	766	55%	208	74	64%
1962	2.179			304	109	64%
1964	1.944	687	65%	249	59	76%
1966	4.460	1.595	64%	403	128	69%
1968	5.769	1.471	75%	798		
1971	9.434	2.775	58%	1.258	316	75%
1972	10.583	3.302	69%	1.690	414	76%
1973	10.476	2.605	75%	1.826		
1975	10.991			2.530		
1978	12.526			1.813		
1979	14.516			2.067		
1980	14.090			1.986		
1983	15.637			2.180		
1985	14.035			2.006		
1986	14.802			2.148		
1987	15.161			1.837	474	74%

FONTE: Serviço de Estatística da Educação e Cultura - Ministério da Educação

TABELA XVII
DIPLOMADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS NA USP - 1936/1955

ANO	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
1936	1		1
1937	9	8	17
1938	5	4	9
1939	1	2	3
1940	1	4	5
1941	1	12	13
1942	7	8	15
1943	3	2	5
1944	10	2	12
1945	6	2	8
1946			
1947	7	2	9
1948	4		4
1949	4	2	6
1950	5	6	11
1951		5	5
1952	5	1	6
1953	1		1
1954	9	4	13
1955	6	1	7
TOTAIS	85	65	150
EM %	57%	43%	100%

Fonte: Miceli, Sergio - Condicionantes do desenvolvimento da das Ciências Sociais no Brasil, 1930/1964, in Revista Brasil Ciências Sociais, n.5, ANPOCS, 1987.

TABELA XVIII
 EXPANSÃO DO NÚMERO DE CURSOS E DO CORPO DOCENTE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
 BRASIL - 1948/1986

ANO	Nº CURSOS	CORPO DOCENTE		% FEM.
		TOTAL MASCULINO	TOTAL FEM.	
1948	7	75	64	15%
1949	7	78	72	8%
1950	8	96	91	5%
1951	9	128	116	9%
1952	11	144	132	8%
1953	12	135	115	15%
1954	14	181	161	11%
1955	20	231	203	12%
1956	19	238	212	11%
1960	31	364	318	13%
1961	35	391	329	16%
1962	41	497	413	17%
1963	48	574	432	25%
1968	60	977	712	27%
1971	65	1.168	782	33%
1973		1.216	727	40%
1974	75			
1975	76			
1978	70			
1979	69			
1980	69			
1983	71			
1985	70			
1986	69			

FONTE: Serviço de Estatística da Educação e Cultura - Ministério da Educação.
 Para os primeiros anos os dados foram retirados da publicação periódica "Ensino no Brasil". Os demais foram extraídos da série "Sinopse do Ensino Superior".
 A partir de 1973, essas sinopses não apresentam o corte por sexo no corpo docente e a partir de 1978, os dados limitam-se a expansão dos cursos e do corpo discente

TABELA XIX
EXPANSÃO DO CORPO DISCENTE NOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO
BRASIL - 1948/1978

ANO	Nº CURSOS	MATRICULAS		%	CONCLUSÕES ANO ANTERIOR		%
		TOTAL	MASCULINO		FEM. (♀)	TOTAL	
1948		25	25	0%	25	25	0%
1954	4						
1955	4	291	252	13.40%	12	10	15.56%
1956	4	605	546	9.75%	29	23	20.69%
1957		771					
1958	6	779	720	7.57%	97	77	20.61%
1959	6	848	775	8.61%	48	38	20.83%
1960	9	904	818	9.31%	141	123	12.76%
1961	10	1.073	940	12.40%	130	119	8.46%
1962	9	1.077			123	112	8.94%
1963	13	1.719			188	170	9.57%
1964	18	2.558	2.137	16.46%			
1980	251	134.742			21.746		
1982	264	134.889			21.828		
1986	261	147.271			19.650		
1987	270	153.978			20.206		

Fonte: Serviço de Estatística da Educação e Cultura - Ministério da Educação

TABELA XX
EXPANSÃO DO CORPO DISCENTE NOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
BRASIL - 1948/1987

ANO	MATRICULAS		CONCLUSOES ANO ANTERIOR	
	TOTAL MASCULINO	% FEM.	TOTAL MASCULINO	% FEM.
1948	354	17%		
1949	461	17%	15	
1950	643	19%	133	24%
1951	500	25%	81	16%
1952	400	25%	130	22%
1953	356	33%	41	32%
1954	354	37%	78	31%
1955	324	43%	35	49%
1956	322	41%	76	53%
1959	466	43%	65	42%
1960	490	45%	92	41%
1961	517	44%	96	40%
1962	689		87	53%
1964	772	50%	110	55%
1966	1.316	61%	224	57%
1968	1.742	78%	272	
1971	3.410	49.5%	603	63%
1972	3.462	61%	409	64%
1973	4.855	64%	555	
1975	8.325		900	
1978	20.649		2.906	
1979	20.776		3.047	
1980	20.543		3.305	
1983				
1985	32.950		5.174	
1986	35.365		5.029	
1987	36.958		5.175	60%
			2.720	

FONTE: Serviço de Estatística da Educação e Cultura - Ministério da Educação

TABELA XXI
EXPANSÃO DO CORPO DISCENTE NOS CURSOS DE ECONOMIA - BRASIL - 1948/1987

ANO	MATRICULAS		CONCLUSÕES ANO ANTERIOR
	TOTAL	% FEM.	
1948	1.760	4%	TOTAL MASCULINO % FEM.
1949	2.295	5%	392 372 5%
1950	2.461	5%	471 447 5%
1951	2.440	5%	475 462 3%
1952	2.523	6%	524 501 4%
1953	2.721	6%	503 469 7%
1954	3.083	6%	509 482 5%
1955	3.551	6%	544 514 6%
1956	4.076	6%	607 574 5%
1959	5.475	6%	787 738 6%
1960	5.981	6%	817 773 5%
1961	6.911	6%	735 671 9%
1962	8.131		832 825 6%
1964	9.028	7%	1.250 1.155 8%
1966	13.847	9%	1.948 1.789 8%
1968	16.961	9%	2.497
1971	21.175	13%	4.298 3.744 13%
1972	21.417	17%	4.966 4.385 12%
1973	26.862	18%	6.428
1975	35.269		6.346
1978	54.120		7.407
1979	59.541		8.177
1980	62.012		9.501
1983			
1985	64.863		8.066
1986	64.099		7.817
1987	67.152		

FONTE: Serviço de Estatística da Educação e Cultura - Ministério da Educação

TABELA XXII
EXPANSÃO DO CORPO DISCENTE NOS CURSOS DE DIREITO - BRASIL - 1948/1987

ANO	MATRICULAS		CONCLUSOES ANO ANTERIOR		% FEM.
	TOTAL	MASCULINO	TOTAL	MASCULINO	
1948	8.434	7.809	947	888	6%
1949	9.463	8.541	1.260	1.187	6%
1950	11.055	10.111	1.300	1.195	8%
1951	12.891	11.793	1.620	1.511	7%
1952	14.599	13.249	1.883	1.707	9%
1953	16.264	14.650	1.946	1.776	9%
1954	18.908	16.901	2.733	2.485	9%
1955	19.676	17.398	2.779	2.512	10%
1956	20.235	17.835	2.619	2.336	11%
1959	21.977	18.982	3.340	2.942	12%
1960	23.393	19.981	3.562	3.075	14%
1961	23.519	19.940	3.274	2.899	11%
1962	26.140		3.509	3.013	14%
1964	28.020	23.179	3.817	3.270	14%
1965	36.363	28.862	4.488	3.715	17%
1968	52.856	41.051	5.377		
1971	76.906	57.650	8.959	7.016	22%
1972	78.340	57.386	9.878	7.453	25%
1973	79.621	57.059	12.214		
1975	89.594		15.942		
1978	127.221		16.014		
1979	131.440		17.541		
1980	135.026		20.599		
1983			20.094		
1985	132.373		21.743		
1986	141.187		22.040		
1987	144.043				

FONTE: Serviço de Estatística da Educação e Cultura - Ministério da Educação

TABELA XXIII
EXPANSÃO DO CORPO DISCENTE NOS CURSOS DE MEDICINA - BRASIL - 1948/1987

ANO	MATRICULAS		CONCLUSOES ANO ANTERIOR % FEM.	CONCLUSOES ANO ANTERIOR % FEM.	
	TOTAL MASCULINO	% FEM.		TOTAL MASCULINO	% FEM.
1948	7.232	6.557	9%	978	912
1949	8.257	7.490	9%	1.142	1.044
1950	8.529	7.710	10%	1.070	973
1951	9.015	8.093	10%	1.129	1.043
1952	9.171	8.156	11%	1.241	1.124
1953	9.787	8.712	11%	1.307	1.184
1954	9.892	8.721	12%	1.390	1.200
1955	9.894	8.737	12%	1.449	1.313
1956	10.291	9.058	12%	1.390	1.217
1959	10.248	9.049	12%	1.578	1.378
1960	10.316	9.129	12%	1.491	1.319
1961	10.365	9.114	12%	1.528	1.343
1962	10.838	-	12%	1.760	1.529
1964	12.067	10.582	12%	1.556	1.367
1966	17.152	14.341	16%	1.755	1.562
1968	25.226	20.423	19%	2.053	-
1971	30.990	23.611	24%	4.270	3.413
1972	33.097	24.853	25%	3.721	2.925
1973	35.357	25.514	28%	5.301	-
1975	47.416	-	-	7.722	-
1978	50.572	-	-	8.945	-
1979	49.172	-	-	9.300	-
1980	49.464	-	-	9.199	-
1983	-	-	-	-	-
1985	48.231	-	-	7.443	-
1986	47.756	-	-	7.536	-
1987	47.950	-	-	6.759	3.935
					42%

FONTE: Sinopse Estatística do Ensino Superior - SEEC/MEC

BIBLIOGRAFIA

- Abbott, Andrew (1988) *The System of Professions: An Essay on the division of Expert Labor*, Chicago, University of Chicago Press.
- (1989) "The New Occupational Structure: What Are the Questions?", in *Work and Occupations*, vol.16, n° 3, (August): 273-291.
- (1990) "Conceptions of time and events in social sciences methods: casual and narrative approaches", *Historical Methods*, vol. 23, n° 4, Fall: 140-150.
- Abrams, Philip (1982) *Historical Sociology*, Ithaca/New York, Cornell University Press.
- Adorno, Theodor W. (org.) (1973) *La disputa del positivismo en la sociologia alemana*, México, Ed. Grijalbo.
- American Sociological Association (1991) "1991 Catalogue of Materials Available in Career Resources and Professional Development", Washington, ASA.
- (1990) "Biographical Directory of Members", Washington, ASA.
- Anjos, Erly E. (1984) *The Influence of United States in the Development of Sociology and Rural Sociology in Brazil, 1920/1960's*, Ohio, The Ohio State University, tese de doutoramento.
- Araújo, Braz J.(org.) (1980) *A Crise da USP*, São Paulo, Brasiliense.
- Arruda, Maria Arminda N. (1990) *O sistema de pós-graduação no Brasil: um balanço*, São Paulo, Idesp, mimeo.
- Azevedo, Fernando (1958) *A cultura brasileira*, São Paulo, Edições Melhoramentos.
- (org.) (1956) *As ciências no Brasil*, São Paulo, Edições Melhoramentos.
- Baker Paul e Willian Rau (1990) "The Cultural Contradictions of Teaching Sociology", in Gans Herbert, *Sociology in America*, ASA Presidential Series, California, Sage Publications.
- Becker, Howard (1969) *Sociological Work: Method and Substance*, New Brunswick, Transaction Books.
- (1982) *Art Worlds*, Berkeley, University of California Press.
- (1986) *Doing Things Together: Selected Papers*, Evanston, Northwestern University Press.

Blau P. M. e Duncan, D. O. (1967) *The American Occupational Structure*, New York, John Wiley&Sons, Inc.

Blumer, Herbert (1969) *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*, Berkeley, University of California Press.

Bourdieu, Pierre (1975) "The Specificity of the Scientific Field and the Social Conditions of the Progress of Reason", in *Social Science Information*, vol. 14, n° 6 : 19-47.

(1988a) *Homo Academicus*, Cambridge, Polity Press.

(1988b) "Vive la Crise! For Heterodoxy in Social Science" in *Theory and Society* (Special issue on The Futures of Sociology) 17:773-787.

(1991) "The Peculiar History of Scientific Reason" in *Sociological Forum*, Vol. 6, n°1 : 3-26.

Bourdieu, P. e Coleman, J. S. (eds.) (1991) *Social Theory for a Changing Society*, Boulder/Colorado, Westview Press/Russell Sage Foundation.

Bourdieu, P. e Passeron, J.C. (1967) "Sociology and Philosophy in France Since 1945: Death and Resurrection of a Philosophy Without Subject", *Social Research* vol. 34, (Spring): 162-212.

Bourdieu, P. e Wacquant, L.J.D. (1992) *An Invitation to Reflexive Sociology*, Chicago, The University of Chicago Press.

Braudel, Fernand (1973) *The Mediterranean*, Vol.1, Londres, Fontana.

Bulmer, Martin (1984) *The Chicago School of Sociology: Institutionalization, Diversity, and the Rise of Sociological Research*, Chicago, University of Chicago Press.

Burrage, M. e Torstendahl, R. (eds.) (1990) *Professions in Theory and History: Rethinking the Study of the Professions*, London, Sage Publications.

Carruthers, Bruce (1991) "How to Do Things with Norms", Evanston. Northwestern University, mimeo.

Castelo Branco, Renato (org.) (1990) *História da propaganda no Brasil*, São Paulo, Ibraco/T.A. Queiroz, Editor.

Chandler Jr., A. D. e Daems, H. (eds.) (1980) *Managerial Hierarchies: Comparative Perspectives on the Rise of the Modern Industrial Enterprise*, Massachusetts, Harvard University Press.

Chubin, Daryl E. (1973) *The Stratification and Mobility of American Sociologists 1935/1970*, Chicago, Loyola University, tese de doutoramento.

Cohen, M., March, J. e Olsen, J. (1972) "A garbage can model of organizational choice", in *Administrative Science Quarterly*, vol.17, n° 1, March: 1-25.

Collins, Randall (1979) *The Credential Society*, New York, Academic Press.

(1989) "Sociology: Proscience or Antiscience?", in *American Sociological Review*, vol. 54 (February): 124-139.

Costa Eduardo, Octávio (1990) "O desenvolvimento da pesquisa de propaganda no Brasil", in Castelo Branco, R. et alii (orgs.), *História da Propaganda no Brasil*, SP, T.A. Queiroz, pp. 98-112.

D'Antonio, William (1991) *Observing: a Collection*, Washington, American Sociological Association.

Denzin, Norman (1990) "Presidential Address On: The Sociological Imagination Revisited", in *The Sociological Quarterly*, vol. 31, n° 1 : 1-22.

Duran, J. C. (s/d) "A implantação da pesquisa de opinião e mercado no Brasil (1930/1972)", SP, FGV/NPP.

Figueira, Sérvulo A. (1980) - *Psicanálise e ciências sociais*, RJ, Francisco Alves.

Freeman, Howard E. (et al) (1983) *Applied Sociology: Roles and Activities of Sociologists in Diverse Settings*, San Francisco, Jossey-Bass Publishers.

Freidson, Eliot (1970) *Profession of Medicine: A Study of the Sociology of Applied Knowledge*, Chicago, The University of Chicago Press.

(ed.) (1971) *The Professions and their Prospects*, Beverly Hills, Sage Publications
(1986) *Professional Powers*, Chicago, The University of Chicago Press.

Gans, Herbert (ed.) (1990) *Sociology in America*, California, ASA/Sage Publications.

Gella, Aleksander (ed.) (1976) *The Intelligentsia and the Intellectuals: Theory, Method and Case Study*, Beverly Hills, Sage Publications/International Sociological Association.

Giddens, Anthony (1991) *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*, California, Stanford University Press.

Goffman, Erving (1967) *Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior*, New York, Pantheon Books.

Gouldner, Alvin (1970) *The Coming Crisis of Western Sociology*, NY, Basic Books.

Hammond, Phillip (ed) (1964) *Sociologists at Work: the Draft of Social Research*, NY, Basic Books.

Heilborn, Johan (1991) "The Tripartite Division of French Social Science: a Long-term Perspective" in Wagner, Peter (et al) *Discourses on Society*, Netherlands, Kluwer Academic Publisher.

Homans, George (1986) "Fifty Years of Sociology" in *Annual Review of Sociology*, vol.12 : xiii-xxx.

Howery, Carla (1983) "Undergraduate Education" in Freeman Howard (et al), *Applied Sociology*, San Francisco, Jossey-Bass Publishers.

Huber, Bettina J. (1982) "Embarking Upon a Career with an Undergraduate Sociology Major", Washington, ASA, brochura.
 (1984) "Career Possibilities for Sociology Graduates", Washington, ASA, brochura.
 (1985) "Employment Patters in Sociology: Recent Trends and Future Prospects", Washington, ASA, brochura.
 (1987) "Graduate education and the Academic Job Market" in *The American Sociologist* 18 (Spring): 46-52.

Hughes, Everett (1984) *The Sociological Eye: Selected Papers* (nova edição), New Brunswick, Transaction Books.

Huntington, S. P. (1968) *Political Order in Changing Societies*, New Haven, Yale University Press.

Ianni, Octávio (1990) "A crise de paradgimas na sociologia", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 13, São Paulo, Vértice/Anpocs.

Iutovich, Joyce M. e Iutovich, Mark (eds.) (1987) *The Sociologist as Consultant*, New York, Praeger.

Janowitz, Morris (1991) *On Social Organization and Social Control*, Chicago, The University of Chicago Press.

Joyce, Patrick (1987) *The Historical Meanings of Work*, Cambridge, Cambridge University Press.

- Kinloch, Graham C. (1988) "American Sociology's Changing Interests as Reflected in Two Leading Journals" in *The American Sociologist* 19 (Summer): 181-194.
- Kuhn, Thomas S. (1976) - *A estrutura das revoluções científicas*, SP, Ed. Perspectiva.
- Lakatos, I. e Musgrave, A. (1979) - *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*, SP, Cultrix/Edusp.
- Larson, Magali S. (1977) *The Rise of Professionalism: a Sociological Analysis*, Berkeley, University of California Press.
- Latour, Bruno (1987) *Science in Action: How to follow Scientists and Engineers through Society*, Cambridge/MA, Harvard University Press.
- Lazarsfeld P. e Thielens Jr., W. (1958) *The Academic Mind: Social Scientists in a Time of Crisis*, Glencoe, The Free Press.
- Lepenies, Wolf (1988) *Between Literature and Science: The Rise of Sociology*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Limongi, Fernando (1989) "A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo" in Miceli, Sergio (org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*, vol.1, São Paulo, Idesp/Vértice/Finep.
- (1988) *Educadores e Empresários Culturais na Construção da USP*, Campinas/SP, Universidade Estadual de Campinas, tese de mestrado.
- Lipset, S. M. (1982) "The Academic Mind at the Top: the Political Behavior and Values of faculty Elites" in *Public Opinion Quarterly* 46:143-168.
- Logan, John R. (1988) "Producing Sociology: Time Trends in Authorship of Journal Articles, 1975/1986" in *The American Sociologist* 19 (Summer): 167-180.
- Madsen, June M. (1984) *The Academic Marketplace Revisited: Early Career Mobility and Destination of Sociology Ph.D's*, Utah, The University of Utah, tese de doutoramento.
- Macdonald, K. e Ritzer, G. (1988) "The Sociology of the Professions: Dead or Alive?", in *Work and Occupations*, vol. 15, nº 3, (August): 251-272.
- Marcus, G. e Fischer, M. (1986) *Anthropology as Cultural Critique: an Experimental Moment in the Human Sciences*, Chicago, The University of Chicago Press.

- Mayrl, W. W. e Mauksch, H. O. (1987) "The ASA Survey of Graduate Programs: Some Problems with Unproblematic Responses" in *The American Sociologist* 18 (Spring): 11-17.
- McCall, George J. e Simmons J. L. (1978) *Identities and Interactions: an Examination of Human Associations in Everyday Life*, New York, The Free Press, edição revista.
- Miceli, Sergio (org.) (1989) *História das Ciências Sociais no Brasil*, vol. 1, SP, Vértice/Idesp/Finep.
(1990) *A desilusão americana: relações acadêmicas Brasil/Estados Unidos*, SP, Idesp.
- Miguel, G. B. e Vasconcellos, J. E. (s/d), "Estoque de profissionais de nível superior - Brasil - 1979/85", *Estudos Estatísticos* n° 2, Brasília, SEEC/MEC.
- Nelson, R. R. e Winter, S. G. (1982) *An Evolutionary Theory of Economic Change*, Cambridge/Massachusetts, The Belknap Press of Harvard University Press.
- Ortiz, Renato (1986) "A escola de Frankfurt e a questão da cultura", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n° 1, São Paulo, Vértice/Anpocs.
- Pahl, R. E.(ed.) (1988) *On Work: Historical, Comparative & Theoretical Approaches*, Oxford&New York, Basil Blackwell.
- Plath, D. W. (ed.) (1983) *Work and Lifecourse in Japan*, Albany, State University of New York Press.
- Reitoria da USP (1953) *Legislação federal do ensino superior - 1852/1952*, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- Ribeiro, Julio (org.) (1986) *Tudo o que você queria saber sobre propaganda e ninguém teve paciência para explicar*, São Paulo, Editora Atlas.
- Ricoeur, Paul (1984) *Time and Narrative Vol.1*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Rieff, Philip (ed.) (1969) *On Intellectuals: Theoretical Studies, Case Studies*, NY, Doubleday.
- Sahlins, Marshall (1985) *Islands of History*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Sampaio, Helena (1991) *Evolução do Ensino Superior Brasileiro, 1808-1990*, SP, USP/Nupes.
- Santos, Maria Cecília L. (orgs.) (1988) *Maria Antônia: uma Rua na Contramão*, SP, Nobel.

Schwartzman, Simon (1990) "O lugar das ciências sociais no Brasil nos anos 90", SP, USP/Nupes.

(1992) "Os estudantes de ciências sociais", SP, USP/Nupes.

Serviço de Estatística da Educação e Cultura (1948/1986) - séries 'Ensino no Brasil' e 'Sinopse do ensino superior', Ministério de Educação.

Sewell Jr., William H. (1991) "Three temporalities: toward an eventful sociology", University of Chicago, mimeo.

Smelser, Neil (1988) "Introduction" pp 9-19, in Smelser (ed.), Handbook of Sociology, Newbury Park, Sage Publications.

Smelser, N. e Content, R. (1980) The Changing Academic Market, California, University of California Press.

Sorj, Bernardo (1985) Intelectuais, autoritarismo e política: o Cebrap e as ciências sociais no Brasil, RJ, UFRJ/IPCS, mimeo.

(1992) Estratégias, crise e desafios das ciências sociais no Brasil, Idesp, mimeo.

Sperber, Irwin (1990) Fashions in Science: Opinion Leaders and Collective Behavior in the Social Sciences, Minneapolis, University of Minnesota Press.

Sprehe, John T. (1967) The Climate of Opinion in Sociology: a Study of Professional Value and Belief Systems of Sociologists, Saint Louis/Missouri, Washington University, tese de doutoramento.

Stinchcombe, Arthur (1984) "The Origins of Sociology as a Discipline", in Acta Sociologica, vol. 27, n° 1 : 51-61.
(1986) Stratification and Organization: Selected Papers, Cambridge, Cambridge University Press.
(1991) "Norms, Generativity, and Agency", Evanston, Northwestern University, mimeo.

Strauss, Anselm (1959) Mirrors and Masks: The Search for Identity, Illinois, The Free Press of Glencoe.

Swartz, D. e Lemmert, C. (eds.) (1988) Theory and Society: Special Issue on Breaking Boundaries: Social Theory and the Sixties, vol.17, n° 5.

The American Sociologist, (1987) vol. 18, n° 1, Special Issue in Graduate Education in Sociology.

Torstendahl, R. e Burrage M. (1990) The Formation of Professions: Knowledge, State and Strategy, London Sage Publications.

Touraine, Alain (1990) "American Sociology Viewed from Abroad" in Gans, H. J. (ed.), *Sociology in America*, California, Sage Publications.

U.S. Department of Education, National Center for Education Statistics (1990) *Digest of Education Statistics*.

Valle e Silva, Nelson (1974) "Posição Social das Ocupações", Rio de Janeiro, IBGE, mimeo.

Velho, Gilberto (1987) - *Individualismo e Cultura*, RJ, Zahar.

Vollmer, H. e Mills, D. (eds.) (1966) *Professionalization*, New Jersey, Prentice-Hall.

Wagner, P. e Wittrock B. (1991) "States, Institutions and Discourses: a Comparative perspective on the Structuration of the Social Sciences" in Wagner, P., Wittrock, B. e Whitley, R. (eds.), *Discourses on Society: the Shaping of the Social Science Disciplines*, *Sociology of the Sciences*, Yearbook 1991, Netherlands, Kluwer Academic Publishers.

Wagner, P., Weiss, C., Wittrock, B. e Wollman, H. (1991) *Social Sciences and the Modern States: National Experiences and Theoretical Crossroads*, Cambridge, Cambridge University Press.

White, W. Foote (1986) "On the Uses of Social Science Research", in *American Sociological Review*, vol.51, (August): 555-563,

Wilner, Patricia (1985) "The main drift os sociology between 1936 and 1982", *History of Sociology*, vol. 5, n° 2, Spring: 1-20.

Zelan, Joseph (1974) "Undergraduates in Sociology", *The American Sociologist* 9 (Fevereiro):9-17.

Zhou, Xueguang (1991) "The Game of Rules and the Rules of the Game: The Evolution of Tenure Policy at Stanford University, 1891-1987", paper presented to the 86th Annual Meeting of the American Sociological Association.